

Edgar Rice Burroughs

A dramatic illustration of Tarzan in a jungle setting. Tarzan is a muscular man with dark skin and hair, wearing a leopard-print loincloth with a knife tucked into a belt. He is crouching on a large tree branch, looking intensely at the viewer. In the background, a black panther is perched on another branch, roaring with its mouth wide open. The scene is filled with thick, gnarled tree trunks and vines, creating a dense jungle atmosphere. The lighting is warm, highlighting Tarzan's muscles and the panther's fur.

Tarzan
O Destemido





Edgar Rice Burroughs

Tarzan
O Destemido

Digitalização de Digital Source

Formatação de LeYtor

Tradução de

BASILIO DE MAGALHÃES

Do original norte-americano: TARZAN THE UNTAMED

Nota do Revisor

A obra apresenta várias palavras e termos que não são mais utilizados na língua portuguesa atual, porém para manter a originalidade da obra a maioria dessas palavras foram conservadas.

CAPÍTULO 1

Matança e pilhagem

Hauptmann Fritz Schneider arrastava-se afatigadamente pelas sombrias veredas da densa mata. O suor escorria-lhe da grossa cabeça sobre as pesadas bochechas e o pescoço taurino. A seu lado marchava o 1.º tenente enquanto o 2.º tenente von Goss comandava a retaguarda, escoltando com um punhado de Askaris os cansados e quase exaustos bagageiros, aos quais os soldados negros, seguindo nisso o exemplo do seu oficial branco, empurravam com as pontas afiadas das baionetas e com os canos metálicos dos fuzis.

Não havia bagageiros ao alcance de Hauptmann Schneider, pelo que descarregou ele o seu “spleen” prussiano nos Askaris que lhe estavam ali à mão, todavia com o maior cuidado, porquanto aqueles homens empunhavam carabinas carregadas, e os três oficiais brancos estavam a sós com eles no coração da África.

À frente de Hauptmann marchava metade da sua companhia e atrás dele a outra metade: assim, os perigos da selva africana achavam-se reduzidos ao mínimo com relação ao capitão tedesco. Na dianteira da coluna, titubeavam dois selvagens nus, acorrentados um ao outro pelo pescoço. Eram os guias, filhos da África, submetidos ao serviço da “Kultur”, e sobre os seus pobres retalhados corpos, o facho da “Kultur” já estampara cruelmente muitas feridas e contusões.

Assim, na mais negra África estava a luz da civilização germânica, começando a refletir-se sobre a sua inocente população nativa, exatamente quando, pelos fins de 1914, irradiava ela os seus gloriosos clarões sobre a Bélgica surpreendida.

É verdade que os guias tinham errado o caminho, mas isso é o que acontece à maior parte dos guias africanos. Mais à ignorância do que ao intuito malfazejo devia atribuir-se o seu engano. Foi, todavia, quanto bastou para que Hauptmann Fritz Schneider soubesse que estava perdido nas selvas africanas e que tinha ali à mão seres humanos menos fortes do que ele, aos quais podia torturar. Não os matou imediatamente, em parte pela fraca esperança de que eles pudessem eventualmente achar meios de desvencilha-lo daquela dificuldade e em parte porque, se eles fossem vivos, poderia castigá-los bastante.

As míseras criaturas, sempre na esperança de atingir o alvo procurado, insistiam em que conheciam o caminho, e, assim, através de uma horrenda floresta, chegaram a um tortuoso trilho de caçadores, fundamente calcado pelos pés de incontáveis gerações dos selvagens habitantes da selva.

Ali, Tantor, o elefante, levantava turbilhões de pó em busca de água. Ali, Buto, o

rinoceronte, embicava cegamente em sua solitária majestade, enquanto, à noite, os grandes felinos, no silencio das patas almofadadas, passeavam sob o denso dossel das árvores sobranceiras ou demandavam além a larga planície, onde achavam a sua melhor caça.

Foi ao aparecimento de tal planície, a qual surpreendeu repentina e inesperadamente os olhos dos guias, que todos aqueles tristes corações pulsaram com renovada esperança. Ali, Hauptmann soltou um profundo suspiro de alívio, porque, — após tantos dias de desesperado vaguear através de uma selva quase impenetrável, — aquele rincão de selvas ondulantes, entremeadas, aqui e acolá, de árvores semelhantes às de um parque aberto, tendo à vista, não longe, a linha tortuosa do arvoredado verdejante que denunciava um rio, pareceu ao filho da Europa um verdadeiro paraíso.

O huno sorriu de contente, disse uma palavra amável ao seu imediato, e, em seguida, perscrutou a vasta planície com o óculo de alcance. O seu olhar, circunvagando aqui e acolá, deteve-se enfim em um ponto quase ao centro da região e limitado pelo verde cairei do rio.

— Estamos de sorte, disse Schneider aos companheiros — Vocês estão vendo?

O 1.º tenente, que também estava observando a paisagem com o seu óculo de alcance, descobriu afinal o mesmo sítio que havia despertado a atenção do seu superior.

— Sim, respondeu ele, é uma fazenda inglesa e deve ser a de Greystoke, porquanto não me consta existir outra nesta parte da África Oriental Britânica. Deus está conosco, senhor capitão!

— Vamos surpreender, ponderou Schneider, o cão-de-fila do chiqueiro inglês, muito antes de saber ele que o seu país está em guerra conosco. Seja ele, pois, o primeiro a sentir o guante de ferro da Alemanha!

— Oxalá esteja ele em casa, obtemperou o 1.º tenente, porque, assim, poderemos levá-lo conosco, quando tivermos de juntar-nos a Kraut, em Nairobi. Nada melhor, realmente, para Herr Hauptmann Fritz Schneider do que conduzir como prisioneiro de guerra o famoso Tarzan dos Macacos.

Schneider sorriu e inchou de empáfia, replicando:

— Você tem razão, meu amigo. Nada melhor para nós ambos. Mas eu ainda terei que andar muito para alcançar o general Kraut, antes que ele chegue a Mombaça. Estes porcos ingleses, com o seu desprezível exército, terão que gastar muito tempo até o oceano Indico.

Foi, portanto, com melhor disposição de espírito que a pequena força marchou pela campina rasa em direção à primorosa e bem conservada estância de John

Clayton, Lorde Greystoke, mas teve ela um imediato desapontamento, ao saber que nem Tarzan dos Macacos, nem seu filho, estavam ali.

Lady Jane, ignorando a existência de um estado de guerra entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, recebeu muito hospitaleiramente os oficiais e ordenou ao seu fiel Waziri preparasse uma festa para os soldados negros do inimigo.

Longe, para os lados do oriente, Tarzan dos Macacos viajava rapidamente de Nairobi para a sua fazenda. Em Nairobi, tivera ele notícia da Grande Guerra, que já havia estalado, e, prevendo uma imediata invasão alemã na África Oriental Britânica, estava correndo rumo de casa, a fim de transportar sua esposa para um lugar de maior segurança. Acompanhava-o uma vintena de seus guerreiros de ébano, mas demasiadamente vagarosos para o homem-macaco era o andar daqueles exercitados e rijos selvagens.

Quando o exigia a necessidade, Tarzan dos Macacos despojava-se do seu ligeiro verniz, de civilização e do estorvante aparelho que a caracteriza. Em um momento, o polido nobre inglês regredia ao estado de nudez do homem-macaco.

Corria perigo a sua consorte. Era este o único pensamento que o dominava então. Ele não pensava propriamente em Lady Jane Greystoke, mas na fêmea que conquistara com a pujança dos seus músculos de aço, e a quem devia sustentar e defender pelas mesmas armas ofensivas.

Não era um membro da Câmara dos Lordes quem ser-peava ali, expedita e truculentamente, através daquela intrincada selva, ou vencida com seus músculos incansáveis os amplos trechos de rechãs: era um grande símio, arrastado por um único e imperioso objetivo, que excluía todo e qualquer pensamento de fadiga ou perigo.

O pequeno Manu, o macaco, chalrando e guinchando nas mais altas grimpas da floresta, viu-o passar. Fazia muito tempo que ele não avistava o grande Tarmangani nu e sozinho, a ferir-se por entre os espinheiros da selva. Barbado e grisalho era Manu, o macaco, e a seus velhos e embaciados olhos voltou o fogo da recordação daqueles dias em que Tarzan dos Macacos governava, — Rei da Selva, — todas as miríades de vidas que, ou se agitavam na entrançada vegetação, por entre os troncos das árvores corpulentas, ou corriam, serpenteavam e grimpavam em meio dos frondosos aranhóis, chegando ao ponto culminante das copas mais altas.

E Numa, amodorrado até o fim do dia, graças à boa matança da noite anterior, piscava os olhos glaucos e sacudia a pardacenta cauda, mal sentira o cheiro característico do seu velho inimigo.

Tarzan bem havia percebido a presença de Numa, de Manu e de outras das muitas feras da selva, em sua rápida passagem para oeste. O seu pouco profundo mergulho

na sociedade inglesa não lhe havia entorpecido em coisa alguma, as maravilhosas faculdades dos sentidos. Seu nariz farejara a presença de Numa, o leão, mesmo antes que o imponente rei dos animais lhe denotasse a passagem.

Tinha ele ouvido o bulício do pequeno Manu e até o brando sussurro de arvoredo que Sheeta acurvava ao passar, antes que qualquer outro daqueles vigilantes animais sentisse a presença da pantera.

Por mais aguçados, porém, que fossem os sentidos do homem-macaco, por mais veloz que fosse a sua marcha através daquela sua selvagem pátria adotiva, por mais possantes que fossem os seus músculos, — ele era ainda mortal. O tempo e o espaço antolharam-se-lhe inexoráveis limites, e ninguém mais do que Tarzan estava tão profundamente compenetrado de sua verdadeira situação. Estava irritado e enfurecido por não poder andar com a mesma velocidade do pensamento e porque as compridas e enfadonhas léguas, que se lhe estendiam à frente, exigiam horas e horas de indefesos esforços, antes que pudesse saltar do derradeiro galho da boca da mata à campina rasa e à vista da sua meta.

Gastou dias, apesar de dormir, à noite, apenas algumas horas e de confiar ao acaso o achar alimento no caminho. Encontrando Wappi, o antílope, ou Horta, o javali, no caminho, quando tinha fome, ele os comia, mas parando só o tempo bastante para matá-los e tirar deles uma boa posta.

Afinal, depois de mais um longo dia de jornada e de transpor o derradeiro trecho de mata virgem que limitava do lado de leste a sua propriedade, chegou à beira da planície e estendeu os olhos, por sobre aquela vasta extensão de terras, em direção à sua vivenda.

Ao primeiro golpe de vista, suas pálpebras se comprimiram e seus músculos se distenderam. Mesmo daquela distancia, pôde perceber que algo de mau tinha havido ali. Tênuê fumaça espiralava do lado direito do *bungalow*, onde ficavam os celeiros, mas ali agora não havia mais celeiros, e da chaminé do *bungalow*, donde devia erguer-se a fumaça, não saía mais fumaça alguma.

Mais uma vez, acelerou Tarzan dos Macacos os passos para adiante, agora mais depressa do que nunca, pois que o aguilhoava um receio indizível, produto mais de sua intuição do que de sua razão. Do mesmo modo que os irracionais, Tarzan dos Macacos parecia possuir um sexto sentido. Muito antes que chegasse ao *bungalow*, já havia quase descrito a cena que afinal ia deparar-se-lhe ali.

Silente e abandonada achava-se a linda vivenda coberta de pampanos. Cinzas ainda quentes assinalavam o chão onde antes avultavam os grandes celeiros. Tinham sido também incendiadas as cabanas dos seus valentes guardas, vazios estavam os campos, os pastos e os currais. Aqui e acolá voejavam abutres, que desciam em

círculos sobre os cadáveres dos homens e as carcaças do gado.

Foi com um sentimento muito próximo do terror, como jamais havia experimentado, que o homem-macaco afinal se atreveu a entrar em casa. O primeiro quadro, que se lhe defrontou ali, fez-lhe surgir nos olhos um rubro nevoeiro de ódio, e no coração uma ânsia de derramar sangue, pois que, crucificado junto a uma parede da sala de visitas, estava Wasimbu, o gigantesco filho do fiel Muviro e desde cerca de um ano o guarda pessoal de Lady Jane.

A mobília do salão, derribada e quebrada, os escuros charcos de sangue, deixados nas paredes e nos batentes de portas e janelas, tudo evidenciava o horror da batalha, que tinha sido travada nos estreitos confins daquele apartamento. Por sobre o piano de estudo jazia o cadáver de outro guerreiro negro, enquanto diante da porta do “boudoir” de Lady Jane se estiravam os corpos sem vida de mais três dos fiéis fâmulos de Greystoke.

A porta do “boudoir” estava fechada. Acabrunhado, Tarzan ficou ali contemplando mudamente, de olhos atônitos, aquela madeira inanimada, a qual escondia' dele algum horrído segredo, que ele nem sequer ousava conjecturar.

Vagarosamente, com os pés pesados, como se fossem de chumbo, encaminhou-se para aquela porta. Sua mão, às apalpadelas, alcançou-lhe a maçaneta. Assim permaneceu ele por longo minuto, e, então, com um gesto violento, aprumou o corpo gigantesco, atirou para trás os ombros hercúleos, e, com a cabeça intrèpidamente erguida, sacudiu a porta, transpôs o limiar e penetrou no quarto, repositório das mais caras lembranças e sacrário das saudades de sua vida. Mudança alguma de expressão verificou-se em suas feições ferozes, enquanto percorria o aposento e estacava ao lado do pequeno leito e da figura inanimada, cuja face jazia ali de borco sobre o mesmo, ali estava inanimada e silenciosa uma criatura que tanto palpitara de vida, juventude e amor.

Lágrima alguma nublou os olhos do homem-macaco, mas Deus, que o deixara só, soube quais os pensamentos que lancinaram aquele cérebro ainda semi-selvagem. Por longo tempo permaneceu ali contemplando aquele corpo exânime, carbonizado a ponto de tornar-se irreconhecível. Avançou, então, e tomou-o nos braços. Examinando-o, pôde averiguar quão horrível havia sido a sua morte. Em face de tão tremendo quadro, ficou imerso no mais profundo pesar e ao mesmo tempo, presa de horror e de ódio.

Não precisava de ter visto o fuzil germânico, que jazia quebrado no quarto exterior, nem a despedaçada barretina de serviço, tinta de sangue atirada ao chão, para saber quais haviam sido os perpetradores, daquela cruel e inominável façanha.

Por um momento, animou-o a esperança de que aquele enegrecido corpo não era

de sua companheira, porém, quando seus olhos descobriram e reconheceram os anéis que ela costumava trazer nos dedos, abandonou-o o último e tênue raio de esperança.

Num silêncio cheio de amor e veneração, deu à sepultura, no pequeno e florido jardim, aquilo que fora o orgulho e o cuidado de Jane Clayton, — um pobre corpo carbonizado. Ao lado do mesmo, colocou os valentes guerreiros negros, que haviam imolado tão inutilmente a vida, protegendo sua ama.

A um lado da casa, encontrou Tarzan outras sepulturas recentemente abertas, e nelas se lhe deparou a indiscutível evidência dos autores verdadeiros das atrocidades ali cometidas durante a sua ausência.

Desenterrou os cadáveres de doze Askaris germânicos, de cujos uniformes constava o número da companhia ou a insígnia do regimento, a que pertenciam. Isso foi o suficiente para o homem-macaco. Oficiais brancos haviam comandado por certo aqueles homens. Não lhe seria difícil descobrir os verdadeiros responsáveis por aquele crime.

Voltando, por entre as flores e arbustos pisados, ao jardim das rosas, acurvou-se sobre a campa da sua morta e ali permaneceu algum tempo, num último e silencioso adeus. O sol já declinava vagarosamente por detrás das florestas, do oeste, quando ele tomou, com lentidão, o caminho onde se percebiam, ainda bem distintas, as pegadas de Hauptmann Fritz Schneider e de seus sanguinários companheiros.

O sofrimento de Tarzan era mudo, qual o dos animais privados de fala, mas, apesar de mudo, não era menos pungente. Primeiramente, aquela lancinante tristeza entorpeceu-lhe as outras faculdades de pensamento: seu cérebro estava oprimido pela calamidade, e a tal ponto, que uma única lembrança o esmagava:

— Ela morreu! Ela morreu!

Esta frase, sem interrupção, feria-lhe monòtonamente o cérebro, qual uma dor lúgubre e soluçante. Seus pés seguiram, como que automaticamente, a pista dos assassinos de sua amada, enquanto subconscientemente cada sentido seu estava alerta quanto aos perigos sempre certos na selva.

Gradualmente, a fadiga oriunda do seu enorme pesar produzia nele outra emoção tão real, tão palpável, tão sensível, que lhe parecia um companheiro, caminhando a seu lado. Era o Ódio, — e este lhe trazia uma espécie de alívio, e de conforto, porque era um ódio sublime, ódio que o enobrecia, do mesmo modo que o enaltecia soberanamente o ser odiado pela Alemanha e pelos alemães. Tal ódio, sem dúvida, ele o concentrava no algoz de sua esposa, no mesmo sentimento, porém, incluía tudo quanto fosse germânico, quer animado, quer inanimado. Enquanto este pensamento se apoderava do seu espírito, parou, e, levantando a fronte para Goro, a lua, que já

brilhava nos céus, amaldiçoou, com a mão erguida, os autores do hediondo crime, cometido naquele *bungalow*, outrora tão pacífico e



Com um rugido que mais parecia um ribombo de trovão, saltou sobre a pantera...

tão feliz, amaldiçoou toda a raça germânica, todos os ancestrais e descendentes de alemães, ao mesmo tempo que fazia o tácito juramento de guerreá-los implacavelmente, enquanto lhe restasse uma gota de sangue e um alento de vida.

Assenhoreou-o, quase imediatamente, um sentimento de satisfação, porquanto, se o futuro, há pouco e na melhor hipótese, lhe havia parecido um vácuo, agora se lhe mostrava cheio de possibilidades cuja contemplação lhe trazia, senão a felicidade perdida, ao menos a cessação de qualquer pesar, pois à sua frente estava uma grande missão a cumprir e que lhe ia ocupar todo o tempo.

Despojado não somente de todos os símbolos exteriores de civilização, Tarzan tinha também retrocedido, moral e mentalmente, ao estado de selvageria, em que fora

criado. A sua civilização não passara nunca de um verniz, usado por causa daquela a quem ele amava, julgando que, vendo-o assim, isso a tornaria mais feliz. Realmente, tivera ele sempre um profundo desprezo às exteriorizações da chamada cultura. Civilização significava, para Tarzan dos Macacos, a supressão da liberdade, sob todos os aspectos por que seja esta encarada, liberdade de agir, liberdade de pensar, liberdade de amar, liberdade de odiar. Roupas, ele as detestava: incômodas, horríveis, cerceadoras coisas, que lhe lembravam grilhões acorrentando-o à mesma vida que ele vira passar pobres criaturas de Londres e Paris. Roupas eram para ele emblemas da hipocrisia com que se mantém a civilização, a qual presume que os que as usam se envergonham do que as vestes cobrem, isto é, das formas humanas, feitas à semelhança das de Deus. Tarzan sabia quão tolos e irrisórios eram os animais inferiores, quando apareciam com vestes de civilização, pois em várias ocasiões tinha visto pobres criaturas assim trajadas, na Europa, sabia também quão tolos e irrisórios eram os homens metidos em tais roupas, porquanto os únicos, que ele tinha visto nos primeiros vinte anos de sua existência, eram, como ele próprio, selvagens nus. O homem-macaco tinha veemente admiração por um corpo musculoso e bem proporcionado, fosse leão, antílope ou homem. Estivera sempre além da sua capacidade o compreender como é que as roupas poderiam ser consideradas mais belas do que uma pele clara e sadia, ou que calças e casacos fossem mais elegantes do que as graciosas curvas de músculos arredondados, cobertos por bela e pura epiderme.

Na civilização, encontrara Tarzan avidez, egoísmo e crueldade, muito além do que lhe fora revelado na sua selva familiar e abrupta. Apesar de ter recebido da civilização a esposa e muitos amigos, a que votava amor e admiração, nunca a aceitara como nós outros, que pouco ou nada mais conhecemos fora dela. Foi, portanto, com um sentimento de alívio que agora abandonava a civilização, e tudo quanto à mesma pertencia, e regressou mais uma vez à floresta, com a sua tanga e as suas armas.

A faca de caça, herança de seu falecido pai, colocou-a à cinta, do lado esquerdo, o arco e a aljava, colocou-os a tiracolo, e, ao redor da parte alta do peito, sobre um dos ombros e abaixo do braço oposto, enrolou a comprida corda de embira, sem a qual Tarzan se sentiria quase tão despido como vós vos sentiríeis, se repentinamente fósseis posto numa rua movimentada de grande cidade, vestido somente de camisa e ceroulas. Pesada lança, que ele algumas vezes empunhava com uma das mãos e outras vezes trazia suspensa por longa correia atrás das costas, completava-lhe a singular armadura. Faltava-lhe o broche cravejado de diamantes, com os retratos de seus pais, o qual trouxera sempre consigo, até o dia em que dele fizera presente a Jane Clayton, antes do seu casamento e como prova da mais* profunda afeição. Ela o havia usado até os seus últimos momentos, mas Tarzan não o encontrara no

cadáver da sua companheira, quando o examinara no “boudoir”. Assim a sua vingança incluiria também a preciosa jóia roubada.

Pelo meio da noite, Tarzan começou a sentir fisicamente os efeitos das longas horas de viagem. Compreendeu, então, que até para músculos quais os seus, havia limites de esforço. Não havia necessidade de excessiva pressa na perseguição aos assassinos: o que ele precisava particularmente de conservar era a atividade mental, dirigida pela inabalável determinação de exigir dos germanos mais do que olho por olho e dente por dente. Em seus cálculos, entrava, sem dúvida, o elemento tempo, porém como fator secundário.

Tanto interiormente quanto exteriormente, regredira Tarzan ao estado de irracional, e, na vida dos irracionais, o tempo, ao aspecto de medida de duração, não tem significado. O irracional está sempre ativamente interessado no “agora”, e, como tudo é e será sempre “agora” para ele, há uma eternidade de tempo para a consumação do seu objetivo. O homem-macaco, evidentemente, tinha uma ligeira compreensão dos limites do tempo, mas, à semelhança dos brutos, ele sempre se movia com majestosa lentidão, quando nenhuma conjuntura o obrigava a ação imediata.

Havendo, então, consagrado o resto de sua vida à vingança, esta se tornara o seu estado normal, e, por isso, como não houvesse urgência, ocupava o tempo em investigações. Se não repousou mais cedo foi por não ter sentido fadiga, pois que sua mente estava toda ocupada com pensamentos de dor e de vindita. Agora, porém, se convencera de estar cansado, e, avistando a selva gigantesca, que o havia abrigado tantas vezes por mais de uma noite, para ela se dirigiu.

Nuvens carregadas moviam-se céleres pelo firmamento, eclipsando momentaneamente a face de Goro, a lua, e prevenindo o homem-macaco da iminência de uma tempestade. No aranhol da selva, a sombra das nuvens produzia uma densa escuridão, que quase podia ser sentida: treva que a vós e a mim causaria terror, com o estalar de folhas secas e o quebrar de galhos, seguidos dos mais impressionantes intervalos de silêncio profundo, que a imaginação mais rude teria povoado de feras emboscadas para o salto fatal. Apesar de tudo isso, Tarzan passava ali indiferente, embora sempre alerta. Ora saltava para os ramos mais baixos das árvores arqueadas, quando os sentidos aguçados o preveniam de que Numa, ali adiante, no caminho, devorava alguma presa, ora se afastava apenas ligeiramente para um lado, porque Buto, o rinoceronte, se arrastava pesadamente em sua direção pelo mesmo trilho estreito e gasto, — pois o homem-macaco, disposto sempre a lutar quando fosse mister, evitava, entretanto, pelejas desnecessárias.

Quando, finalmente, o homem-macaco se acomodou sobre uns galhos de árvore corpulenta, a lua ficou de todo encoberta por espessas nuvens e as frondes eram

agitadas violentamente pelo vendaval, cujo ulular crescente abafava os menores ruídos da selva. Tarzan dirigiu-se para um ponto ainda mais alto da árvore, e, achando uma forquilha bastante forte, ali preparou uma espécie de plataforma de galhos. A treva era profunda agora, ainda mais negra do que fora até então, pois nuvens grossas e escuras cobriam todo o céu.

Logo que o homem-macaco estabeleceu pouso, suas sensíveis narinas se dilataram e sorveram o ar em derredor. Então, com a presteza e agilidade de um felino, saltou para outro galho distante, transpôs ainda mais espaço através da escuridão, ganhou outro ramo, agarrou-se a ele, e, depois, subiu a outro ainda mais elevado. Que é que, tão repentinamente, o afugentou assim do pouso que fizera no tronco gigantesco, compelindo-o a buscar abrigo entre ramos mais altos e mais distantes? Vós ou eu talvez nada percebêssemos, — nem mesmo a pequena plataforma, que um instante antes estivera bem acima dele e que estava agora bastante abaixo. Quando, porém, ele saltou dela, teríamos ouvido um rosar agourento, e, como a lua ficasse novamente a descoberto, veríamos tanto a plataforma, ainda que obscuramente, como certa massa negra estendida sobre ela. Tal massa negra, ao se habituarem nossos olhos a uma escuridão menos densa, tomaria a forma de Sheeta, a pantera.

Em resposta ao rosar do felino, um rugido baixo, mas igualmente feroz, ecoou surdamente ali, oriundo do” peito do homem-macaco: era um urro que devia servir de aviso à pantera de que esta violara o pouso alheio. Sheeta, porém, não estava disposta a ser desapossada da cama que conquistara, e, com a cara enfurecidamente levantada, lançou olhares de indignação para o trigueiro Tarmangani, colocado bem acima dela. Vagarosamente, o homem-macaco moveu-se sorrateiro sobre os galhos, até ficar bem por cima do corpo da pantera. Empunhava a faca de caça, que pertencera ao seu já há muito falecido pai, a arma que primeiro lhe deu a convicção de real ascendência sobre as feras da selva. Desejava não ser forçado a usá-la, pois sabia que na selva havia mais combates de rugidos do que pelejas de verdade, e a lei do acordo era ali tão conveniente como em qualquer outra parte. Somente o amor e a fome arrastam as grandes feras a trucidar-se com unhas e dentes.

Tarzan abraçou-se ao tronco da árvore e inclinou-se bastante para o lado de Sheeta.

— Ladra de filhotes! gritou-lhe ele.

A pantera assentou-se, com as garras à mostra, a poucos metros do rosto escarninho do homem-macaco. Tarzan rugia espantosamente e atirou-se, de faca em punho, à frente do felino, bradando-lhe:

— Eu sou Tarzan dos Macacos, e este é o pouso de Tarzan. Vai-te daqui, senão te matarei!

Apesar de terem sido tais palavras proferidas na língua dos grandes macacos da selva, Sheeta indubitavelmente as compreendeu, pois viu que o Tarmangani desejava afugentá-la daquele tão bem escolhido pouso, onde deliciosas presas poderiam ser esperadas durante as vigílias da noite.

Como um relâmpago, o felino ergueu-se e atirou, com as garras descobertas, um tremendo golpe no seu adversário, golpe que poderia ter lacerado o rosto do homem-macaco, se o houvesse atingido. Não o alcançou, porém, porquanto Tarzan era sempre mais ágil do que Sheeta. Ao voltar-se esta, de gatinhas, novamente, sobre a pequena plataforma, Tarzan enristou a pesada lança e arremessou-a à cara enfurecida da pantera. Como se defendesse ela dos golpes com pertinácia, ambos continuaram aquele duelo de sangue e de rugidos.

Provocado a um verdadeiro frenesi, o felino resolveu alcançar o perturbador da sua tranqüilidade: quando, porém tentou saltar ao galho em que se apoiava Tarzan, encontrou a ponta afiada da lança, sempre apontada para a sua cara, e, toda vez que recuava, era violentamente ferida em alguma parte mais delicada do corpo. Finalmente, num verdadeiro delírio de raiva, o felino arrojou-se ao tronco áspero e galgou o mesmo galho em que se achava Tarzan. Agora, ambos se enfrentavam no mesmo terreno. Sheeta julgou-se próxima de uma completa vingança, e os dois contendores viram-se na expectativa de uma boa ceia. Para o felino, aquele macaco quase pelado, com unhas tão pequenas e garras tão frágeis, não era mais que um brinquedo.

O forte galho da árvore arqueou-se sob o peso das duas feras, principalmente quando Sheeta o galgou e quando Tarzan recuou, cautelosamente. O vento tomara as proporções

de furacão e até os maiores gigantes da floresta estremeciam, rugindo. O ramo sobre o qual se haviam enfrentado Tarzan e Sheeta ergueu-se e caiu, qual a proa de um navio, açoitada pela procela. Goro estava agora inteiramente oculta, mas clarões vivos de relâmpagos iluminavam a selva, por curtos intervalos descobrindo, naquele galho oscilante, vim horrendo quadro de ferocidade.

Tarzan recuou, atraindo Sheeta para mais longe do tronco da árvore e para fora do galho, onde a permanência dele se tornava cada vez mais perigosa. O felino, enfurecido pela dor dos ferimentos, ultrapassava todos os limites da precaução. Já havia chegado a um ponto em que pouco mais lhe era possível fazer do que se manter firme. Foi esse o momento escolhido por Tarzan para atacar o inimigo. Com um rugido que mais parecia um ribombo de trovão, saltou sobre a pantera, a qual somente podia servir-se de uma das suas enormes patas, pois que com as outras se agarrava ao galho. O homem-macaco em absoluto não se deixou enredar naquela parábola de destruição. Ao contrário, pulando por cima das garras ameaçadoras e

das presas afiadas, caiu sobre o dorso de Sheeta, e no mesmo instante de tal choque a sua faca se enterrou profundamente no flanco trigueiro do felino. Então, Sheeta, impelida pela dor, pelo ódio e pela primeira lei da natureza, ficou completamente alucinada. Ululando incessantemente, tentou libertar-se do homem-macaco, que se lhe havia grimpado às costas. Por um rápido momento, ela se equilibrou sobre o galho trêmulo, agarrando-se com toda a força ao mesmo, e, em seguida, saltou dali na escuridão, sempre com Tarzan às costas. Rolando por entre galhos despedaçados, os dois caíram em terra. O homem-macaco nem por um instante considerou perdida a vitória sobre o adversário. Havia-se empenhado num combate mortal, e, fiel aos seus primitivos instintos de selvagem, — à lei consuetudinária e tradicional da selva, — um deles tinha que morrer ali, ou mesmo ambos para poder ficar terminado o combate.

Sheeta caiu no chão, felizmente, sobre as quatro patas, com o peso do homem-macaco a subjugá-la e a faca do mesmo novamente a cravar-se-lhe no flanco. A pantera tentou levantar-se, mas caiu mais uma vez, vencida de novo. Tarzan sentiu-lhe os músculos gigantescos relaxarem-se pouco a pouco. Sheeta, enfim, estava morta. Levantando-se de sobre o dorso dela, o homem-macaco colocou o pé sobre o corpo da sua vítima, erguendo a face para o céu tempestuoso, e, enquanto os relâmpagos cortavam o espaço e a chuva torrencial caía sobre ele, soltou aos ares o seu selvagem grito de triunfo.

Tarzan, — tendo realizado o seu intento e não mais temendo o inimigo que lhe assaltara o pouso, — ajuntou uma braça de grandes frondes e reocupou o leito suspenso. Dispondo algumas das folhas sobre as extremidades do mesmo, deitou-se e protegeu-se da chuva com os outros ramos. E, apesar dos guaiús da ventania e do ribombar dos trovões, mergulhou imediatamente num sono profundo.

CAPÍTULO 2

A caverna do leão

A chuva prolongou-se por vinte e quatro horas, e, durante a maior parte desse tempo, caíra em torrentes, de maneira que, quando cessou de todo, estava completamente apagado o rasto que Tarzan havia seguido. Insensível e desconsolado, era um Tarzan selvagem que penetrava o labirinto da selva úmida. Manu, o macaco, careteando e tagarelado nas árvores orvalhadas, afastava-se à sua aproximação. Até as panteras e os leões deixaram o rancoroso Tarmangani passar tranqüilo.

Quando o sol brilhou novamente, anunciando o segundo dia e uma vasta e extensa planície deixou que todo o calor de Kudu inundasse o corpo moreno e gélido de Tarzan, o espírito deste enalteceu-se. Todavia, era ainda um irracional grosseiro e encolerizado que se movia ali, firmemente, para diante, em direção ao sul, onde esperava reencontrar as pegadas dos alemães. Achava-se ele agora na África Oriental Germânica, e era sua intenção escalar as montanhas a oeste do Kilimanjaro, cujos picos íngremes desejava evitar enquanto lhe fosse possível. Voltar-se-ia, então, para leste, prolongando o lado meridional da cordilheira, a fim de alcançar a estrada de ferro que levava a Tanga, pois sua experiência entre os homens lhe sugeria que era em direção àquela ferrovia que provavelmente convergiam as tropas germânicas.

Dois dias mais tarde, achando-se já nas encostas meridionais do Kilimanjaro, ouviu dali, para os lados de leste, um instante roncar de canhão. A tarde havia sido monótona, nublada, e, agora, enquanto passava por entre as estreitas paredes de um desfiladeiro, começaram a cair sobre seus ombros nus algumas gotas de chuva. Tarzan meneou a cabeça e rosnou, em sinal de desaprovação. Lançou o olhar em derredor, como que procurando um abrigo, pois já havia suportado bastante os rigores do frio e da umidade. Entretanto, desejava apressar-se em rumo ao canhoneio que ouvira, pois o mesmo lhe indicava que lá estariam os alemães combatendo com os ingleses. Por um momento, seu peito encheu-se de orgulho, ante o pensamento de que ele também era inglês, mas logo sacudiu a cabeça violentamente e murmurou:

— Não! Tarzan dos Macacos não é inglês, porque os ingleses são homens e Tarzan é apenas um Tarmangani!

Não podia, contudo, esconder à sua própria dor, e ao seu sombrio ódio da raça humana em geral, que o seu coração se inflamava ao pensamento de que eram ingleses que combatiam os germânicos. Lamentava apenas que os ingleses fossem homens e não “grandes macacos brancos”, qual ele mesmo de novo se considerava.

— Amanhã, ponderou, seguirei aquele caminho e acharei os germanos.

Empenhou-se, então, em descobrir um abrigo, que o protegesse da tempestade. Logo divisou baixa e estreita entrada, que parecia ser a de uma gruta, na base dos penhascos que formavam o lado norte da garganta. Com a faca desembainhada, aproximou-se cautelosamente da cavidade, pois sabia que, se houvesse ali uma gruta, seria ela, indubitavelmente, covil de alguma fera. À entrada, havia grandes fragmentos de rocha, de diferentes tamanhos, semelhantes a outros que se viam por ali perto, espalhados ao longo da base do rochedo. À mente de Tarzan acudia logo a idéia, caso encontrasse a caverna desabitada, de levantar-lhe à porta, com algumas daquelas pedras, uma barricada, que lhe assegurasse durante a noite um repouso sossegado. Rugisse embora o temporal lá fora, Tarzan, comodamente, permaneceria ali dentro até que cessasse a chuva. Um fio de água cristalina manava de junto da abertura da gruta.

Em frente à caverna, Tarzan ajoelhou-se e farejou a terra. Deixou escapar um ligeiro rosnado e seu lábio superior moveu-se para mostrar as presas aguerridas.

— Numa! murmurou ele.

Entretanto, não recuou. Numa poderia não estar em casa, — o que ele iria imediatamente verificar. A entrada era tão baixa, que o homem-macaco foi obrigado a pôr-se de quatro pés, a fim de introduzir a cabeça pela abertura. Primeiramente, olhou, escutou e farejou em relação a todos os pontos da retaguarda, a fim de não ser vítima de alguma surpresa por esse lado.

Ao primeiro olhar, que lançou no interior da caverna, deparou-se-lhe um estreito túnel, cuja extremidade estava iluminada pela luz solar. O interior do túnel não era tão escuro, que o homem-macaco ali não pudesse perceber que tudo estava então desocupado. Avançando cautelosamente, arrastou-se para a extremidade oposta, consciente do que lhe houvera de suceder, se Numa entrasse então pelo lado contrário. Numa, porém, não apareceu, e o homem-macaco surgiu, enfim, na claridade, pondo-se em pé junto a uma lenda da rocha, cujas paredes íngremes se levantavam quase a pique. O túnel, vindo da garganta através do rochedo, formava uma passagem para o exterior, inteiramente constituída de paredes escarpadas. Excetuada a pequena abertura do lado do desfiladeiro, não havia nenhuma outra entrada para o grotão, que era de uns trinta metros de comprimento por cerca de quinze de largura, parecendo ter sido cavado naquele rochedo pela erosão constante de águas pluviais, durante longas eras. Uma pequena fita do eterno barrete de neve do Kilimanjaro serpeava tranqüila sobre a borda do precipício, na extremidade superior do grotão, onde se formara um poço, do qual corria um riachinho pelo túnel afora. Uma única e grande árvore florescia perto do centro do grotão, enquanto tufos de relva verdejavam aqui e acolá, por entre as pedras daquele solo rochoso.

Viam-se espalhados ali, em diversos pontos, ossos de muitos e grandes animais, entre os quais alguns esqueletos humanos. Tarzan carregou o cenho e exclamou:

— Um devorador de homens! E, pelo que estou vendo, tem ele exercido aqui a sua atividade desde muito tempo. Esta noite, Tarzan ocupará o covil do comedor de homens, e Numa poderá rugir e lamentar-se, quanto quizer, lá do lado de fora.

O homem-macaco havia penetrado bem no fundo do grotão, enquanto o investigava minuciosamente, e, agora, satisfeito por haver encontrado no túnel um confortável e seguro refúgio para a noite, tomou a percorrer o caminho para a entrada, a qual desejava bloquear, a fim de defender-se da provável volta de Numa. Mas, apesar de inteiramente entregue a tal pensamento, alguma coisa subitamente chegou aos seus sensíveis ouvidos e como que o petrificou, mal seus olhos se voltaram para a entrada do túnel. Um momento mais, e a cabeça de enorme leão, emoldurada por grande e negra juba, surgiu ali na abertura. Os fulvos olhos da fera fuzilaram, e imperturbável, ereto, mal deu com a vista no intruso Tarmangani, soltou do fundo do peito um rugido baixo e os lábios arreganhados mostraram-lhe os fortes colmilhos.

— Irmão de Dango! gritou-lhe Tarzan, enfurecido, porquanto a volta de Numa iria frustrar-lhe os planos de uma cômoda noite de repouso. Eu sou Tarzan dos Macacos, soberano da selva! Esta noite, serei eu quem pousará aqui. Vai-te embora!

Numa, porém não se retirou. Ao invés disso, soltou um rugido ameaçador e avançou alguns passos em direção ao homem-macaco. Tarzan apanhou um pedaço de pedra e arremessou-lho à cara raivosa. Ninguém deve fiar-se num leão. Acovardado, pode ele fingir que foge, ao primeiro sinal de ataque. — Tarzan, por seu lado, havia muitas vezes empregado essa arma da dissimulação, — mas assim não aconteceu naquele momento. O projétil atingiu a Numa em cheio no focinho, — parte muito delicada da anatomia de um felino, — e, em vez de afugentá-lo, transformou-o num curioso instrumento de cólera e destruição.

Enfestado e eriçando a cauda, soltando uma série de pavorosos rugidos, arrojou-se ele sobre o Tarmangani, com a velocidade de um trem expresso. Em menos de um instante, Tarzan alcançou a árvore, pendurou-se-lhe aos galhos e lá se firmou, lançando insultos ao rei dos animais, enquanto Numa, ali embaixo, traçava círculos no chão, urrando cada vez mais enfurecido.

Chovia então copiosamente, o que aumentava a contrariedade e a aflição do homem-macaco. Estava ele irado, mas só a necessidade o levaria a enfrentar um leão em combate mortal, pois sabia que contava apenas com a sorte e a agilidade para opor aos músculos, garras e dentes da temerosa fera. Iria agora empenhar-se em tão desigual e inútil duelo, pela simples recompensa de um pequeno conforto? Empoleirado, por isso, na árvore, enquanto a chuva continuava a cair

torrencialmente, e o leão, volteando embaixo, lhe lançava, a cada passo, um olhar sinistro, Tarzan examinava cuidadosamente, dali, aquelas paredes escarpadas, à procura de algum buraco por onde pudesse escapulir. Eram elas para horripilar a uma criatura comum, mas o homem-macaco, acostumado a trepar, viu alguns pontos onde poderia apoiar o pé, precários, é certo, mas bastantes para lhe assegurarem a certeza de escapar de Numa, desde que este se afastasse, por um momento apenas, para a extremidade do grotão. Numa, entretanto, apesar da chuva, não dava sinal algum de abandonar o posto, tanto que, afinal, Tarzan começou a considerar se realmente não seria preferível tentar uma luta com a fera, em vez de continuar empoleirado ali na árvore, humilhado, além de exposto ao frio e à chuva.

Enquanto fazia ele semelhante reflexão, Numa resolveu de repente retirar-se e dirigiu-se majestosamente para a boca do túnel, sem sequer lançar um olhar para trás. No momento em que a fera se afastou, Tarzan saltou ligeiramente em terra e apressou-se a ganhar o rochedo. Mas o leão, que ainda não havia saído do túnel, retrocedeu subitamente, e, como um relâmpago, precipitou-se atrás do homem-macaco.

A habilidade de Tarzan era, entretanto, muito grande: se achasse na parede escorregadia um ponto de apoio, estaria salvo, se resvasse pelas rochas úmidas, sua sorte estaria desde logo determinada, pois cairia nas garras de Numa, as quais, em tal hipótese, dariam fim ao grande Tarmangani.

Com a agilidade de um felino, Tarzan subiu, sem parar, a parede do penhasco, até a distância de quase dez metros, e encontrando, então, um melhor ponto de apoio, estacou e ficou a observar Numa, que, num esforço feroz e inútil, saltava, tentando escalar a parede íngreme, a fim de apoderar-se da presa cobiçada. Atingindo a alguns metros acima do solo, o leão, aos saltos, chegava a agarrar-se momentaneamente a algum ponto da escarpa, para cair vencido de novo. Tarzan contemplou-o por alguns instantes mas bem depressa recomeçou a sua lenta e cautelosa subida para o pico do grotão. Por diversas vezes, viu-se em dificuldades muito sérias para encontrar apoio, mas, afinal conseguindo firmar-se sobre a beira da caverna em lugar seguro, aprumou ali o corpo, apanhou em seguida um pedaço de pedra solta, arremessou-o sobre Numa e partiu.

Encontrando uma descida suave para o desfiladeiro, estava disposto a continuar a viagem em direção ao troar, ainda bem distinto, dos canhões, quando um pensamento subitâneo o fez parar e um meio sorriso lhe aflorou aos lábios. Retrocedeu apressadamente até a abertura superior do túnel de Numa. Ali chegando, sondou o interior da caverna, e então começou a empilhar à entrada pedaços de rocha. Aquela estreita passagem já estava, assim, quase obstruída por ele, quando ali apareceu o leão, — um leão furioso, que arranhava e feria a rocha, soltando pavorosos rugidos,

que faziam estremecer a terra. Aqueles urros, entretanto, não amedrontavam a Tarzan dos Macacos: no seio felpudo de Kala, ele outrora muitas vezes fechara seus olhos infantis, por noites incontáveis, ao som de rugidos semelhantes. Raramente um dia ou uma noite de sua vida na selva, — e toda ela se passara ali, — deixara ele de ouvir urros tremendos de leões furiosos, aculeados pela fome ou pelo amor. Tais ruídos o impressionavam tanto quanto uma buzina de automóvel vos impressiona. Se estiverdes em frente de um automóvel, a buzina vos prevenirá de que deveis afastar-vos, se, entretanto, não estiverdes no caminho, apenas a notareis. Figuradamente, Tarzan não enfrentava um automóvel. — Numa não podia alcançá-lo, e, certo disso, continuou a obstruir a entrada, até que se tornasse impossível a saída do leão. Quando terminou o trabalho, fez uma careta para o leão prisioneiro e recomeçou sua jornada para leste, não sem ter primeiro murmurado em solilóquio:

— Eis um devorador de homens que não mais os devorará!

Aquela noite, Tarzan pousou sob a saliência de uma rocha. Na manhã seguinte, reencetou a marcha, parando somente o bastante para sacrificar alguma presa, a fim de matar a fome. As _ outras feras costumam comer e peitar-se, Tarzan, porém, nunca deixara que o estômago interferisse nos planos. Nisso precisamente é que residia uma das maiores diferenças entre o homem-macaco e os seus companheiros da selva. O canhoneio recrudescera e cessou, durante o dia. Tarzan notou que o bombardeio era mais intenso pela madrugada e logo após o declinar do dia, cessando quase de todo durante a noite. À tarde do segundo dia, avistou tropas que avançavam por ali. Pareciam saqueadores, pois tangiam rebanhos e faziam-se acompanhar por indígenas carregados de provisões. Tarzan notou que os pobres negros estavam acorrentados uns aos outros pelo pescoço. Observou também que as tropas eram compostas de soldados indígenas, que usavam uniformes germânicos. Os oficiais é que eram brancos. Tarzan não foi visto por nenhum deles, embora, escondido no seio da floresta, houvesse estado no meio deles por espaço de duas horas. Examinou bem as insígnias dos uniformes e viu que não eram as mesmas que encontrara em um dos cadáveres achados no *bungalow*. Continuou, portanto, o seu caminho encoberto pela densa mata. Havia alcançado os germanos, é verdade, e não os havia trucidado, porque o intuito principal de sua vinda não era a matança dos alemães em geral, e, sim, descobrir e punir o indivíduo que lhe havia sacrificado a esposa. Resolveu, portanto, abandonar o utópico projeto de matar “todos” os germanos que se lhe deparassem no caminho, — e ele estava certo de encontrar muitos, porque havia de procurá-los, precisamente do mesmo modo por que os caçadores profissionais caçam os devoradores de homens.

À medida que se aproximava das linhas de frente, tornava-se maior o movimento de tropas. Viam-se carretas, juntas de bois, bem como todo o material de um

pequeno exército, havendo sempre, na retaguarda, feridos que ainda caminhavam ou eram carregados. A uma pequena distância atrás, havia ele transposto a estrada de ferro, julgou, por isso, que os feridos seriam dali transportados para algum hospital existente no centro das operações de guerra, provavelmente para Tanga, no litoral.

Já estava escuro, quando chegou a um grande acampamento, escondido nas fraldas dos montes de Pare. Ao aproximar-se da retaguarda, encontrou-a escassamente vigiada, e as sentinelas, postas ali, não estavam alerta. Isso, depois que a noite caísse de todo, lhe facilitaria a entrada ali, de modo que, vagando pelo acampamento, pudesse ouvir o que se conversava nas tendas e colher, assim, algum indício do assassino de sua companheira.

De fato, girando mais tarde pelo acampamento e detendo-se ao lado de uma tenda, em frente da qual se achavam sentados alguns soldados indígenas, Tarzan apanhou algumas palavras, pronunciadas em dialeto africano, as quais lhe despertaram vivamente a atenção. Dizia um dos negros:

— Os Waziris lutaram como demônios, mas nós éramos mais numerosos e mais fortes e matamo-los a todos. Quando estávamos no mais aceso do combate, chegou o capitão e matou a mulher. Passando ele para o lado de fora, gritou-nos que matássemos a todos os homens. O imediato von Goss é mais valente, chegando ele, mandou também, em alta voz, que pregássemos na parede um dos Waziris que estava ferido, e, então, riu ruidosamente, à vista das contorções do homem supliciado. Todos nós também soltamos boas risadas. Foi um espetáculo hilariante!

Como uma fera ameaçadora e terrível, Tarzan abaixou-se nas trevas ao lado da tenda. Que pensamentos atravessaram, então, aquela mente selvagem? Quem poderia dizê-lo? Nenhum sinal exterior de paixão lhe assomou ao formoso rosto, seus olhos, pardos e frios, denotavam apenas intensa vigilância. Imediatamente, o soldado, que Tarzan havia ouvido

falar, foi o primeiro a levantar-se dentre os mais, e, com uma palavra de despedida, saiu dali. Passou a uns três metros do homem-macaco e seguiu em direção à retaguarda do acampamento. Tarzan levantou-se e acompanhou-o sorrateiramente. Graças às trevas da noite e a uns densos arbustos, segurou-o de surpresa. Não se ouviu ruído algum, porque, enquanto o homem-macaco saltava sobre sua vítima e a atirava ao chão, os seus dedos de aço apertavam simultaneamente a garganta do soldado, abafando-lhe qualquer gemido. Pelo pescoço, Tarzan arrastou o homem bem para o meio dos arbustos.

— Não faça o menor barulho! preveniu ao negro, no próprio dialeto deste, enquanto relaxava os dedos que lhe comprimiam a garganta.

O soldado respirou, erguendo os olhos amedrontados, para ver que espécie de

criatura era aquela que o tinha em seu poder. Na escuridão, percebeu apenas um corpo bronzeado e nu, que se acurvava sobre ele. Lembrava-se, porém, e bastante, da força aterradora dos músculos pujantes, que o haviam subjugado e arrastado para o meio daqueles arbustos, como se ele não passasse de uma criancinha. Se algum pensamento de resistência lhe perpassou, acaso, pela mente, ele o abandonou sem demora, pois não fez o menor movimento para escapar-se.

— Qual é o nome do oficial que matou a mulher no *bungalow*, onde vocês lutaram com os Waziris? perguntou-lhe Tarzan.

— Hauptmann Schneider, respondeu o negro, quando pôde recuperar bem o uso da voz.

— Onde é que ele está? inquiriu ainda o homem-macaco.

— Está aqui no acampamento. É provável que esteja agora no quartel-general. Muitos dos oficiais foram para Já, à noite, a fim de receber ordens.

— Conduze-me até lá! ordenou-lhe Tarzan, acrescentando: Mas não te esqueças de que, se eu for descoberto, matar-te-ei imediatamente! Levanta-te!

O negro levantou-se e guiou Tarzan, através do acampamento, por uma estrada ampla. Várias vezes foram obrigados a ocultar-se, para não serem vistos por soldados que passavam. Mas, finalmente chegaram a uma grande pilha de fardos de alfafa, no canto da qual o negro apontou, à distância, um edifício de dois andares.



... viram o gigantesco homem-macaco levantar nos braços o pesado germano e sacudi-lo...

— Eis o quartel-general, disse ele. Não poderei ir mais longe, sem ser visto, porque há muitos soldados aqui em redor.

Tarzan compreendeu que não poderia prosseguir em companhia daquele soldado indígena. Voltou-se e contemplou o rapaz por um momento, enquanto deliberava sobre o que havia de fazer dele.

— Você ajudou a crucificar Wasimbu, o Waziri, acusou ele ao negro, em um tom baixo, embora não menos terrível.

O preto tremeu e os joelhos acurvaram-se-lhe para o chão. É tentou desculpar-se, pretextando:

— Foi ele quem assim nos mandou fazer!

— Ele quem? perguntou Tarzan.

— O imediato von Goss, respondeu o soldado, acrescentando logo: Ele também

está aqui.

— Hei de encontrá-lo! replicou Tarzan, ameaçadoramente. Mas tu ajudaste a crucificar Wasimbu, o Waziri, e, enquanto ele sofria, tu te rias.

O sujeito cambaleou. Era como se, ao mesmo tempo que a acusação, tivesse ouvido a sua sentença de morte. Sem dizer mais palavra, Tarzan agarrou-o pelo pescoço. Como anteriormente, não se ouviu ali um só gemido. Os músculos gigantesco inteiriçaram-se. Os braços possantes levantaram-se e, suspenso por eles, o corpo do soldado negro, que havia auxiliado a crucificação de Wasimbu, o Waziri, descreveu um círculo no ar, — um, dois, três! — e foi tombar, exânime, ali ao lado. O homem-macaco voltou, então, os passos em demanda do quartel onde se encontrava o general Kraut.

Uma única sentinela, de guarda à parte posterior do edifício, interceptar-lhe-ia a entrada ali. Tarzan rastejou, cosendo-se com o chão e aproveitando-se de tudo quanto o pudesse ocultar, como somente o sabem fazer as feras da selva. Quando os olhos da sentinela se voltavam para o lado dele, Tarzan abraçava-se ao chão, imóvel como uma pedra, e, quando o soldado lhe virava as costas, avançava rapidamente. Dentro em pouco, achava-se a pequena distância. Esperou ali, até que a sentinela lhe voltasse as costas mais uma vez, ergueu-se, então, e, sem fazer o mais ligeiro ruído, precipitou-se sobre ela. Não se ouviu, igualmente, o menor barulho. E, depois de morta a sentinela, entrou no vasto edifício.

O primeiro andar estava iluminado e o segundo achava-se completamente às escuras. Através das janelas, viu Tarzan um salão, a que se seguia um gabinete. No salão encontravam-se muitos oficiais. Alguns passeavam de um lado para outro, palestrando, enquanto outros escreviam, sentados às mesas de campanha. As janelas estavam abertas, o que permitiu a Tarzan ouvir bem o que ali conversavam, nada, porém, do que diziam ali, lhe despertava interesse. Falavam principalmente das vitórias germânicas na África e faziam conjeturas a respeito da data em que o exército alemão entraria triunfante em Paris. Alguns afirmavam que o Kaiser, com certeza, já se encontrava lá, e contavam que a Bélgica tinha sofrido muitos danos.

No gabinete, que ficava mais para dentro, via-se sentado a uma pequena mesa, um homem agigantado, de bochechas largas e rubicundas. Por detrás dele, e também sentados, havia alguns oficiais, enquanto dois outros permaneciam atenciosamente diante do seu general, que estava a interrogá-los. Enquanto falava, o general brincava com uma lâmpada de querosene, acesa à sua frente, sobre a mesa. Ouviu-se, porém, naquele momento, uma pancada à porta, e logo entrou ali um ajudante de ordens, que fez continência e informou o general:

— Fraulein Kircher acaba de chegar, senhor.

— Diga-lhe que venha aqui, ordenou o general, que com simples gesto despediu os oficiais. A rapariga, ao entrar ali, passou por eles. Os outros oficiais, que tinham continuado a conversar, sentados, no gabinete, levantaram-se e cumprimentaram-na. Ela retribuiu-lhes a cortesia com uma leve inclinação de cabeça e um ligeiro sorriso. Era uma jovem formosa. O vestido de montaria, já estragado e de tecido grosseiro, em nada lhe diminuía a beleza. Não parecia ter mais de dezenove anos.

Ela aproximou-se da mesa, atrás da qual estava sentado o general, e, tirando de um bolso interior do casaco um papel dobrado, entregou-lho.

— Queira sentar-se, senhorinha, disse ele à rapariga.

Foi trazida à moça, por um dos oficiais, uma cadeira, e ninguém mais ali disse palavra, enquanto o general lia o conteúdo do papel.

Enquanto isso, Tarzan estava a observar os vários personagens que se encontravam naquele gabinete. Imaginava se algum daqueles homens não seria Hauptmann Schneider, pois dois deles eram capitães. Quanto à rapariga, que acabara de entrar ali, ele a julgou uma espiã, pertencente ao Departamento Alemão de Informações. A formosura dela não o impressionava: sem um vislumbre de compaixão o homem-macaco torcer-lhe-ia aquele belo pescoço. Era uma alemã e isso lhe bastava. Mas ele colimava outro objetivo mais importante. Precisava de ter em mãos Hauptmann Schneider.

Acabando de ler o papel, o general levantou os olhos para a rapariga, dizendo-lhe:

— Muito bem! e determinou imediatamente a um dos seus ajudantes de ordens: Vá chamar o major Schneider!

Major Schneider! Tarzan sentiu eriçarem-se-lhe todos os cabelos da cabeça. Já tinham promovido aquela fera que lhe assassinara a esposa. E, sem dúvida, tinham-no elevado de posto, por causa daquele mesmo crime!

O ajudante de ordens deixou o gabinete e os outros entabularam ali uma conversação geral, da qual Tarzan concluiu que as forças germânicas da África Oriental eram superiores em número às inglesas e que estas últimas estavam sofrendo muitas derrotas. Oculto o homem-macaco podia observar tudo quanto estava ocorrendo ali, sem ser visto, e estava também a salvo dos que passassem pela guarita da sentinela, a quem ele matara. De um momento para outro, esperava que aparecesse alguma patrulha, ou mesmo algum soldado, para render a guarda, e, então, descobririam que a sentinela não estava no seu posto. Sabia ele que a isso se seguiria um rigoroso inquérito militar.

Aguardou, com impaciência, a aparição do homem a quem procurava, e, por fim, viu, satisfeito, voltar o ajudante de ordens acompanhado por um oficial de estatura regular e de bigode imponente. Mal entrou ali, caminhou a grandes passadas em

direção ao general a quem fez continência. O superior retribuiu-lhe a saudação, e, voltando-se para a rapariga, disse a esta:

— Fraulein Kircher, permita-me que lhe apresente o major Schneider.

Tarzan não esperou por mais nada. Apoiando a palma da mão direita ao peitoril da janela, saltou no gabinete, bem no meio daquela atônita roda de oficiais do Kaiser. Atingindo rapidamente a mesa, pegou o lampião aceso e arremessou-o, quebrando-o, sobre as banhas do general, que, num louco esforço para fugir, caiu de costas, arrastando tudo ao chão, cadeira e mesa. Os dois ajudantes de ordens tentaram apoderar-se do homem-macaco, que agarrou o primeiro deles e o arrojou à cara do outro. A rapariga pulara da cadeira e encostara-se, apavorada, à parede. Os outros oficiais chamavam, em altas vozes, pelo único guarda e por socorro. O alvo de Tarzan era, porém, um único indivíduo, a que não perdia de vista. Logo que se viu livre do ataque dos ajudantes de ordens, correu para o major Schneider, segurou-o bem pelo meio do corpo, atirou-o às costas e saiu pela janela, com tanta celeridade, que os circunstantes, estarecidos de pasmo e de pavor, custaram a dar-se conta do que ocorrera ali.

Um único olhar lhe revelou que o posto da sentinela ainda estava vago. Um instante mais, e ele, com o seu fardo humano aos ombros, já estava protegido pelas sombras do monte de alfafa. O major Schneider não havia podido, sequer, deixar escapar um só gemido, porque a mão de Tarzan até quase o impedia de respirar. Mas já agora o homem-macaco podia relaxar a pressão e permitir-lhe que respirasse melhor, o que fez, recomendando-lhe:

— Se. você fizer o menor ruído, será novamente sufocado.

Cautelosamente e pondo em jogo uma infinita paciência, transpôs Tarzan as linhas do último posto avançado. Colocou então o prisioneiro em terra e fê-lo caminhar à sua frente, rumando dali para o oeste. Quando a noite ia já bastante adiantada, atravessou os trilhos da via férrea, sentindo-se ali, com toda a razão, salvo de ser descoberto ou perseguido. O oficial germânico, uma vez posto sobre

os pés, havia praguejado, murmurado, ameaçado e interrogado, mas a única resposta, que havia obtido, era ser aguilhoado pela ponta penetrante da lança de Tarzan. O homem-macaco tratava-o como se estivesse conduzindo um porco, com a diferença apenas de que teria tido mais respeito e mais consideração para com o suíno...

Até ali, Tarzan pouco se havia preocupado com os pormenores da vingança. Naquele momento foi que começou a pensar na forma de castigo que ia aplicar. Só de uma coisa estava bem certo: era que a punição devia terminar em morte. Como todos os homens valentes e as feras bravias, Tarzan tinha pouca propensão para

torturar a quem quer que fosse, não tinha mesmo inclinação alguma para isso mas aquele era um caso singular em toda a sua vida. Um senso inerente de justiça clama no seu foro íntimo: — “Olho por olho, dente por dente”! E o seu recente juramento exigia ainda mais do que isso. Sim, aquela criatura precisava de sofrer, do mesmo modo que havia feito sofrer a Lady Greystoke. E o homem-macaco, viúvo de Jane Clayton, não esperava fazer aquele indivíduo sofrer tanto quanto ele Tarzan sofrerá, pois que a dor física não se pode nunca aproximar da intensidade de uma tortura moral.

Através de toda a longa noite, o homem-macaco aguilhoou o huno, exausto e aterrado. O silêncio terrível do apresador abalou os nervos do oficial germânico. Se ele ao menos falasse! Schneider, muitas vezes, por meio de lisonjas, tentou forçá-lo a dizer algumas palavras. Mas o resultado de tais tentativas era sempre o mesmo: silêncio contínuo e um novo e doloroso golpe com a ponta da lança. O boche sangrava, cheio de feridas. Estava tão extenuado, que tropeçava a cada passo, caindo muitas vezes, somente para ser obrigado, pela lança cruel, a erguer-se de novo.^f

Já havia amanhecido, quando Tarzan chegou a uma decisão definitiva, a qual lhe veio como uma inspiração celeste. Um leve sorriso assomou-lhe aos lábios, e ele, imediatamente, procurou um lugar onde pudessem deitar-se, a fim de repousarem. Desejava preparar o seu prisioneiro, convenientemente, para o castigo que o esperava. Ali adiante, havia um regato, que Tarzan atravessara no dia anterior: conhecia-lhe o vau como um ponto propício para mitigar a sede e prover-se de boa caça. Prevenindo, com um gesto, ao oficial germânico que se conservasse no mais profundo silêncio, os dois homens aproximaram-se do pequeno curso de água. Lá embaixo, no trilho de caça, Tarzan avistou alguns veados prestes a sair da água. Empurrou Schneider para baixo de uma alta moita e, acorrendo-se ali mesmo, em frente dele, ficou à espreita. Com olhos estarecidos e amedrontados, o prisioneiro espiava o gigante silencioso. Naquela manhã é que pudera olhar à vontade para o seu vencedor, e, se ele se espantara e apavorara antes, quando fora agarrado, tais sensações nada eram, comparadas com as que experimentava agora.

Quem era e que é que poderia ser aquele selvagem branco seminu? Ouvira-o falar uma única vez, quando fora admoestado a não fazer ruído algum, e isso lhe fora dito em excelente alemão e no tom de melhor cultura. Mirava-o agora, como a rã fascinada contempla a serpente que a vai devorar. Contemplava-lhe os membros bem proporcionados e o corpo simétrico, imóvel, qual uma estátua de mármore, em meio da ramagem frondosa. Não lhe percebia o menor movimento nos músculos ou nos nervos. Viu um gamo aproximar-se vagarosamente dali, pelo trilho, sem suspeitar da presença de inimigos. Viu o homem deixar passar o veado, — um velho gamo, — até

que apareceu outro, este agora novo e nédio, que vinha em direção oposta ao gigante emboscado. Os olhos de Schneider esbugalharam-se e quase lhe escapou dos lábios um grito de terror, quando viu aquela fera humana ágil, que lhe estava ao lado, saltar rápida sobre a garganta do veadinho, e ouviu irromper daquela boca humana o grito vitorioso de um animal selvagem. Tarzan abateu o gamo, e ele e seu prisioneiro tiveram carne. O homem-macaco comeu-a crua mas permitiu que o oficial germânico fizesse fogo, para cozinhar o naco que recebera.

Permaneceram os dois deitados ali até dia alto, e só então reencetaram a jornada, — jornada que era tão assombrosa para Schneider, por causa da ignorância deste quanto ao seu término, que ele, por vezes, se arrojava aos pés de Tarzan, rogando uma informação e implorando misericórdia. E o homem-macaco prosseguia a marcha em silêncio, fustigando apenas o huno desfalecido, quando este cambaleava.

Ja já em meio o terceiro dia, e eles ainda não haviam chegado ao seu destino. Após uma subida íngreme e uma pequena caminhada mais adiante, fizeram alto à beira de um rochedo escarpado. Schneider olhou para baixo e viu somente um estreito grotão, onde crescia apenas uma única árvore, à margem de um riachinho, e em meio à grama esparsa, que brotava do chão pedregoso. Tarzan fez-lhe sinal para que chegasse até à beira do precipício, o alemão, porém, recuou aterrado. O homem-macaco agarrou-o e impeliu-o rudemente até a borda.

— Desça! ordenou-lhe.

Era a segunda vez que ele falava, desde três dias atrás, e talvez esse silêncio, amedrontador em si mesmo, produzisse maior receio no peito do boche do que a ponta da lança, sempre pronta a espicaçá-lo.

Schneider olhou apavorado o abismo e estava para fazer a tentativa de descer para o lóbrego precipício, quando Tarzan o deteve, dizendo-lhe:

— Sou Lorde Greystoke. Era minha esposa aquela mulher que você assassinou na região dos Waziris. Agora, você compreenderá o motivo por que o fui agarrar. Desça!

O huno caiu de joelhos aos pés de Tarzan e suplicou-lhe:

— Não matei sua esposa! Tenha pena de mim! Não matei sua esposa! Nada sei sobre...

— Desça! gritou-lhe Tarzan, interrompendo-o e levantando sobre ele a ponta da lança.

Sabia que o homem lhe mentia e não se surpreendera de que assim o fizesse: um homem que assassina sem motivo algum, mentirá por menos ainda. Schneider continuava na posição anterior e a dirigir-lhe chorosas imprecações. O homem-macaco feriu-o, então, com a ponta da lança, e ele, como uma criança tímida,

começou a escorregar vagarosamente, efetuando aquela descida perigosa. Tarzan o acompanhou e auxiliou nos trechos piores, até que, afinal, se acharam a poucos metros do fundo.

— Cale-se agora! recomendou-lhe o homem-macaco, indigitando-lhe o que parecia ser a entrada de uma caverna, na extremidade longínqua do grotão. Lá dentro, há um leão esfaimado. Se você puder alcançar aquela árvore, antes que ele o descubra, terá vários dias mais para gozar a vida, mas, depois, quando você estiver tão debilitado, que não lhe seja possível manter-se mais sobre os galhos, Numa, o devorador de homens, comerá então pela última vez. E, empurrando Schneider para o plano inferior, disse-lhe: Corra agora!

O oficial, tomado de pânico, atirou-se velozmente para a árvore. Já a havia quase alcançado, quando um rugido medonho partiu lá da boca da gruta, e, simultaneamente, um leão, emagrecido e alucinado pela fome, saltou na clareira do grotão. Schneider tinha apenas alguns metros mais para correr, e o leão estendeu-se no chão, a fim de enganá-lo. Tarzan com um ligeiro sorriso nos lábios ficou a observar a corrida do boche.

Schneider ganhou uma pequena saliência, e Tarzan, ao escalar o rochedo, ouviu, confundidos com urros do felino prisioneiro, os lamentos de uma voz humana, mais impressionantes sem dúvida que os uivos da fera.

Lá do alto do penhasco, o homem-macaco voltou-se e olhou para o interior do grotão. No ponto mais elevado da árvore, o boche agarrava-se furiosamente a um galho, sobre o qual estendera o corpo. Embaixo, junto ao tronco da árvore, estava Numa, esperando.

O homem-macaco levantou o rosto para Kudu, o sol, e de seu peito pujante irrompeu o selvagem grito de vitória das feras da selva.

CAPÍTULO 3

Nas linhas germânicas

Tarzan não se considerava ainda completamente vingado. Ainda continuavam vivos muitos milhões de alemães, — o bastante para ele conservar agradavelmente ocupada a atividade da sua existência. Bem quisera matá-los a todos, para ressarcir-se da grande perda que havia sofrido, — embora a morte de tantos milhões de boches não lhe restituísse a esposa bem-amada.

Enquanto se encontrava no acampamento alemão, nos montes de Pare, que se levantam precisamente a leste da linha de fronteiras entre a África Germânica e a África Britânica, Tarzan tinha percebido o suficiente para convencer-se de que os ingleses estavam em posição inferior, na tremenda campanha que tinha por cenário o Continente Negro. A princípio, havia ligado pouca importância ao caso, porquanto, desde a morte de sua esposa — o único vínculo que o prendia à civilização, — renunciara a toda a humanidade, considerando-se ele próprio não mais um homem, mas um grande macaco branco.

Depois de ter-se vingado, tão satisfatoriamente, de Fritz Schneider, contornou o Kilimanjaro e começou a caçar ao sopé setentrional daqueles elevados montes, pois verificara que, nas proximidades das tropas européias em luta, não havia caça. Algum prazer tinha ele, sem dúvida, em evocar, de quando em quando, a lembrança do huno que deixara, pouco antes, no galho da árvore solitária, ao fundo do grotão de paredes alcantiladas, no qual havia encerrado um leão esfaimado. Podia imaginar a angústia mental do desgraçado, enfraquecido pela fome e alucinado pela sede, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, cairia exausto ali no chão, onde o esperava o devorador de homens. Tarzan imaginava se Schneider, atormentado pela sede, teria a coragem de descer ao riachinho, em busca de água, e se Numa, deixando a clareira, entraria de novo na caverna. Pintava ainda, para si próprio, a corrida louca para a árvore, novamente, quando o leão se aprestasse a agarrar a presa, como estava certo de que ele o faria, desde que o inábil alemão não descesse sorrateiramente ao regato, sem fazer o mais leve ruído, isto é, sem atrair a atenção de Numa.

Este prazer, contudo, ficou arrefecido, e, mais e mais, o homem-macaco absorveu-se no pensamento de que soldados ingleses combatiam com inimigos muito superiores em número e de que os alemães estavam sendo os vencedores. Tal reflexão fê-lo abaixar a cabeça, lamentar-se e preocupar-se sobremaneira — não pouco, sem dúvida, pois lhe era difícil olvidar que era inglês, quando desejava ser apenas um macaco. Chegou, finalmente, um instante, em que não pôde mais suportar o pensamento de que alemães estavam destroçando ingleses, enquanto ele se

limitava a andar caçando pelos matos, são e salvo.

Tomada a decisão, partiu em rumo do acampamento germânico, sem, todavia, levar nenhum plano bem assentado: impelia-o apenas a idéia geral de que, uma vez junto ao campo de operações, havia de deparar-se-lhe uma oportunidade de acossar o comando germânico, como tão bem sabia fazer. A sua nova rota levou-o ao longo da garganta, próxima ao grotão onde havia deixado Schneider, e, cedendo ao impulso de uma curiosidade natural, escalou o penhasco e chegou até a beira do precipício. Olhando de lá para baixo, verificou que a árvore estava vazia e que não havia por ali sinal algum de Numa, o leão. Apanhando do chão um fragmento de rocha, arrojou-o ao fundo do grotão, onde a pedra rolou até a entrada da caverna. Imediatamente o leão apareceu na abertura da gruta, um leão bem diferente da grande e possante fera, que Tarzan aprisionara ali, havia já duas semanas. Estava delgado e macilento e, ao caminhar, cambaleava.

— Onde é que está o alemão? gritou-lhe Tarzan. Foi-te uma boa refeição ou tiveste apenas um saco de ossos, quando o corpo dele te caiu lá do alto da árvore?

Numa rosnou.

— Tu me pareces faminto, Numa! continuou o homem-macaco. Devias estar muito esfomeado, para comer toda a grama do teu covil e mesmo a casca da árvore, até a altura que os teus dentes podiam alcançar. Gostarias de receber aqui outro alemão?

E, sorrindo, continuou o seu caminho.

Alguns minutos depois, Tarzan assaltou repentinamente Bara, a corça, que dormia debaixo de uma árvore, não longe do trilho. E, como o homem-macaco tivesse bastante fome, tirou rapidamente da presa uma boa posta de carne e começou a comê-la. Quando roia o último pedaço, arrancado de um osso a dentadas, seus ouvidos apurados perceberam um furtivo arrastar de pés pelo lado de trás, e, voltando-se, deu de frente com Dango, a hiena, que se preparava para assaltá-lo. Com um rosnado, o homem-macaco apanhou do chão um galho velho e arremessou-o ao focinho do bruto enfurecido, gritando:

— Vai-te embora, comedor de cadáveres!

Dango, porém, estava faminta, e, sendo grande e possante, latiu somente, a princípio, e depois começou a apertar o círculo em redor da presa ambicionada, procurando o melhor jeito de agarrá-la. Tarzan dos Macacos conhecia Dango melhor do que ela conhecia a si mesma. Ele sabia que a fera, aguilhada pela fome, lhe passava revista à coragem para o ataque iminente, e que, provavelmente já habituada a lidar com o homem, se mostrava mais ou menos audaz diante deste. E, por isso, ele tirou das costas e pôs a seu lado, no chão, a pesada lança, continuando a refeição,

mas sempre com o olhar vigilante fito na hiena.

Não sentia medo algum, pois longa familiaridade com os perigos do seu mundo selvagem de tal modo o havia habituado a enfrentá-los, que sempre encarava cada qual deles como parte da sua existência de cada dia, — tal como vós aceitais os simples, embora não menos reais, perigos do trabalho, numa propriedade agrícola ou numa cidade populosa. Tendo sido criado na selva, achava-se sempre pronto a defender a sua presa contra todos quantos lha quisessem arrebatá-la, dentro, todavia, dos limites comuns da precaução. Em condições favoráveis, Tarzan arrostaría o próprio Numa, e, se fosse obrigado a procurar salvação na fuga, fá-lo-ia sem o menor sentimento de pejo. Não havia criatura mais corajosa, a vagar por aquelas ínvias florestas, e, ao mesmo tempo, não havia ninguém mais prudente: esses eram os dois fatores, que lhe haviam permitido sobreviver ali.

Dango tê-lo-ia atacado desde logo, se não fossem os rosnados do homem-macaco — rosnados que, partidos de lábios humanos, entranharam dúvida e temor no coração da hiena. Ela já havia acometido a muitas mulheres e crianças, nos campos nativos, e também já havia apavorado a muitos homens, sentados, à noite, em derredor do fogo. Nunca, entretanto, vira um homem que produzisse aquele som, o qual mais parecia provir de Numa do que de um ser humano amedrontado.

Quando Tarzan acabou de comer, estava disposto a levantar-se e atirar um osso esbrugado ao focinho da fera, antes de continuar o seu caminho, deixando ali para Dango os restos da caça. Mas um pensamento súbito o deteve, e, erguendo do chão o restante da corça morta, atirou-o para as costas e desceu para o grotão. Dango acompanhou-o alguns metros, uivando, e, compreendendo, então, que ia ser totalmente privada de saborear um bocado daquela deliciosa carne de gamo, resolveu emudecer e investir sorrateira o homem-macaco. Imediatamente Tarzan, como se a natureza também lhe houvesse dado olhos à parte posterior da cabeça, pressentiu o perigo que corria, e, por isso, atirando ao chão os despojos de Bara, voltou-se rápido e de lança em riste. Como um relâmpago, a sua bronzeada destra levantou-se e desceu, sustentada por músculos titânicos e pelo peso todo do corpo. Vibrada no momento preciso, a lança atingiu diretamente o pescoço de Dango, na junção da nuca com o ombro, e a ponta afiada penetrou fundamente naquela parte do corpo.

Arrancando da hiena o ferro da lança, Tarzan colocou sobre os ombros os dois cadáveres e prosseguiu a marcha para o grotão. Lá embaixo jazia Numa à sombra da árvore solitária, ao chamado do homem-macaco, firmou-se debilmente nos pés, e, embora tão enfraquecido, rosnou ferozmente, tentando rugir, apenas deu com os olhos no inimigo. Tarzan fez escorregar pelo declive do rochedo os despojos da corça e da hiena.

— Come, Numa! gritou lá do alto ao leão. Talvez eu ainda precise de ti!

Viu o leão, como que reanimado por um novo sopro de vida, à vista de tanto alimento, atirar-se primeiro aos restos da corça. E, então, o deixou ali, a dilacerar sôfrego a carne da presa metendo enormes pedaços dela no bucho vazio.

No dia seguinte, chegou Taiwan à frente das linhas germânicas. De um espaço da montanha, fechado por arbustos, contemplou o flanco esquerdo das tropas inimigas, e, do outro lado, viu as forças britânicas. A sua posição permitia-lhe uma vista geral do campo de batalha, e seus olhos penetrantes colheram muitos pormenores, que teriam passado despercebidos a qualquer outro homem, cujos sentidos não estivessem disciplinados ao ponto mais elevado da perfeição, como estavam os do homem-macaco. Pôde observar que os boches haviam colocado metralhadoras em certos lugares inacessíveis à vista dos ingleses e possuíam postos de observação bem no centro da Terra-de-Ninguém.

Enquanto o olhar inquisidor se lhe movia daqui para acolá, de um para outro ponto de interesse, ouviu ali na encosta, pouco abaixo do lugar onde estava, por sobre o troar dos canhões, o estampido de um fuzil-metralhadora. Concentrou a atenção, portanto, no espaço da lombada em que sabia achar-se oculto aquele artilheiro. Esperou pacientemente o tiro seguinte, que lhe revelaria com mais segurança a colocação da arma, e, mal ecoou o novo estampido, desceu, com a agilidade e astúcia de uma pantera, aquela encosta escarpada. Aparentemente, não prestava atenção ao solo áspero em que caminhava, entretanto não tropeçou em nenhuma pedra solta, nem quebrou nenhum graveto: era como se seus pés tivessem olhos.

Tendo atravessado um pequeno matagal, chegou à beira de um rochedo, e dali avistou, poucos metros abaixo, sobre uma saliência da colina, um artilheiro germânico, em pé, atrás de uma trincheira de pedras soltas e ramos frondosos, que o ocultavam da vista das tropas inglesas. Aquele homem devia ser um excelente atirador, pois estava bem na retaguarda das linhas germânicas, fazendo fogo por sobre a cabeça de seus companheiros. O fuzil-metralhadora, que ele manejava ali, além de ser uma arma altamente poderosa, trazia ao lado um telescópio, e o boche estava também munido de um óculo de alcance, do qual, Tarzan o avistou, fazia uso, ou para verificar o efeito do seu último tiro, ou para localizar um novo alvo. Tarzan relanceou os olhos para o setor das tropas inglesas, que o alemão parecia examinar: a vista penetrante do homem-macaco revelou-lhe ali muitos alvos excelentes para um fuzil-metralhadora de longa mira e colocado tão acima das trincheiras.

O huno, evidentemente satisfeito com o resultado da observação, pôs de lado o óculo de alcance e meteu mãos à arma, apontando-a para um novo alvo. Mas naquele mesmo instante, um corpo trigueiro saltou do penhasco sobre ele. Não se

ouviu nenhum gemido e é duvidoso que o tedesco tivesse tido tempo de saber que espécie de criatura era aquela que lhe caíra tão pesadamente nas costas, porque, no mesmo momento do choque, os dedos vigorosos do homem-macaco comprimiram o pescoço cabeludo do boche. Houve da parte deste um esforço inútil, seguido de compenetração de que seria vã toda resistência: o artilheiro estava morto.

Aprumado atrás daquele baluarte de pedras e galhos, contemplou Tarzan a cena que se desenrolava lá embaixo. Ali perto, estavam as trincheiras germânicas, nas quais ele facilmente lobrigava oficiais e soldados em movimento, e, quase à sua frente, bem escondida na Terra-de-Ninguém, obliquava-se uma poderosa metralhadora, que os ingleses, atingidos por ela, dificilmente conseguiriam descobrir ali.

Tarzan observava tudo isso, brincando distraidamente com o fuzil-metralhadora, de que se apoderara, matando-lhe o artilheiro. Começou então a examinar o maquinismo daquela peça. Relanceou novamente o olhar para as trincheiras alemãs, e, aparelhando a arma para o disparo, fixou bem o alvo. Tarzan era um hábil atirador. Em companhia de seus amigos civilizados, havia feito outrora boas caçadas, servindo-se de armas aperfeiçoadas, e, muito embora não matasse nunca a ninguém, senão em defesa própria ou em busca de alimentação, divertira-se muitas vezes, atirando em alvos inanimados e adestrando-se, desse modo, no uso das armas de fogo, sem sequer dar por isso. Agora, sim, é que ele verdadeiramente ia fazer uma boa caçada. Assomou-lhe aos lábios um ligeiro sorriso, enquanto seus dedos apertavam o gatilho. O fuzil detonou e, lá embaixo, um artilheiro da metralhadora oculta tombou sob ela. Em três minutos, Tarzan destroçou a guarnição daquela perigosa metralhadora. Logo depois, varreu um oficial germânico e três soldados, que haviam posto a cabeça fora de uma escavação, não longe dali. Tarzan, por essa forma, visava a obstar que quem quer que fosse, naquelas imediatas vizinhanças, pudesse descobrir como era que os alemães se viam alvejados dentro das suas próprias trincheiras, quando se julgavam completamente inacessíveis às vistas do inimigo.

Procurando os hunos no ponto mais longínquo, em que se encontravam, Tarzan dirigiu agora a arma para a guarnição de uma distante metralhadora: dois dos homens, que a manejavam, caíram logo. Pouco depois, avistou alguns soldados que corriam através das trincheiras, e atirou em diversos deles, abatendo-os. A esse tempo, já os alemães estavam capacitados de que algo de extraordinário ocorria ali, isto é, que um hábil e astuto artilheiro inglês havia descoberto contra eles um ponto vantajoso, do qual lhe era claramente visível aquele setor das trincheiras germânicas. Primeiramente, procuraram-no na Terra-de-Ninguém, mas, quando um dos seus oficiais, olhando sobre o parapeito por um periscópio, foi ferido em cheio na parte

posterior da cabeça, por uma bala de fuzil-metralhadora, que lhe atravessou o crânio e o fez tombar no fundo da escavação, compreenderam enfim os boches que deviam pesquisar além do “paracostas” e não além do “parapeito”.

Um dos soldados apanhou a bala que matara o dito oficial, e então houve no pequeno grupo um vivo alarma, pois a bala era, incontestavelmente, de fabricação alemã. Abrigados pelo paracostas, mensageiros partiram para todos os lados: imediatamente, periscópios se elevaram sobre as trincheiras e olhos penetrantes procuravam o traidor. Não tardaram muito a localizar a posição do artilheiro oculto, e Tarzan viu, então, que lhe fora apontada uma poderosa metralhadora. Antes que ela começasse a fazer fogo, já a sua guarnição lhe estava morta ao redor, mas havia muitos outros homens, ali, para substituí-la. Compelidos pelos oficiais, eram forçados a isso. E, como se não bastasse uma só daquelas máquinas de destruição, duas outras metralhadoras foram também alçadas em mira contra o homem-macaco e postas logo em ação.

Compreendendo que a sua vida agora perigava, Tarzan, depois de dar um tiro de despedida, abandonou ali aquela excelente arma e, correndo, internou-se nas bibocas que lhe ficavam por detrás. Durante alguns minutos, ouviu o pipocar das metralhadoras, cujo fogo se concentrava sobre o ponto que acabava de deixar, e ria-se, pensando naquele desperdício das munições germânicas. E murmurou então para si mesmo:

— Eles me pagaram bem pago tudo quanto fizeram com Wasimbu, o Waziri, a quem crucificaram, e com os seus pobres companheiros, aos quais mataram, mas o que fizeram com Jane, isso nunca me poderão pagar, nunca, ainda mesmo que eu os liquidasse a todos!

Depois que anoiteceu, contornou as fronteiras dos dois exércitos, atravessando facilmente os postos avançados e as linhas dos ingleses. Ninguém o viu chegar. Ninguém sabia que ele estava ali.

O quartel-general do Segundo Regimento de Rhodesianos ocupava uma posição abrigada, bem à retaguarda das tropas, ficando assim, relativamente, a salvo das observações do inimigo. Permitia-se ali o uso de luzes, não fortes. O coronel Capell, sentado junto a uma simples mesa de campanha, sobre a qual estava aberto um mapa militar, conversava com diversos oficiais. Achavam-se ao léu, à sombra de uma grande árvore, de cujo galho mais baixo pendia uma lanterna, que derramava sobre a mesa uma tênue claridade, enquanto no chão, não longe deles, crepitava uma pequena fogueira. O inimigo não possuía aviões, e outros quaisquer observadores, lá das linhas germânicas, não poderiam enxergar aquelas fracas chamas.

Os oficiais discutiam, ali, a superioridade numérica dos alemães e a possibilidade de fazerem os ingleses mais do que conservar as posições até então ocupadas. Não

podiam avançar. Já haviam sofrido perdas consideráveis em diversos combates e estavam certos de que seriam sempre repelidos pelos tedescos, cujo número era esmagador. Possuíam também os boches, em posições até então não descobertas, N algumas metralhadoras, cuja atividade muito afligia ao coronel. E isso se inferia patentemente das alusões que ele lhes fazia freqüentemente, no correr da palestra.

— Alguma coisa houve, que as fez calar hoje à tarde, embora por pouco tempo, disse um dos oficiais mais jovens. Eu os observava no momento, mas não pude compreender o motivo do tumulto. Vi apenas que pareciam estar em sérias dificuldades, no setor das trincheiras do flanco esquerdo. Houve um instante em que eu era capaz de jurar que eles estavam sendo atacados pela retaguarda, — e isso mesmo eu vos comuniquei, sr. coronel, como deveis estar lembrado — pois foram atingidos por balas vindas do meio da encosta, que lhes fica por detrás das trincheiras. Pude ver a poeira que os tiros levantaram. Mas não sei precisamente o que teria acontecido.

Ouviu-se, então, um ligeiro farfalhar nas frondes da árvore, e simultaneamente um corpo trigueiro e flexível caiu ali, no meio deles. As mãos moveram-se apressadamente para a coronha das pistolas, afora isso, nenhum outro gesto houve ali da parte dos oficiais. Primeiramente, olharam atônitos para aquele homem branco seminu, a quem, ali em pé, os clarões da fogueira brincavam sobre os músculos arredondados, guarnecidos de atavios primitivos e de armas igualmente primitivas, e, depois, todos se voltaram para o seu comandante.

— Que diabo sois vós, senhor? perguntou-lhe em tom áspero o coronel Capell.

— Sou Tarzan dos Macacos, respondeu o recém-chegado.

— Oh! Greystoke! gritou um major e adiantou-se alguns passos, com as mãos estendidas para Tarzan.

— Preswick! bradou, a seu turno, o homem-macaco, ao reconhecer o dono daquelas mãos, que apertou nas suas.

— Não o reconheci no primeiro momento, disse o major, justificando-se. A última vez que o vi foi em. Londres, em traje de rigor. Você agora está completamente outro, — palavra de honra!

— Estou um pouco diferente, devo concordar com você. Tarzan sorriu e voltou-se para o coronel, a quem declarou:

— Ouvi, há pouco, as vossas palavras, proferidas aqui em conversa. Acabo precisamente de chegar da retaguarda das linhas germânicas. Talvez eu vos possa ser útil.

O coronel olhou interrogativamente para o major Preswick, que imediatamente aproveitou a ocasião para apresentar o homem-macaco ao seu comandante e aos

seus colegas. Tarzan referiu-lhes, resumidamente, o que o havia compelido a marchar, sozinho, em perseguição dos boches.

— E, agora, viestes até aqui, a fim de ficardes conosco? inquiriu-lhe o coronel.

Tarzan sacudiu a cabeça e replicou-lhe:

— De forma regulamentar, não! Preciso de guerrear cá à minha maneira. Mas posso ajudar-vos bastante, pois penetrarei, todas as vezes que quiser, nas linhas germânicas.

Capell sorriu e meneou os ombros, dizendo-lhe:

— Isso não é tão fácil, como supondes. Na semana passada, perdi em tal tentativa dois oficiais, e eram homens experimentados. Não havia outros melhores no Departamento de Informações.

— Será acaso mais difícil do que penetrar nas linhas britânicas? perguntou-lhe Tarzan.

O coronel estava para responder-lhe, quando lhe ocorreu um novo pensamento: olhou zombeteiramente para o homem-macaco e perguntou-lhe em tom severo:

— Quem foi que vos trouxe até aqui? Quem foi que vos deixou passar pelos nossos postos avançados?

— Acabo de chegar, retrucou-lhe Tarzan, e eis-me aqui em vosso acampamento, onde penetrei, depois de atravessar as linhas germânicas e as linhas britânicas. Mandai indagar se alguém me viu!

— Mas quem foi que vos acompanhou? insistiu Capell.

— Ninguém! replicou-lhe Tarzan. Vim só. E, então, aprumando a elevada estatura, acrescentou: Vós outros homens civilizados, quando vos achais no seio da selva, sois como mortos entre os vivos. Manu, o macaco, é um sábio, comparado convosco. Admiro-me de que ainda existais. Somente o vosso número, as vossas armas e a vossa capacidade de raciocínio é que vos salvam. Tivesse eu sob o meu comando meia dúzia de centenas de grandes macacos com a vossa capacidade de raciocínio, e precipitaria os alemães no oceano Indico, tão rapidamente, quanto os restantes deles poderiam alcançar em fuga a costa. Afortunadamente para vós, os brutos, privados de linguagem, nada podem combinar entre si. Pudessem eles fazê-lo, — a África permaneceria para sempre livre dos homens. Mas, voltando ao nosso caso: posso ajudar-vos? Gostaríeis de saber onde é que estão escondidas diversas metralhadoras germânicas?

O coronel assegurou-lhe que ele e os seus oficiais o ouviriam com prazer, e, um momento depois, Tarzan já havia indicado no mapa a posição de três metralhadoras que tanto incomodavam os ingleses.

— Há um ponto mal guarnecido aqui, disse ele, pondo um dedo sobre o mapa. Está ocupado por negros, mas as metralhadoras, que lhe ficam à frente, são manejadas por brancos. Se... — Esperai! — Ocorreu-me agora um plano. Podereis apoderar-vos daquela posição com os vossos homens e tomar as trincheiras que lhe ficam à direita, servindo-vos para isso das próprias metralhadoras alemãs.

O coronel Capell sorriu e sacudiu a cabeça, obtempe-rando:

— Isso parece fácil...

— Isso é fácil, mas para mim, replicou-lhe o homem-macaco. Eu posso tomar aquele setor de trincheiras, sem disparar um tiro. Fui criado na selva, e conheço os habitantes dela, — tanto os Gomanganis, quanto os outros. Haveis de ver-me aqui, outra vez, amanhã à noite.

E aprestou-se para partir.

— Esperai um pouco! disse-lhe o coronel. Vou mandar um oficial acompanhar-vos para poderdes atravessar as nossas linhas de frente.

Tarzan sorriu e afastou-se. Logo que deixou aquele seletto grupo ali em frente ao quartel-general, passou por uma pequena figura, embuçada num pesado capote de oficial. Trazia a gola levantada e a viseira do quepe descaída sobre os olhos, mas, quando o homem-macaco passava perto daquela pessoa, a luz da fogueira iluminou por um instante as feições dela, revelando a Tarzan um rosto que lhe era vagamente familiar. — Talvez algum oficial que conhecera em Londres, — presumiu, e continuou a caminhar através do acampamento e das tropas inglesas, completamente despercebido das sentinelas vigilantes nos postos avançados.

Quase toda a noite vagueou pelas fraldas do Kiliman-jaro, seguindo, pelo instinto, um trilho desconhecido, pois, conjecturou que aquilo, que ele estava procurando, só se lhe depararia em alguma encosta, numa altura maior do que aquela a que havia chegado em suas recentes viagens por aquela região, que lhe era pouco familiar. Três horas antes de romper a alvorada, seu faro aguçado o preveniu de que algures, ali nas cercanias, encontraria o que buscava. E certo disso, subiu a uma grande árvore, acomodando-se nos galhos dela para algumas horas de sono.

Quando foi que o leão comeu

Kudu, o sol, estava já no alto do céu, quando Tarzan acordou. O homem-macaco espreguiçou os membros gigantescos, correu os dedos pela espessa cabeleira e escorregou para o chão. Buscou de novo, sem perda de tempo, o rasto que viera acompanhando na véspera, e seguiu-o agora, pelo faro, até o centro de um declive profundo. Caminhou daí em diante com toda a cautela, porque o olfato lhe revelara que a presa estava próxima. De um galho alto e pendente, avistou Horta, o javali, não sozinho, mas rodeado de muitos companheiros. Retesou o arco, escolheu uma flecha, e, acurvando o corpo, tomou por alvo o maior daqueles grandes suínos. Seguras pelos dentes do homem-macaco, havia outras flechas, e, tão depressa partira a primeira, já outra era arremessada em novo alvo. Os javardos ficaram logo em tumulto, por não saberem donde é que lhes vinham tão certas setas. Atordoados a princípio, acotovelaram-se depois em grande confusão, até que seis deles se estatelaram por terra, mortos ou moribundos. Num coro de grunhidos e de uivos, fugiram, então, os sobreviventes, em corrida desabalada, sumindo-se rapidamente no aranhol da mata virgem.

Descendo da árvore, Tarzan acabou de matar aqueles que ainda revelavam restos de vida e começou a tirar-lhes o couro. Enquanto assim trabalhava, com grande rapidez e habilidade, não cantarolava ou assobiava, como faz o comum dos homens civilizados. Era em muitas pequenas coisas, como esta, que ele se diferenciava dos outros homens, e isso provavelmente devido ao treino que adquirira na floresta, desde criança. As feras da selva entre as quais fora criado, brincavam até a madureza, mas raramente depois. Os macacos, seus malungos, especialmente os machos, tornavam-se circunspectos e brutais ao envelhecerem. A vida era difícil durante as estações magras do ano, tinha-se que lutar, a fim de obter a ração de alimento de cada dia, e qualquer hábito, uma vez formado, permanece por toda a vida. Andar à caça, em busca de carne para comer, é profissão que se impõe a todos quantos são criados na selva, e uma profissão não é coisa que se possa tratar com levandade, mas algo que precisa de ser tomado a sério. Por isso, todo trabalho era executado por Tarzan com absoluta gravidade, embora ele ainda conservasse o que as outras feras perdiam ao envelhecerem, — uma propensão para a alegria, a que dava expansão sempre que lhe convinha. Era um prazer soturno e algumas vezes medonho, mas satisfazia a Tarzan.

Cantar, ou assobiar durante o trabalho, — dificulta a concentração mental. Tarzan possuía a habilidade de concentrar cada um dos seus cinco sentidos na faina a que se entregasse. Agora, estava ele esfolando os seis javalis. Pois bem: seus olhos e

dedos agiam, como se no mundo inteiro não houvesse mais nada, além daquelas seis reses que abatera. O ouvido e o olfato, a seu turno, estavam ativamente empenhados em algum outro lugar: o primeiro atingia a toda a floresta e o último farejava cada sopro de brisa a perpassar. Foi o olfato que primeiro lhe denunciou a aproximação de Sabor, a leoa, quando o vento veio soprar ali, por um instante.

Tão claramente como se tivesse visto tudo com seus próprios olhos, Tarzan sabia que a leoa sentira o cheiro dos suínos recentemente mortos e partira logo em rumo dele. Conhecia, pela intensidade da exalação e pela velocidade do vento, não só a que distância ela estava, como também que se lhe aproximava pelas cortas. Estava acabando de pelar o último javali, e não se apressava. As outras cinco peles jaziam ali perto, — tivera o cuidado de pô-las juntas e ao alcance de sua mão, — e uma grande árvore agitava a ramagem baixa bem por cima dele.

Não virou sequer a cabeça para trás, pois sabia que a leoa ainda não estava à vista, mas arqueou as orelhas, a fim de apanhar o primeiro sinal de sua chegada, cada vez mais próxima. Acabando de tirar a última pele, levantou-se. Ouvia agora Sabor no matagal que lhe ficava à retaguarda, mas ainda não muito perto. Apanhou calmamente as peles, sobre as quais colocou uma das reses, e, apenas a leoa apareceu entre os troncos de duas árvores, ele saltou para o alto da que o recobria. Uma vez lá em cima, pendurou os couros em um galho e sentou-se comodamente noutro. Com as costas apoiadas ao tronco da árvore, cortou um dos quartos traseiros do suíno que levara consigo, e começou a matar a fome. Sabor, semioculta no matagal, lançava olhares ávidos para o homem-macaco, mas, vendo-o ocupado com a refeição, saltou rápida sobre o cadáver do javali que lhe ficava mais próximo.

Tarzan olhou para ela e deu um muxoxo, recordando-se de certo argumento, sustentado por famoso caçador, o qual assegurava que o rei das feras comia somente aquilo que ele próprio matava. Tarzan, desde muito, possuía provas em contrário disso, pois tinha visto Numa e Sabor arremessar-se vorazmente até sobre carniça.

Satisfeito o estômago, começou o homem-macaco a trabalhar com as peles, todas largas e resistentes. Primeiro cortou diversas tiras, de cerca de um centímetro de largura cada uma. Preparadas em número suficiente, coseu com tiras duas das peles juntas, furando-as em volta, à distância de três em três polegadas. Enfiando outras tiras por esses orifícios, obteve um amplo saco, munido de correia, para ser pendurado ou carregado. Manufaturou, pelo mesmo processo, outros quatro sacos, porém menores, das quatro peles restantes, deixando de sobressalente algumas tiras.

Feito tudo isso, atirou lá do alto a Sabor uma grande fruta sumarenta, escondeu os restos do javali numa cavidade do tronco e escorregou para o chão. Partiu célere, através da floresta, em direção ao sudoeste, conduzindo os sacos. Dirigiu-se imediatamente para a beira do grotão, onde deixara Numa prisioneiro. Aproximou-se

furtivamente da borda do precipício e olhou para baixo. Numa não estava à vista. Tarzan farejou o ar e pôs-se à escuta. Nada pôde ouvir embora tivesse certeza de que Numa, forçosamente, estaria dentro da caverna. Talvez o leão estivesse dormindo. E o que Tarzan ia fazer ali, dependia muito de que Numa não o descobrisse.

Com a máxima cautela, desceu da ponta do penhasco para o fundo do grotão. Detinha os passos, freqüentes vezes, dirigindo os olhos penetrantes e os ouvidos apurados para a boca da caverna, que lhe ficava, agora, a uns cem metros, quando muito. Quanto mais se avizinhava da base do rochedo, mais o perigo aumentava. Se pudesse chegar ao fundo e cobrir metade da distância até à árvore, que se erguia bem em meio do grotão, sentir-se-ia relativamente tranqüilo, porque, então, mesmo que Numa o investisse, julgava poder alcançar o rochedo ou a árvore, e, ou galgaria esta ou escalaria os primeiros dez metros do penhasco, com rapidez suficiente. Para escapar à fera pelo rochedo, seria imprescindível correr para trás cerca de vinte metros pelo menos e depois galgá-lo com imensa dificuldade, pela falta de pontos de apoio seguros para as mãos ou para os pés. Em suma: tinha que vencer aquela distância à maneira do esquilo subindo uma árvore. Não desejava tentar isso outra vez, a menos que as condições fossem igualmente favoráveis, porquanto, no encontro anterior, havia escapado ali, às garras afiadas de Numa, por uma questão apenas de polegadas.

Achava-se, enfim, pisando o solo do grotão. Silencioso, qual um espírito desencarnado, avançou os passos para a árvore. Estava a meio do caminho, e nenhum sinal de Numa. Chegou até o tronco ferido, do qual o leão faminto havia devorado a casca e até arrancado pedaços do cerne, e Numa ainda não aparecia. Enquanto se suspendia aos galhos mais baixos, começou a matutar se Numa, afinal, não teria fugido da caverna. Seria possível que o leão houvesse forçado aquela barreira de pedras, com que Tarzan obstruíra a extremidade da passagem que se abria do grotão para o mundo exterior? Ou Numa estaria morto? O homem-macaco duvidou da possibilidade da última conjectura pois havia fornecido ao leão,

poucos dias atrás, um veado quase inteiro e o cadáver de uma hiena. A fera não poderia ter morrido de inanição, em tão curto espaço de tempo, e o riachinho, correndo através do grotão, ainda lhe forneceria água em abundância.

Tarzan estava disposto a aproximar-se da caverna e até a investigar-lhe o interior, quando lhe ocorreu que menor esforço lhe custaria atrair Numa para fora, desde que o animal estivesse vivo. Agindo de acordo com tal pensamento, deixou escapar do peito um leve rosnado. Foi imediatamente correspondido por um ronco surdo, vindo de lá de dentro da caverna, e, poucos instantes depois, um leão magro, de olhos esbugalhados, arremessava-se para cá da abertura do covil disposto a enfrentar o

próprio diabo, se Satã fosse comível. Quando Numa viu Tarzan, gordo e reluzente, empoleirado na árvore tornou-se subitamente a personificação de uma raiva espantosa. A vista e o olfato lhe denunciavam que aquela era a criatura responsável pela sua situação difícil, e, também, que seria um repasto saboroso. O leão, no auge da fúria, tentou subir pelo tronco da árvore. Por duas vezes, saltou bastante alto, para alcançar os ramos mais baixos, mas, de ambas as vezes, tombou de costas no chão. Encolerizava-se cada vez mais. Os seus rosnados e rugidos eram incessantes e pavorosos. Durante todo esse tempo, Tarzan lhe fazia caretas, insultando-o na linguagem obscena da selva, pela incapacidade de alcançá-lo, e simultaneamente, exultando por ver Numa a desperdiçar forças já tão minguadas.

Finalmente, o homem-macaco ergueu-se e desenrolou a corda. Segurou-lhe firmemente as pontas com a mão esquerda e pegou o laço com a mão direita, firmando bem os pés sobre dois galhos, que se achavam no mesmo plano horizontal, e apoiando as costas ao tronco da árvore. Permaneceu assim, atirando novas injúrias a Numa, até que a fera provocada ao extremo tentou arrojá-lo outra vez sobre ele. Mal o leão se levantou, o laço caiu-lhe sobre a cabeça e desceu-lhe ao redor do pescoço. Um ligeiro movimento, que Tarzan imprimiu à corda, apertou o nó corredio, de modo que, quando o homem-macaco resolveu escorregar para o chão, as patas, traseiras do animal tocavam a terra pois Tarzan o suspendia pela nuca.

Ao descer vagarosamente dos dois galhos, Tarzan afastou Numa de tal maneira, que o tronco da árvore não pudesse ser alcançado pelas garras afiadas da fera. Amarrou então solidamente ao tronco da árvore a corda que mantinha o leão suspenso, deixou cair lá de cima os sacos, feitos com peles de javali e saltou para o chão. Numa debatia-se furiosamente puxando a corda com as garras dianteiras: a qualquer momento, podia ele rompê-la, e Tarzan precisava, portanto, de agir com rapidez.

Primeiramente, colocou o saco maior sobre a cabeça de Numa, amarrando-o com uma tira de couro, em redor do pescoço da fera. Em seguida, com um esforço inaudito, — durante o qual simplesmente escapou de ser feito em pedaços pelas garras poderosas, — conseguiu subjugar Numa, qual se este fora um suíno, unindo-lhe as quatro patas e mantendo-as nessa posição por meio das correias que havia tirado das peles de javali.

A esse tempo, os esforços do leão, para desvencilhar-se do homem-macaco, tinham cessado quase de todo. Era evidente que ele estava sendo rapidamente estrangulado, o que era contrário ao objetivo do Tarmangani, e, por isso, este subiu outra vez à árvore, desatou a corda e deixou o leão baixar inteiramente ao solo, desceu então imediatamente e afrouxou o laço que apertava demasiado o pescoço da fera. Com a ponta da faca de caça fez dois orifícios redondos na frente do saco, na

parte correspondente aos olhos do leão, com o duplo fim de permitir-lhe enxergar e ter ar suficiente para respirar.

Acabado isso, ocupou-se Tarzan em dar destino aos outros quatro sacos que fizera: calçou com eles cada uma das garras de Numa. Os das patas traseiras foram sólidamente amarrados com correias, cujas pontas se uniram firmemente, depois de enroladas ao redor das pernas, acima dos jarretes. Os das patas dianteiras foram dispostos de forma semelhante, ficando presas acima dos grandes joelhos as pontas das tiras. Agora, Numa, o leão, estava deveras tão inofensivo, quanto Bara, a corça.

Dava ele, entretanto, depois de assim aparelhado, francos sinais de vida. Respirava anelante e debatia-se com força, mas as tiras de couro, que lhe prendiam as quatro patas reunidas, eram numerosas e resistentes. Tarzan espreitava-o e estava certo de que elas não se romperiam facilmente, embora Numa fosse extraordinariamente musculoso. Como quer que seja, havia sempre o risco de libertar-se a fera daquelas algemas, pois tudo, afinal de contas, dependia da eficácia dos sacos e das correias.

Quando Numa pôde respirar de novo normalmente, não somente começou a lançar os seus protestos e a externar a sua raiva, como também os esforços para sacudir os grilhões tomaram, por um pequeno espaço de tempo, proporções verdadeiramente gigantescas. Como a resistência do leão não é, de modo algum, proporcional ao seu tamanho e à sua força, Numa fatigou-se logo e, por isso, deitou-se quietinho no chão. Entre rosnados ininterruptos e depois de outra inútil tentativa para libertar-se, viu-se Numa afinal forçado a submeter-se à inominável indignidade de ter uma corda amarrada ao pescoço, mas, desta vez, não era uma laçada que o estrangulasse e, sim, um nó bem dado o qual não se apertava mais, nem se afrouxava, com os arrancos da fera.

Tarzan prendeu a outra extremidade da corda ao tronco da árvore, cortou rapidamente as ligaduras das patas de Numa e saltou para o lado, quando a fera se lhe arremessou às pernas. Conservou-se o leão, por algum tempo, com as patas abertas, depois, começou a levantá-las uma a uma, sacudindo-as vigorosamente, para despojá-las do estranho empecilho com que Tarzan as havia calçado. Finalmente, pôs-se a arranhar o saco, que lhe cobria a cabeça. O homem-macaco, de lança em riste, espreitava atentamente todos esses esforços de Numa. Seria o saco bastante forte? Ele assim o esperava, confiantemente. Mas se todo o seu trabalho para dominar a fera se tornasse infrutífero?

Como aquele indesejável chapéu resistisse a todos os seus esforços para tirá-lo, chegou Numa ao paroxismo da fúria. Rolava por terra, estrebuchando, mordendo, arranhando e rugindo, em seguida, saltou sobre os pés e arremessou o corpo ao ar. Uma investida contra Tarzan obrigou-o a ficar repentinamente suspenso, pois se viu

apertado pela corda, que o prendia à árvore, e que ele já havia esticado ao máximo do comprimento. Tarzan, então, avançou sobre ele e deu-lhe, com o conto da lança, uma pancada rápida e forte na cabeça. Numa empinou-se sobre as patas traseiras e arremeteu contra o homem-macaco recebendo em troca um soco violento no ouvido, o qual o atirou estonteado a distância. Voltando novamente ao ataque, novamente foi lançado em terra. Após uma quarta tentativa, raiou enfim no cérebro do rei das feras a convicção de que havia achado o seu senhor: abaixou, então, a cabeça e a cauda, e, quando Tarzan avançou para o lado dele, Numa recuou apesar de rosnar ainda.

Deixando o leão amarrado à árvore, Tarzan penetrou no túnel e removeu-lhe a barricada da abertura de saída, após o que voltou ao grotão e encaminhou-se em linha reta, a grandes passadas, para a árvore. No caminho, junto a ela, estava deitado Numa que rosnou surdamente, à aproximação de Tarzan. O homem-macaco, com os pés, empurrou-o para um lado, e desatou a corda da árvore. Seguiu-se meia hora de luta encarniçada, pois Tarzan tentava conduzir Numa, adiante de si, para a saída do túnel e o leão opunha-se, firmemente, a ser levado assim. Contudo, graças ao emprego constante da ponta da lança, o homem-macaco conseguiu forçar o animal a marchar à sua frente, sempre seguro pela corda, e levou-o até à boca do subterrâneo. Uma vez ali, o problema foi mais facilmente resolvido, pois Tarzan o seguia bem de perto, na retaguarda, instigando-o com a ponta da lança, — estímulo indispensável para obter do leão que marchasse sempre avante. Se Numa parava, era aguilhado, se recuava, o golpe era mais doloroso, ora, sendo um leão inteligente, que aprendia tudo com rapidez, decidiu-se a avançar. À saída do túnel e à vista do mundo exterior teve ele a sensação de liberdade, levantou a cabeça e a cauda, e desatou a correr.

Tarzan, que estava apoiado sobre as mãos e os joelhos, para transpor a apertada abertura, colhido assim em descuido, foi arrastado por sobre o solo pedregoso até que Numa parasse. Era um Tarzan arranhado e enfurecido, aquele que se pôs em pé ali. A princípio, teve ganas de punir Numa, como porém o homem-macaco raras vezes permitia que o seu temperamento o guiasse para qualquer gesto não controlado pela razão, abandonou completamente aquela idéia.

Tendo Numa aprendido os rudimentos para ser guiado, agora era preciso que Tarzan o incitasse para avançar, encetando ambos uma estranha viagem, qual as que só se conheciam nos anais mais remotos da selva. O balanço daquele dia apresentou uma boa soma de incidentes singulares tanto para Tarzan, quanto para Numa. De uma declarada rebeldia, em começo, passou depois o leão por fases de resistência inflexível e obediência forçada, até chegar à rendição definitiva. Quando a noite os alcançou, estava Numa exausto, faminto e sedento, mas não haveria comida para ele naquele dia e no dia seguinte: Tarzan não se arriscava a tirar-lhe o saco da cabeça, tendo-se limitado a fazer no mesmo um buraco suficiente para a fera poder matar a

sede, logo depois que escureceu. Amarrou então sòlidamente a corda a uma árvore, procurou alimento para si próprio e deitou-se por fim sobre os galhos, acima do seu prisioneiro, para lograr algumas horas de sono.

Pela manhã seguinte, bem cedo, reencetaram a jornada contornando o sopé meridional do Kilimanjaro, em rumo para leste. As feras da selva, que o avistaram, lançaram-lhe um olhar e fugiram. O cheiro de Numa, por si só, teria sido bastante para afugentar muitos dos animais menores da floresta. Entretanto, aquela estranha aparição, — que se assemelhava a um leão, porém que não parecia com coisa alguma das vistas anteriormente por eles, e que era guiada através da selva por um gigantesco Tarmangani, — não a podiam conceber nem mesmo os habitantes inferiores da selva.

Sabor, a leoa, reconhecendo a distância o cheiro do seu amo e senhor, confundido com o de um Tarmangani e também com o da pele de Horta, o javali, trotou pelos atalhos da floresta, a fim de investigar o que era aquilo. Tarzan e Numa perceberam-lhe a aproximação, porque ela soltou um uivo queixoso e interrogativo: a mistura inexplicável de odores provocara-lhe a curiosidade e o medo, porque os felinos, ferozes como parecem, são muitas vezes tomados de receio, e Sabor, que pertencia ao sexo gentil deles, era naturalmente tão curiosa, quanto o sexo gentil nosso.

Tarzan enristou a lança, pois julgou que provavelmente teria que lutar ali, a fim de não perder o seu prisioneiro. Numa parou e volveu a cabeça ultrajada em direção à leoa que se aproximava. Lançou um rugido, um rugido gutural, que era quase um rosnado caricioso. Tarzan ia fustigá-lo de novo, quando deu com os olhos em Sabor, então ali bem à vista, e lobrigou atrás dela o que fizera o leão estacar por um instante, — quatro leões adolescentes que acompanhavam Sabor.

Provocar Numa à resistência, seria fazer insurgir contra este todo aquele bando, e, por isso, Tarzan ficou à espera dos acontecimentos, para conhecer primeiro qual seria a atitude do bando. Não tencionava abandonar o prisioneiro sem luta, mas, não ignorando a índole dos leões, sabia não haver certeza quanto ao que poderiam fazer os recém-chegados.

A leoa era jovem e vistosa e os quatro machos estavam já em plena virilidade, — belos animais, como o homem-macaco há muito não via. Dois deles tinham pequena juba, mas o da frente ostentava esplêndida cabeleira negra, que se encrespava ao sopro da brisa, quando ele movia, majestoso, os passos. A leoa estacou a uns cem metros de Tarzan ao passo que os leões chegaram até mais perto dele. Traziam as orelhas em pé e os olhos cintilantes de curiosidade. Tarzan não podia sequer imaginar o que eles fariam. Numa, a seu lado, encarava-os fixamente, conservando-se, no entanto, silencioso e vigilante.

Subitamente a leoa deixou escapar outro uivo surdo, ao qual o prisioneiro de

Tarzan respondeu com um rugido pavoroso, arremessando-se imediatamente sobre o leão de grande juba negra. A vista daquela criatura extraordinária, de aparência tão esquisita, era demais para o leão contra o qual Numa investira, arrastando Tarzan atrás de si: com um rugido de terror, o animal volteou sobre as patas e fugiu, seguido por seus três companheiros e pela leoa.

Numa tentou persegui-los, mas Tarzan conseguiu contê-lo, e, quando a fera, novamente enfurecida, se atirou sobre ele, o homem-macaco espancou-a na cabeça brutalmente, com o conto da lança. Sacudindo a juba e rosnando, o leão, afinal, prosseguiu a rota que seu guia lhe determinara, mas levou ainda uma hora até acalmar-se de todo. Estava sem comer — estava mesmo esfomeado, — e, ainda mais, de mau humor, subjugado, porém, mercê dos métodos heróicos de domesticação de leões, usados por Tarzan, caminhava ele ao lado do homem-macaco, qual se fora um enorme cão de São Bernardo.

Já estava escuro, quando os dois se aproximaram do flanco direito das tropas britânicas, depois de uma pequena demora pouco antes, por causa de uma patrulha germânica, da qual Tarzan precisou esconder-se. A uma curta distância das linhas inglesas, antes das sentinelas avançadas, Tarzan amarrou Numa a uma árvore e continuou a marcha sozinho. Iludiu a vigilância de uma sentinela, passou além da guarda-avançada, e, por atalhos só dele conhecidos, chegou outra vez ao quartel-general do coronel Cappel, onde apareceu inesperadamente, diante dos oficiais ali reunidos, qual se fora um espírito materializado por tênue camada de ar.

Quando eles viram quem era que entrava assim ali, sem ser anunciado, sorriram gostosamente, mas o coronel, esse cocou a cabeça, evidentemente perplexo.

— Alguém deve ser fuzilado por este fato! exclamou ele. Não vale a pena estabelecer postos avançados, se um homem pode penetrar aqui quando bem lhe apraz.

Tarzan riu-se e ponderou-lhe:

— Não os condeneis assim, coronel, pois eu não sou um “homem”. Sou um Tarmangani. Qualquer Mangani, que quiser fazê-lo, pode penetrar no vosso acampamento, sempre que isso lhe der na tineta, mas, se vós os tivésseis como sentinelas, então ninguém entraria aqui sem o conhecimento deles.

— Que é que vem a ser esses Manganis? indagou o coronel. Quem sabe iremos alistar aqui um bando de mendigos?

Tarzan meneou a cabeça e explicou-lhe:

— São os grandes macacos, são o meu povo, e vós não podereis alistá-los. Não podem concentrar-se bastante numa só idéia. Se eu lhes expusesse o fato, haviam de mostrar-se interessados, mas por pouco tempo. Eu poderia, sem dúvida, conservá-los

assim interessados o tempo bastante para trazê-los aqui e explicar-lhes os seus novos deveres, mas perderiam logo esse interesse, e, precisamente quando vós mais precisás-seis deles, estariam já na floresta, à caça de escaravelhos, em lugar de vigiarem os postos avançados. Eles não passam mentalmente de criancinhas, e por isso é que não evoluem.

— Você os chama de Manganis e a si próprio de Tarmangani. Qual é a diferença? perguntou-lhe o major Preswick.

— “Tar” significa “branco”, explicou-lhe Tarzan, e “Mangam.” quer dizer “macaco grande”. “Tarzan”, — o nome que me puseram na tribo de Kerchak — significa “pele-branca”, Quando “balu”, isto é, quando filhote ou criança, minha pele, presumo eu, era realmente muito clara junto dos lindos pêlos pretos de Kala, minha mãe adotiva. Eis porque eles me denominaram de Tarzan, o Tarmangani. Mas eles vos chamam, também a vós, de Tarmanganis, concluiu ele sorrindo.

Capell achou graça nisso e disse-lhe:

— Eu não quis censurar-vos, Greystoke! E, por Jove, acho até uma coisa rara o que estais fazendo. Mas, agora, digei-me quais são os vossos planos. Julgais ainda que vos é possível tomar a trincheira oposta ao nosso setor?

— Ela ainda está sendo guardada pelos Gomanganis? indagou Tarzan.

— Que é que vem a ser Gomanganis? perguntou-lhe o coronel. O que sei é que ela ainda está ocupada por soldados indígenas. Se é isso o que quereis dizer...

— Sim, replicou-lhe Tarzan. “Gomanganis” são os “grandes macacos pretos”, isto é, os negros.

— Que é que tencionais fazer e que é que desejais da nossa parte? inquiriu Capell.

Tarzan aproximou-se da mesa e colocou um dedo sobre o mapa militar, que ainda estava ali.

— Aqui há um posto de observação, explicou. Nele existe certa metralhadora, cuja guarnição se comunica com a trincheira por um túnel, neste ponto, e seu dedo movia-se de um lugar para outro sobre o mapa, enquanto falava. Dê-me uma bomba, e, quando vós a ouvirdes explodir neste posto de observação, mandai vossos homens atravessar vagarosamente a Terra-de-Ninguém. Hão de eles ouvir uma formidável gritaria na trincheira inimiga, mas não devem apressar-se e precisam de fazer tudo em silêncio. Podereis avisá-los de que eu estarei provavelmente no interior da trincheira, porém que não devo ser atingido por nenhum tiro, nem ser atravessado por alguma baioneta.

— E é tudo? indagou Capell, depois de haver mandado a um oficial desse a

Tarzan uma granada de mão. Poreis sozinho os inimigos para fora da trincheira?

— Não exatamente sozinho, redarguiu Tarzan, com um sorriso forçado, mas podeis ficar certo de que eu a tomarei. E os vossos soldados poderão também vir pelo túnel do posto de observação, se o preferirdes. Até daqui a meia hora, coronel!

E, dando meia volta ao corpo, deixou o quartel-general.

Ao atravessar o acampamento, surgiu-lhe repentinamente no escritório da memória, — evocada, sem dúvida, por algum vestígio de lembrança da visita anterior, — a imagem do oficial que encontrara, depois que deixara o coronel, e, simultaneamente, o reconhecimento daquele rosto, que se lhe revelara à luz da fogueira. Sacudiu a cabeça, a hesitar. Não! Não podia ser... Mas as feições do jovem oficial eram idênticas às de Fraulein Kircher, a espiã germânica, que havia encontrado no quartel-general alemão, naquela noite em que se apoderara do major Schneider, à vista do comandante huno e do seu estado-maior.

Transposta a última linha de sentinelas, correu Tarzan para junto de Numa, o leão. A fera estava deitada, quando o Tarmangani se aproximou, mas ergueu-se logo, ao ver o homem-macaco a seu lado. Escapou-se-lhe então dos lábios ligeiro queixume. Tarzan sorriu, pois, naquele novo tom, reconheceu quase uma súplica: era mais o ganido de um cão faminto, pedindo comida, do que a voz do altivo rei das selvas.

— Dentro em pouco, tu irás matar e comer! bradou-lhe Tarzan, no vernáculo dos grandes macacos.

Desatou a corda da árvore, e, levando Numa bem junto a si, dirigiu-se para a Terra-de-Ninguém. Os fuzis faziam pouco fogo e somente algum raro estampido revelava a presença da metralhadora além das linhas germânicas. Como as balas de ambos os lados em peleja caíssem na retaguarda das trincheiras, não constituíam perigo algum para Tarzan, mas o zunido de umas e o estrépito de outras produziam efeito profundo sobre Numa, que se abaixava, tremendo, encostando-se ao Tarmangani, como a pedir-lhe proteção.

Cautelosamente, as duas feras avançaram para o posto de observação dos germanos. Em uma das mãos, carregava Tarzan a bomba que lhe haviam dado os ingleses, com a outra, segurava a corda, amarrada ao pescoço do leão. Afinal, deu com o posto, sito a alguns metros mais adiante. Seus olhos penetrantes avistaram a cabeça e os ombros da sentinela em guarda. O homem-macaco empunhou firmemente a bomba com a mão direita, mediu com a vista a distância, juntou os pés, e, então, com vim só impulso, ergueu o corpo e arremessou o projétil, estirando-se imediatamente sobre o solo.

Cinco segundos depois houve uma terrível explosão no centro do posto de observação germânico. Sofreu Numa um grande sobressalto e tentou escapar-se, mas

Tarzan o deteve e, levantando-se de um salto, correu para a frente, arrastando Numa consigo. Chegando à beira do posto, viu somente indícios de recente ocupação, pois apenas restavam ali alguns pedaços de carne dilacerada. Ao redor, a única coisa não destruída era a metralhadora, a qual estava protegida por sacos de areia.

Não havia um momento a perder. Poderia já estar vindo gente armada pelo túnel de comunicação, pois era indubitável que as sentinelas das trincheiras hunas tinham percebido que o posto de observação fora atacado e demolido. Numa hesitou em seguir a Tarzan para dentro da cavidade, mas o homem-macaco, que não estava disposto a contemporizar, atirou-o rudemente para ali. Diante deles, abria-se a boca do túnel, que comunicava a Terra-de-Ninguém com as trincheiras tedescas. Tarzan impeliu Numa para a frente, até intrometer-lhe a cabeça na abertura. Então, não obstante ser uma reflexão tardia, voltou-se rapidamente, tirou do parapeito a metralhadora e colocou-a ali à mão, na entrada do subterrâneo. Depois aproximou-se novamente de Numa, cortando-lhe com a faca as ataduras que lhe prendiam as patas dianteiras. Antes que Numa pudesse inteirar-se de que estava livre de uma parte das suas formidáveis ataduras, já Tarzan, para facilitar-lhe a atividade, lhe havia tirado a corda do pescoço e o saco que lhe cobria a cabeça, e, agarrando o leão pela retaguarda, começou a empurrá-lo pouco a pouco para o túnel adentro.

Numa quis recuar, mas sentiu nos quartos traseiros a ponta da faca de Tarzan. Aguilhoando a fera, o homem-macaco conseguiu, enfim, levá-la bem para o interior do túnel, de maneira que não houvesse perigo de ela retroceder, pois ali ou ela avançaria sempre, ou recuando encontraria a lâmina afiada. Tarzan cortou então os sacos das patas traseiras de Numa, colocou o ombro e a ponta da faca de encontro às ancas do animal, enterrou os dedos na terra solta, que havia sido deslocada pela explosão da bomba, e tocou-se para a frente.

Numa, a princípio, avançou palmo a palmo. A princípio, rosnava, mas, logo depois, começou a rugir. Repentinamente, arremeteu para a frente, pois sentiu, como Tarzan também percebeu, o cheiro de carne mais adiante. Puxando a metralhadora a seu lado, o homem-macaco seguiu rápido atrás do leão cujos rugidos ouvia distintamente, misturado com os gritos inconfundíveis dos homens aterrados. Mais uma vez, um sorriso de ódio aflorou aos lábios daquele homem-fera.

— Eles assassinaram o meu Waziri! murmurou Tarzan. Eles crucificaram Wasimbu, o filho de Muviro!

Quando o Tarmangani chegou à trincheira e penetrou nela, não avistou ninguém naquele primeiro trecho, nem no seguinte, nem no outro, à medida que avançava para o centro germânico, mas no quarto posto viu uma dúzia de homens comprimindo-se no ângulo oposto da trincheira, enquanto, saltando incessantemente sobre eles e dilacerando-os com unhas e dentes estava Numa, terrível personificação de

ferocidade e de fome voraz. Toda disciplina, que antes detinha ali aqueles homens, desaparecera. Agora, combatiam loucamente uns com os outros, no esforço de escaparem àquela espantosa fera, que, desde a infância, os enchia de pavor. Pouco depois, recuaram novamente. Uns procuraram galgar o paracostas e outros atiraram-se até o parapeito preferindo os perigos da Terra-de-Ninguém àquele outro que lhes ensandecia a própria alma.

Os soldados ingleses, ao avançarem vagarosamente para as trincheiras germânicas, só encontraram, a princípio, negros aterrados, que corriam às armas mas evidentemente apenas desejosos de render-se. O pandemônio que irrompera nas trincheiras hunas era visível aos Rhodesianos não somente pela aparição de desertores, mas também pelo alarido de homens gritando e blasfemando, o qual lhes chegava distintamente aos ouvidos. Vinha-lhes, entretanto, de lá, um ruído confuso, que ainda não haviam reconhecido, depois nada mais parecia do que o surdo rosnar de um leão enfurecido.

Quando, afinal, atingiram a trincheira» os homens mais afastados da esquerda inglesa ouviram subitamente diante deles um estampido de metralhadora e viram, ao mesmo tempo, um enorme leão saltar sobre o paracosta germânico, com o corpo de um soldado huno entre os dentes, e desaparecer nas trevas da noite. Enquanto ocorria tudo isso, viram Tarzan acurvado sobre uma travessa à esquerda deles, manejar a metralhadora, com a qual arrasava toda a extensão das trincheiras germânicas.

Os Rhodesianos, que se achavam à frente, viram alguma coisa mais: viram um corpulento oficial boche surgir de uma trincheira que ficava precisamente à retaguarda do homem-macaco. Viram-no empunhar um fuzil com baioneta fixada à ponta e aproximar-se do aparentemente descuidado Tarzan. Correram a preveni-lo, com gritos, do iminente perigo, mas, em meio da confusão das trincheiras e do espocar da metralhadora, as suas vozes não podiam alcançar os ouvidos do Tarmangani. Atrás deste, sobre o parapeito, surgiu o germano: suas gordas mãos enristaram a arma para cravá-la covardemente naquele dorso nu que lhe estava adiante, mas, então, como age Ara, o raio, assim agiu Tarzan dos Macacos.

Não foi um homem que saltou sobre o oficial boche arrancando-lhe das mãos a afiada baioneta, do mesmo modo que alguém tira uma palha das mãos de um bebê: era uma fera da selva, e o rugir de fera lhe irrompia dos lábios, — pois a estranha faculdade, que Tarzan possuía em comum com os outros seres criados no seu domínio selvagem, o prevenira da presença de um ser humano ali atrás, e, por isso, voltara-se rapidamente, para defender-se do ataque. Seus olhos viram-lhe na blusa a insígnia do regimento: era o mesmo distintivo usado pelos assassinos de sua esposa e de seus agregados, pelos espoliadores de seu lar e de sua felicidade.

Era um animal selvagem, cujos dentes se cravaram no ombro do huno, era um animal selvagem, cujas garras procuravam aquele pescoço gordo. E, então, os rapazes do Segundo Regimento de Rhodesianos viram uma coisa que lhes ficou perpetuamente na memória: viram o gigantesco homem-macaco levantar nos braços o pesado germano e sacudi-lo, como um gato sacudiria um rato, ou como Sabor, a leoa, algumas vezes, sacudia a sua presa. Viram os olhos do huno esbugalhados de terror enquanto espancava, com as mãos frágeis, o peito maciço e a cabeça enérgica de Tarzan. Viram este, subitamente, virar o homem, e, colocando-lhe um dos joelhos no meio das costas e segurando-lhe com um dos braços o pescoço, forçar-lhe os ombros lentamente para trás. Os joelhos do boche dobraram-se, mas aquela força irresistível, que não o soltava, vergava-o cada vez mais para trás. Ele expediu um grito instantâneo de agonia, e, então, ouviu-se um rosnado: era Tarzan, que atirava para um lado, sobre o chão, um corpo desengonçado e sem vida.

Os Rhodesianos correram para ali, levando nos lábios uma imensa alegria, — uma alegria, que, entanto, não chegou a ser exteriorizada, uma alegria que se lhes gelou nas gargantas, porque, naquele mesmo instante, Tarzan punha um dos pés sobre o cadáver de sua vítima e aprumando a face para os céus, soltava o estridente e pavoroso grito de vitória do macaco grande.

O imediato von Goss estava morto.

Sem sequer olhar para aqueles soldados ingleses, estarecidos de pasmo, Tarzan saltou a trincheira e foi-se embora.

O broche de ouro

O pequeno exército britânico, em operações na África Oriental, depois de haver sofrido sérios revezes às mãos de forças muito superiores em número, entrava novamente em suas possessões. A ofensiva germânica fora jugulada, e os hunos, então, embora vagarosa e brutalmente, se retiravam para Tanga, ao longo dos trilhos da estrada de ferro. A ruptura das linhas germânicas fora consequência da destruição de um setor do flanco esquerdo das trincheiras, guarnecido de soldados indígenas, por Tarzan e Numa, o leão, naquela memorável noite em que o homem-macaco soltara a fera esfomeada entre os negros supersticiosos e aterrorizados. O Segundo Regimento de Rhodesianos tinha tomado posse imediata da trincheira abandonada, e daquela excelente posição o seu fogo varria os setores contíguos às linhas germânicas, o que tornou possível um novo e bem sucedido ataque geral, à noite, por parte do resto das forças inglesas.

Escoaram-se semanas. Os boches disputavam obstinadamente cada milha de terra, — de uma terra sem água e coberta de espinhos, — agarrando-se desesperadamente às suas posições, ao longo da ferrovia. Os oficiais do Segundo Regimento de Rhodesianos não tinham tido mais notícia alguma de Tarzan dos Macacos, desde que ele matara o imediato von Goss e se engolfara no interior das trincheiras germânicas. E alguns dentre eles chegaram a acreditar houvesse sido morto dentro das linhas inimigas.

— Podem tê-lo matado, assentiu o coronel Capell, mas penso que, vivo, não pegariam nunca aquele demônio!

De fato não o tinham capturado, nem trucidado. Aquelas semanas intercorrentes, Tarzan as havia passado agradavelmente e proveitosamente. Acumulara uma considerável porção de conhecimentos, concernentes à disposição moral e material das forças germânicas, aos seus processos de guerra e os vários modos por que um Tarmangani, sozinho, poderia prejudicá-los e abater-lhes o ânimo.

Movia-o, naquela ocasião, um desejo particular. Havia uma certa espiã germânica, a qual ele queria aprisionar viva e levar aos ingleses. Quando fizera sua primeira visita ao quartel-general alemão, vira ali uma jovem mostrar um papel ao comandante germânico, e, mais tarde, vira a mesma jovem, envergando um uniforme de oficial britânico, dentro das linhas inglesas. A conclusão era óbvia: ela era espiã.

E, por isso, Tarzan tinha ido muitas noites ao quartel-general germânico, contando vê-la outra vez ali ou apanhar alguma indicação quanto ao seu paradeiro ocasional. E, ao mesmo tempo, utilizava-se de todos os ardis que pudessem inspirar terror aos

corações dos boches. Que ele obtinha êxito feliz, — demonstravam-no, muitas vezes, alguns trechos de conversas, que escutava ao vagar pelo acampamento germânico. Certa noite oculto entre uns arbustos bem em frente à sede do comando de um regimento, ouvira a palestra de diversos oficiais hunos. Um destes aludiu a histórias contadas por soldados indígenas, as quais se referiam à luta que tiveram com um leão, algumas semanas atrás, e ao aparecimento simultâneo, em suas trincheiras, de um gigante branco inteiramente nu, que eles estavam radicalmente convencidos de que era um demônio da selva.

— Esse tal demônio deve ter sido o mesmo que saltou no gabinete do quartel-general e levou Schneider, disse um deles. Admiro como tenha ele podido distinguir o pobre major. O tal demônio não parecia interessado em mais ninguém senão em Schneider. Poderia ter-se apoderado facilmente de von Kelter e até do próprio general, mas era como se desconhecesse a todos, exceto a Schneider. Só a ele perseguiu por toda a sala, só a ele agarrou e arrastou para as trevas da noite. Sabe Deus qual foi a morte do pobre major...

— O capitão Fritz Schneider, disse outro, dá de tudo isso uma curiosa explicação. Contou-me ele, há uma ou duas semanas, que atribui a um equívoco o rapto de seu irmão. Não estava ainda bem capacitado disso, até que foi morto von Goss, acreditasse que pela mesma formidável criatura, na noite em que o leão entrou aqui nas trincheiras. Von Goss era adido à companhia de Schneider. Um dos soldados de Schneider foi encontrado com o pescoço torcido, na própria noite em que o major foi raptado. Em suma: Fritz Schneider pensa que tal demônio anda à procura dele e dos seus comandados, que a tal criatura viera buscá-lo aquela noite e lhe apanhara o irmão por engano, em razão do nome. Com efeito, tendo Kraut apresentado o major a Fraulein Kircher, mal pronunciara o nome daquele, o tal homem selvagem saltou pela janela, avançou sobre o desgraçado Schneider e carregou-o não se sabe para onde.

Subitamente, o pequeno grupo de oficiais germânicos ficou petrificado e à escuta.

— Que é aquilo? balbuciou interrogativamente um deles.

É que dos arbustos, ali em frente, partira um uivo abafado. Era Tarzan dos Macacos, indignado consigo próprio, pois acabava de compreender que por causa de um mesmo nome, ainda vivia o perpetrador do crime do seu *bungalow*, — ainda estava impune o assassino de sua esposa!

Por um longo minuto, os oficiais hunos permaneceram com os nervos em profunda tensão, cada qual com os olhos fitos nos arbustos, donde partira o agourento ruído. Evocaram as recentes e misteriosas desapareições de homens, do coração do acampamento, bem como as de sentinelas solitárias. Cada um deles se recordou de algum desses mortos que avistara, assassinados quase às barbas dos seus companheiros por uma espécie de diabo invisível! Relembrou-se das marcas

deixadas nas gargantas dos mortos, — marcas feitas por garras ou por dedos titânicos, não podia assegurar se por estes ou por aquelas, — assim como as impressas nos ombros e nas jugulares, onde pareciam ter-se cravado dentes formidáveis. E por tudo isso, esperavam, de pistolas engatilhadas, pelo que desse e viesse.

Mais uma vez os arbustos se agitaram quase imperceptivelmente, e, instantes depois, um daqueles oficiais, sem aviso prévio, fez fogo sobre a moita. Mas Tarzan dos Macacos já não estava lá. No intervalo entre o movimento dos arbustos, e o tiro de pistola, evaporara-se nas trevas. Dez minutos depois, achava-se ele rondando as imediações do trecho do acampamento onde se arranchavam, para pernoitar, os soldados negros de uma companhia indígena, comandada por um Hauptmann Fritz Schneider. Os soldados dormiam estendidos no chão, sem tendas, mas havia barracas armadas para os oficiais. Foi para estas que Tarzan se arrastou. Era um trabalho lento e perigoso, pois os boches estavam agora alerta, com redobrada precaução, e seria imprudente quem penetrasse ali no acampamento, para fazer à noite qualquer presa. Mas o homem-macaco ainda conseguiu passar incólume pelas sentinelas, ainda iludiu a vigilância da guarda interior, e agora rastejava ali, na retaguarda da linha dos oficiais.

Uma vez ali, coseu-se com o chão, bem atrás da tenda mais próxima, e pôs-se à escuta. De dentro dela vinha apenas o ruído da respiração regular de um homem adormecido, e de um homem só. Tarzan ficou contente. Cortou com a faca as cordas que prendiam ao solo a dobra exterior da tenda, e entrou por debaixo do pano. Não fez o menor barulho. A queda de uma folha, esvoaçando suavemente da árvore para o chão num dia calmo, não podia ser mais silenciosa. Dirigiu-se para o homem que dormia e curvou-se sobre ele. Não podia saber se era Schneider ou outro qualquer, pois nunca vira Schneider, mas resolveu pôr tudo em pratos limpos. Sacudiu brandamente o homem pelos ombros. O rapaz voltou-se para ele pesadamente e resmungou qualquer coisa em voz gutural.

— Silêncio! ordenou-lhe o homem-macaco, em voz baixa. Silêncio! Eu te mato!

O huno abriu os olhos. À luz pálida que reinava ali, avistou uma figura gigantesca inclinada sobre ele. Uma daquelas mãos formidáveis agarrava-lhe o ombro, enquanto a outra lhe apertava levemente a garganta.

— Não grite! reiterou-lhe Tarzan. Mas responda, em voz baixa, a tudo quanto eu perguntar. Qual é o seu nome?

— Luberg, respondeu o oficial. Tremia todo. A presença mágica daquele gigante nu enchia-o de terror. Ele também se recordava dos homens misteriosamente assassinados, durante as silenciosas vigílias noturnas do acampamento. Mas acrescentou: Que é que quereis de mim?

— Onde é que está Hauptmann Fritz Schneider e qual é a sua tenda? perguntou-lhe Tarzan.

— Não está aqui, replicou Luberg. Foi mandado ontem para Wilhelmstal.

— Não matarei, agora, a você, disse-lhe o homem-macaco. Vou primeiro verificar se você me mentiu. Caso você o tenha feito, a sua morte será a mais horrorosa possível. Sabe você como foi que morreu o major Schneider?

Luberg sacudiu a cabeça negativamente.

— Pois eu sei, continuou Tarzan, e posso jurar a você que não foi nenhum modo elegante de morrer, — nem mesmo para um boche maldito. Vire o rosto para baixo e feche os olhos! Não se mova, nem faça o menor barulho!

O homem cumpriu o que lhe foi mandado, e, no mesmo instante em que os olhos do mesmo se voltaram, fechados, para o outro lado, Tarzan escapuliu-se da tenda. Uma hora depois, estava fora daquele acampamento e dirigia-se para a pequena cidade de Wilhelmstal, residência de verão do governador da África Oriental Germânica.

Fraulein Bertha Kircher achava-se perdida. Humilhada e enfurecida, — custou muito a reconhecer que ela, que se orgulhava de saber tão bem andar na floresta, estivesse completamente perdida naquele pequeno pedaço de terra entre o Pangani e a estrada de ferro de Tanga. Sabia que Wilhelmstal ficava a sudeste, a cerca de cem quilômetros, mas, por uma conjuração de circunstâncias adversas, achava-se impossibilitada de determinar o sudeste.

Em primeiro lugar, retirara-se do quartel-general germânico por uma estrada bem conhecida, que era transitada pelas tropas, e tinha todas as razões para crer que, continuando por ela afora, iria dar em Wilhelmstal. Mais tarde, recebeu o aviso oral de que uma forte patrulha inglesa tinha descido pela margem esquerda do Pangani, que atravessava mais embaixo, e estava marchando para Tonda, pela estrada de ferro.

Tendo deixado o caminho, abrigou-se numa espessa moita, e, como o céu estivesse bastante nublado, resolveu recorrer à sua bússola, para saber precisamente onde estava, e, então, verificou, aterrorizada, que não a trouxera consigo. Tão confiante, porém, estava no conhecimento que possuía da floresta, que continuou na direção que pensava ser a do oeste, até cobrir distância suficiente e passar sem receio, do lado do sul, pela retaguarda do destacamento inglês.

Não teve mais hesitação alguma, senão muito depois de haver-se voltado novamente para leste, bem ao sul da referida ronda, como pensava ela. Mas já era tarde alta, e desde muito deveria ela ter encontrado a estrada meridional de Tonda:

não achara, entretanto, estrada alguma, e começou, por isso, a sentir verdadeira ansiedade.

O cavalo da rapariga marchara todo aquele dia sem comer nem beber, aproximava-se a noite, e, com essa aproximação da noite, entrou na alma de Bertha Kircher a convicção de que se achava completamente perdida numa floresta virgem, região selvagem, cheia principalmente de moscas tsé-tsés e de animais ferozes. Era para enlouquecer a certeza de que não tinha conhecimento algum da direção em que viajava: podia até estar-se afastando mais da estrada de ferro e embrenhando-se nas tenebrosas e horríveis bibocas do Pangani. Além do mais, era impossível parar: não tinha outro remédio senão prosseguir.

Bertha Kircher não era covarde, fosse o que fosse que tivesse de arrostar. Como porém a noite começasse a fechar-se-lhe em derredor, não podia deixar de pensar nos terrores das longas horas que teria de passar ali, antes que o nascer do sol dissipasse a escuridão infernal, — aquela horrorosa noite da selva, que atraía todas as criaturas afeitas à vagabundagem, à rapina e à destruição.

Encontrou, justamente pouco antes de anoitecer, uma clareira que se estendia em meio de um matagal interminável. Havia ali ao centro um pequeno grupo de árvores: foi naquele ponto que resolveu pernoitar. A relva era bastante alta e densa, proporcionando-lhe cama, assim como alimento para o cavalo, e também não faltava ali lenha suficiente para fazer uma boa fogueira, que durasse até a manhã seguinte. Tirando os arreios do animal, colocou-os ao pé de uma árvore e amarrou ali perto o cavalo. Cuidou, em seguida, de apanhar lenha, e, quando as trevas caíram completamente, já contava com uma grande fogueira e com gravetos em quantidade para toda aquela noite.

Tirou do alforje comidas frias e sorveu do cantil um gole de água. Não podia beber mais do que aquele pequeno trago, porque lhe era impossível saber quanto tempo levaria a encontrar alguma fonte. Encheu-a de tristeza o não poder matar a sede ao seu pobre cavalo, pois até os espiões germânicos não deixam de ter coração, e o animal era ainda novo e delgado.

Adensara-se a noite. Não havia luar, nem se viam estrelas, e a própria luz da fogueira como que acentuava ainda mais a escuridão que reinava ali em redor. Bertha Kircher nada mais podia enxergar do que a relva, em que estava sentada, e os troncos das poucas árvores da clareira, os quais se erguiam em frisante contraste com o fundo da noite impenetrável. Era como se, além da fogueira, não houvesse ali mais nada.

A selva parecia ameaçadoramente quieta. Lá muito longe, distinguia a rapariga o surdo roncar de grandes canhões, sem, contudo, poder localizar-lhes a direção. Forçou tanto os ouvidos para tentar conhecê-la, que seus nervos chegaram quase ao

ponto de romper-se, e, apesar de tudo.

Não pôde precisar donde era que vinha aquele ruído. E importava-lhe tanto sabê-lo! As linhas dos exércitos em luta estendiam-se ao norte, assim, se ela ao menos pudesse localizar dali o ponto do combate, saberia qual o caminho a tomar pela manhã.

Pela manhã! Viveria ela até a manhã seguinte? Alinhou os ombros e aprumou-se toda. Devia banir tais pensamentos. Não devia deixar-se dominar por eles. Valorosamente, começou a cantarolar uma ária, enquanto colocava os arreios mais para perto da fogueira e colhia um pouco de capim seco e comprido, para fazer leito, sobre o qual estendeu a manta do selim. Deste desatou um pesado casaco militar, e vestiu-o, porque a temperatura havia baixado bastante.

Sentando-se sobre o leito, de modo a ficar recostada ao selim, dispôs-se a velar assim toda aquela noite. Durante uma hora, o silêncio ali só era interrompido pelo ribombar distante dos canhões e pelo ruído monótono do cavalo a triturar a grama com os dentes. Mas, súbito, provavelmente de uns dois quilômetros além, chegou até ali o eco amortecido de um rugido de leão. A rapariga estremeceu e levou prontamente a mão à carabina que trazia a tiracolo. Invadiu-lhe a alma uma sensação de horror e um calafrio percorreu-lhe todo o corpo franzino.

Repetia-se de quando em quando o terrífico rugido, e Bertha Kircher cada vez mais se convencera da aproximação da fera. Do ruído que esta fazia, era-lhe possível determinar a direção, embora não lograsse fazer o mesmo com relação aos canhões, pois que estes se achavam muito mais distantes. O leão, é certo, ainda estava bastante longe para poder ter sentido o cheiro dela: devia, contudo, estar-se aproximando, para vir investigar a luz da fogueira, visível, sem dúvida, a uma distância considerável.

Durante outra medonha hora, a rapariga conservou-se sentada, aplicando olhos e ouvidos ao vácuo de negror, que lhe ficava além da pequena ilha de luz. Durante todo aquele tempo, o leão não rugiu mais nenhuma vez. Bertha, entretanto, tinha a sensação de que o animal se arrastava sorrateiramente, para vir atacá-la. Estremecia a todo instante e perscrutava a escuridão: seus nervos esgotados faziam-na perceber o ruído de pés aveludados. Conservava a carabina engatilhada entre os joelhos, para o que desse, e, não obstante isso, tremia da cabeça aos pés.

De repente, o cavalo levantou a cabeça e relinchou. Soltando um pequeno grito de terror, a rapariga pôs-se em pé. O cavalo trotou para o lado dela, até que a corda, esticando-se, o fez parar, e volteou ali, com os ouvidos sempre alerta, mas a rapariga nada pôde ver nem ouvir.

Ainda transcorreu mais outra hora de terror, durante a qual o cavalo por várias

vezes levantou novamente a cabeça, para perscrutar a treva. Bertha avivava o fogo, de quando em quando. Notou que o sono queria apoderar-se dela. As pálpebras pesadas persistiam em fechar-se, ela, entretanto, fazia esforços para não adormecer. Temendo ser vencida pela sonolência, ergueu-se e começou a dar vigorosas passadas de um lado para outro, depois atirou mais lenha ao fogo, acariciou o focinho do cavalo e voltou a recostar-se ao selim.

Retornando à posição anterior, procurou ocupar o pensamento com planos para o dia seguinte. Mas não tardou a adormecer. Acordou sobressaltada. Era já dia claro. Havia terminado, com seus indescritíveis sustos, aquela longa noite.

Mal podia Bertha Kircher acreditar no testemunho dos seus próprios sentidos. Dormira horas a fio, o fogo apagara-se, e tanto ela quanto o seu cavalo estavam salvos. Ali em roda, não havia sinal algum de nenhum animal feroz. E, melhor que tudo isso, brilhava o sol no céu, iluminando a jorros a estrada que devia levá-la diretamente para leste. Comeu apressadamente mais alguns bocados da sua preciosa ração, os quais, com um pequeno gole de água, constituíram todo o seu almoço. Arreou o cavalo e montou-o. Já se sentia tão a salvo, como se estivesse em Wilhelmstal.

Ela, decerto, houvera modificado totalmente a sua favorável inferência, “se tivesse sabido que, de pontos diversos da floresta, um par de olhos lhe vigiava atentamente cada movimento.

De coração tranqüilo e sem nada suspeitar, a rapariga começou a cavalgar da clareira para o matagal, quando, precisamente ali adiante, dois olhos fulvos brilhavam terríveis, uma cauda trigueira se agitava nervosa e garras calçadas firmavam-se para um grande salto. O cavalo atingira já a borda da mata, quando Numa, o leão, se arremessou. Alcançou o ombro direito do animal, no momento em que este se empinava, aterrado, para retroceder em fuga. A força do golpe arrojou o cavalo de costa ao chão, e tão rapidamente, que a moça não teve tempo de apeiar-se, caindo também ao solo, com um dos pés no estribo e a perna esquerda sob o flanco da montaria.

Tomada de pânico, viu o rei das feras abrir a poderosa mandíbula e agarrar pelo pescoço o cavalo, que rinchava. As grandes queixadas fecharam-se, e após momentânea resistência Numa já sacudia a sua presa. Bertha pôde ouvir o estalido das vértebras, trituradas por aguçados colmilhos, e sentiu que se relaxavam pela morte os músculos do seu fiel amigo e companheiro.

Numa acurvou-se sobre a presa. Enquanto começava a devorá-la, seus olhos apavorantes fixaram-se no rosto da rapariga. Esta sentia nas faces aquele bafo quente e fétido, que lhe causava náuseas. Olharam-se os dois por um átimo, que a ela pareceu uma eternidade, e o leão soltou então um rosnado ameaçador.

Bertha Kircher jamais havia sentido tamanho medo, pois nunca em sua vida tivera causa para semelhante terror. Trazia à cinta uma pistola, — arma formidável para enfrentar a um homem, mas objeto verdadeiramente mesquinho para defender-se de um leão. Sabia que os tiros de tão-fracas arma somente poderiam enraivecer ainda mais a fera. Entretanto, a rapariga achava-se resolvida a vender caro a vida, pois estava convencida de que ia inevitavelmente morrer. Nenhum socorro humano lhe teria valido, se acaso lhe aparecesse ali. Por um instante, afastou o olhar daquele focinho medonho, que exercia sobre ela tão hipnótica fascinação, e murmurou a sua última prece a Deus. Não lhe pediu auxílio, por estar capacitada de que a própria intervenção divina já seria tardia, mas apenas implorou que fosse rápida a sua morte e com o menor sofrimento possível.

Ninguém pode nunca prognosticar o que fará um leão, em dada emergência. Aquele, que enfrentava ali a rapariga, olhou-a cheio de cólera e rosnou por uns segundos, mas logo depois continuou a devorar o cavalo morto. Fraulein Kircher, embora sempre espantada, vendo-o assim ocupado, tentou cautelosamente tirar a perna, que havia ficado presa sob o corpo da sua montaria. Não o conseguiu, apesar dos esforços que empregou e que deram apenas em resultado Numa levantar os olhos da presa e rosnar novamente. A jovem desistiu daquele intento. Esperava que a fera satisfizesse a fome e fosse em seguida deitar-se: não acreditava, porém, que a deixasse com vida. Sem dúvida, o leão havia de arrastar os restos do cavalo para dentro do matagal, a fim de escondê-los, e, como não poderia haver a menor dúvida de que ele consideraria a rapariga como parte integrante de sua presa, certamente a arrastaria ao mesmo tempo para a floresta, a fim de matá-la e devorá-la mais tarde.

Numa continuou outra vez a comer. Os nervos de Bertha achavam-se no máximo de tensão. Admirava-se de não haver desmaiado em face de tamanho choque e tamanho terror. Lembrou-se de que, várias vezes, desejara ver bem perto um leão fazer uma presa e devorá-la. Deus! Quão depressa e realmente não lhe fora concedido tal desejo!

Pensou outra vez em empunhar a pistola. Quando caiu sob o flanco do cavalo, os coldres escorregaram, de sorte que a arma jazia agora debaixo do corpo dela. Muito sorrateiramente, alcançou-a, mas para conseguir isso, foi obrigada a erguer um pouco o corpo. Atraíu, assim, de novo, a atenção da fera, que abandonando imediatamente a posta de carne do cavalo avançou por sobre este e, com uma das patas dianteiras, alcançou o peito de Bertha, fazendo-a outra vez esticar-se no chão. Rosnava e rugia: era como uma personificação de espantosa cólera. Desse modo, ficaram os dois por um instante, e, então, a rapariga ouviu ali perto, atrás de si, uma voz humana que articulava sons bestiais.

Numa que fitava o rosto da moça, levantou os olhos para espiar quem assim o

vinha interromper. Seus rosnados transformaram-se em uivos, ao mesmo tempo que recuava, quase arrancando com as garras a frente da blusa de Bertha, deixando-lhe a descoberto os seios núbios, os quais, por verdadeiro milagre, não foram arranhados pelas grandes unhas do felino.

Tarzan dos Macacos havia presenciado toda aquela cena, desde o momento em que Numa saltara sobre o cavalo. Ficou por algum tempo a observar a atitude da jovem. Quando o leão investiu contra ela, pensou primeiramente em deixar Numa liquidá-la. Quem era ela, senão uma abominável germânica, e, demais a mais, espiã? Vira-a no gabinete do general Kraut, em conferência com o estado-maior germânico, e depois a encontrara no acampamento britânico, disfarçada sob o uniforme de um oficial inglês. Foi a recordação deste último fato que o levou a intervir. Refletiu que, indubitavelmente, o general Jan Smuts gostaria de vê-la e interrogá-la. Ela seria forçada a prestar informações valiosas ao comandante-chefe das forças britânicas, antes que este a mandasse fuzilar.

Tarzan não tinha reconhecido apenas aquela mulher, reconhecera também o leão que a estava atacando naquele momento. Todos os leões poderão ser semelhantes para vós e para mim, assim, porém, não acontece com aqueles que os conhecem intimamente no coração da selva. Cada um tem os seus característicos individuais de focinho, de membros e de andar, tão bem definidos, quais os que diferenciam os seres da família humana, e, além de tudo, os habitantes da mata têm ainda uma pedra de toque: — o faro. Cada um de nós, ente humano ou irracional, tem um cheiro peculiar, e é principalmente por ele que as feras da selva, dotadas de um miraculoso poder de olfato, reconhecem quaisquer indivíduos.

Este constitui a prova decisiva. Decerto, já a vistes praticada milhares de vezes. — Um cão reconhece a vossa voz e olha-vos. Conhece vosso rosto e o vosso porte. Não pode haver dúvida alguma, em sua mente, de que sois vós mesmo. Mas com isso fica ele satisfeito? Não, senhor! Precisa ainda de aproximar-se de vós e de cheirar-vos. Todos os seus outros sentidos podem ser falíveis, exceto o de seu faro. Este é que lhe dá a certeza positiva: é a prova final.

Tarzan reconheceu Numa como aquele que ele amarrara com o couro de Horta, o javali, como aquele que conduzira por uma corda, durante dois dias, e finalmente soltara no túnel de comunicação da trincheira germânica. Estava certo de que Numa o reconheceria: não podia o leão deixar de lembrar-se da aguda ponta de lança que o aguilhoara, compelindo-o à submissão e obediência. Tarzan confiava em que a lição, dada por ele a Numa, permanecia ainda no cérebro deste.



...e ficaram em redor dele, batendo rijamente nos peitos, mostrando as garras...

Interveio, portanto, avizinhando-se e chamando por Numa, na linguagem dos grandes macacos, para que ele não continuasse a ameaçar a rapariga. É muito para duvidar que Numa, o leão, o tenha entendido. Mas compreendeu a ameaça da pesada lança, que o Tarmangani enristava com a destra cor de bronze, e, por isso, a fera recuou, rosnando, procurando, todavia, decidir ainda, em seu pequeno cérebro, se atacaria ou fugiria.

Nisto, o homem-macaco, sem perda de um segundo, avançou para perto do leão e gritou-lhe:

— Vai-te embora, Numa, senão Tarzan te amarrará de novo e te conduzirá, sem alimento, através da selva! Olha aqui Arad, a minha lança! Lembras de como a ponta dela se cravou em ti e de como o conto dela te machucou a cabeça? Vai-te embora, Numa! Eu sou Tarzan dos Macacos!

Numa franziu fundamente a pele do focinho, até que os olhos quase se lhe fecharam, rosnou, rugiu, e, quando a ponta da lança, vibrada contra ele, o ia afinal alcançando, recebeu-a numa das patas armadas para o golpe, mas recuou. Tarzan passou por, sobre o corpo do cavalo morto, e a rapariga, vendo-o então pelas costas, contemplava com profundo espanto aquela figura escultural, que afugentava de sobre a presa um leão enfurecido.

Logo que viu Numa a uns bons metros de distância, o homem-macaco dirigiu-se à jovem em correto alemão:

— A senhora está muito ferida?

— Creio que não, respondeu ela. O que não posso fazer é levantar-me, porque estou com a perna presa debaixo do corpo do cavalo.

— Faça mais um esforço, aconselhou-lhe Tarzan, pois não sei por quanto tempo poderei manter Numa a distância.

A moça esforçou-se, de fato, quanto lhe foi possível, mas, por fim, caiu, apoiada sobre um dos cotovelos.

— É de todo impossível! murmurou ela, tristemente. Tarzan recuou lentamente, até esbarrar de novo com o cadáver do cavalo, abaixando-se, agarrou a cilha, que estava ainda intacta, e, segurando-a com uma das suas mãos possantes, levantou aquela massa pesada. Liberta, a rapariga pôs-se imediatamente em pé.

— Pode andar? perguntou-lhe Tarzan.

— Posso, respondeu ela. Minha perna está entorpecida, mas não me parece machucada.

— Muito bem, comentou o homem-macaco. Siga-me vagarosamente! Não faça movimentos precipitados! Penso que o leão não nos atacará.

Retiraram-se, então, com a maior cautela, em direção ao matagal. Numa, a rosnar, permaneceu por um momento no mesmo lugar em que estava, mas, depois, começou a segui-los lentamente. Tarzan observava-o, imaginando se o leão pararia junto ao cavalo morto ou se passaria aquém. Se passasse aquém, deveriam contar com um ataque daquela fera. e, em tal caso, era bem provável que se apoderasse de um deles. Mas o leão, chegando perto do cadáver do cavalo, estacou. O mesmo fez Tarzan, para espreitar o que se seguiria. Numa olhou um instante para os dois, rosnou enraivecido e voltou depois o focinho para a carne tentadora. Abaixou-se imediatamente sobre a presa e recomeçou a devorá-la.

A rapariga deixou escapar do peito um profundo suspiro de alívio, quando ela e o homem-macaco reencetaram a vagarosa retirada, recebendo, de quando em quando, um olhar do leão. Quando, enfim, chegaram à boca da mata, Bertha sentiu uma

vertigem repentina, e teria caído, se Tarzan não a houvesse amparado em tempo. Foi um rápido desmaio, pois ela recuperou prontamente o controle de si própria.

— Não costumo ter faniquitos, disse ela, desculpando-se. Mas estive tão perto da morte, — e que morte horrível — que não posso deixar de ter os nervos abalados. Mas, agora, já me sinto bem. Como é que poderei agradecer-lhe? Que coisa assombrosa! O senhor parecia não ter medo algum daquela medonha fera, e ela, entretanto, o temeu! Quem é, afinal, o senhor?

— E que ela me conhece, respondeu Tarzan, constrangidamente, e por isso é que ela me teme.

Fitava ele a moça, pois era a primeira vez que tinha ensejo de contemplá-la bem de perto e demoradamente. Bertha era muito bonita, — Tarzan não podia negá-lo, mas ele apreciava-lhe a beleza platônicamente. Era uma formosura superficial, não lhe coloria a alma, a qual devia ser negra como o pecado. Aquela mulher era da gente germânica, — era uma espiã germânica. Ele, portanto, a odiava e desejava-lhe tão-somente a exterminação, mas a forma desta, havia-a ele de escolher de tal jeito, que fosse a mais amarga possível para a causa inimiga.

Foi então que Tarzan, — ao reparar naquele colo nu, donde Numa arrancara um pedaço da blusa, — viu tremular-lhe sobre a carne branca e macia alguma coisa que lhe trouxe um súbito movimento de surpresa, ao mesmo tempo que uma onda de ódio ao rosto: o broche de ouro, cravejado de brilhantes, jóia querida de sua mocidade e lembrança preciosa, que tinha sido roubada do seio da sua esposa por Schneider, o huno! A rapariga notou-lhe o espanto, porém não o interpretou corretamente. Tarzan agarrou-a rudemente pelo braço.

— Onde foi que a senhora encontrou isto? perguntou à jovem, enquanto lhe arrancava do colo o broche.

A moça endireitou o corpo e gritou-lhe:

— Tire a mão de mim!

Mas o homem-macaco nenhuma atenção ligou a tais palavras, segurando-a mais fortemente ainda.

— Responda-me! regougou ele. Onde foi que a senhora achou esta jóia?

— Que é que o senhor tem com isso? contestou ela.

— Isso é meu, retrucou. Diga-me quem foi que lho deu, senão eu a atiro a Numa!

— O senhor faria isso comigo? perguntou-lhe ela.

— Por que não? respondeu ele. A senhora é uma espiã, e os espiões devem morrer, quando apanhados.

— Então o senhor vai matar-me?

— Vou apenas levá-la ao quartel-general. Os homens de lá é que disporão da senhora. Mas Numa pode perfeitamente dar-lhe fim aqui. Que é que prefere?

— Foi Hauptmann Fritz Schneider quem me deu esse broche, contou ela, afinal.

— Então toque para o quartel-general! rematou Tarzan. Vamo-nos!

Puseram-se em marcha através da mata. A rapariga caminhava ao lado de Tarzan e, durante todo aquele tempo, a sua mente trabalhava sem cessar. Dirigia-se para leste, — o que muito convinha a ela, — e, enquanto rumavam assim para o oriente, sentia-se segura e satisfeita, sob a proteção daquele grande selvagem branco. Admirava-se de ainda trazer presa à cinta a pistola. Devia ser louco aquele homem, para não lha tomar.

Já bem adiante e depois de tão longo silêncio, perguntou ao homem-macaco:

— Que foi que o levou a acreditar que eu seja espiã?

— Vi-a primeiro no quartel germânico, replicou-lhe ele, e, depois, disfarçada, dentro do acampamento inglês.

Ela nada contestou e pôs-se a refletir. Precisava de chegar a Wilhelmstal o mais depressa possível, e estava resolvida a consegui-lo, mesmo que tivesse de recorrer à pistola. Lançou de soslaio um olhar à figura gigantesca de Tarzan. Que magnífica criatura! Mas não passava de um bruto, que, ou havia de matá-la, ou havia de deixá-la ser morta, se ela não o liquidasse antes. E o broche? Precisava de reavê-lo, — e isso antes de avistar Wilhelmstal. Tarzan estava agora a um ou dois metros diante dela, pois o caminho era ali muito estreito. Cautelosamente, ela empunhou a pistola. Bastava um tiro, um tiro só, e ela estava tão próxima, que não poderia errar o alvo. Enquanto assim pensava, seus olhos pousaram sobre aquela pele bronzeada, aqueles músculos graciosos, aqueles ombros perfeitos, aquela cabeça e aquele porte, que teriam causado inveja até a um soberbo rei dos tempos idos.

E então uma onda de revolta, contra o ato que premeditava, lhe atravessou a mente. Não! Não podia matá-lo, — embora precisasse de libertar-se dele e de recuperar o broche. E, por isso, quase às cegas, empunhou a arma pelo cano, brandiu-a com firmeza e golpeou a Tarzan fortemente na parte posterior da cabeça. Semelhante a um bovino, abatido no matadouro, o homem-macaco tombou de bruços sobre o trilho.

Vingança e paixão

Havia seguramente uma hora que Sheeta, a pantera, andava caçando, e, levantando agora os olhos, casualmente, para o céu azul, sua atenção foi atraída por Ska, o abutre, que girava sobre as árvores, um quilômetro abaixo dali. Durante um longo minuto, os olhos fulvos ficaram fitos na ave agoureira. Eles viram Ska afundar-se entre as frondes e levantar-se outra vez, para continuar a fazer os giros ominosos. E em tais movimentos o pressentimento de Sheeta leu, sem dúvida, o que era óbvio para ela e, entretanto, nada significaria para vós ou para mim.

O felino caçador conjecturou que ali no chão, bem acima do qual circulavam as asas de Ska, havia carne para comer, alguma fera a regalar-se sobre a presa ou algum animal moribundo, que Ska ainda não ousava atacar. Em qualquer das hipóteses, havia ali carne para Sheeta, e, por isso, o providente felino dirigiu-se para aquele ponto, dando voltas e movendo-se sobre pés macios e silenciosos, que não produziam o mais ligeiro ruído. Sorvendo cada sopro de brisa, Sheeta, a pantera, foi-se insinuando sorrateiramente pelo matagal, e ainda não andara muito, quando suas narinas sentiram o cheiro de um homem, — um Tarmangani.

Sheeta estacou. Era nova, estava em plena primavera da vida, mas não caçava, nem comia homens, até pelo contrário, sempre lhes evitara, antes, a abominável presença. Ultimamente, todavia, ela se havia acostumado algum tanto com eles, em razão da passagem de muitos soldados pelo seu antigo campo de caça. Como os soldados lhe houvessem afugentado a maior parte da caça, tinha sido forçada a procurar alimento alhures, pois aqueles dias tinham sido magros e Sheeta andava faminta.

O voejar da ave carniceira indicava-lhe que aquele Tarmangani devia estar desamparado e moribundo, — senão Ska não estaria girando ali, — e era, portanto, uma presa fácil para Sheeta. Assim pensando, o felino reencetou a marcha furtiva. E, ao sair do espesso matagal, seus olhos fulvos pousaram cobiçosos sobre o corpo seminu de um Tarmangani, que se achava estirado de bruços sobre um estreito trilho de caça.

Numa, já de barriga cheia, ergueu-se sobre os restos do cavalo de Bertha Kircher. Agarrou pelo pescoço aquele corpo meio devorado e arrastou-o para dentro de uma densa moita, que havia ali perto. Em seguida, partiu para leste, em direção ao covil onde deixara a companheira. Estando excessivamente farto, sentia-se muito bem, antes inclinado a dormir do que a pôr em ação o seu espírito de beligerância. Movia-se vagarosamente, imponentemente, sem esforço algum para conservar-se silencioso

ou oculto. O rei das feras caminhava sem receio.

Olhando majestosamente, de quando em quando, para a direita e para a esquerda, prosseguiu assim por uma estreita vereda, até que, dobrando uma curva desta, estacou subitamente, à vista do quadro que se lhe deparava em frente. — Sheeta, a pantera, rastejava furtivamente para o corpo seminu de um Tarmangani, que estava de bruços sobre o pó do trilho. Numa, dali mesmo, examinou atentamente aquele corpo imóvel, deitado sobre a poeira. Reconheceu-o. Era o “seu” Tarmangani. Soltou-se-lhe então da garganta um baixo rosnado de advertência, e Sheeta, que já havia levantado uma das garras sobre as costas do Tarmangani, parou subitamente e voltou-se para ver quem era o intruso.

Que é que se passava nos refolhos daqueles cérebros selvagens? Quem poderá dizê-lo? A pantera parecia meditar sobre se devia, ou não defender aquele bom bocado que encontrara, e, por isso, pôs-se a rosnar, como a despedir Numa dali. E Numa? Estaria acaso a dominar-lhe o pensamento a idéia de direitos de propriedade? O Tarmangani era “seu” ou ele é que era do Tarmangani? Se o grande Macaco Branco o tinha dominado e subjugado, não era também certo que lhe havia fornecido alimento? Numa recordou-se do temor que sentira por aquele homem e por sua lança cruel, mas, num cérebro selvagem, é provável que o medo produza antes respeito do que ódio, e, por isso, Numa respeitava a criatura que o subjugara e dominara. Olhou, portanto, com desdém para Sheeta, que ousava acometer, ali, ao senhor de um leão. Bastaria o ciúme e a avidez para levarem Numa a repelir Sheeta dali, embora o leão não tivesse necessidade, nem intuito algum, de devorar a carne que ia arrebatá-la às garras do felino mais fraco. Mas havia também no pequeno cérebro, que trabalhava dentro daquela cabeça maciça, um sentimento de lealdade, e foi isso, talvez, o que mais impulsionou Numa a arremessar-se rugindo, em direção à pantera.

Durante um momento, Sheeta manteve-se firme, com o dorso arqueado e o focinho a transudar furor.

Numa não sentia, então, vontade alguma de lutar, mas aticou-lhe nas veias um fogo violento a audácia de Sheeta, tentando disputar-lhe direitos. Os olhos arredondados relampearam cheios de cólera e a cauda ondulante eriçou-se, quando ele, soltando um rugido medonho, saltou sobre aquele seu súdito presunçoso.

Tão repentino foi o ataque e a tão curta distância, que Sheeta não teve tempo de abandonar o campo da peleja: aplicou, por isso, ao agressor as garras afiadas e os dentes rijos, mas bem depressa sentiu que teria de entregar os pontos. Às garras enormes e à pujante queixada do seu adversário ainda se juntava a superioridade do grande peso do leão. Logo ao primeiro embate, Sheeta foi lançada por terra, e embora houvesse caído intencionalmente de costas, com o intuito de tentar arrancar

as entranhas de Numa com as garras das suas vigorosas patas traseiras, o leão não lhe deu tempo para isso, pois apertou rapidamente a terrível mandíbula sobre a garganta dela.

Foi tudo obra de um instante. Numa não tardou a levantar-se de sobre o corpo de Sheeta, sacudiu-se todo e foi colocar-se junto ao Tarmangani caído. O cabelo deste, tão liso, estava cortado pelo golpe recebido, e dali lhe escorrera um sangue vermelho. Embora não se tratasse de uma injúria grave, isso, contudo, irritou a Numa. Depois de lançar um olhar de indignação à pantera, à qual atribuiu aquele ferimento, foi novamente agarrá-la, num verdadeiro acesso de raiva, espancando por alguns momentos a fera já morta. Abaixando em seguida a cabeça, expediu um único e aterrador rugido e voltou outra vez para junto do homem-macaco.

Aproximando-se daquela forma imóvel, farejou-a desde a cabeça até os pés. Servindo-se apenas da pata dianteira direita, virou-a de rosto para cima. Cheirou novamente todo aquele corpo e, afinal, com a língua áspera, lambeu o rosto de Tarzan. Foi então que este abriu os olhos.

Viu sobre seu peito um enorme leão, cujo bafo lhe aquecia o rosto e cuja língua áspera lhe lambia as bochechas. O homem-macaco tinha visto muitas vezes a morte de perto: nunca, entretanto, estivera tão próximo dela, como naquele momento, — pensava ele, — pois achava que era então uma questão de segundos. Com o cérebro ainda entorpecido pela pancada que recebera, não podia desde logo reconhecer no leão, inclinado ali sobre seu corpo, o mesmo Numa que pouco tempo antes deixara junto ao cavalo morto de Bertha Kircher.

Bem depressa, entretanto, a sua mente começou a desobnubilar-se e reconheceu o animal, maravilhando-se de que Numa não parecia disposto a devorá-lo, — naquele instante, pelo menos. A sua posição era, contudo, delicadíssima. A fera permanecia com as patas dianteiras de um lado e do outro do corpo de Tarzan. Este não podia, portanto, levantar-se, sem afastar primeiramente o leão, e era um caso para pensar seriamente, se Numa toleraria o ser assim tocado. A fera também poderia tê-lo já considerado como morto, e, por isso, qualquer movimento do homem-macaco, que indicasse o contrário, excitaria, com todas as probabilidades, o instinto sanguinário do devorador de homens.

Tarzan, porém, estava cansado daquela posição. Não se achava disposto a continuar assim para sempre, especialmente quando meditou no fato de que a jovem espiã, que tentara fazer-lhe saltar os miolos, fugia, sem dúvida o mais rapidamente possível.

Numa encarava-o bem nos olhos, agora evidentemente convencido de que o Tarmangani estava vivo. O leão virou imediatamente a cabeça para um lado e despediu do peito um uivo. Tarzan conheceu aquele tom: sabia que não indicava

cólera, nem fome, e, encorajado pelo surdo lamento da fera, resolveu arriscar-se a tudo, num lance único.

— Afasta-te, Numa! ordenou ele, e, colocando apenas a palma da destra sobre o ombro trigueiro da fera, impeliu-a para um lado.

Pôs-se, então, de pé, com uma das mãos sobre o cabo da faca de caça, e esperou o que desse e viesse. Foi nesse instante que seus olhos lobrigaram, pela primeira vez, ali ao lado, o cadáver ferido de Sheeta. Correu, com a vista, do felino morto para o vivo, descobriu neste último os sinais de recente conflito e, num átimo, compreendeu tudo que havia ali acontecido: — Numa o salvara da pantera!

Parecia incrível, mas a evidência do fato era irrecusável. Aproximou-se do leão, e, sem receio algum, examinou-lhe os ferimentos, que eram todos superficiais, e, enquanto Tarzan se lhe ajoelhara ao lado, Numa roçava-lhe a orelha de encontro ao bronzeado ombro nu. Então, o homem-macaco acariciou aquela enorme cabeça, apanhou a lança caída e saiu a procurar o rastro da rapariga. Encontrou-o logo adiante, indicando que ela tomara o rumo de leste. Antes de pôr-se a caminho também para ali, deu-lhe um palpite de verificar se ainda lhe pendia do pescoço o broche, que ali havia posto naquele mesmo dia. Não o encontrou!

Traço algum de cólera transpareceu na face do homem-macaco, que apenas apertou ligeiramente os maxilares, mas levou a mão tristemente, à parte posterior da cabeça, onde um calombo marcava o lugar em que Bertha o contundira, e, momentos após, já um meio sorriso lhe brincava nos lábios. Era forçoso admitir que ela o havia burlado sagazmente e que manifestara grande coragem para fazer o que fizera e partir, em seguida, armada de uma única e mesquinha pistola, por aquela ínvia região que se estendia dali até a via férrea e até além das montanhas em que se erguia Wilhelmstal.

Tarzan tinha o culto da coragem. Era nobre bastante para reconhecê-la e admirá-la, mesmo numa espiã germânica, mas ponderou que, em tal caso, a bravura aumentava a força de Bertha Kircher, tornando-a ainda mais perigosa, — donde resultava para ele a imperiosa necessidade de, quanto antes, pô-la fora do caminho. Precisava de alcançá-la, antes que chegasse a Wilhelmstal. Partiu, por isso, num trote largo, que só ele era capaz de manter horas a fio, sem fadiga aparente.

Parecia-lhe pouco provável pudesse a rapariga chegar àquela cidade em menos de dois dias, viajando a pé, pois dali até lá havia uns bons cem quilômetros e era montanhosa uma parte da estrada. Precisamente quando fazia semelhantes reflexões, ouviu o silvo de uma locomotiva que se dirigia para leste, verificando assim que o tráfego fora restabelecido ali, depois de vários dias de interrupção. Se o trem fosse para o sul, a rapariga faria sinal ao maquinista, caso tivesse ela já chegado a algum ponto de parada. Os ouvidos apurados do homem-macaco apanharam o gemido das

rodas sobre os trilhos e, poucos minutos depois, um sinal de partida. O trem havia parado e pusera-se de novo em movimento, e, como a marcha do mesmo fosse bastante rápida, Tarzan pôde facilmente reconhecer, pela direção do som, que ele se dirigia realmente para o sul.

O homem-macaco rumou para a via férrea, e, ao lado ocidental dela, no ponto onde terminava abruptamente o trilho que ele havia palmilhado, viu, pelas pegadas, que a rapariga havia tomado o trem ali, justamente como ele havia pensado. Nada mais lhe restava fazer, senão seguir para Wilhelmstal, onde calculava achar o capitão Fritz Schneider, assim como Bertha Kircher, e recuperar também o seu broche de ouro, cravejado de brilhantes.

Era noite, quando Tarzan chegou a Wilhelmstal, a pequena cidade montanhesa. Vagou pelos arredores, fazendo observações e tentando resolver como era que um homem branco, seminu, poderia penetrar naquela povoação, sem despertar suspeitas. Havia muitos soldados pelos arrabaldes, e a localidade estava sob rigorosa vigilância, pois ele podia ver, a algumas centenas de metros dali, sentinelas isoladas em postos avançados. Não lhe era difícil iludir tais guardas: o que lhe parecia praticamente impossível, quer a um homem vestido, quer muito mais a um homem quase nu, como ele estava, era entrar no centro urbano e percorrê-lo.

Arrastando-se, aproveitando cada esconderijo, cosendo-se com o chão, quando para o lado dele se voltava o rosto de alguma sentinela, o homem-macaco afinal chegou à sombra protetora de um alpendre, já dentro das linhas de frente Dali, foi avançando furtivamente de casa em casa. Atingindo os fundos de um *bungalow*, foi descoberto por um canzarrão. O bruto adiantou-se vagarosamente para o lado de Tarzan, a rosnar. O homem-macaco deixou-se ficar imóvel, atrás de uma árvore. Dali podia ver uma luz na varanda do *bungalow*, na qual passeavam homens uniformizados. Desejava ele que o cão não ladrasse, e assim aconteceu, mas o animal passou a rosnar mais ferozmente, e, no momento preciso em que a porta dos fundos do *bungalow* se abria e dava passagem a um homem, o cão pulou sobre Tarzan.

Era um cão enorme, tão grande quanto Dango, a hiena, e atacava com toda a impetuosidade de Numa, o leão. Quando acometeu Tarzan, este ajoelhou-se, pois o cão se atirara ao alto, para agarrá-lo pela garganta. Não estava lidando com um homem, e sim com uma fera, tanto que a sua agilidade foi sobrepujada pela do Tarmangani. Os dentes do cão de fila não puderam alcançar a carne do homem-macaco: dedos vigorosos, dedos de aço seguraram o animal pelo pescoço. Deixou ele escapar um ganido só, e tentou cravar as garras no peito nu em que tocava as patas, mas achava-se reduzido a uma completa impotência. Aqueles trigueiros dedos possantes cerraram-se-lhe sobre a garganta, e, instantes depois, Tarzan se levantou,

sacudiu ainda uma vez aquela massa inerte e arremessou-a ali para um lado. Naquela mesma ocasião, da porta aberta aos fundos do *bungalow*, fazia-se ouvir uma voz forte, que chamava pelo cão:

— Simba! Simba!

Não tendo recebido resposta alguma, o homem desceu os degraus e dirigiu-se para o lado da árvore. À luz que se coara pela abertura da porta, pôde Tarzan ver que se tratava de um homem de elevada estatura, espadaúdo e com o uniforme de oficial germânico. O homem-macaco desviou-se para a sombra do tronco da árvore. O boche aproximava-se cada vez mais, sempre chamando pelo cão: não via a fera, que ali, abaixada atrás da árvore, o esperava de tocaia. Quando o viu a uns três metros, Tarzan saltou sobre ele: como Sabor pularia sobre a presa, assim fez ali o homem-macaco. O inesperado ímpeto e o peso do corpo de Tarzan arremessaram ao chão o homem, que não teve tempo de gritar, porque uns dedos trigueiros e possantes lhe comprimiram imediatamente e fortemente o pescoço. Embora o oficial ainda resistisse um pouco, sem nada conseguir, — momentos após jazia morto, ao lado do cadáver do cachorro.

Como Tarzan permanecesse alguns instantes a contemplar aquelas suas duas vítimas e a lamentar que não pudesse soltar ali, sobre nenhuma delas, o seu predileto grito de triunfo, a vista do uniforme do oficial sugeriu-lhe um meio de percorrer Wilhelmstal, com a probabilidade mínima de vir a ser descoberto. Dez minutos depois, partia dali um oficial germânico de elevada estatura e de ombros largos, deixando atrás de si os dois corpos, de um cão e de um homem despido.

Penetrou destemidamente na rua central da cidadezinha, e nenhum dos transeuntes suspeitou jamais que, debaixo daquele uniforme imperial germânico, palpitava um coração selvagem, cheio de ódio implacável pelos hunos. O primeiro cuidado de Tarzan foi descobrir o hotel, pois calculava que acharia lá Bertha Kircher, e, onde ela estivesse, estaria também, sem dúvida alguma, Hauptmann Fritz Schneider, seu aliado ou seu amante, ou ambas as coisas ao mesmo tempo, e lá, decerto, igualmente se lhe depararia, em poder da rapariga, o precioso broche de ouro, cravejado de brilhantes.

Achou, afinal o hotel, que era um edifício acaçapado, de dois andares, com uma varanda coberta em redor do primeiro. Nos dois pavimentos havia luzes e via-se bastante gente, sobretudo oficiais. O homem-macaco, disfarçado como estava, pensou em entrar ali e perguntar por aqueles a quem procurava, mas uma decisão melhor o levou a fazer um prévio reconhecimento do edifício. Rodeando todo o primeiro andar, olhou para dentro de todos os quartos iluminados, não vendo ali nenhuma das pessoas a quem buscava, saltou àgilmente para o telhado da varanda, pois fora reinava completa escuridão, e continuou as suas investigações, agora no

segundo pavimento.

A um dos cantos do hotel, num quarto dos fundos, as venezianas estavam abaixadas, mas Tarzan ouviu vozes lá dentro, e, certa vez, lobrigou uma silhueta através das frinchas da veneziana. Pareceu-lhe a sombra do um corpo de mulher, foi, porém, tão rápida a visão que não pôde chegar a uma plena certeza. Arrastando-se para junto da janela, o homem-macaco pôs-se ali à escuta. Sim, havia lá dentro uma mulher e um homem, — ouvia-lhes distintamente o acento das vozes, embora não pudesse apanhar o sentido das palavras, pois pareciam cochichar.

O quarto contíguo, já todo na parte posterior do edifício, estava às escuras. Tarzan experimentou-lhe a janela e viu que estava apenas encostada. Tudo estava quieto ali dentro. Levantou, então, a vidraça e escutou novamente: silêncio absoluto. Conseguindo apoiar um dos pés no peitoril da janela, deixou-se escorregar para dentro daquele aposento, relanceando logo um olhar precipitado em derredor. O quarto estava desocupado. Abriu-lhe a porta que dava para o corredor, e também ali não viu ninguém. Aproximou-se, então, na ponta dos pés, da porta do quarto onde estavam o homem e a mulher.

Encostando-se bem à porta, pôs-se à escuta. Distinguia agora claramente as palavras, pois os dois tinham levantado a voz, como se estivessem discutindo. Era a mulher quem então falava. Dizia ela:

— Eu trouxe o broche, para a minha identificação, conforme ficou combinado entre o senhor e o general Kraut.

Não tenho outras credenciais. Isto deve ser bastante. Ao senhor nada mais resta do que me entregar os papéis e deixar-me partir.

O homem replicou-lhe em voz tão baixa, que Tarzan não pôde entender o que ele dizia. Mas a mulher falou novamente, e no seu tom havia um certo escárnio, senão um pouco de medo.

— Não se atreva, Hauptmann Fritz Schneider, gritou ela. E instantes depois, ainda bradou: Não me toque! Afaste de mim suas mãos!

Foi então que Tarzan dos Macacos abriu a porta e entrou no quarto. O que ele viu foi um corpulento oficial germânico, de pescoço taurino, com um dos braços em derredor da cintura de Fraulein Bertha Kircher, e uma das mãos sobre a testa dela, inclinando-lhe a cabeça para trás, a fim de poder beijar-lhe a boca. A moça tentava livrar-se do formidável bruto mas todos os seus esforços eram inúteis. Vagarosamente, os lábios do homem se aproximavam dos dela e vagarosamente a cabeça dela era forçada para trás.

Schneider, que tinha as costas voltadas para a porta, ouviu o ruído que esta fizera ao abrir-se e fechar-se. Voltou-se então. Vendo ali aquele oficial estranho, soltou a

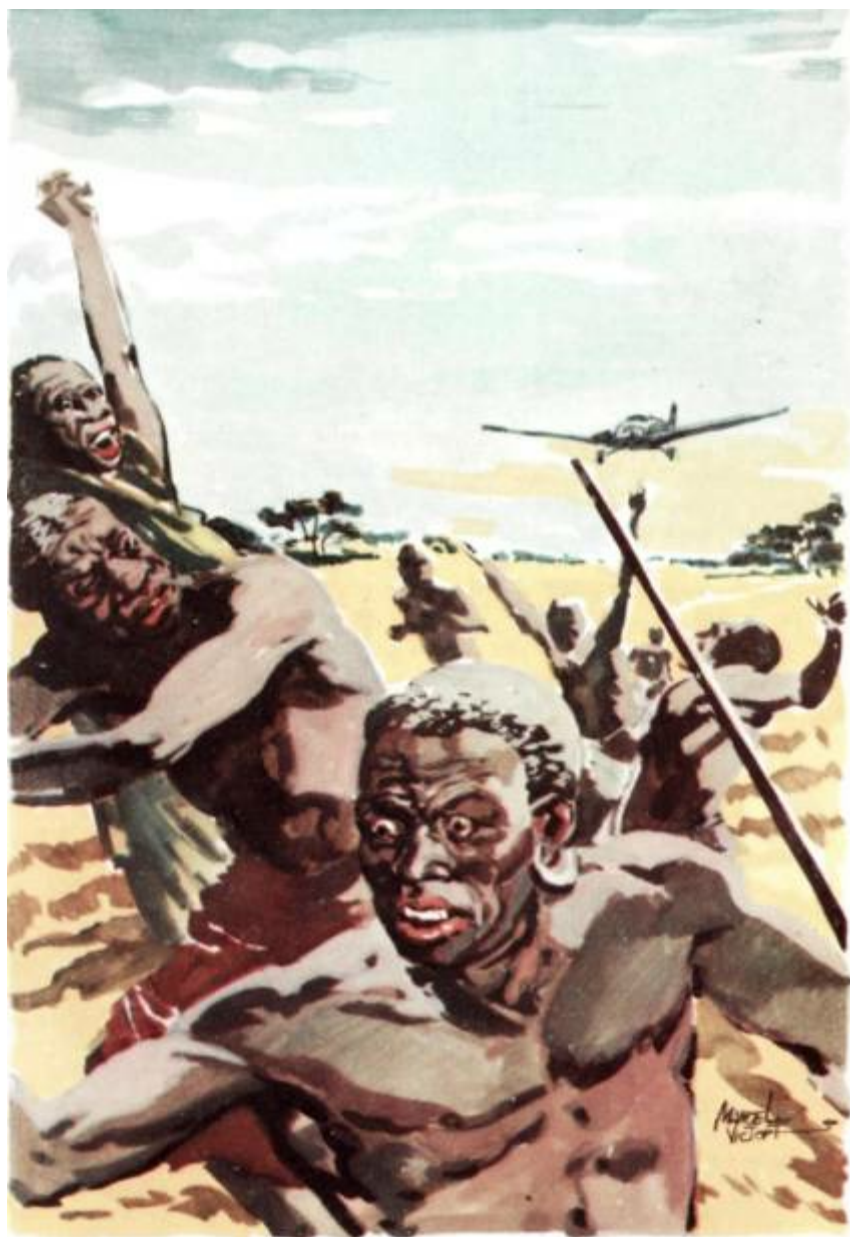
rapariga e empertigou-se.

— Que significa esta sua intrusão aqui, tenente? perguntou ele, depois de reparar nas dragonas do outro. E, ante o silêncio do invasor, acrescentou em voz estentórea: Saia já daqui!

Tarzan timbrou em não lhe dar resposta, mas aquele casal ouviu um rosnado surdo escapar-lhe dos lábios semi-cerrados, um rosnar que fez estremecer todo o corpo da rapariga, enquanto se cobria de pavor o rosto rubro do huno, que imediatamente levou a mão à pistola, mal, porém, havia empunhado a arma, já esta lhe era arrancada pelo homem-macaco, que, pela janela, a arremessou além, para o pátio do hotel.'

Tarzan, então, encostou-se à porta e tirou lentamente a blusa do uniforme.

— Então você é que é o Hauptmann Fritz Schneider? perguntou ele ao boche.



...fez descer o aparelho a poucos metros acima da terra e no extremo da planície em frente aos pretos...

— Que lhe importa isso? regougou o interrogado.

— Eu sou Tarzan dos Macacos, retrucou-lhe o Tarmangani. Você vai já saber porque foi que me introduzi aqui.

O homem e a mulher, ali defronte, viram que ele não trazia peça alguma de roupa debaixo da blusa, a qual atirou ao chão, onde também deixou escorregar as calças, ficando vestido somente com a sua tanga habitual. A rapariga, a esse tempo, já o havia bem reconhecido.

— Tire a mão daí, do cabo da sua arma! ordenou-lhe o homem-macaco. e o braço de Bertha Kircher caiu logo ao lado. Agora, chegue até aqui!

Aproximando-se ela imediatamente de Tarzan, este tirou-lhe da cinta a pistola e atirou-a ao pátio do hotel, pelo mesmo caminho da outra., Logo que anunciara o seu nome, o Tarmangani notou a palidez cadavérica, que cobriu as feições do huno. Até que enfim tinha encontrado o verdadeiro assassino! Até que enfim sua esposa ia ser parcialmente vingada, — uma vez que nunca o poderia ser inteiramente, que a vida era muito curta e havia muitos germanos no mundo!

— Que é que deseja de mim? perguntou-lhe Schneider.

— Você vai pagar tudo quanto fez no pequeno *bungalow* da região dos Waziris, retrucou-lhe calmamente o homem-macaco.

Schneider começou, então, a bravatear e a ameaçar. Tarzan fechou bem a porta, tirou a chave e jogou-a pela janela, como já havia feito com as pistolas. Voltou-se em seguida para a rapariga, dizendo-lhe em voz baixa:

— Afaste-se do meu caminho! Tarzan dos Macacos vai matar!

O huno deixou de proferir bazófias e entrou a suplicar:

— Eu tenho em casa. lá na Alemanha, mulher e filhos! choramingou ele. Eu nada fiz! Eu...

Tarzan interrompeu-o:

— Você vai morrer como todos os da sua laia: com sangue nas mãos e mentira nos lábios!

E embarafustou em direção ao volumoso Hauptmann. Schneider, era, de fato, um homem corpulento e vigoroso, tinha a mesma altura do homem-macaco, sendo, porém, mais pesado. Viu que de nada lhe valeriam ameaças ou súplicas, e, por isso, preparou-se para a luta, do mesmo modo que um rato, assediado a um canto pelo gato, peleja para escapar-se, com o tresloucado furor, a astúcia e a ferocidade, que a primeira lei da natureza permite a muitos animais.

Abaixando a cabeça taurina, lançou-se ao encontro do homem-macaco, e, então, ali no meio do quarto, os dois se engalfinharam. Ficaram entrelaçados e vibrando por um curto instante, pois Tarzan conseguiu fazer recuar o seu antagonista até acurvá-lo sobre uma larga mesa de trabalho, a qual tombou, quebrando-se sob o peso dos dois corpos.

A rapariga, de olhos estatelados, presenciava a todas as minúcias daquele combate. Viu os dois homens, agarrados corpo a corpo, a rolar no soalho, para cá e para lá, e ouviu, estarrecida de pavor, os surdos rosnados que partiam dos lábios do gigante seminu. Schneider forcejava por alcançar com os dedos a garganta do adversário, ao passo que, — horror dos horrores! — Bertha Kircher pôde ver que o homem-macaco procurava com os dentes a veia jugular do oficial germânico!

Schneider, percebendo isso, redobrou os esforços para libertar-se das garras de Tarzan, o que afinal conseguiu, pois rolou por sobre o homem-macaco e fugiu. Estava quase a suspender a vidraça e a pular pela janela, quando Tarzan, rápido como o relâmpago, o alcançou, sua mão pesada caiu-lhe sobre o ombro e ele foi não só puxado, como também atirado dali à parede oposta do quarto. Tornaram a abraçar-se em furiosa luta corporal, distribuindo-se ambos os mais tremendos golpes, até que Schneider, numa voz penetrante, começou a gritar:

— “Kamerad! Kamerad!”

Tarzan agarrou o homem pela garganta e empunhou ,

com a destra a faca de caçador. Schneider tinha as costas de encontro à parede, de sorte que, embora os joelhos lhe vacilassem, o homem-macaco o mantinha ereto. Tarzan levou a ponta aguda da lâmina à parte inferior do abdômen da huno.

— Assim você matou minha esposa! bradou-lhe escarninhamente, numa voz terrível. Assim deve você morrer!

A rapariga aproximou-se dos dois, titubeante.

— Oh! Por Deus! Não! gritou ela a Tarzan. Isso não! O senhor é muito bravo: não deve proceder como procedeu essa fera!

Tarzan voltou-se e olhou para ela, dizendo-lhe:

— Realmente, a senhora tem razão! Não posso matá-lo assim: não sou boche...

E, levantando a ponta da lâmina, cravou-a no coração pútrido de Hauptmann Fritz Schneider, pondo um ponto final, traçado com sangue, ao último alento do huno, que ainda estertorava:

— Eu não a matei! Ela está...

Dirigindo-se então à rapariga, Tarzan estendeu-lhe a mão aberta, ordenando-lhe:

— Ponha aqui o broche!

Ela apontou para o oficial morto, já estirado no soalho:

— Está em poder dele!

Tarzan abaixou-se sobre o cadáver de Schneider, rebuscou-lhe as vestes e encontrou a jóia. Erguendo-se, disse à moça:

— Agora, entregue-me um documento que está em seu poder!

E ela passou imediatamente às mãos de Tarzan um papel dobrado.

Ele ficou por longo tempo a olhar para a rapariga, antes de dirigir-lhe novamente a palavra. Por fim, disse-lhe o seguinte:

— Vim também procurá-la. Ser-me-ia difícil levá-la daqui e, por isso, ia eu matá-la, pois jurei exterminar toda a sua raça. Mas a senhora tinha razão, quando disse que eu não era uma fera como esse assassino de mulheres. Não pude matá-lo como ele matou minha esposa. E também não posso matar a senhora, porque não sou assassino de mulheres!

Proferidas tais palavras, dirigiu-se para a janela, suspendeu a vidraça, e, um instante depois, tinha saído por ali, e desaparecido nas trevas da noite.

E, então, Fraulein Bertha Kircher correu apressadamente para o cadáver de Schneider, e, introduzindo a mão por baixo da blusa do oficial morto, tirou dali um pequeno maço de papéis, que ocultou no seio, antes de dirigir-se à janela e gritar por socorro.

Quando o sangue falou

Tarzan dos Macacos estava desgostoso consigo mesmo. Tivera em seu poder a espiã germânica, Bertha Kircher, e deixara-a impune. É verdade que tinha matado Hauptmann Fritz Schneider, que o imediato von Goss havia morrido em suas mãos, e que, de outra maneira, saciara a sua sede de vingança com relação aos indígenas da companhia germânica, também co-participantes dos atos de assassinio, pilhagem e saque, perpetrados no *bungalow* da região dos Waziris. Restava ainda um oficial, que não lhe havia prestado contas, e a quem não pudera encontrar. Era o tenente Obergatz, ao qual ainda procurava, embora baldadamente, pois soubera que o mesmo tinha sido enviado, em certa missão especial, ou ali a qualquer ponto da África, ou de novo à Europa: o delator não o sabia com precisão, ou não o queria revelar.

O fato de haver permitido ao sentimento deter-lhe a mão quando podia facilmente ter posto Bertha Kircher fora do seu caminho, de uma vez para sempre, no hotel de Wilhelmstal, inflamava de raiva o peito do homem-macaco. Estava envergonhado da sua fraqueza. Ainda depois de haver entregado ao chefe do estado-maior inglês o papel que tomara da rapariga, e, embora as informações, que tal documento continha, houvessem permitido às tropas britânicas frustrar um ataque do flanco germânico, — Tarzan continuava muito aborrecido consigo mesmo. E esse aborrecimento provavelmente lhe vinha da certeza de que, se se lhe deparasse idêntica oportunidade, julgaria ainda impossível matar a uma mulher, como pensara naquela noite, em Wilhelmstal.

Tarzan lamentava aquela sua fraqueza, atribuindo-a as influências afeminizadoras da civilização, pois que, nos re-folhos de seu coração selvagem, tanto tinha em desprezo a civilização, quanto os representantes dela, isto é, os homens e as mulheres de todos os países civilizados do mundo. Sempre lhes comparava a fraqueza, a voz, a hipocrisia, até as pequenas vaidades, com os hábitos inatos, as manifestações rudes e sinceras dos ferozes companheiros que tinha na selva, e, contra tais forças, lutavam a todo tempo, naquele grande coração, outras forças poderosas: o amor e a lealdade de Tarzan para com os seus amigos do mundo culto.

O homem-macaco, criado, qual fora, por animais selvagens e entre animais selvagens, era cauteloso em fazer amigos. Conhecimentos, contava-os às centenas, amigos, porém, tinha poucos. Por esses poucos, era capaz de morrer, como sem dúvida eles também fariam por ele. Mas não havia nenhum desses seus amigos servindo nas forças inglesas da África Oriental, e, por isso, enojado do espetáculo de

tantos homens que empregavam ali, uns contra os outros, os mais desumanos métodos de guerra, deliberou Tarzan atender ao insistente chamado que lhe dirigia a remota selva da sua juventude. Demais os alemães batiam agora em retirada e a guerra estava tão próxima do fim na África Oriental, que julgou serem de pouca valia, ali, os seus serviços ulteriores.

Não tendo jamais prestado juramento algum à bandeira do rei, nenhuma obrigação o prendia ali, principalmente agora, que havia cumprido o seu dever moral. E, por isso, desapareceu do acampamento inglês tão misteriosamente, como havia, poucos meses antes, aparecido lá.

Mais de uma vez, Tarzan havia regredido à vida primitiva e desta volvera de novo à civilização, por causa do amor que consagrava à sua esposa. Mas agora, que ela se fora para o além, estava convencido de que ia abandonar definitivamente todos os hábitos de homem, para viver e morrer como uma fera entre feras, qual tinha sido desde a infância até a maturidade.

Estendia-se diante dele, até o ponto a que se destinava, uma ínvia vastidão, quase toda ocupada por imensa mata cerrada e primitiva, em muitos sítios da qual o pé de Tarzan seria, indubitavelmente, o do primeiro ser humano que pisasse aquela terra virgem. Essa perspectiva, entretanto, longe de causar desânimo ao Tarmangani, serviu-lhe até de incentivo, pois que abundante lhe corria nas veias aquele sangue nobre, que havia tornado habitável para o homem a maior parte da superfície da terra.

Obter alimentação e água, — problema que, em primeiro lugar, acudiria à mente de qualquer homem ordinário, ao cogitar de empreender semelhante jornada, — pouco preocupava a Tarzan. A floresta sempre foi o seu “habitat” natural, e a arte de andar pelas matas era tão inerente ao seu ser, quanto a respiração. Do mesmo modo que os outros animais da selva, podia farejar a água a grande distância, e, onde vós ou eu teríamos morrido de sede, o homem-macaco daria, infalivelmente, com o lugar exato a escavar, para tirar o líquido precioso.

Por muitos dias, atravessou Tarzan uma região abundante de caça e cortada por alguns riachos. Movia-se vagarosamente, caçando e pescando, ou de novo fraternizando com uns e combatendo com outros dos selvagens habitantes da mata. Agora, era o pequeno Manu, o macaco, que, depois de guinchar e caretear para o poderoso Tarmangani, logo tagarelava com este e o prevenia de que Histah, a serpente, jazia enroscada na relva alta, ali adiante. A Manu pediu Tarzan notícias dos grandes macacos, — os Manganis, — e soube que poucos deles habitavam aquela parte da floresta, e que esses mesmos andavam então à caça em ponto mais distante dali, para os lados do norte.

— Mas aqui existe agora o Bolgani, acrescentou Manu. Gostaria de ver o

Bolgani?

O tom do mico era de zombaria, e Tarzan compreendeu que era porque o pequeno Manu pensava que todas as criaturas tinham medo do terrível Bolgani, o gorila. Tarzan arqueou o peito vigoroso e, batendo nele com o punho fechado, gritou ao sagüi.

— Eu sou Tarzan. E, quando Tarzan era ainda um “balu”, matou um Bolgani. Tarzan procura os Manganis, que são seus irmãos, mas ao Bolgani ele não procura. Por isso, deixe Bolgani lá longe, fora do caminho de Tarzan!

O pequeno Manu ficou muito impressionado com semelhantes palavras, pois o costume da selva é jactanciar-se e acreditar. Foi então que condescendeu em fornecer a Tarzan mais novas sobre os Manganis.

— Eles foram para lá, para lá e para lá, disse ele, fazendo um grande giro com a mãozinha peluda, primeiro para o norte, depois para o oeste e por fim para o sul. Porque lá, e apontava para o poente, existe muita caça, mas, antes de chegar lá, é preciso atravessar um enorme trecho, onde não se encontra alimento, nem água, e, por isso, eles foram por aquele outro caminho.

E a mãozinha movia-se de novo em um meio-círculo, o qual explicava a Tarzan a grande volta, que os macacos grandes faziam para chegar à sua zona de caça, no oeste.

Isso calhava muito bem. aos Manganis, que eram preguiçosos, e aos quais tanto importava andar depressa, quanto devagar, mas a Tarzan convinha mais a estrada reta. Atravessaria a região árida e atingiria a de boa caça em uma terça parte do tempo que gastaria, se fizesse a volta pelo norte. Continuou, portanto, em direitura ao oeste, e, transpondo uma cadeia de montanhas baixas, chegou à vista de um extenso planalto, pedregoso e desolado. Lá ao longe, bem ao longe, avistou outra cadeia de montanhas, atrás da qual conjecturou achar-se a zona de caça dos Manganis. Reunir-se-ia a eles, ali, e passaria com eles alguns dias, antes de continuar para a costa, em rumo à pequena cabana que seu pai havia feito, ao lado do porto derruído e à beira da selva.

O cérebro de Tarzan estava cheio de planos. Havia de reconstruir, aumentando-a, aquela choupana onde nascera, ao lado dela, havia de erguer celeiros, onde faria os macacos guardar provisões, quando houvesse abundância delas, para os tempos de carestia, — coisa essa que nenhum símio tinha ainda sonhado fazer. E a tribo permaneceria sempre naquela localidade, e ele seria novamente o rei dela, como tinha sido antes. Tentaria ensinar-lhes algumas das melhores coisas que aprendera do homem, ainda que, conhecendo melhor que ninguém a inteligência do macaco, receava que todos os seus esforços dessem em nada.

O Tarmangani achou aquela região, que estava atravessando, extremamente áspera, a mais áspera que jamais encontrara. O chapadão era cortado por freqüentes desbarrancadas, em cuja passagem gastava ele, muitas vezes, horas de esforço fatigante. A vegetação era esparsa e de um pardo desbotado, que dava a toda a paisagem um aspecto de imensa melancolia. Grandes rochedos espalhavam-se em todas as direções, até aonde a vista podia alcançar, e achavam-se enterrados parcialmente em uma poeira impalpável, que se levantava em nuvens ao redor deles, a cada passo. O sol brilhava causticamente, num céu sem nuvens.

Durante um dia inteiro, fadigou-se Tarzan por aquela terra execranda, e, ao descambar do sol, as montanhas, que avistara para os lados do oeste, não pareciam mais próximas do que pela manhã. Nem um único sinal de vida se deparara ali ao homem-macaco, a não ser Ska, a ave de mau agouro, que o havia acompanhado sempre, desde que penetrara naquele deserto.

Nem os menores escaravelhos, que poderia ter comido, lhe deram qualquer mostra de vida ali. Foi, portanto, um Tarzan faminto e sequioso o que se deitou, para repousar, à tarde, naquela solidão. Decidiu jornadas durante o frescor da noite, pois sabia que mesmo o incomparável Tarzan tinha limites para tudo, e que, onde não havia alimento, não era possível comer, e, onde não havia água, o maior explorador do mundo não poderia matar a sede. Era uma experiência totalmente nova para Tarzan o encontro daquela região tão árida e terrível, na sua África querida. Até o Saara tinha os seus oásis, ao passo que aquela medonha solidão parecia não possuir sequer um metro quadrado de terra hospitaleira.

Contudo, estava capacitado de que chegaria à região maravilhosa, da qual o pequeno Manu lhe falara, embora só o conseguisse com a pele sobre os ossos e a língua ressequida. Caminhou até raiar a alvorada, quando sentiu novamente que lhe era imprescindível o repouso. Achava-se no extremo de outro daqueles fragosos precipícios, o oitavo que atravessava, e cujas paredes alcantiladas teriam forçado ao último grau a resistência de um homem descansado, bem provido de víveres e de água. E, pela primeira vez, ao olhar para aquele abismo e para a muralha oposta, que precisava de escalar, começaram a assaltar-lhe a mente alguns pressentimentos desagradáveis.

Tarzan não tinha medo da morte. Com a lembrança, ainda bem viva em sua mente, da esposa assassinada, quase que a desejava. Entretanto, ainda era bem forte em seu íntimo aquele instinto primário de conservação, — o impulso de combate pela vida, que fazia dele um ativo adversário da Grande Ceifeira, até que, lutando até o fim, fosse vencido por um poder superior.

Uma sombra agitava-se vagarosamente pelo chão, ali ao seu lado. Levantando os olhos para o céu, o homem-macaco viu Ska, o abutre, a descrever-lhe um grande

círculo sobre a cabeça. O horrendo e persistente precursor do mal, despertou o Tarmangani para uma nova resolução. Ergueu-se, aproximou-se da borda do precipício, e, roçando o corpo, com os olhos fitos na ave de rapina, lançou-lhe, aos gritos, o desafio do macaco grande:

— Eu sou Tarzan, soberano da selva! Tarzan dos Macacos não é para o bico de Ska, comedor de carniça! Volta para junto de Dango e repasta-te nos restos das hienas! Tarzan não deixará ossos, para Ska roer, neste vazio deserto da morte!

Antes, porém, de chegar ao fundo do abismo, foi novamente coagido a reconhecer que a sua resistência minguava cada vez mais, e, quando tombou exausto ao pé do rochedo e viu ali adiante a íngreme parede, que ainda precisava de galgar, descobriu os colmilhos aguerridos e rosnou. Por uma hora, deixou-se ficar ali, à sombra fresca da base do rochedo. Ao redor dele, reinava o mais completo silêncio, — um silêncio tumular. Nem aves esvoaçando, nem insetos zumbindo, nem répteis rastejando, rompiam aquele silêncio de morte.

Aquele, verdadeiramente, era o vale da desolação. Sentia apoderar-se-lhe do espírito a influência deprimente daquele lugar hediondo. Mas, embora a cambalear sobre os pés, ergueu-se e sacudiu-se como um grande leão. Não era ele ainda Tarzan, o formidável Tarzan dos Macacos? Sim, e Tarzan o destemido, ele seria, até à última pulsação do seu coração selvagem!

Ao transpor o fundo do precipício, avistou alguma coisa estendida às fraldas da parede da qual se aproximava, — alguma coisa que contrastava assustadoramente com toda aquela ambiência. Parecia, entretanto, formar parte ou constituir uma parcela daquela cena sombria, lembrando um ator a aparecer entre as bambinelas de um palco bem aparelhado, e, como que para pôr em evidência a alegoria, os causticantes raios de Kudu, convergindo sobre a parede oriental do rochedo, refletiam-se, como um gigantesco foco de luz, sobre a coisa estendida à base da parede ocidental.

Aproximando-se mais, viu Tarzan nos ossos alvacentos de um corpo humano, em redor dos quais jaziam restos de roupas e peças de armamento, cujo exame encheu de tanta curiosidade o homem-macaco, que este, por algum tempo, olvidou a sua própria situação, imaginando a lóbrega história, sugerida por aquelas mudas testemunhas de uma tragédia ignota, há longo tempo ocorrida ali.

Os ossos achavam-se em perfeito estado de conservação e mostravam, intactos, que a carne lhes tinha sido provavelmente arrancada por abutres, mas as peças de armamento, enferrujadas, evidenciavam a sua muita idade. Naquele sítio protegido, onde não havia geadas e certamente pouco chovia, os ossos permaneceram vários séculos sem desintegrar-se, pois não havia outras forças para dispersá-los ou modificá-los.

Perto do crânio do esqueleto, estava um elmo de bronze forjado e sob a caixa torácica, uma couraça de aço corroída, enquanto aos lados se viam uma comprida espada, metida na bainha metálica, e um antigo arcabuz. Os ossos eram de um homem corpulento, — um homem de imensa força e de vitalidade maravilhosa. Tarzan não ignorava que ele devia ter sido assim, para ousar embrenhar-se tão longe, através dos perigos da África, munido de armamento tão poderoso, embora inútil.

O homem-macaco sentiu uma profunda admiração por aquele aventureiro anônimo, de priscas eras. Que bruto homem não devia ter sido e que gloriosa narrativa de lutas, de caleidoscópicas vicissitudes de fortunas, não teria encerrado o cérebro que existiu dentro daquele crânio esbranquiçado! Tarzan abaixou-se, para examinar os restos de roupas, que ainda jaziam ali, em redor dos ossos. Tudo quanto fora feito de couro havia desaparecido, sem dúvida comido por Ska. Não existia ali nenhuma das botas, se é que o homem as usava, mas havia diversas fivelas espalhadas, indicando que algumas peças do seu vestuário eram de couro. Precisamente debaixo dos ossos de uma das mãos, havia um cilindro de metal, de oito polegadas de comprimento por duas de diâmetro. Tomando-o nas mãos, viu o homem-macaco que aquele objeto tinha sido espessamente laqueado e que, por isso, resistira às intempéries, achando-se em tão perfeita conservação naquele momento, como quando o seu possuidor tombou, para o último e eterno sono, talvez alguns séculos atrás.

Examinando-o, viu que uma das suas extremidades estava fechada por uma tampa móvel, que Tarzan afrouxou e removeu mediante pequena torsão, o que lhe permitiu tirar de dentro do cilindro um rolo de pergaminho contendo certo número de páginas amareladas pelo tempo, não pôde decifrar o que se achava escrito nelas, em letra miúda e uma língua que conjecturou ser a espanhola. A última folha era um mapa grosseiramente desenhado, tendo marcas de numerosos pontos de referência, tudo incompreensível para o homem-macaco, o qual, depois de um ligeiro manuseio dos ditos papéis, os introduziu de novo no tubo metálico, tornou a colocar a tampa no mesmo, e estava para atirar o pequeno cilindro ao chão, ao lado dos restos de seu primitivo dono, quando um repente de curiosidade insatisfeita o levou a jogá-lo dentro de sua própria aljava. Fê-lo certo com o horrendo pensamento de que, dali a séculos, aquele objeto poderia achar-se outra vez à vista do homem, ao lado de seus ossos esbranquiçados.

E, lançando um olhar de despedida ao vetusto esqueleto, entregou-se ao afã de subir a parede ocidental do precipício. Muito devagar e parando freqüentemente, arrastou ali para cima o corpo enfraquecido. Escorregou muitas vezes, em razão do esgotamento de forças, e só por um mero acaso não caiu ao fundo daquele abismo. Quanto tempo consumiu para escalar aquela maldita parede, não poderia dizê-lo,

pois que, quando lhe alcançou o cimo, tombou em terra exausto e ofegante, tão cansado, que não pôde mais levantar-se, então, nem mesmo arrastar-se mais alguns passos para diante da perigosa beira do precipício.

Ergueu-se, afinal, a muito custo, primeiro apoiando-se sobre os joelhos e depois titubeando sobre os pés. Apesar de tudo, recomeçou penosamente a marcha para a frente, e a sua vontade indomável manifestava-se-lhe por um violento endireitar dos ombros, por um decidido sacudir da cabeça. Depois de mais alguns passos, esquadrinhou a inculta paisagem, à procura de outro desfiladeiro, o qual, inevitavelmente, lhe poria fim à jornada e à vida. As colinas do oeste pareciam-lhe próximas agora, ainda que só o estivessem em sua imaginação, onde dançavam, quais miragens, à luz do sol, como que a zombarem dele com semelhante proximidade, no momento em que a fadiga imensa do homem-macaco prognosticava torná-las para sempre inacessíveis ao mesmo.

Sabia que, além delas, devia estender-se a fértil região de caça, de que lhe falara Manu. Mesmo que não encontrasse mais nenhum precipício, eram problemáticas as suas possibilidades de escalar colinas, embora não muito altas. Oxalá tivesse ele, ao menos, a fortuna de alcançar-lhes o sopé, pois que, se se lhe deparasse outro desfiladeiro, nada mais poderia esperar! Por cima de sua cabeça, no céu, ainda volteava Ska, e pareceu a Tarzan que a ave agoureira já esvoaçava mais baixo, como a prever em tal descida a aproximação do fim dele... Mas, através dos lábios ressequidos, o Tarmangani lançou a, Ska um rosnado de desafio.

Tarzan dos Macacos deixava atrás de si quilômetros sobre quilômetros, vencidos unicamente por sua vontade de ferro. Qualquer homem menos forte teria caído ali para sempre descansar os músculos fatigados, para os quais cada movimento era uma verdadeira agonia de esforço. Por fim, a marcha do homem-macaco tornou-se praticamente maquinal: cambaleava com a mente obnubilada, que reagia unicamente a um constante e automático apelo: — “Avante, avante, avante!” As colinas, para ele, eram agora uma espécie de mancha escura, mal esfumada, a distância. Algumas vezes, esquecia-se de que eram colinas, e, de novo, espantava-se, vagamente, de estar marchando ali, para sempre, através de todos aqueles tormentos, tentando alcançá-las, — as imaginárias, enganadoras colinas! Começou, então, a odiá-las, e dentro de seu cérebro semi-delirante formou-se a alucinação de que aquelas colinas eram colinas germânicas, de que elas haviam sacrificado a alguém que lhe era querido, — quem fosse esse “alguém”, não o sabia, — e ele, Tarzan, não podia deixar de ir destruí-las!

Tal idéia, crescendo, pareceu dar-lhe forças, — um novo propósito vivificante, — tanto que, por algum tempo, não cambaleou mais: ao contrário, continuou firmemente a marcha, de cabeça erguida. Mas, logo adiante, tropeçou e caiu, e, quando tentou

levantar-se, viu que isso lhe era de todo impossível: suas forças estavam aniquiladas, nada mais podia fazer do que se arrastar sobre as mãos e os joelhos uns poucos metros, e, depois, tombaria outra vez, para descansar ali eternamente.

Foi nessa crise de profundo esgotamento que ouviu o tatar de asas funestas sobre sua cabeça. Com as poucas forças que lhe restavam, conseguiu ficar de costas no chão e pôde ver Ska, que voejava dali para cima. Este episódio como que esclareceu algum tanto a mente de Tarzan.

— Então estará assim tão próximo o meu fim? pensou ele. Ska saberá que estou tão perto da morte, que já se atreve a descer e empoleirar-se sobre a minha carcaça?

E, mesmo em tal conjuntura, um sorriso horrendo aflorou àqueles lábios descorados, ao mesmo tempo que, dentro daquele cérebro selvagem, repontava um pensamento repentino, — o ardil da fera acuada.

Fechando os olhos, lançou sobre eles o antebraço, a fim de defendê-los do bico adunco de Ska, e assim se deixou ficar muito quietinho, e esperou.

Era muito agradável ficar assim deitado ali, pois o sol estava agora encoberto por nuvens, e Tarzan sentia-se derreado. Temia adormecer, pois alguma coisa lhe dizia que, se dele se apoderasse o sono, não acordaria mais, e, por isso, concentrou todas as suas poucas forças restantes num pensamento único: — o de permanecer acordado. Não fazia o menor movimento: para Ska, que volteava ali em cima, tornou-se evidente que aquele homem esticava as canelas e que, portanto, ia ser, afinal, recompensada a sua longa viagem, a sua longa vigília de comedor de carniça.

Diminuindo lentamente os círculos de vôo, baixava-se cada vez mais sobre aquele corpo moribundo ou morto. Por que era que Tarzan não se movia? Estava apenas a dormir, vencido pelo cansaço? Ou Ska era quem estava certo: a Morte havia, enfim, aniquilado aquele corpo formidável? Estaria aquele coração selvagem reduzido para sempre ao silêncio? Era incrível.

Ska, todavia, cheio de suspeitas, voejava prudentemente. Por duas vezes, quase pousou sobre o grande peito nu, mas tornou a levantar o vôo repentinamente, somente numa terceira vez suas garras tocaram a pele morena do Tarmangani. Foi como se tal contato produzisse um circuito elétrico, que instantaneamente vitalizasse aquele corpo quieto, por tanto tempo imobilizado ali. Uma forte mão trigueira descreveu ligeira curva por sobre a fronte trigueira, e, antes que Ska pudesse alçar uma das asas para o vôo, já estava nas garras da sua pretensa vítima.

Ska lutou, — mas não era competidor, mesmo para um Tarzan moribundo — e, um momento depois, os dentes do homem-macaco cerravam-se sobre o comedor de cadáveres. A carne, grosseira e dura, desprendia um cheiro desagradável e era de gosto ainda pior. Mas, afinal, carne de abutre também era comida, e sangue de abutre

também era bebida. E Tarzan — um macaco somente pelo coração e um macaco que precisava de tudo fazer pela vida, — estava morrendo de inanição e de sede.

Ainda que mentalmente debilitado, qual estava, o Tarmangani soube dominar o apetite, comendo parcamente e guardando o resto da presa. E, convencido então de que poderia descansar sem receio, voltou-se para o lado e adormeceu.

Caindo-lhe pesadamente sobre o corpo, a chuva o acordou. Sentando-se pôs as mãos em concha e apanhou as preciosas gotas de água, que lhe vinham do céu, transferindo-as, sôfrego, para a garganta seca. Poucas apanhava de cada vez, mas era melhor assim. Os pequenos pedaços de carne do abutre, que havia devorado, o sangue de Ska e as gotas de chuva, que havia bebido, e o bom sono que dormira, revigoraram-no, consideravelmente, dando-lhe novas forças aos músculos fatigados.

Agora, pôde ver de novo as colinas, — as quais estavam realmente próximas, — e, embora então não fulgurasse o sol, o mundo lhe parecia claro e alegre, pois Tarzan sabia que estava salvo. A ave, que o teria devorado, e aquela chuva providencial tinham-no salvado ali, no momento preciso em que a morte se lhe antolhava inevitável.

Comendo, outra vez, mais uns pequenos bocados da carne insípida de Ska, o homem-macaco ergueu-se, sentindo algo da sua antiga força, e pôs-se a caminhar, com passo firme, em direção às colinas cheias de promessas, que lá adiante avultavam encantadoras. Caiu o crepúsculo, antes que as houvesse alcançado, continuou, porém, a jornada, até sentir o solo íngreme, que lhe indicava haver chegado à base das colinas propriamente ditas, e, então, deitou-se ali mesmo, esperando a claridade da manhã, a fim de descobrir o lugar mais fácil por onde entrar no seio da terra fértil. A chuva cessara de todo: mas o céu continuava ainda tão nublado, que mesmo a vista aguda do Tarmangani não lograva penetrar a escuridão circunstante, senão no espaço de poucos metros. E, por isso, dormiu ali, depois de comer o restante da carne de Ska, dormiu bem, até que o sol da manhã o despertasse com uma nova sensação de forças e de bem-estar.

E, desse modo, tendo atravessado antes o vale da morte, agora transpôs as colinas, chegando a uma terra abundante de caça e semelhante a um jardim, pela beleza da paisagem. Alongava-se por ali abaixo um vale profundo, no centro do qual a vegetação mais densa denunciava o curso de um rio, além do qual se estendia por léguas uma floresta virgem, que terminava, por fim, ao pé de montes elevados, cobertos de neve. Era uma terra que Tarzan nunca vira antes e na qual, provavelmente, jamais havia tocado o pé de outro homem branco, a não ser, — decerto num passado muito remoto, — o daquele aventureiro, cujo esqueleto esbranquiçado Tarzan encontrara, pouco antes, no fundo de um precipício.

Tarzan e os grandes macacos

Durante três dias, o homem-macaco repousou e procurou refazer-se, comendo frutas, cocos e caça miúda, a qual mais facilmente podia ser posta em farnel, e no quarto dia saiu a explorar o vale, em busca dos grandes macacos. O tempo era para ele um fator dispensável na equação da vida: tanto lhe fazia atingir o litoral do oeste em um mês quanto em um ano ou em três dias. Achava-se em absoluta liberdade: tinha sido quebrado o último elo que o prendia à civilização. Embora sozinho ali, não estava precisamente isolado. Passara a maior parte da vida daquela maneira, e, ainda que não houvesse ali outro ser humano, estava sempre rodeado dos habitantes das selvas, por quem não lhe nascera, em razão da íntima convivência, o menor desdém no peito. Interessavam-no sempre as passagens mais simples da existência deles. Havia uns, com quem facilmente travara amizade, e havia outros, cuja presença, como seus inimigos hereditários, lhe trazia constante perigo à vida. Não fora, porém, assim, — tudo lhe correria por demais monótono.

E saiu ele, então, no quarto dia, a explorar o vale, em busca dos seus amigos macacos. Já havia percorrido uma pequena distância para o sul, quando sentiu cheiro de homem, do Gomangani, o negro. Sentiu que havia muitos de tal raça e, misturado com a cantiga deles, percebeu outro cheiro, o de uma Tarmangani.

De galho em galho das árvores mais altas, chegou até perto daqueles, cuja presença ali o olfato havia denunciado. Aproximou-se cautelosamente, mas sem prestar nenhuma atenção ao vento, sabia que aquela gente, não obstante possuir também sentidos aguçados, somente se aperceberia dele pelos olhos ou pelos ouvidos ou então, quando lhes estivesse ao pé. Andasse ele à caça de Numa ou Sheeta, tê-los-ia rodeado, até que a presa ficasse de costas para ele, de modo que a sua posição fosse vantajosa, no momento de ser visto ou ouvido, mas, em relação a seres humanos, tão tolos, aproximava-se deles com quase desdenhosa indiferença, de maneira que toda a mata em derredor sabia da sua passagem, — menos os homens a quem ele perseguia.

Dentre a densa fronde de uma grande árvore, viu-os passar: era um desprezível grupo de negros, uns vestidos com o uniforme das tropas indígenas da África Ocidental Alemã, outros envergando apenas uma peça do dito uniforme, enquanto a maior parte havia retornado à simples vestimenta dos seus maiores, isto é, à quase nudez. Acompanhavam-nos muitas negras, rindo e falando alto com eles. Achavam-se todos os homens armados de carabinas germânicas e o seu equipamento era também de procedência alemã.

Não havia entre eles nenhum oficial branco. Mas Tarzan percebeu logo que eram soldados indígenas fugidos a algum comando germânico, e conjecturou houvessem eles assassinado aos seus oficiais, desertando para as selvas com as respectivas mulheres, se é que não tinham roubado outras nas povoações por onde passaram. Era evidente que procuravam aumentar tanto quanto possível a distância que os separava do litoral, buscavam, sem dúvida, algum ponto afastado e impenetrável do interior, onde pudessem fundar um reino de terror entre os íncolas que só se utilizavam de armas por demais primitivas, e, por meio de pilhagens, fazer fortuna e montar serranhos à custa da região onde se estabelecessem.

Entre duas negras, marchava ali uma esbelta moça branca. Estava sem chapéu, e suas roupas, rasgadas e em desalinho, tinham sido antes, indubitavelmente, um elegante costume de montaria. O paletó já não existia e metade da blusa fora-lhe arrancada do corpo. À toa, ou pelo menos sem provocação aparente, uma ou outra das negras lhe batia ou a empurrava asperamente para diante. Tarzan espreitava tudo isso com os olhos semicerrados. O seu primeiro impulso foi pular sobre aquela corja de bandidos e tirar-lhes das garras a rapariga. Mas o homem-macaco a havia imediatamente reconhecido, e, por isso mesmo, hesitava.

Que importava a Tarzan dos Macacos a sorte de uma espiã inimiga? Pessoalmente, não a mataria, pois tinha a inata fraqueza de não levantar os dedos contra mulher alguma, isso, entretanto, não queria dizer que outros estivessem impedidos de brutalizá-la ou assassiná-la. Que o destino daquela rapariga fosse agora muito mais horrível do que a morte rápida e sem dor a que o homem-macaco a houvera submetido, por ser ela uma espiã germânica, — só interessava a Tarzan no sentido de que a morte mais terrível, quando infligida a um boche, era a que este realmente merecia.

E, por isso, deixou que os negros passassem, levando em seu centro Fraulein Bertha Kircher. Mas a passagem do último soldado, que se afastara algum tanto do comboio, não tardou a sugerir-lhe à mente o prazer de atormentar os negros, — um divertimento, ou melhor, um “sport”, em que vinha sempre progredindo, desde o dia remoto em que Kulonga, filho de Mbonga, o chefe, havia atirado a lança em Kala, a mãe adotiva do homem-macaco.

O último guerreiro, que se detivera um momento para certa necessidade corporal, achava-se a cerca de uns quinhentos metros, na retaguarda do grupo. Ia apressar-se agora, para alcançar os companheiros, quando ao passar por baixo da árvore, na qual Tarzan estava empoleirado sobre a estrada, um laço silencioso lhe caiu destramente sobre o pescoço. O bando negro ainda se achava à vista, quando o homem, assim aprisionado, lançou um grito estridente de terror: os seus companheiros, olhando imediatamente para trás, viram-lhe o corpo, como que içado em mágica teatral,

sumir-se no aranhol elevado da folhagem.

Por um momento, quedaram-se ali os negros, paralisados de estupefação e temor, mas o jactancioso sargento Usanga, que os chefiava, prontamente desabatou a correr para trás, ao longo do caminho, bradando aos outros que o seguissem. Carregando as armas, enquanto assim voltavam em socorro do companheiro, espalharam-se, sob o comando de Usanga, num caminho estreito que circundava inteiramente a árvore, em cuja frondosa copa havia o homem desaparecido.

Usanga chamou por ele, sem obter resposta alguma, trepou então, de carabina em punho, até certo ponto da árvore: não viu ninguém, não viu nada. Fechou-se mais o círculo e cerca de cinqüenta negros também galgaram tronco acima, até quase ao meio da árvore, procurando com olhos penetrantes o companheiro. Que teria acontecido a este? Tinham-no visto ser içado para aquela árvore, não haviam mais despregado dela os olhos, e, entretanto, ali não havia mais sinal algum dele. Nisto, um mais afoito se ofereceu para subir até o alto da árvore, sumiu-se por um ou dois minutos em meio da folhagem, e, pulando novamente em terra, jurou não ter lóbrigado por lá vestígio algum de criatura humana.

Perplexos, — e já, agora, um pouco amedrontados, — retiraram-se os negros vagarosamente dali, a olharem repetidamente para trás, e continuaram a marcha interrompida. Achavam-se a cerca de uns dois mil metros do lugar em que o companheiro havia desaparecido quando os que iam na retaguarda o viram surgir por detrás de uma árvore, à beira da estrada, ali à sua frente. Gritando aos outros que viessem ver o amigo afinal encontrado, correram sem parar para este, mas os que chegaram primeiro junto à árvore pararam de repente e recuaram, olhando atemorizados para todos os pontos, como se esperassem que alguma calamidade inominável caísse sobre eles.

Não era sem fundamento semelhante pavor. Espetada na ponta de um galho adrede quebrado, a cabeça do negro estava apoiada ao lado oposto da árvore, de modo a parecer que ele espiava os companheiros por detrás do tronco.

Foi aí que muitos quiseram retroceder, pois temiam haver ofendido a algum gênio mau da floresta, cujos preceitos tivessem involuntariamente violado. Usanga, porém, recusou-se a atendê-los, assegurando-lhes que os aguardavam infalivelmente a tortura e a morte, caso caíssem de novo em mãos dos cruéis senhores germânicos. Esse raciocínio prevaleceu finalmente, e o bando, mais aterrorizado e mais submisso, continuou a marcha para a frente, através do vale, agora em massa compacta, como um rebanho. E não houve deserções.

É um característico feliz da raça preta, que ela tem em comum com as crianças: o seu espírito raramente permanece deprimido por um espaço de tempo considerável, depois de afastada a causa imediata da depressão, e, por isso, meia hora mais tarde,

já o bando de Usanga estava novamente começando a ostentar, até certo ponto, a primitiva aparência de jovialidade descuidada. Dissipavam-se-lhe lentamente às pesadas nuvens de medo, quando, ao dobrarem os negros uma curva da estrada, avistaram de repente, estendido sobre o caminho, o corpo decapitado do companheiro pouco antes desaparecido. E outra vez ficaram imersos nas ansiedades do pavor e de lóbregos pressentimentos.

Tão inexplicável, tão singular tinha sido toda aquela ocorrência, que nenhum deles podia descobrir um clarão de conforto para iluminar a profunda escuridão daqueles acontecimentos de mau agouro. © que havia sucedido a um dos homens do bando, cada qual dos sobreviventes acreditava poder acontecer a si mesmo, — vir a ser, de fato, o seu provável destino. Se tal coisa se dera em pleno dia, que flagelos horríveis poderiam descarregar-se sobre todo o bando, quando a noite o cobrisse com o seu manto de sombras! E todos tremiam por antecipação...

A rapariga branca, que ia bem no centro da tropilha, não estava menos amedrontada do que eles, apenas a sua emoção era bem menor, desde que a morte rápida era a sorte mais clemente que ela podia então esperar. Até aquele instante, não estivera exposta a nada pior do que os maus tratos pequeninos, que sofrera das mulheres, reconhecia, entretanto, que fora somente a presença delas que a salvara de coisas piores em mãos de alguns negros, principalmente nas de Usanga. A esposa deste brutal sargento indígena, — uma verdadeira gigante, um virago de primeira grandeza, — fazia parte do bando, e era ela, indubitavelmente, a única pessoa a quem Usanga temia no mundo. Embora ela fosse também bastante cruel para com a jovem branca, esta a tinha ali como a sua única protetora contra o vil tirano negro.

Já à tardinha, chegou o bando a uma pequena aldeia, de cabanas cobertas de capim, numa clareira da mata, à margem de um rio sossegado. À sua chegada, os principais habitantes da cubata vieram-lhe ao encontro, e Usanga aproximou-se deles, apenas em companhia de dois dos seus guerreiros, a fim de parlamentar com o chefe. Os acontecimentos daquele dia haviam abalado de tal modo os nervos do sargento negro, que estava muito mais inclinado a entender-se amistosamente com aquela gente do que a tomar a aldeia a coice de armas, como faria certamente em condições normais. Agora, também, uma vaga convicção o levava a admitir existisse naquele rincão de selva um demônio poderoso, que dispunha de força portentosa para o mal contra quem quer que o ofendesse. Usanga, portanto, ia primeiramente informar-se das relações que houvesse entre aqueles moradores da aldeia e o Satã selvagem, e, se os íncolas contassem com a benevolência diabólica, Usanga seria mais cauteloso, tratando-os com bondade e respeito.

Do entendimento resultou saber-se que o cacique da aldeia tinha víveres, cabras e aves, de que disporia, de bom grado, em condições convenientes, como isto, porém,

significasse que os recém-chegados seriam forçados a entregar as suas preciosas carabinas e respectiva munição, ou até a própria roupa do corpo, Usanga começou a pensar que teria que mover guerra àquela gente, para obter alimento.

Nisto, uma solução feliz foi sugerida por um dos seus homens: — os soldados iriam à caça, em lugar dos moradores da aldeia e trariam a estes carne fresca, em troca da hospitalidade. O soba da cubata concordou com isso, estipulando, todavia, a quantidade e a qualidade da caça a ser trocada por farinha, cabras, e aves, assim como por certo número de choças, que seriam cedidas aos visitantes. Concluídos os ajustes, — depois de uma hora ou mais daquela argumentação rixenta, de que o indígena da África tanto gosta, — Usanga e toda sua tropa entraram na aldeia, onde foram logo conduzidos às cabanas.

Bertha Kircher ficou numa pequena cafua, encostada à cerca de pau-a-pique, no extremo da rua única da aldeia. Embora não estivesse guardada nem acorrentada, Usanga afirmava-lhe que ela não podia fugir dali, sem correr a uma quase inevitável morte na mata, que os nativos daquele povoado asseguravam achar-se infestada de leões enormes e ferozes.

— Seja boa para Usanga, terminou ele, e nenhum perigo correrá! Voltarei aqui, para vê-la novamente, quando todos estiverem dormindo. Sejamos amigos!

Logo que o bruto a deixou, o corpo da moça foi sacudido por um tremor convulsivo, que a fez cair no chão, onde se deixou ficar, cobrindo o rosto com as mãos. Só então compreendeu porque não tinham posto ali mulher alguma para vigiá-la. Aquilo era obra do esperto Usanga. Mas dar-se-ia que sua esposa não lhe suspeitasse algo das intenções? Naratu não era tola, e, além do mais, presa de ciúme louco, andava sempre à espreita do seu ebânico senhor. Bertha Kircher estava certa de que só aquela mulher era quem a poderia salvar, e o que faria imediatamente, desde que lhe chegasse aos ouvidos o intento do marido. Mas como?

Sozinha e fora da vista dos seus aprisionadores, pela primeira vez, desde a noite anterior, valeu-se de tal oportunidade a rapariga, para certificar-se de que os papéis, que tirara do corpo de Hauptmann Fritz Schneider, ainda estavam a salvo, costurados numa das peças de sua roupa de baixo.

Ah! Como é que poderiam eles, agora, ser utilizados em prol da sua estremecida pátria? O dever e a lealdade, entretanto, eram tão fortes nela que ainda se apegava à esperança de poder fazer chegar às mãos de seu chefe aquele pequeno e precioso embrulho.

Os seus aprisionadores pareciam ter-lhe esquecido a existência: nenhum viera até então à sua cabana, nem se-

quer para lhe trazer alimento. Dali, ela os ouvia, na outra extremidade da cubata,

rindo e gritando, e bem sabia o que festejavam com comes e bebes — fato que lhe aumentava a apreensão. Achar-se prisioneira, numa aldeia indígena, em pleno coração de uma zona inexplorada da África Central, — ela, a única mulher branca, em meio de um bando de negros embriagados! Só este pensamento a fazia empalidecer. Nutria, contudo, uma vaga esperança, oriunda do fato de há muito não ser por eles maltratada, — uma vaga esperança de que, na verdade, podiam tê-la esquecido e de que, dentro em pouco, estariam tão ignòbilmente bêbados, a ponto de se tornarem inofensivos.

Já escurecera, e ninguém tinha vindo vê-la. Pensava em atrever-se a sair à procura de Naratu, a esposa de Usanga, pois este podia não se esquecer de que prometera voltar ali. Ninguém estava perto da choça, quando Bertha saiu dela, dirigindo-se para a parte da aldeia em que os homens se divertiam, ao redor de uma grande fogueira. Ao aproximar-se, viu os íncolas e seus hóspedes acorados num grande círculo em torno da fogueira, e, em frente desta, seis guerreiros nus saltavam, gingavam e batucavam, numa dança grotesca. Panelas de comida e cabaças transbordantes de cachaça passavam de mão em mão pela assistência. Mãos imundas afundavam-se nas vasilhas de comida, e as porções assim apanhadas eram absorvidas tão avidamente, que se poderia pensar que toda aquela gente estava quase a morrer de fome. As cabaças, eles as levavam aos lábios, até que a aguardente lhes escorresse pelo queixo e a vasilha lhes fosse arrancada por algum vizinho também sedento. O álcool já começava a exercer notável efeito sobre a maior parte deles, tanto que se entregavam totalmente a um abandono silencioso.

Quando a moça chegou mais perto, escondendo-se à sombra das cabanas, em procura de Naratu, foi subitamente descoberta por alguém daquela horrorosa multidão: uma negra medonha, que se levantou tremula e caminhou para ela. Ao ver-lhe o aspecto furioso, Bertha pensou que ia ser despedaçada. Achava-se inerte, inteiramente desprevenida ante aquele subitâneo e brutal ataque. Pode-se imaginar o que lhe teria acontecido, se um dos guerreiros não intervisse de pronto ante a agressão iminente. Usanga, percebendo o ocorrido, correu sôfrego a interrogá-la:

— Que é que queres, comida ou bebida? disse-lhe ele. Vem comigo!

E, pondo então o braço em volta da cintura da rapariga, tentou arrastá-la para a roda.

— Não! gritou ela. Eu quero ver Naratu! Onde é que está Naratu?

Isto pareceu, por um instante, desembriagar ao negro, como se houvesse esquecido a sua cara-metade. Lançou à roda olhares rápidos e assustados, e, então, bem convencido de que Naratu nada havia percebido, ordenou ao guerreiro, o qual ainda continha a velha enfurecida, que levasse a moça para a cabana e lá ficasse montando guarda à porta.

Enchendo primeiro uma cabaça de aguardente para si, o soldado fez a rapariga marchar à sua frente, e, assim vigiada, voltou ela à cafua, à porta da qual ficou o negro, que, por algum tempo, limitou o melhor de sua atenção à cachaça.

Bertha Kircher sentou-se no canto mais afastado do interior da choça, esperando, sem saber o que. Não conseguia conciliar o sono, tão cheia tinha a cabeça de planos selvagens de fuga, embora os fosse repudiando de um em um, por impraticáveis. Meia hora depois de havê-la reconduzido para ali, o guerreiro, encarregado de vigiá-la, levantou-se e entrou na cabana, onde procurou entabular uma conversação com a prisioneira. Às apalpadelas pelo interior, encostou a lança à parede e sentou-se ao lado da moça, enquanto falava, aproximava-se dela cada vez mais, e já estava a ponto de alcançá-la. Ela recuou tremendo e gritou-lhe:

— Não me toques! Eu contarei tudo a Usanga. se não me deixares só, e tu bem sabes o que te acontecerá!

O negro soltou uma gargalhada de ébrio, e estendendo o braço puxou a rapariga para si. Ela lutou e gritou estentoriamente por Usanga, na entrada da cabana não tardou a surgir o vulto de um homem.

— Que foi que houve aqui? indagou o recém-chegado, num tom de voz profunda, que a rapariga logo reconheceu como sendo a do sargento negro.

Tinha ele acudido. Mas estaria ela melhor assim? Sabia que não, a menos que se pudesse valer do pavor de Usanga pela esposa.

Quando Usanga se inteirou do que se havia passado ali, pôs o soldado para fora da cabana a pontapés, e, mal o homem se retirou, resmungando e gemendo, o sargento aproximou-se da moça branca. Estava tão embriagado, que por algumas vezes ela conseguiu iludi-lo, e de certa feita o empurrou tão violentamente para fora, que ele tropeçou e caiu.

Afinal, ficou tão enfurecido, que, correndo para ela, a segurou nos braços, semelhantes aos de um macaco. Batendo-lhe no rosto com os punhos cerrados, esforçava-se ela por defender-se e repeli-lo. Ameaçou-o, então, aos gritos, com a cólera de Naratu. Ele, à vista disso, mudou de tática, passando da ameaça para os rogos. E, enquanto ele procurava assim convencê-la, prometendo-lhe segurança e liberdade definitivas, o mesmo guerreiro, que havia posto fora dali a pontapés, fazia a sua entrada, trôpego, na cabana ocupada por Naratu.

Usanga, vendo que pedidos e promessas eram tão inúteis quanto as ameaças, perdeu a paciência e a cabeça, e agarrou a moça brutalmente. Nesse instante, porém, explodiu ali na cabana um demônio vulcânico de ciúme. Era Naratu. Dando pontapés, arranhando, surrando, ela sovou em regra ao aterrorizado Usanga, e, tão obcecada estava para punir o seu infiel marido, que se esqueceu completamente do

objeto que a este fizera perder o juízo.

Bertha Kircher ouvia Naratu gritar, rua abaixo, ainda perseguindo a Usanga, e tremia ao pensar no que lhe estaria reservado, a ela, se caísse nas mãos daquele casal, pois estava certa de que, ao romper do dia seguinte, seria vítima da segunda parte da explosão de ciúme de Naratu, uma vez que esta já havia despejado a primeira parte sobre Usanga.

Fazia já alguns minutos que os dois esposos haviam partido, quando ali apareceu de novo o soldado que Usanga havia tocado. Vendo que a moça estava sozinha, afoitou-se logo porta adentro.

— Ninguém me deterá agora, mulher branca! rosnou ele, enquanto já no interior da choça marchava em direção a Bertha Kircher.

Tarzan dos Macacos, enquanto se regalava com um suculento quadril de Bara, a corça, tinha a vaga consciência de achar-se preocupado. Devia estar em paz consigo mesmo e com todo o mundo: pois não se encontrava ali, no seu elemento natural, cercado de caça em quantidade, satisfazendo tão facilmente às necessidades do estômago com a carne de que tanto gostava? Vias a imaginação de Tarzan dos Macacos era, então, perseguida pelo quadro de uma rapariga branca, empurrada e espancada por negras grosseiras, e que ele mentalmente via agora acampada numa região selvagem, prisioneira de negros desalmados. Por que razão lhe era tão difícil lembrar-se de que ela era uma espiã germânica, a quem ele só devia odiar? Por que razão sempre se lhe impunha à consciência que se tratava de uma mulher e de uma branca? Ele a odiava, assim como a todos os da mesma raça dela, e a sorte, que aquela rapariga ia ter agora, como ele estava certo, não seria mais terrível do que a que ela e todo o seu povo realmente mereciam. O caso ficava assim resolvido, e Tarzan preparou o espírito para pensar em outras coisas. Mas o maldito quadro não se sumia, ao contrário, reaparecia, e agora com todas as minúcias, o que muito aborreceu ao homem-macaco. Começou a calcular o que estariam fazendo com ela e para onde a estariam conduzindo. Ainda agora se envergonhava da forma por que agira após o episódio de Wilhelmstal, quando a sua fraqueza o compelira a poupar a vida da espiã. Mostrar-se-ia fraco outra vez! Não!

Chegou a noite, e ele acomodou-se numa grande árvore, para repousar até a manhã seguinte, o sono, porém, não veio. Em lugar do sono, o que lhe veio foi a visão de uma rapariga branca, que estava sendo espancada por megeras negras, foi a visão de uma rapariga branca à mercê de soldados pretos, nalgum lugar escuro da selva escura.

Com um rugido de raiva e desprezo de si próprio, Tarzan ergueu-se, sacudiu todo o corpo, e, balançando-se nos galhos, passou-se da árvore, em que estava, para a

árvore vizinha, e, assim, servindo-se sempre dos galhos mais- baixos, percorreu em pouco tempo a longa distância que o bando de Usanga havia vencido aquela tarde. Não teve nisso grande dificuldade, pois o caminho bem trilhado lhe indicava a direção tomada pela tropilha, e, assim, quando, cerca de meia-noite, a catinga da aldeia lhe chegou às narinas, adivinhou que o seu alvo estava próximo e que bem depressa acharia aquela a quem buscava.

Andando de um lado para outro, como faz Numa, o leão, quando sorrateiro procura uma presa, — Tarzan movia-se, sem o menor ruído, em redor da cerca de pau-a-pique, escutando e farejando. À retaguarda da cubata, havia uma árvore, cujos galhos se estendiam por sobre a paliçada, o homem-macaco logo a descobriu, e, um instante depois, já se deixara cair dentro da cubata.

De cafua em cafua, procurou, com olhos penetrantes e narinas aguçadas, algum vestígio ou cheiro que lhe revelasse a presença da moça, até que afinal o achou, fraco e apagado pela catinga dos Gomanganis, ao pé de uma pequena cabana. A aldeia estava então silenciosa, porque a comida e a aguardente já tinham sido esgotadas, e os negros, vencidos pelo cansaço e pelo álcool, já se haviam deitado, em todo caso, Tarzan não fez barulho algum, que pudesse ser ouvido, nem mesmo pelo homem mais atento.

Chegando à porta da pequena cabana, pôs-se à escuta: de dentro não vinha o menor ruído, nem mesmo a leve respiração de alguém ainda acordado. Entretanto, estava certo de que a rapariga tinha estado ali, se é que ainda não estava lá, naquele momento. Deslizou, então, para o interior da choça, como um espírito sem corpo. Quedou-se, por um instante, a escutar, bem imóvel além da soleira da porta. Ali dentro, contudo, não havia ninguém, — disso tinha certeza, — mas ia tirar toda dúvida, investigando melhor. À medida que seus olhos se acostumavam à escuridão, distinguiu ali dentro da cabana um corpo, e esse corpo se lhe revelou em tangível forma humana, estendida no chão.

Tarzan chegou mais perto e curvou-se para examiná-lo: era o cadáver de um guerreiro nu, em cujo peito se achava cravada uma pequena lança. Examinou, em seguida, cada pé quadrado do resto do chão e voltou, por fim, novamente àquele corpo sem vida. Inclinando-se sobre ele, cheirou o cabo da arma que o havia assassinado. Um sorriso perpassou-lhe à flor dos lábios, esse sorriso e um ligeiro movimento de cabeça indicavam que havia compreendido tudo.

Uma busca rápida, efetuada no resto da aldeia, assegurou-lhe que a moça tinha fugido. Soltou um suspiro de alívio, certo de que nada de grave lhe havia acontecido. Que a vida dela estivesse igualmente em risco ali na selva, isso não o impressionava, como a vocês ou a mim: — Tarzan considerava uma pessoa mais segura lá do que em Paris ou em Londres, à noite.

Havia galgado de novo a árvore, e já se encontrava do lado de fora da cerca, quando lhe chegou vagamente aos ouvidos um som, que lhe era conhecido e familiar. Ficou a balançar-se levemente no galho, — graciosa estátua de um deus da floresta, — a escutar atentamente. Assim permaneceu ali por um minuto, até que de seus lábios irrompeu o longo grito selvagem de um macaco chamando por outro e só então penetrou ele na selva, onde ouvira o som do tambor dos antropóides, deixando atrás das costas uma aldeia desperta e aterrorizada, a qual, dali em diante, haveria sempre de associar aquele grito terrível à morte de um dos - soldados negros e ao desaparecimento de uma prisioneira branca.

Bertha Kircher, correndo através da mata por um caminho bem trilhado, só pensou em aumentar, tanto quanto possível, a distância que a separava da cubata, antes que a luz do dia permitisse melhor a sua perseguição. Para onde devia rumar, não sabia, nem isso era caso de grande importância, desde que, mais cedo ou mais tarde, a morte lhe poria o ponto final naquela fuga.

A sorte, entretanto, foi-lhe favorável aquela noite, pois conseguiu transpor ilesa uma região selvagem e infestada de leões, como ainda em toda a África, — uma região natural de caça, que o homem branco até então não explorara, e onde o veado, o antílope, a zebra, a girafa, o elefante, o búfalo, o rinoceronte e outros animais herbívoros da África Central viviam sem temor de perseguição de ninguém senão de seus inimigos naturais, os grandes felinos, que, atraídos pela presa fácil e ausência de carabinas dos grandes caçadores, abundavam também ali.

Tinha ela corrido uma ou duas horas, talvez, quando sua atenção foi despertada pelo barulho de certos animais, que se moviam e guinchavam ali bem perto. Convencida de que já ganhara uma distância suficiente para assegurar-lhe um novo avanço na manhã seguinte, antes que os negros iniciassem a perseguição contra ela, e amedrontada também ante os perigos daquelas criaturas da floresta, subiu a uma árvore enorme, para ver se lhe era possível pernoitar nela.

Ainda não havia alcançado um galho seguro e confortável, quando descobriu que a árvore ficava sobre o canto de uma pequena clareira, que até então lhe estivera escondida por espessa vegetação, e, ao mesmo tempo, averiguou-a identidade dos animais, cuja proximidade havia pouco percebera.

No centro da clareira, toda iluminada pelo luar, viu ela folgadoamente uns vinte macacos enormes, de aparência humana, indivíduos peludos, que andavam verticalmente sobre as pernas traseiras, apenas com um pequeno auxílio das mãos. O luar refletia-se-lhes na pele cabeluda, e os seus inúmeros velos de ponta cinzenta tomavam uma espécie de brilho metálico, o qual dava àquelas terríveis criaturas uma aparência quase magnífica.

A moça observou-os por uns dois minutos, enquanto ao grupo inicial se juntavam

outros símios, vindos isoladamente ou em bandos, até que pôde contar ali mais de cinquenta dos enormes animais, reunidos sob o plenilúnio. Havia entre eles alguns macacos ainda novos, bem como muitos pequeninos, estes últimos agarrados aos ombros peludos das mães. Aquele grupo compacto logo se repartiu, formando um círculo no centro da clareira, onde parecia haver um cômodo de terra, achatado na parte superior. Acocoradas perto do montículo, estavam três velhas macacas, armadas de pequenas clavas pesadas, com as quais começaram a bater sobre a extremidade achatada do mesmo, o esquisito tambor expedia um som surdo, e quase imediatamente os grandes macacos começaram a mover-se irrequietos, e sem objetivo algum, o que dava a impressão de uma densa massa movediça de gusanos negros.

O toque de tambor era numa cadência baixa e pausada, a princípio sem marcação, mas logo depois num ritmo compassado, que os símios acompanhavam com certa medida e gingando regularmente o corpo. Todo o bando se dividiu lentamente em dois círculos: o de fora, composto das fêmeas e dos macacos mais novos, e o de dentro, formado pelos macacos mais velhos. O círculo externo deixou bem depressa de mover-se, ao passo que o interno, agora mais vagarosamente, continuava a agitar-se, em redor do tambor, rodando todos os animais na mesma direção.

Foi então que chegou aos ouvidos de Bertha, vindo de lá dos lados da aldeia, um grito terrível, emitido em voz muito alta. O efeito que causou nos macacos foi eletrizante. Cessaram imediatamente os movimentos e ficaram, por um instante, na atitude de quem escuta atentamente, em seguida, um deles, o maior e o mais medonho de todos, ergueu o focinho para o céu e, numa voz que produziu calafrios no corpo delicado da moça, respondeu ao grito longínquo.

As tocadoras de tambor chamaram-nos de novo à ciranda, e a monótona dança foi reencetada. Havia naquela cerimônia selvagem uma certa fascinação, que retinha ali a moça numa espécie de encantamento, e, como presumia não ser provavelmente descoberta no ponto em que se escondera, resolveu passar o resto da noite no alto daquela árvore e continuar a fuga, em relativa segurança, à luz da manhã seguinte.

Certificando-se de que o seu pacote de papéis estava a salvo, procurou uma posição confortável, tanto quanto possível, e acomodou-se ali, para assistir aos singulares festejos que ainda iam desenrolar-se na clareira.

Decorreu meia hora, durante a qual aumentou gradualmente a cadência do tambor. Agora, o enorme símio, que acudira ao grito distante, saiu do círculo, para dançar sozinho entre as tocadoras de tambor e os outros macacos mais velhos. Saltava, rodopiava e pulava novamente, ora ganindo e latindo, ora parando e erguendo o focinho para Goro, a lua, até que, batendo com as mãos no peito cabeludo, lançou aos ares um grito estridente, — o desafio do macho, diria a moça, se o conhecesse.

Ficou assim, sob o plenilúnio, grande, imóvel, depois de ter lançado o repto minaz, no meio daquela mata virgem e dos seus companheiros dispostos em círculo, — quadro de imponente selvageria natural, em que se destacava um Hércules poderosamente musculoso, longe da aurora da vida, — quando, partido de pouco atrás dela, a rapariga ouviu um grito em resposta, e, instantes após, um homem branco, quase nu, pulava de uma árvore vizinha para a clareira.

Todos os macacos formaram imediatamente um grupo compacto de animais enfurecidos, que rosnavam e rugiam. Bertha Kircher conteve a respiração. Que doido seria aquele homem, que ousava aproximar-se daquelas criaturas, assustadoras, no próprio esconderijo delas, ele só contra cinquenta enormes bichos? Ela viu aquele vulto de pele bronzeada, banhada pelo luar, marchar direito para o bando enraivecido. Ela notou a simetria e a formosura daquele corpo perfeito, sua graça, sua força, suas proporções esculturais, e reconheceu-o prontamente. Era a mesma criatura que vira carregar às costas o major Schneider para fora do acampamento do general Kraut, a mesma criatura que a salvara de Numa, o leão, a mesma criatura que ela prostrara em terra com o cabo de sua pistola e fugira, quando estava certa de ser por ela novamente entregue aos inimigos, a mesma criatura que matara Hauptmann Fritz Schneider e poupava a vida dela, na pavorosa noite de Wilhelmstal.

Cheia de medo, mas fascinada, ela acompanhou-o com os olhos, quando o viu aproximar-se dos grandes símios. Ouviu, emitidos pela garganta dele, sons idênticos aos articulados pelos macacos, e, embora lhe custasse acreditar no testemunho de seus próprios ouvidos, sabia que aquele filho de Deus estava conversando com os animais na própria língua deles.

Tarzan fez alto, precisamente ao chegar defronte das macacas do círculo externo.

— Eu sou o Tarzan dos Macacos! gritou-lhes ele. Vocês não me conhecem, porque eu sou de outra tribo. Mas Tarzan, quando vem, tanto está disposto para a paz, quanto para a guerra. Qual delas desejam vocês? Tarzan quer primeiro entender-se com o rei de vocês!

E, assim acabando de falar, avançou em direção às fêmeas e aos macacos mais novos, todos os quais já agora lhe abriram passagem, formando uma dupla ala estreita, através da qual passou ele, para atingir o círculo interno.

As fêmeas rosnaram, e eriçaram-se, quando ele passou por perto delas, mas nenhuma lhe impediu o avanço, e, assim, chegou ele presto ao círculo dos macacos mais velhos. Aí, garras medonhas o ameaçaram e focinhos encolerizados rugiram contra ele.

— Eu sou Tarzan dos Macacos, repetiu ele. Tarzan vem aqui, para dançar o Dum-Dum com seus irmãos. Onde é que está o rei de vocês?

Ele avançou novamente, e a rapariga, lá no alto da árvore, apertou a palma das mãos contra as faces, ao contemplar, de olhos esbugalhados, aquele louco que caminhava para uma morte horrível. E em um momento, acreditava ela, todos aqueles animais, transtornados pela ira, estariam sobre ele, mordendo-o e dilacerando-o, até que aquela forma perfeita ficasse reduzida a frangalhos. Mas o círculo se desfez, e, embora os monos ainda rosnassem e o ameaçassem, não o atacaram, podendo ele, assim, ir parar junto do tambor, bem em face do enorme rei dos macacos.

Tornou ele, então, a falar:

— Eu sou Tarzan dos Macacos! Tarzan vem aqui, para viver com seus irmãos. Tarzan é de paz, e viverá em paz ou matará. Mas veio até aqui e aqui ficará. Qual das duas coisas quer você: que Tarzan dance o Dum-Dum com seus irmãos, em paz, ou que mate primeiro?

— Eu sou Go-lat, rei dos macacos, gritou-lhe o enorme símio. Eu mato! eu mato! eu mato!

E, soltando um ronco de cólera, atirou-se sobre o Tarmangani.

Tarzan, enquanto a moça o observava, parecia totalmente desprevenido para o assalto. Ela esperava vê-lo cair à primeira investida de Go-lat. O enorme bicho estava quase sobre ele, com as mãos estendidas para segurá-lo, sem que Tarzan fizesse até então o menor movimento, mas, quando ele pôs em jogo a sua agilidade, era para fazer envergonhar-se o próprio Ara, o raio. Como se lança a cabeça de Histah, a serpente, assim o fez a mão esquerda do homem-macaco, quando segurou o punho esquerdo do antagonista. Uma volta rápida, e o braço direito do grande símio estava aferrolhado debaixo do braço direito do seu contendor, um golpe de jiu-jitsu, que Tarzan havia aprendido entre os homens civilizados, — um golpe com o qual ele poderia até quebrar aqueles ossos formidáveis, um golpe, enfim, que deixou sem ação o rei dos macacos.

— Eu sou Tarzan dos Macacos! bradou ainda o Tarmangani. Tarzan dançará em paz com vocês ou matará primeiro?

— Eu mato! eu mato! eu mato! berrou-lhe Go-lat. Com a agilidade de um gato, Tarzan pegou o rei dos macacos por um dos quadris e jogou-o ao chão, onde ele ficou a debater-se.

— Eu sou Tarzan, rei de todos os macacos! gritou-lhe novamente o Tarmangani. Quer a paz?

Go-lat, numa fúria extrema, pôs-se em pé e avançou outra vez contra o intruso, soltando o seu grito de guerra:

— Eu mato! eu mato! eu mato!

E Tarzan foi-lhe novamente ao encontro, e deu-lhe subitamente um golpe tal, que o símio estúpido desconhecia e não poderia, portanto, aparar. Foi, por isso, seguro e lançado longe pelo contendor, o que arrancou um grito de prazer da assistência interessada e levou à moça branca uma dúvida razoável quanto à loucura que ela atribuíra àquele seu irmão de raça ariana. Evidentemente ele estava bem seguro de si entre os macacos, pois ela o viu levantar Go-lat do chão, atirá-lo às costas e, depois de fazê-lo dançar sobre os ombros como uma catapulta, arremessá-lo de novo em terra. O macaco-rei tombou de cabeça e ficou bem quietinho.

— Eu sou Tarzan dos Macacos! bradou mais uma vez o Tarmangani. Eu vim aqui, para dançar o Dum-Dum com meus irmãos!

E fez um gesto para as tocadoras de tambor, que imediatamente retomaram a cadência da dança, no ponto em que a haviam interrompido, para verem seu rei matar, como esperavam, ao tolo Tarmangani.

Foi aí que Go-lat levantou a cabeça e escorregou lentamente até aos pés de Tarzan. Este baixou-se para ele e gritou-lhe:

— Eu sou Tarzan dos Macacos! Tarzan dançará agora o Dum-Dum com seus irmãos, ou matará primeiro?

Go-lat ergueu para o rosto do Tarmangani os olhos injetados de sangue e respondeu-lhe enfim:

— Ka-goda! Tarzan dos Macacos dançará o Dum-Dum com seus irmãos, e Go-lat dançará com ele!

Bertha Kircher, lá do alto da árvore, viu aquele homem branco saltar, acurvar-se e sapatear, com os grandes macacos, no rito primitivo do Dum-Dum. Os roncões e rugidos dele eram ainda mais bestiais de que os dos brutos. Seu formoso rosto estava transfigurado pela ferocidade selvagem. Ele também batia com as mãos possantes no peito largo e lançava aos ares o grito de desafio, enquanto lhe roçavam no corpo os pêlos dos companheiros. Era terrível e simultaneamente maravilhosa, em sua selvageria primitiva, não despida de beleza, — aquela cena estranha que ela presenciava, e que nenhum outro ser humano, provavelmente, houvera jamais testemunhado. Mas, apesar de tudo, era horrível.

Enquanto, assim fascinada, contemplava aquela cena, um movimento ligeiro, que agitara a árvore por detrás dela, a fez voltar a cabeça, e lá, não distante do seu corpo, avistou, brilhando ao reflexo do luar, dois grandes olhos de um amarelo-esverdeado. Sheeta, a pantera, vinha buscá-la ali.

Achava-se a fera já tão perto dela, que podia alcançá-la e tocá-la com a pata dianteira, cheia de garras. Não havia tempo para pensar, nem para pesar possibilidades, nem para escolher alternativas. O impulso do terror foi o seu guia

único, quando ela, com um grito agudo, pulou da % árvore para a clareira.

Num átimo, todos os macacos, agora conturbados pelos efeitos da dança e pela magia do luar, voltaram-se para ver quem era que os vinha interromper. Viram, então, aquela Tarmangani, abandonada e só, e caminharam ao encontro dela. Sheeta, a pantera, sabendo que nem mesmo Numa, o leão, a não ser quando louco de fome, ousa medir-se com os grandes macacos no seu Dum-Dum, tinha mergulhado silenciosamente na noite, indo procurar ceia em outro lugar.

Tarzan, acompanhando os grandes macacos para saber a causa daquela interrupção, viu a moça, reconheceu-a e compreendeu, desde logo, o perigo que ela corria. Ali, poderia ela morrer também às mãos de outrem. Mas por que consentir ele nisso? Sabia que não o poderia permitir, e, embora tal fato o envergonhasse, tinha que ser admitido e executado.

As macacas mais idosas e valentes estavam já quase sobre a rapariga, quando Tarzan pulou no meio delas, e a poder de socos e pontapés, as espalhou para a direita e para a esquerda. E, quando chegaram os grandes macacos, — dispostos a partilhar da caça, que pensavam iria ser feita pelo Tarmangani, o qual poderia querer para si toda a carne, — deram com Tarzan a enfrentá-los, tendo um dos braços em volta do pescoço da criatura, para protegê-la.

— Esta é a mulher de Tarzan, gritou-lhes. Não admito que vocês a ofendam!

Era esse o único meio de fazê-los compreender que não podiam matá-la. Alegrava-se por não poder Bertha interpretar-lhe aquelas palavras. Seria humilhante para ambos fazer a macacos selvagens aquela afirmação sobre uma pessoa inimiga, a quem ele devia odiar.

Assim, ainda uma vez, Tarzan dos Macacos foi forçado a proteger uma huna. Rosnando, disse a si próprio, como que extenuado:

— Afinal, ela é mulher e eu não sou alemão. Logo, isto não poderia ter sido feito de outra maneira!

Caído do céu

O tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick, do Real Serviço Aéreo, estava procedendo a reconhecimentos. Um boato, ou, para melhor dizer, um rumor, tinha' chegado ao quartel-general britânico, estabelecido na África Oriental Germânica, de que o inimigo havia desembarcado tropas na costa ocidental e de que elas marchavam através do Continente Negro, para reforçarem os seus contingentes coloniais. Supunha-se que, de fato, o novo exército estivesse a dez ou doze dias de marcha para o oeste. Isso era ridículo, até absurdo, mas coisas absurdas acontecem freqüentemente na guerra, e, de qualquer modo, nenhum bom general deixa passar sem investigação o menor rumor sobre a atividade do inimigo.

Eis porque o tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick partira voando baixo para o oeste, a procurar com os olhos penetrantes os sinais das forças inimigas. Desenrolavam-se, por debaixo do seu avião, vastas florestas, nas quais poderiam facilmente achar-se ocultos os regimentos do exército germânico, tão densa era a folhagem pendente das árvores grandes.

Montanha, campo e deserto passavam, num panorama encantador. O jovem tenente, entretanto, não descobria o menor vestígio dos boches.

Sempre à espera de avistar algum sinal da passagem deles, — um caminhão abandonado, uma caixa de munições quebrada, o local de algum acampamento, — foi continuando cada vez mais além, para o oeste, até que, já bem à tardinha, vendo uma planície cheia de árvores, cortada por um rio sinuoso, resolveu girar sobre ela, para aterrar ali. Precisaria de fazer um vôo direto, a toda a velocidade, para cobrir a distância, antes que escurecesse, mas, dispondo de bastante gasolina e de um aparelho digno de confiança, estava certo de realizar o seu objetivo. Foi então que o seu motor falhou.

Voava baixo demais, para fazer outra coisa senão aterrar, e isso imediatamente, enquanto lhe era acessível o terreno mais descampado, porque para o lado de leste se estendia uma vasta floresta, na qual um motor estragado só o poderia arrastar a um ferimento certo e talvez à morte. Desceu, portanto, ao campo, perto do rio, e lá começou a lidar com o motor.

Enquanto se entregava a essa faina, entoava, entre dentes, uma canção, certa música de salão que muito se popularizara em Londres no ano anterior, de sorte que alguém poderia mais depressa julgá-lo trabalhando na segurança de um campo de aviação da Inglaterra, rodeado de inúmeros companheiros, do que sozinho, num sertão inexplorado da África. Era ele o tipo do homem que devia ser, indiferente de

todo ao que o rodeava, embora a sua aparência não fizesse crer, de forma alguma, que fosse de fibra positivamente heróica.

O tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick era louro, de olhos azuis, esbelto, e tinha o rosto juvenil muito corado. Parecia moldado mais para um ambiente de luxo, de indolência e de facilidades, do que para as exigências tenazes das provas ásperas da vida.

E o jovem aviador não era indiferente ao seu futuro imediato ou atual, só exteriormente: era-o também intimamente. Estivesse aquela região infestada de inimigos incontáveis e de toda espécie, — isso em nada parecia influenciá-lo. Sem mais do que um ligeiro olhar pelo terreno em volta, entregara-se logo ao trabalho de corrigir o ajustamento que fizera o motor falhar. A floresta, que ficara para leste, e a mata virgem, que, ali em torno, margeava o rio serpenteante, poderiam abrigar uma legião de selvagens sedentos de sangue: isso não arrancaria ao tenente Smith-Oldwick, sequer, uma demonstração passageira de interesse.

Ainda que tivesse olhado para lá, sem dúvida não enxergaria um bando de figuras que se moviam no aranhol da floresta. Nos seres humanos que se dizem dotados daquilo que, por falta de denominação mais adequada, é chamado “o sexto sentido”, — uma espécie de intuição que os notifica da presença de um perigo invisível, — o olhar concentrado de um observador escondido provoca sensações de desassossego nervoso, mas, embora vinte pares de olhos selvagens estivessem observando, dos latíbulos da folhagem, o tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick, tal fato não lhe despertou no espírito fleumático a menor sensação de perigo iminente. Continuava a cantar entredentes, calmamente, e, consertado o ajustamento, experimentou o seu motor por um ou dois minutos, tampou-o depois e pulou, enfim, para o chão, a fim de esticar as pernas e tirar umas fumaças do cigarro, antes de reencetar o vôo para uma aterragem melhor. Agora, pela primeira vez, ao observar detidamente os arredores, ficou logo impressionado pelo aspecto selvagem e pela beleza natural daquele cenário. Até certo ponto, aquele campo, semeado de árvores, dava-lhe idéia de uma floresta inglesa, semelhante a um parque. E que, em uma paisagem tão tranqüila, houvesse animais ferozes e homens selvagens, — era o em que menos poderia ele pensar.

As lindas flores de um arbusto, que ficava a alguma distância de sua máquina, atraíram-lhe a atenção dos olhos estéticos: atirou fora o cigarro e foi examiná-las mais de perto. Curvou-se sobre elas, a uns cem metros do seu avião. Foi esse o momento escolhido por Numabo, chefe dos Wamabos, para saltar do seu esconderijo e avançar com os seus guerreiros, em rápida corrida, sobre o homem branco.

O primeiro conhecimento do perigo, que teve o jovem inglês, foi uma celeuma de gritos bárbaros, irrompida da floresta que lhe ficava atrás das costas. Aprumando o

corpo e voltando-se, deu com um bando de negros nus, que corriam velozmente para o seu lado. Marchavam em massa compacta, e à medida que se aproximavam do alvo, a sua média de velocidade diminuía visivelmente. Smith-Oldwick percebeu, num relance, que a direção e vizinhança deles lhe cortavam todas as possibilidades de alcançar o avião e compreendeu, ao mesmo tempo, que a atitude deles era de todo hostil e ameaçadora. Viu que estavam armados de lanças, arcos e flechas, e estava bem certo de que, apesar de munido de uma pistola, seria sobrepujado por eles, logo à primeira investida. O que ignorava, quanto à tática daqueles selvagens, era que, a qualquer mostra de resistência, eles recuariam, pois tal é a natureza dos negros indígenas, mas após inúmeros avanços e recuos, durante os quais se tomariam de um verdadeiro frenesi de raiva, por muito pularem, gritarem e dançarem, dariam provavelmente o assalto definitivo.

Comandava-os Numabo, fato esse que, associado ao seu tamanho descomunal e à sua maior aparência guerreira, o designava para um alvo natural. Foi, pois, em Numabo que o inglês desfechou o primeiro tiro. Infelizmente, errou-o. Se não, a morte do chefe teria dispersado completamente o bando. Mas o projétil passou raspando a pele de Numabo e foi alojar-se no peito de um guerreiro que lhe ficava imediatamente atrás. Enquanto este, soltando um grito único, caía de borco para a frente, os outros retrocederam, como que batendo em retirada. Mas, com grande pesar, do tenente, correram para o aeroplano e não para a floresta. E, por isso, o jovem aviador inglês ficou impedido, novamente, de voltar para a sua máquina.

Tendo parado pouco tempo junto ao aparelho, vieram enfrentar outra vez a Smith-Oldwick. Falavam alto, gesticulavam muito, e, momentos depois, um deles começou a dar pulos, brandindo a lança e soltando gritos marciais, o que logo exerceu efeito seguro no bando. Não tardou muito a que todos eles estivessem tomando parte naquela demonstração de selvageria belicosa, destinada a reerguer-lhes a coragem em declínio e a animá-los uma segunda acometida.

Essa nova arremetida os levou ainda mais perto do inglês. Embora ele abatesse, graças à pistola, um segundo negro, — e isso depois que duas ou três lanças lhe foram arremessadas pelo bando, — só lhe restavam cinco tiros no pente da arma e ainda havia ali dezoito guerreiros à sua frente. Se não lograsse amedrontá-los, era palpável que a sua sorte receberia ali o selo fatal.

O fato de estarem pagando o preço de uma vida, em cada tentativa contra a vida do inglês, já influenciara a tática dos negros, o ataque de agora era mais hábil, melhor ordenado que o anterior. Havia-se dividido em três grupos, de meia dúzia de homens cada um, os quais, rodeando parcialmente o branco, marchavam simultaneamente para ele de direções diferentes.

Assim, embora ele houvesse esvaziado sobre eles a restante munição da pistola,

foi, afinal, completamente cercado. Os negros pareciam saber que a arma do inglês não dispunha mais de balas, porque lhe chegaram bem perto, com o evidente intuito de pegá-lo vivo, visto como poderiam agora matá-lo com absoluta segurança.

Por dois ou três minutos, limitaram-se a rodeá-lo, até que, a uma palavra de Numabo, fecharam de todo o cerco, e muito embora o jovem e esbelto tenente se debatesse para a esquerda e para a direita, foi logo subjugado pela superioridade numérica dos selvagens e abatido pelos cabos das lanças, manejados por músculos possantes.

Achava-se ainda como que inconsciente, quando, afinal, o puseram em pé, e, depois de lhe haverem amarrado as mãos às costas, o empurraram brutalmente para diante, em direção à floresta.

Enquanto era assim conduzido por aquela estreita vereda, não podia sequer imaginar porque tinham querido os negros apanhá-lo vivo. Sabia que estava bem no centro da África, onde o seu uniforme nenhuma influência exerceria naquela tribo autóctone, à qual provavelmente jamais chegaria notícia alguma da guerra mundial. Nada mais podia supor, senão que tivesse caído nas mãos de guerreiros de algum potentado indígena, de cujo capricho real ia agora depender o seu destino.

Tinham marchado talvez meia hora, quando o inglês avistou pouco adiante, numa clareira da floresta, à margem de um rio, as coberturas de capim de cabanas indígenas, para dentro de uma cerca de pau-a-pique, tosca, mas forte. Dentro em pouco, era introduzido na rua da aldeia, onde foi imediatamente rodeado por crescido número de mulheres, crianças e homens de arma. Tornou-se, assim, o alvo de uma grande multidão excitada, cuja intenção parecia ser a de eliminá-lo tão depressa quanto possível. As mulheres mostravam-se para com ele ainda mais ferozes do que os homens, batendo-lhe e arranhando-o, sempre que podiam atingi-lo, até que, por fim, Numabo, o chefe, foi obrigado a intervir para salvar o seu prisioneiro, destinado, sem dúvida, a algum fim particular.

Enquanto os guerreiros faziam recuar a multidão, abrindo passagem através da qual foi o branco levado para uma cabana, o tenente Smith-Oldwick viu chegar, do lado oposto da rua, um grupo de negros, que envergavam restos de uniformes germânicos. Não se surpreendeu com isso. A sua primeira impressão foi a de que estava, finalmente, em contacto com algum esquadrão do exército boche, que se boquejava estar em marcha da costa ocidental para o interior da África, e cujos sinais andava procurando.

Aflorou-lhe aos lábios um sorriso desconsolado, ao meditar nas circunstâncias infelizes em que se encontrava diante de tal conhecimento, porquanto, longe embora de estar sem esperanças, bem compreendia que só por mera casualidade poderia escapar às garras daqueles selvagens e reaver o seu avião.

Entre aqueles negros parcialmente uniformizados, havia um indivíduo corpulento, com as divisas de sargento na túnica, e, quando os olhos de tal sujeito caíram sobre o oficial inglês, um brado estridente de satisfação lhe irrompeu da garganta. Ouvindo-lhe o grito, os seus companheiros imediatamente avançaram para atormentar o prisioneiro.

— Onde foi que vocês acharam este inglês? perguntou Usanga, o sargento negro, ao chefe Numabo. Há muitos outros com ele?

— Ele desceu do céu, respondeu o soba indígena, numa coisa estranha, que voa qual um pássaro, e que, â princípio, nos assustou bastante. Mas nós a espiamos muito tempo e verificamos que não parecia coisa viva. Por isso, quando este homem saiu dela, nós o atacamos, e, embora ele matasse alguns dos meus soldados, nós o pegamos a força, porque nós, os Wamabos, somos homens valentes, somos grandes guerreiros.

Os olhos de Usanga arregalaram-se e perguntou ainda ao chefe dos Wamabos:

— Ele voava aqui, pelo céu?

— Sim, replicou Numabo. Numa coisa grande que parecia um pássaro, ele voou para aqui, vindo do céu. A coisa ainda está lá, no mesmo ponto em que desceu, entre quatro árvores, à margem de cá do rio. Nós a deixamos lá, porque, sem sabermos bem o que é aquilo, ficamos com medo de pôr as mãos nela. Ainda deve estar lá mesmo se é que não voou de novo.

— Ela não pode voar, sem que este homem esteja lá dentro, disse então Usanga. É uma coisa terrível, que enchia de terror os nossos soldados, porque voava à noite sobre o nosso acampamento e jogava bombas em cima de nós. Foi muito bom que vocês capturassem este homem branco, Numabo, porque, dentro daquele grande pássaro, ele teria voado aqui à noite sobre a aldeia, e mataria todo o seu povo. Estes ingleses são os mais perversos dos brancos!

— Pois este não voará mais! exclamou Numabo. Nem é próprio dos homens voar pelo céu. Só os demônios maus é que fazem coisas destas. E Numabo, o chefe, vai providenciar para que este branco nunca mais voe!

E, acabando de falar assim, empurrou o jovem oficial para um cabana sita ao centro da cubata, onde ele foi deixado sob a guarda de dois possantes guerreiros.

Durante uma hora ou mais, ficou Smith-Oldwick sozinho, na choça a que foi atirado, e entregue aos seus próprios recursos que consistiram em tentativas baldadas, embora perseverantes, para desatar as cordas que lhe prendiam os pulsos. Foi interrompido em tais esforços pelo aparecimento de Usanga, o sargento negro, que penetrou inesperadamente na cabana e se aproximou dele.

— Que é que os meus aprisionadores pretendem fazer de mim? perguntou-lhe o

oficial inglês. Você fala a língua deles. Pois bem. Diga-lhes que eu não sou seu inimigo, que o meu povo é amigo do povo negro e que eles devem deixar-me ir em paz!

Usanga soltou uma gargalhada e replicou-lhe:

— Eles não distinguem um inglês de um alemão. Nada importa a eles o que você seja ou a raça a que você pertença. Basta que saibam que você é um branco e um inimigo.

— Então porque foi que me trouxeram vivo? indagou o tenente.

— Venha cá, retrucou Usanga, puxando o inglês para á porta da cabana. Olhe aquilo ali!

E indigitava-lhe o fundo da rua, no espaço mais largo entre as cabanas, onde havia uma espécie de praça. Ali, avistou o tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick uma porção de negras, atarefadas em arrumar achas de lenha em redor de um pau, alto e grosso, fincado no chão, e em acender fogo debaixo de uma certa quantidade de panelas. Era bem visível o que sugeria aquela indignação sinistra.

Usanga observava bem de perto o homem branco. Se ele, porém, esperava do mesmo uma explosão de medo, teve logo o mais completo desapontamento. O jovem oficial apenas se voltou para ele, com um ligeiro sacudir de ombros, e perguntou-lhe:

— Então vocês, seus miseráveis, pensam realmente agora em me comer?

— Eu e o meu povo, não! replicou-lhe Usanga. Nós não comemos carne humana. Mas os Wamabos 0 fazem. Eles é que vão comer você. Nós apenas nos encarregamos de matar você para a festa, inglês!

Smith-Oldwick continuou ali, à porta da cabana, em pé, como um observador interessado em acompanhar os preparativos da orgia próximo-futura, que ia pôr um termo tão horrível à sua existência terrena. Custa acreditar que não sentisse medo, no entanto, se o sentia, sabia perfeitamente dissimulá-lo sob a máscara de uma frieza imperturbável. Até mesmo ao brutal Usanga deveria ter impressionado a bravura de sua vítima, tanto que, tendo vindo claramente para provocar e provavelmente para torturar o prisioneiro indefeso, o sargento negro agora se contentava em falar mal de toda a raça branca, especialmente dos ingleses, e isso decerto por causa do pavor que os aviadores britânicos haviam causado às tropas indígenas, comandadas pelos boches, na África Oriental.

— O grande pássaro de você não voará mais sobre o meu povo, deixando cair do céu a morte sobre ele. Usanga não o permitirá!

Assim concluiu a sua perlenga e tocou-se rapidamente em direção a um grupo dos seus guerreiros, então reunidos perto do madeiro, onde riam e pilheriavam com as

mulheres.

Alguns minutos mais tarde, o inglês via-os transpor a porta da aldeia, e, ainda uma vez, os seus pensamentos se volveram para a traça de vãos planos de fuga.

O * I»

Poucas léguas ao norte daquelas cubatas, em pequena elevação de terreno de beira-rio, onde a mata convizinha, terminando às fraldas da colina, deixara algumas jeiras cobertas de ervaçais, com algumas árvores aqui e acolá, — um homem e uma rapariga estavam ocupados em construir uma “boma”, ao centro da qual acabava de ser levantada uma cabana coberta de capim.

Trabalhavam quase em silêncio, pois raramente trocavam qualquer palavra, e essa mesma relativa à sua faina comum.

Excetuada uma tanga, que trazia em redor dos rins, o homem estava nu, mostrando a pele de um moreno-escuro, produzido pela ação do sol e do ar. Movia-se com a graciosa desenvoltura de um gato selvagem, e, quando levantava grandes pesos, a ação lhe parecia tão sem esforço, como se erguesse as mãos vazias.

Como era óbvio, os sentimentos de Bertha Kircher para com Tarzan não eram desprovidos de respeito, desde que, no curto período de suas relações, havia descoberto naquele gigante, filho de Deus, as qualidades, bem entremeadas, de um super-homem e de um animal feroz. A princípio, sentira apenas, em relação a ele, aquele terror feminino desarrazoado, a que naturalmente a induzia a sua infeliz situação.

Estar ali, no coração de uma floresta virgem da África Central, a sós com um homem selvagem, era, realmente, de apavorar. Mas ter também certeza de que aquele homem era seu inimigo figadal, de que ele a odiava e à sua espécie, e de que, além do mais, tinha direito a uma vindita pessoal pelo ataque que ela lhe fizera anteriormente, não lhe permitia subterfúgios para nutrir a mais tênue esperança de que ele pudesse ter para com ela o menor vislumbre de consideração.

Ela o vira, pela primeira vez, havia meses, quando ele penetrara no quartel-general do alto comando alemão da África Oriental e dali carregara com o infeliz major Schneider, * de cujo destino nenhuma notícia chegara jamais aos oficiais germânicos, tinha-o visto outra vez, além daquela ocasião, quando ele a salvara das garras de um leão e, depois de declarar-lhe que a havia reconhecido no acampamento britânico, a fizera prisioneira. Foi então que ela o abateu com o cabo da pistola e fugira. Que ele não procurara vingar-se pessoalmente desse último ato, — ficou patente em Wilhelmstal, naquela noite em que ele assassinou a Hauptmann Fritz Schneider e a deixou ao lado do mesmo, sem que houvesse feito a ela o menor mal.

Não! Não podia absolutamente compreendê-lo. Ele a odiava, era verdade,

entretanto, tomou-a sob sua proteção, impedindo que os grandes macacos a fizessem em pedaços, quando ela conseguiu fugir da aldeia dos Wamabos, para onde Usanga, o sargento negro, a levava prisioneira. Mas por que e para que a salvara Tarzan? Para que fim sinistro a estaria preservando aquele inimigo selvagem contra os outros habitantes da selva? Tentava afastar da mente a sorte provável que a aguardava, mas tal pensamento se tornara persistente, embora se visse sempre forçada a reconhecer que nada havia na conduta daquele homem que indicasse serem bem fundados os receios dela. Julgava-o, talvez, pelo padrão que os outros homens lhe haviam oferecido, e, como o tivesse em conta de uma criatura selvagem, não podia esperar dele maior cavalheirismo do que o que tinha sempre encontrado nas jactâncias dos homens civilizados do seu conhecimento.

Fraulein Bertha Kircher era, por natureza, sociável e alegre. Não era dada a pressentimentos mórbidos, e, acima de todas as coisas, adorava o convívio com as pessoas da sua raça e aquele intercâmbio de idéias, que é um dos traços mais acentuadamente diferenciais entre os homens e os animais inferiores. Tarzan, ao contrário, bastava a si mesmo. Longos anos de semi-solidão entre criaturas, cujos poderes de expressão oral eram extremamente limitados, haviam-no deixado quase exclusivamente reduzido aos seus próprios recursos, para divertir-se.

O seu cérebro ativo nunca estava indolente. Como, porém, os seus companheiros da selva não lhe podiam acompanhar a seqüência constante de idéias, que a sua imaginação vivia tecendo, desde muito aprendera a guardá-las para si, e, por isso, não achava agora necessidade alguma de confiá-las a outrem. Tal circunstância, unida à de não gostar da moça, era bastante para selar-lhe os lábios a tudo quanto não fosse rigorosamente necessário exprimir. Eis porque trabalhavam ali juntos, em relativo silêncio. Bertha Kircher não deixava nunca de ser mulher: ora, ter ali alguém com quem conversar e não poder trocar com esse alguém senão raros monossílabos, era-lhe positivamente enfadonho. O medo, que tivera daquele homem, passara gradualmente, e, agora, era ela um saco cheio de curiosidades insatisfeitas, quer quanto aos planos que porventura tivesse ele para com ela, quer quanto à pessoa dele próprio, pois que ela nada mais podia fazer senão imaginar-lhe os antecedentes, a vida estranha e solitária na selva, a convivência amistosa com os macacos selvagens, entre os quais o havia recentemente encontrado.

Esvaecidos os seus temores, achou-se suficientemente encorajada para interrogá-lo. Perguntou-lhe, então, o que tencionava fazer, desde que a cabana e a “boma” estivessem acabadas.

— Irei para a costa ocidental, onde nasci, respondeu Tarzan. Não sei quando, pois tenho diante de mim toda minha vida, e aqui na selva não há razão para pressa. Nós não vivemos a correr de um lugar para outro, como fazeis vós, filhos do mundo

exterior. Quando eu tiver passado aqui o tempo suficiente, irei para o oeste. Mas, antes de partir, providenciarei para que a senhora tenha um lugar seguro onde dormir, e ensiná-la-ei a prover-se do necessário para lutar pela vida.

— Vai então deixar-me sozinha aqui? exclamou a moça, de cuja voz ressumava o pavor ante tal perspectiva. Vai deixar-me sozinha, nesta mata virgem, como uma presa atirada aos animais ferozes e aos homens selvagens, a centenas de léguas de um acampamento de brancos e numa região onde jamais andou o homem civilizado?

— Por que não? obtemperou Tarzan. Não fui eu quem a trouxe para estas bandas. Daria um homem branco melhor tratamento a uma inimiga?

— Decerto que sim! retrucou ela. Qualquer branco o faria. Nenhum homem da minha raça deixaria uma mulher branca indefesa neste lugar pavoroso!

Tarzan encolheu os ombros largos. Aquela conversa parecia-lhe inútil e tornava-se-lhe mais desagradável, por ser mantida em alemão, língua que odiava tanto quanto ao povo que a falava. Outro seria o caso, se a rapariga falasse em inglês. E então, como ele a tivesse visto disfarçada no acampamento britânico, ocorreu-lhe que ela provavelmente também falaria inglês. Perguntou-lho.

— Naturalmente que falo o inglês! bradou ela, estupefata. Eu é que não sabia que o senhor o falava!

Tarzan notou-lhe o espanto, mas não fez comentário algum. Achara graça na dúvida, expressa pela rapariga, de que um britânico soubesse falar inglês. Ocorreu-lhe então, subitamente, que ela decerto o tinha somente em conta de um mero animal das selvas, que acidentalmente houvesse aprendido o alemão, por freqüentar o distrito africano que a Alemanha havia colonizado. Fora somente lá que ela o tinha visto, e, portanto, não poderia saber que ele era inglês de nascimento e que possuía um lar na África Oriental Britânica. Que lhe importava, pensava ele, ignorasse ela tudo quanto lhe dizia respeito? Quanto menos soubesse da sua vida, tanto mais facilmente poderia ele, por ela mesma, descobrir-lhe as atividades em favor dos boches e do sistema germânico de espionagem, de que era uma representante. Continuasse, portanto, a pensar que ele era o que aparentava ser: um habitante selvagem da selva, um homem sem eira nem beira, um indivíduo sem raça, que odiava a todos os brancos indistintamente. E isto era, na verdade, o que

Bertha Kircher pensava de Tarzan. Isso explicava claramente as agressões homicidas que ele havia feito ao major Schneider e ao irmão deste, Hauptmann Fritz.

Trabalhavam novamente em silêncio, e a “boma” estava quase pronta. A rapariga ajudava o homem com o melhor da sua fraca habilidade. Tarzan não podia deixar de notar, com uma aprovação resmungante, o espírito de auxílio que ela manifestava, principalmente na tarefa, por vezes tão penosa, de colher e fincar entre os paus os

arbustos espinhosos, que deviam proteger temporariamente a “boma” contra os carnívoros vagabundos. As mãos e os braços da moça davam um testemunho sangrento da agudeza dos acúleos que lhe haviam dilacerado a epiderme delicada, e, embora fosse ela uma inimiga, Tarzan não podia senão sentir pena de haver-lhe permitido aquela faina, tanto que a fez logo parar.

— Por quê? inquiriu ela. Não é mais penoso para mim do que para o senhor, e, desde que é somente para a minha defesa que está sendo feita esta “boma”, não vejo motivo algum para ser excluída de trabalhar nela!

— A senhora é mulher, e isto não é trabalho para mulher! retrucou-lhe Tarzan. Se quer fazer alguma coisa, pegue aquelas cabaças, que eu trouxe pela manhã, e vá enchê-las de água, ali no rio. Pode vir a precisar delas, quando eu estiver longe.

— Quando estiver longe? exclamou Bertha. Então é certo que se vai embora?

— Logo que a “boma” estiver pronta, sairei em busca de carne, respondeu-lhe. Amanhã, tornarei a sair para o mesmo fim, e levá-la-ei comigo, para mostrar-lhe como é que a senhora poderá fazer a sua própria caçada, quando eu me retirar definitivamente daqui.

Sem mais palavra, ela foi buscar as cabaças e encaminhou-se para o rio. Enquanto as enchia, desdobravam-se-lhe no espírito os mais lóbregos presságios para o futuro. Estava certa de que Tarzan lhe lavrara uma sentença de morte e de que, no momento em que a deixasse sozinha ali, tal sentença seria executada. Seria uma simples questão de tempo, e provavelmente de tempo muito curto. Pois como

é que poderia uma pobre mulher lutar sozinha, e com êxito, contra todas aquelas forças selvagens de destruição, que constituem a parte mais importante da existência na selva?

Achava-se tão preocupada com esses tristonhos pressentimentos, que não tinha olhos nem ouvidos para o que se passava em derredor. Encheu automaticamente as cabaças e ergueu-se para regressar à “boma”. Mas, apenas se levantou da beira do rio, soltou um grito sufocado e recuou para um lado, ante a figura horrenda e ameaçadora, que lhe embargava o caminho para a cabana.

Go-lat, o macaco-rei, andando à caça um pouco afastado da sua tribo, vira a moça ir para o rio buscar água, e era ele que a enfrentava agora, quando ela se dispunha a voltar com as cabaças cheias. Go-lat não era, positivamente, uma criatura bonita, se julgado pelos modelos da humanidade civilizada. Mas as fêmeas da sua tribo e ele próprio consideravam como sinais de grande beleza pessoal o seu pêlo preto e luzidio, todo salpicado de prata, os braços enormes, que lhe pendiam até os joelhos, e a cabeça volumosa, aprumada entre os dois ombros possantes. Os seus olhos injetados de sangue, o nariz chato, a boca enorme, as grandes garras, destinadas ao

ataque e à defesa, só lhe aumentavam o prestígio, e era imensa a afeição das fêmeas por esse Adonis da selva.

Havia sem dúvida naquele cérebro selvagem e acanhado a bem formada convicção de que aquela fêmea de raça estranha, pertencente ao Tarmangani, não deixaria de olhar com admiração para uma criatura tão bela como Go-lat, porquanto, segundo este matutava, devia estar arraigado na mente de todo o mundo que a sua formosura pessoal eclipsava totalmente a daquele homem branco pelado.

Mas Bertha Kircher viu somente no macaco-rei uma fera medonha, uma horrenda caricatura do homem. Se Go-lat soubesse o pensamento que sobre ele formulara assim o cérebro da moça, teria ficado profundamente pesaroso, ainda que atribuisse aquela opinião a uma completa carência de discernimento estético por parte da rapariga. Tarzan ouviu o grito de Bertha, e, espiando lá de cima, logo se inteirou da causa daquele gesto de terror. Saltando àgilmente por sobre a “boma”, correu a toda pressa em socorro da moça, enquanto Go-lat, que pesadamente a rodeava, exprimia suas emoções por meio de uns sons surdos, os quais, posto quisessem significar a mais amistosa das requestas, pareciam simplesmente àquela Eva finamente educada o bramido de uma fera enraivecida. Tendo-se aproximado bastante, Tarzan chamou em voz alta pelo macaco, e Bertha Kircher ouviu de novo, daqueles lábios humanos, os mesmos sons que haviam saído dos beijos do antropóide.

— Eu não farei mal algum à tua mulher! bradou Go-lat a Tarzan.

— Estou certo disso, retrucou-lhe o Tarmangani, ela, porém, não o sabe. Ela é como Numa e Sheeta, que não entendem a nossa língua. Pensa ela que você veio aqui para fazer-lhe mal.

A esse tempo, já Tarzan estava junto de Bertha Kircher.

— Go-lat não fará mal algum à senhora, disse ele à rapariga. Não tenha medo! Este macaco já aprendeu bem a lição que eu lhe dei outro dia. Já aprendeu que Tarzan ó senhor da selva. Ele não fará mal ao que é de Tarzan.

A moça lançou um rápido olhar ao rosto do homem. Era-lhe evidente que as palavras, que ele acabara de proferir, não significavam em realidade o que aparentemente queriam dizer, pois a propriedade que ele assim expressamente se arrogara sobre ela, vinha a ser, do mesmo modo que a “boma”, apenas uma forma de proteção.

— Mas eu tenho medo dele, ponderou ela.

— Se o tem, não deve mostrá-lo, obtemperou-lhe Tarzan. A senhora estará freqüentemente rodeada desses macacos. Em tais ocasiões, é que gozará da maior segurança possível. Antes que eu a deixe, dar-lhe-ei meios de defender-se deles caso venha a acontecer que algum tente molestá-la. Se eu fosse a senhora, procuraria

conviver com eles. Poucos são os animais da selva que ousam atacar os grandes macacos, quando diversos deles se acham juntos. Se deixar transparecer que tem medo deles, tirarão partido disso, e a sua vida estará constantemente ameaçada. As fêmeas seriam as primeiras a atacá-la. Eu os farei sabedores de que a senhora dispõe de meios para defender-se e para matá-los. Se fôr necessário, eu lhe mostrarei como, e, então, eles a respeitarão e temerão.

— Farei o possível, declarou a rapariga, mas temo que me será difícil consegui-lo. Go-lat é a criatura mais horrível que até hoje vi.

Tarzan sorriu e disse-lhe:

— É bem provável que ele pense a mesma coisa a respeito da senhora...

Nesses entretimentos, outros símios tinham entrado ali na clareira e formavam agora um grupo considerável, no qual havia diversos machos, algumas fêmeas ainda jovens e outras mais velhas, estas últimas com os filhotes pendurados às costas ou brincando-lhes aos pés. Embora todas elas tivessem visto Bertha Kircher, na noite do Dum-Dum, quando Sheeta a forçara a escorregar do seu esconderijo para a arena onde os macacos estavam dançando, ainda demonstravam grande curiosidade em relação àquela mulher branca. Algumas das macacas mais idosas chegaram até bem perto da rapariga e puxavam-lhe a roupa, comentando umas com as outras, em sua língua natural, o que observavam nela. A moça, pondo de manifesto toda a sua força de vontade, conseguiu passar por aquela prova, sem demonstrar externamente o terror e a repugnância, que intimamente estava sentindo. Tarzan, com um meio sorriso nos lábios, observava-a atentamente. Não estava ele tão afastado do convívio da gente civilizada, que não pudesse avaliar a tortura que Bertha Kircher experimentava, mas não sentiu compaixão alguma por aquela mulher, pertencente a um cruel povo inimigo, e que, sem dúvida, merecia o pior sofrimento que lhe pudesse ser infligido. Entretanto, malgrado tal sentimento para com ela, não pôde deixar de admirar aquela sua apurada demonstração de coragem.

Voltou-se, repentinamente, para os macacos, e preveniu-os, dizendo-lhes:

— Tarzan vai caçar para si e para sua mulher. A mulher de Tarzan ficará ali, e apontava para a cabana. Vejam lá que nenhum membro da tribo faça mal a ela. Entenderam?

Todos os macacos sacudiram afirmativamente a cabeça. E Go-lat ainda declarou:

— Nós não faremos mal algum a ela!

— Está claro que não! gritou-lhes Tarzan. Não o farão! E, se o fizerem, Tarzan os matará! — E, voltando-se para a rapariga, disse-lhe: Venha! Agora eu vou caçar. É melhor a senhora ficar na cabana. Os macacos já prometeram não lhe fazer mal. Deixar-lhe-ei, contudo, a minha lança. Ela será a melhor arma de que deverá fazer

uso, no caso de precisar defender-se. Mas duvido que corra algum perigo, no curto período de tempo em que estarei fora.

Tarzan acompanhou-a até à “boma” e, logo que ela entrou, fechou a abertura com ramos de espinhos entrelaçados, partindo em direção à floresta. Ela viu-o atravessar a clareira notando-lhe a firmeza do andar felino e a graça de cada movimento, que tão bem se lhe harmonizavam com a simetria e perfeição do corpo. À boca da mata, ele suspendeu-se àgilmente aos galhos de uma árvore e desapareceu. Então, mulher que era, Bertha entrou na cabana e deitou-se no chão, toda debulhada em lágrimas.

CAPÍTULO 10

Em poder dos selvagens

Tarzan procurou Bara, a corça, e Horta, o javali,

porque da carne de todos os animais do mato não acreditava que nenhuma houvesse mais saborosa do que a deles para a mulher branca, mas, embora as suas narinas apuradas estivessem sempre alerta, andou muito tempo, sem que o seu esforço fosse recompensado, nem sequer pelo mais leve cheiro da caça que buscava. Perlongando a margem do rio, onde esperava encontrar Bara ou Horta, aproximando-se dos vaus e bebedouros, não tardou a sentir a catinga da aldeia dos Wamabos, e, sempre disposto a fazer aos seus inimigos hereditários, os Gomanganis, uma visita inesperada, tomou um atalho e foi sair na retaguarda da povoação. Daquela árvore que pendia sobre a cerca de pau-a-pique, olhou para a rua da aldeia e viu ali certos preparativos que a experiência lhe dizia indicarem a aproximação de um dos terríveis banquetes dos negros, em que o “prato de resistência” era a carne humana.

Um dos principais divertimentos de Tarzan era atormentar os negros. Em aborrecê-los e aterrorizá-los, achava

prazer mais completo do que em qualquer outra fonte de diversão, que a selva lhe oferecesse. Privá-los daquela festa, de algum modo que lhes lançasse o temor nos corações, causar-lhe-ia o mais vivo dos regozijos. Procurou, então, com a vista, por toda a aldeia, algum sinal da localização do prisioneiro, destinado à festança canibal. O alcance da sua visão estava, porém, limitado pela densa folhagem da árvore em que se empoleirara, e, para que seus olhos atingissem a pontos mais distantes, trepou a um galho mais alto, movendo-se cautelosamente sobre os frágeis rebentos.

Tarzan dos Macacos possuía um conhecimento da selva pouco menos de maravilhoso, mas até os sentidos portentosos de Tarzan não eram infalíveis. O galho, a que subira, não era menor do que muitos que lhe tinham já agüentado o peso, em inúmeras ocasiões. Parecia até bem resistente e estava coberto de folhas, por isso tudo, Tarzan não podia adivinhar que, na junção daquele galho com o tronco da árvore, um inseto roedor lhe havia comido metade do âmago, por debaixo da casca.

Assim, quando ele atingiu o ponto mais elevado, que colimava, o galho quebrou-se inesperadamente. Logo abaixo, não havia ramos fortes, a que se pudesse agarrar, ao despencar-se, além disso, prendeu-se-lhe um dos pés numa erva-de-passarinho, de sorte que, arrastando pedaços de parasita arrancada, caiu de costas bem no centro da aldeia.

Ao ruído do galho, quebrando-se, e ao baque do corpo no chão, os negros,

surpresos, correram para as cabanas, em busca das armas, e os mais bravos, que foram os primeiros a voltar, deram com o vulto imóvel de um homem branco, quase nu, estendido no mesmo ponto em que havia tombado. Acoro-çoados pelo fato de que ele não se movia, chegaram-lhe mais perto, e, averiguando que não havia na árvore sinais de outros intrusos, avançaram até quase tocá-lo com os pés. Dentro em pouco, o homem caído tinha em volta meia dúzia de guerreiros, de lanças em punho. A princípio, pensaram que a queda o tivesse matado, mas, a um exame detido, descobriram que o homem estava apenas atordoado. Um dos guerreiros levantou então a lança, para cravar-lhe no coração. Numabo, o chefe, não o permitiu.

— Amarrem-no! ordenou ele. Comeremos melhor hoje à noite!

Amarraram, então, os pés e as mãos do homem com tiras de couro e levaram-no para a mesma cabana em que já se encontrava aprisionado o tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick. O inglês também tinha sido amarrado de pés e mãos, pouco antes, pois os negros receavam que ele pudesse fugir, privando-os assim do banquete. Grande multidão de indígenas apinhou-me em redor da cabana, passando em revista o novo prisioneiro, mas Numabo fez dobrar ali a guarda, temendo que alguns do seu povo, na exuberância de uma alegria selvagem, privassem os outros dos prazeres da dança da morte, a qual precederia à matança das vítimas.

O jovem aviador tinha ouvido o barulho feito pelo baque do corpo, quando caíra da árvore, assim como o alvoroço que isso provocara em toda a aldeia, e, agora, encostado à parede da choça, contemplava, com um misto de surpresa e compaixão, aquele companheiro de infortúnio, que os negros haviam trazido e jogado ali no chão. Nunca vira uma estampa masculina mais perfeita do que a daquele ente humano que ali estava imobilizado, e ficou a cogitar nas prováveis circunstâncias lóbregas, às quais deveria aquele homem a sua captura. Parecia-lhe que o novo prisioneiro era tão selvagem quanto os seus aprisionadores, se vestuário e armas constituíssem critério para tal julgamento, era, entretanto, um branco, e de sua cabeça bem modelada e feições bem talhadas não era possível inferir fosse um daqueles infelizes que tão freqüentemente regridem à selvageria, mesmo no coração das comunidades civilizadas.

Estando assim a observar o homem, notou-lhe os cílios começando a mover-se. Abriram-se vagorosamente, e dois olhos castanhos circunvagaram pela cabana. Com a volta de plena consciência aqueles olhos assumiram logo a expressão natural de inteligência viva, e, um instante depois, com pequeno esforço o prisioneiro, rolando o corpo pelo chão, conseguiu ficar sentado. Estava de frente para o inglês, e vendo também a este com os tornozelos amarrados, além de trazer os punhos jungidos às costas, um dúbio sorriso iluminou-lhe o rosto.

— Os negros querem encher a pança hoje à noite! murmurou ele.

O inglês fez uma careta e respondeu-lhe:

— Pelo rebuliço que fizeram os bandidos, devem estar, de fato, terrivelmente esfaimados. Gostariam certamente de ter-me comido, logo que me trouxeram para aqui. Como foi que pegaram a você?

Tarzan sacudiu a cabeça tristemente e explicou-lhe:

— A culpa foi toda minha. Bem mereço ser comido. Trepei num galho que não podia agüentar meu peso, e, quando se quebrou, em vez de cair sobre os p«s, prendi um deles numa erva-de-passarinho e caí de cabeça no chão. De outra maneira, nunca me apanhariam vivo.

— Não há possibilidade de fuga? perguntou-lhe o inglês.

— Eu mesmo já escapei deles uma vez, replicou-lhe Tarzan, e já vi outros escaparem. Já vi um homem ser tirado do moirão, depois de ter recebido uma dúzia de golpes de lança e de estar-lhe a fogueira acesa debaixo dos pés.

O tenente Smith-Oldwick estremeceu todo.

— Deus meu! exclamou, espero de vossa infinita bondade não assistir vivo a isso. Creio poder suportar qualquer gênero de morte mas nem sequer ousar pensar em ser queimado! Que coisa horrível o ser eu moqueado e tendo estes demônios negros diante de mim, nos meus últimos momentos.

— Não se amofine tanto — disse-lhe Tarzan. O suplício não durará muito e você não se verá moquear. Não é, realmente, nem metade do mal que parece. Haverá apenas um curto período de dor, antes que você perca de todo a consciência. Eu já assisti a isso, muitas vezes. É um modo de morrer tão bom como outro qualquer. A gente tem que expirar algum dia. Que importa seja hoje à noite, ou amanhã à noite, ou daqui a um ano? Basta que se tenha vivido. E eu tenho vivido tanto!

— A sua filosofia pode ser muito verdadeira, meu caro, ponderou-lhe o jovem tenente, mas não posso dizer-lhe que me seja positivamente agradável.

Tarzan soltou uma boa risada.

— Role até aqui onde estou, disse ele ao inglês, de modo que eu possa segurar com os dentes as suas cordas.

O aviador fez o que lhe foi recomendado, e logo Tarzan começou a trabalhar naquelas correias com os seus fortes dentes claros. Notou que estavam cedendo aos seus esforços. Mais um instante, estariam cortadas, e seria coisa relativamente fácil para o inglês o desatar, depois, de si e de Tarzan, as cordas restantes.

Foi então que um dos guardas entrou na cabana. Num átimo, viu o que o novo prisioneiro estava fazendo, e, levantando a lança, bateu violentamente com o conto dela na cabeça do homem-macaco. Chamou em seguida os outros guardas, e todos

juntos caíram sobre os infelizes prisioneiros, dando-lhes pontapés e espancando-os desumanamente, puseram, por fim, cordas mais sólidas ao braço do inglês e amarraram a cada um daqueles brancos em lado diferente da cabana. Depois que os negros se retiraram, Tarzan olhou para o seu companheiro de desgraça, murmurando-lhe:

— Enquanto há vida, há esperança!

Mas ele próprio fez uma careta, ao proferir esse antigo rifão.

O tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick assim respondeu ao triste sorriso do outro:

— O que eu imagino é que tanto a vida quanto a esperança estão a despedir-se de nós. Deve estar próxima, agora, a hora da ceia.

Zu-tag estava caçando sozinho, longe da tribo de Go-lat, o macaco rei. Zu-tag (“Pescoço-grosso”) era um macaco jovem, porém, que atingira recentemente a maioridade. Era alto, possante, feroz, e, ao mesmo tempo, muito acima da média de sua espécie em inteligência, o que denotava pela testa mais ampla e menos recuada. Go-lat percebeu logo nesse jovem macaco um concorrente provável aos lauréis da coroa real, e conseqüentemente, o velho símio olhava para Zu-tag com inveja e aversão. Era principalmente por essa razão, senão também por outras, que Zu-tag tão freqüentemente andava caçando sozinho. Mas era sobretudo a sua coragem que lhe permitia vagar assim, tão longe da proteção que o número sempre facultou aos macacos grandes. Um dos resultados que auferiu desse hábito foi ter aumentado consideravelmente os seus recursos, o que o fazia sempre crescer em inteligência e poder de observação.

Naquele dia, tinha estado a caçar para os lados do sul, e voltava pela beira do rio, por um caminho que palmilhava constantemente, porque o conduzia à aldeia dos Gomanganis, cujas maneiras estranhas, embora não muito diversas das dos macacos, e costumes peculiares lhe haviam despertado interesse e aguçado a curiosidade. Como tinha feito em outras ocasiões, encarapitou-se numa árvore, da qual podia facilmente abranger o interior da povoação e observar os pretos em suas ocupações, pela rua abaixo.

Mal havia enlaçado a cauda num dos galhos da árvore, foi Zu-tag surpreendido, tanto quantos os Wamabos, pelo baque do corpo de Tarzan, — caído ali de outro gigante da floresta, — dentro da aldeia. Viu os negros reunirem-se em torno daquele vulto prostrado e carregá-lo, logo após, para o interior de uma cabana. Aprumou-se, então, sobre o galho em que se colocara, e ergueu o focinho para o céu, a fim de lançar um protesto selvagem e um desafio, pois tinha reconhecido, naquele Tarmangani de pele tostada, o mesmo estranho macaco branco, que tinha estado

entre a tribo de Go-lat uma ou duas noites atrás, em meio ao Dum-Dum, e que, por ter vencido tão facilmente ao maioral deles, havia conquistado o respeito e a admiração daquele jovem antropóide.

A ferocidade de Zu-tag era, contudo, temperada por uma certa astúcia inata e pelo instinto de precaução. Antes de fazer ecoar nos ares o seu protesto, formou-se-lhe na mente o pensamento de que poderia salvar aquele maravilhoso macaco branco das mãos do inimigo comum, os Gomanganis, e, então, deixou de lançar o desafio, resolvendo sabiamente que melhor seria empregar o segredo e o ardil do que a força dos músculos e das garras.

A princípio, pensou em entrar sozinho na aldeia e tirar da prisão o Tarmangani, mas, ao ver quão numerosos eram os guerreiros e que diversos estavam bem defronte da entrada do covil, onde o prisioneiro fora encerrado, ocorreu-lhe que a libertação do mesmo era trabalho para muitos e não para um só, e, por isso, tão sorrateiramente como tinha vindo, deslizou, através da floresta, em direção ao norte.

A tribo de Go-lat ainda se encontrava na clareira, onde se erguia a choça que Tarzan e Bertha Kircher haviam construído. Alguns dos macacos estavam comendo, indolente-mente, à margem do rio, enquanto outros descansavam, acocorados, à sombra das árvores, pendentes sobre a clareira.

A rapariga enxugara as lágrimas e saíra do interior da cabana, a cuja porta ficara em pé, olhando ansiosamente em direção ao sul, para a mata em que Tarzan se havia afundado. Casualmente, lançou olhares suspeitosos para os enormes antropóides peludos, que continuavam ali em torno. Como seria fácil a qualquer um daqueles enormes bichos entrar ali na “boma” e matá-la. Compreendeu quanto estava desamparada, mesmo com a lança que Tarzan lhe deixara, ao observar, pela milésima vez, naqueles monos, os ombros maciços, os pescoços robustos e os músculos que se lhes inturgesciam sob o pêlo lustroso. Nunca, — refletiu ela, — tinha visto personificações tais de força bruta, quais as que lhe exibiam ali aqueles possantes animais. Aquelas mãos enormes quebrar-lhe-iam a lança ridícula mais facilmente do que ela quebraria em dois um palito de fósforo, e o mais ligeiro golpe, que qualquer deles lhe vibrasse, poderia levá-la à insensibilidade e à morte.

Achava-se engolfada em tão deprimentes cogitações, quando viu um vigoroso macaco moço escorregar das árvores pendentes sobre a clareira, para o lado do sul. Naquele momento, todos os símios estavam mais ou menos olhando para Bertha Kircher, o que a esta possibilitava observar quanto cada um deles diferia dos outros, quanto aos característicos do focinho e do tronco, tal qual acontece com os indivíduos da espécie humana. Apesar disso, não pôde deixar de notar a agilidade e força maravilhosa daquele jovem animal, que acabava de entrar na clareira, e, ao vê-

lo mais de perto, melhor lhe admirou o brilho do espesso pêlo negro, salpicado de prata.

Era evidente que o recém-chegado estava possuído de uma excitação recalcada. Mesmo a distância, o seu todo o demonstrava. Não foi só Bertha Kircher que o notou, porque, quando os outros o viram aproximar-se, ergueram-se pela maior parte e foram-lhe ao encontro, rosnando e rugindo, como soíam fazer, em tais conjunturas. Entre estes via-se Go-lat, que avançou firmemente, com os pêlos do pescoço e da espinha eretos, roncando surdamente e mostrando as garras, — porque quem era que lhe poderia afiançar se Zu-tag vinha em paz ou de outra maneira? O velho rei tinha visto, em dias remotos, outros macacos jovens, que chegaram também assim e tomaram a repentina resolução de despojar da coroa ao seu chefe, o que realizaram, auxiliados por outros membros da tribo. E, por tudo isso, Go-lat não estava tranqüilo.

Se Zu-tag tivesse chegado calmamente, a comer, como ele, Go-lat, estava então fazendo, por certo que entraria no seio da tribo sem despertar a menor desconfiança. Mas, quando algum chega assim precipitadamente sopitando a custo qualquer emoção fora do comum, cumpria que todos os outros macacos se acautelassem. Houve, pois, ali, muitos rosnados e fungados, muito esticar de membros e eriçar de pêlos, antes que cada um dos dois lados averiguasse que nenhum deles nutria intenções belicosas. E só então foi que Zu-tag pôde contar a Go-lat o que tinha visto no covil dos Gomanganis.

Go-lat rosnou de descontentamento e voltou-lhe as costas, declarando-lhe:

— Deixe que o macaco branco cuide lá de si próprio!

— Ele é um macaco grande, ponderou-lhe Zu-tag, e veio para viver em paz com a tribo de Go-lat. Devemos salvá-lo dos Gomanganis!

Go-lat rosnou novamente e continuou a afastar-se.

— Pois Zu-tag irá buscá-lo sozinho, gritou o jovem macaco, se Go-lat tem medo dos Gomanganis.

O macaco-rei voltou-se enraivecido, rugiu bem alto e bradou, batendo no peito:

— Go-lat desconhece o medo, mas não irá, porque o macaco branco é estranho à sua tribo. Vá você e leve consigo a mulher do Tarmangani, se é que você deseja mesmo salvar o macaco branco!

— Pois Zu-tag irá, retrucou-lhe o jovem símio, e levará consigo a mulher 'do Tarmangani, bem como todos os súditos de Go-lat, que não forem covardes! E, assim dizendo, lançava um olhar atrevido a todo o bando, ao qual perguntou: Quem é que irá com Zu-tag lutar com os Gomanganis e libertar o nosso irmão?

Oito macacos jovens, em pleno apogeu da força, correram logo para o lado de Zu-tag, os mais velhos, porém, com a cautela e o espírito de conservação que a ancianidade lhes pôs nos ombros cinzentos, menearam reprovativamente a cabeça e retiraram-se atrás de Go-lat.

— Muito bem! gritou Zu-tag. Não precisamos de fêmeas velhas, para irem guerrear conosco os Gomanganis! Isto só é tarefa para os machos valentes da nossa tribo.

Os velhos fingiram não dar atenção a tais palavras de menosprezo, mas os oito jovens, que se haviam posto ao lado de Zu-tag, para acompanhá-lo à rude empresa, encheram-se de orgulho e ficaram em redor dele, batendo rijamente nos peitos, mostrando as garras e soltando o seu terrível grito de desafio, que ecoou por toda a selva circunvizinha.

Bertha Kircher, durante tudo isso, não passara de uma espectadora estarecida, de olhos escancarados para aquela cena, que, segundo ela pensava, só poderia terminar por uma batalha sangrenta entre aqueles brutos formidáveis. E, quando Zu-tag e os seus sequazes começaram a lançar aos ares os seus gritos de desafio, a moça tremia de terror porque de todos os sons da selva nenhum há que cause mais pânico do que o do macaco grande, ao bradar o seu repto aos outros animais ou ao exteriorizar o seu brado de vitória.

Se ela, antes, estivera tão apavorada, agora ficou quase paralisada, ao ver Zu-tag e seus companheiros marcharem para a “boma” e aproximar-se dela. Com a agilidade de um gato, Zu-tag saltou por sobre a cerca e postou-se diante dela. A rapariga, corajosamente, empunhou a lança, enristando-a contra o peito dele. Zu-tag começou a balbuciar e a gesticular, de sorte que, mesmo com o seu pouco conhecimento da atividade social dos antropóides, a rapariga percebeu que ele não a estava ameaçando, tanto que lhe não mostrava as garras, e a atitude do mono era a de quem tentava explicar um problema complicado ou a de alguém que pleiteava uma causa digna. Por fim, tornou-se ele de todo impaciente: a um rápido impulso da sua enorme pata, arrancou a lança das mãos de Bertha, e, aproximando-se desta, segurou-a pelo braço, mas sem a menor brutalidade. Aterrorizada, ela a princípio quis fugir, mas algo do seu senso íntimo parecia procurar convencê-la de que não corria perigo algum junto daquele possante animal. Zu-tag gaguejou em voz alta cada vez mais, apontando a floresta, indigitando a “boma” e puxando a moça para junto de si, como que a convidando a segui-lo. Parecia quase frenético em seus esforços para explicar-lhe o que cumpria fazer. Apontou de novo para a “boma”, para a rapariga, para a floresta, e, por fim, como por uma súbita inspiração, apanhou a lança, que atirara ao chão, tocou-a várias vezes com o dedo indicador e apontou novamente para o sul. i Acudiu, então, ao espírito de Bertha que o que o macaco estava tentando explicar-

lhe dizia respeito ao homem branco, de quem a tribo de Go-lat a julgava propriedade. O seu protetor, provavelmente, estava em apuros, naquele momento, e, com este pensamento firmemente estabelecido, ela não resistiu mais e até deu alguns passos para a frente, como para acompanhar a Zu-tag. No ponto da “boma” em que Tarzan havia fechado a entrada, ela parou, para desentrelaçar e remover os ramos de espinho, e quando Zu-tag viu o que ela estava fazendo, logo se pôs a ajudá-la, de maneira que tiveram prontamente desimpedida aquela abertura, pela qual ela e o macaco grande passaram para a clareira.

Sem perda de tempo, Zu-tag e seus oito companheiros rumaram para a floresta, mas com tal rapidez, que Bertha Kircher, mesmo correndo a bom correr, não os poderia acompanhar. Vendo-se forçada a ficar para trás do bando, notou quanto isso aborrecia a Zu-tag, que constantemente voltava às pressas para estugar-lhe os passos. Da última vez, chegou a segurá-la pelos braços tentando arrastá-la. Ela protestou vivamente, mais foi tempo perdido, mesmo porque o animal não podia saber que eram protestos, não desistindo de puxá-la, senão quando o pé da rapariga ficou preso em alguma erva emaranhada e ela tombou ao chão. Aí, Zu-tag ficou em verdade furioso e rosnou terrivelmente. Os oito macacos o estavam esperando à boca da mata para que ele os guiasse. Então, compenetrado -de que aquela fraca mulher não o poderia acompanhar e de que, se andasse tão devagar quanto ela, chegaria certamente tarde demais para socorrer ao Tarmangani, o antropóide gigantesco viu que não tinha outra coisa a fazer senão levantar Bertha Kircher do chão e carregá-la às costas. A moça cruzou os braços em redor do pescoço de Zu-tag, que lhe segurou os pulsos numa só das suas mãos enormes, de maneira que ela não pudesse cair, e, a grandes passadas, correu a reunir-se aos companheiros.

Vestida como estava, com calças de montaria, sem saias soltas que só serviriam para enganchar-se nos arbustos entre os quais tinham forçosamente que passar, viu que estava bem firme às costas do vigoroso quadrúmano, mas, quando, um momento depois, ele pulava aos galhos mais baixos das árvores, para vencer mais depressa a distância, a rapariga fechou os olhos e agarrou-se-lhe apertadamente ao pescoço, com receio de ser projetada ao chão.

Aquela jornada através da selva, em companhia dos nove macacos, viverá para sempre na memória de Bertha Kircher, e tão claramente delineada como na hora em que foi feita.

Passada a primeira e opressiva onda de medo, viu que podia abrir os olhos e contemplar os arredores, o que fez com o maior interesse, e logo a sua sensação inicial de pavor foi substituída por uma sensação de relativa segurança, principalmente quando observou a agilidade e a firmeza com que aqueles enormes animais andavam pelas árvores, e bem depressa a sua admiração por Zu-tag cresceu

ainda mais, quando se lhe tornou evidente que, mesmo carregado com o seu peso, ele se movia mais rapidamente, e sem maior demonstração de cansaço, do que os seus companheiros desimpedidos.



...o homem-macaco trepou-lhe sobre o peito: uma das mãos morenas procurou e segurou o punho do sabre...

Zu-tag não se deteve nem uma só vez, senão ao alcançar os galhos de uma grande árvore, a pequena distância da aldeia indígena. Dali se ouvia um bulício da vida que se agitava dentro da cerca de pau-a-pique, os latidos dos cães, as gargalhadas e os gritos dos negros. Através da espessa folhagem, a moça observava aquela povoação medonha, donde havia fugido com tanta dificuldade, poucos dias atrás. Estremecia toda, só ao pensar na possibilidade de ser recapturada e de ter que voltar outra vez para aquela lóbrega prisão, em que estivera. Estava, em suma, espantada de que Zu-tag a tivesse conduzido para ali.

Os macacos avançaram mais um pouco, vagarosamente e com a maior cautela, movendo-se sorratamente, como esquilos, pelos galhos das árvores, até chegarem a um ponto do qual podiam facilmente ver a paliçada e a rua da aldeia.

Zu-tag sentou-se sobre um sólido galho, no ponto que ficava perto do tronco da árvore, e, soltando os braços da moça, acenou-lhe que procurasse assento para si própria. Após isso, voltou-se para ela e indigitou-lhe repetidamente a porta aberta de uma cabana, sita do lado oposto da rua. Com vários gestos, parecia esforçar-se por explicar-lhe alguma coisa. Não tardou ela a apanhar o sentido do que ele lhe queria dizer, isto é, que o homem-branco, senhor dela, estava ali prisioneiro.

Abaixo deles, ficava o teto de capim de uma choça, sobre o qual ela viu que poderia deixar-se facilmente escorregar, mas o que poderia ela fazer depois na aldeia, uma vez lá dentro, isso nem sequer imaginava.

Caía a noite, e o fogo já estava aceso debaixo das panelas. A rapariga viu a estaca fincada na parte mais larga da rua e as pilhas de lenha que a circundavam, e foi com indizível terror que subitamente compreendeu o significado daqueles preparativos horríveis. Ah! se ela ao menos dispusesse de alguma boa arma de fogo, que lhe desse a leve esperança de alguma ligeira vantagem sobre os negros, — então não hesitaria em arrojarse àquela cubata, numa audaciosa tentativa para libertar da morte pelo fogo ao homem que já a salvara em três diversas ocasiões! Sabia que ele a odiava, mas, mesmo assim, ardia-lhe forte no peito o sentimento de gratidão para com ele. Não podia compreendê-lo. Nunca em sua vida vira um homem assim tão paradoxal. Em muitos dos seus hábitos, era mais selvagem do que os próprios animais com que convivia, entretanto, era às vezes tão fidalgo quanto um cavaleiro medieval. Por diversos dias, tinha andado com ele na solidão da selva, inteiramente à sua mercê, e acabara por confiar tão absolutamente em sua honra, que já se lhe havia rapidamente esvaecido todo e qualquer medo que tivera dele.

Que ele, porém, podia ser inexoravelmente cruel para com ela, evidenciava-se do fato de estar planejando deixá-la, sozinha, no meio de horrorosos perigos, que a ameaçavam noite e dia.

Zu-tag esperava certamente que a noite ficasse mais escura, para levar a efeito algum plano que houvesse formulado no seu pequeno cérebro selvagem, porque ele e os seus oito companheiros continuaram silenciosamente ali na árvore, em redor da rapariga, observando os preparativos da festa dos negros. Tornou-se logo patente que alguma controvérsia havia surgido entre os indígenas, porquanto, reunidos em torno de um que parecia ser o chefe, todos falavam ao mesmo tempo e gesticulavam acaloradamente. A altercação durou cinco ou dez minutos. De repente, desfez-se a roda, e dois dos guerreiros correram para o extremo da aldeia, donde prontamente voltaram com um grande madeiro, que fincaram em terra, ao lado do outro. A

rapariga não sabia a quem é que se destinava aquele segundo moirão, mas não lhe durou muito tempo semelhante ignorância.

Estava já completamente escuro. A aldeia, no entanto, achava-se iluminada pelo brilho incerto de muitas fogueiras, e Bertha Kircher então pôde ver um grupo de guerreiros movimentar-se e entrar na cabana que Zu-tag lhe havia assinalado. Reapareceram os negros um momento depois, arrastando dali dois prisioneiros, em um dos quais a moça reconheceu imediatamente o seu protetor, trazendo o outro o uniforme de aviador inglês. Agora ficou ela sabendo porque é que ali na praça havia duas estacas.

Levantando-se rapidamente, pôs a mão no ombro de Zu-tag e apontou para a aldeia ali embaixo.

— Venha! disse-lhe ela, como se estivesse falando a alguém da sua própria raça.

E, proferida aquela única palavra, deixou-se escorregar para o teto de capim da choça. De lá para o chão, bastava um pequeno salto, e, um momento após, estava rodeando a cabana pelo lado mais distante das fogueiras escondendo-se nas sombras, para ter mais probabilidades de não vir a ser descoberta. Voltou-se uma única vez, para ver se Zu-tag a acompanhava, e pôde lobrigar o seu vulto enorme avançando na escuridão, enquanto pouco atrás já estava outro dos seus oito companheiros. Todos eles, sem dúvida, o tinham seguido, e isto lhe deu uma sensação de segurança e de esperança, que nunca havia experimentado antes.

Parando ao lado da choça contígua à rua ela a olhou cautelosamente da esquina. Ficava ali a poucos metros a porta aberta da cabana donde haviam sido retirados os prisioneiros, e além, bem ao fim da rua, os negros rodeavam os dois brancos, que já estavam sendo guindados e amarrados aos postes de suplício. Todos os olhares achavam-se concentrados sobre as vítimas, de modo que Bertha e os seus companheiros só seriam então descobertos, quando chegassem bem perto dos negros. Desejava ela, entretanto, empunhar alguma arma, com a qual orientasse o ataque, pois não podia ter certeza se os grandes macacos a acompanhariam ou não, no momento mais crítico da luta. A fim de ver se descobria alguma coisa dentro da cabana, deslizou para ali rapidamente e transpôs-lhe a soleira, seguida por um a" um dos nove macacos. Investigando apressadamente o interior da choça logo descobriu ali uma lança: armou-se com ela e veio imediatamente para a porta da cafua.

Tarzan dos Macacos e o tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick estavam já amarrados às respectivas estacas, nenhum deles falava mais, havia já algum tempo, o inglês voltou a cabeça para o lado do seu companheiro de desgraça. Tarzan inteiriçara-se contra o lenho do moirão, o rosto não lhe externava nem medo nem raiva, sua fisionomia estampava apenas uma glacial indiferença, embora soubesse, do mesmo modo que o inglês, que ia ser dentro em pouco martirizado.

— Adeus para sempre, meu caro! sussurrou-lhe o jovem tenente.

Tarzan voltou a cabeça para o lado do outro e sorriu-lhe, dizendo-lhe:

— Adeus! Se você quiser acabar mais depressa com isso, aspire a fumaça e as chamas o mais rapidamente e fortemente que puder.

— Obrigado pelo conselho! replicou-lhe o aviador, e, fazendo embora uma cara de poucos amigos, aprumou bem o corpo, alinhando os ombros.

As mulheres e as crianças tinham-se sentado, formando um largo círculo, em redor das vítimas, enquanto os guerreiros ainda se preparavam, com todo o vagar, para dar início à dança da morte.

Tarzan voltou-se novamente para o seu companheiro e disse-lhe em voz baixa:

— Se você quiser estragar o prazer destes negros, não faça o menor movimento, seja o que for que venha a sofrer! Se puder continuar até o fim, sem mudar a expressão do rosto e sem soltar o menor gemido, você os privará de todo o júbilo desta parte da festa. Outra vez, adeus, e seja feliz!

O aviador inglês não respondeu, mas era evidente, pela contração dos maxilares, que os indígenas pouco ou nenhum divertimento tirariam do trato com ele.

Os guerreiros, agora, já estavam também em círculo. A Numabo, seu chefe, competia tirar o primeiro sangue dos prisioneiros a ponta de lança, e este seria o sinal para o início da tortura, pois só então é que poria fogo às achas de lenha, empilhadas sob os pés dos dois brancos.

Cada vez mais próximo das vítimas dançava o terrível chefe dos Wamabos, mostrando, à luz das fogueiras, por entre as grossas beíçorras, os agudos dentes amarelos. Ora pulando, ora gingando o corpo, ora batucando furiosamente no chão, dançou passo a passo no centro do círculo, que se ia estreitando cada vez mais, e que logo o levaria por um golpe de lança, a dar verdadeiro começo à grande solenidade.

A lança do chefe dos Wamabos estendeu-se, finalmente, e sua ponta tocou o peito do homem-macaco, quando ela se abaixou, um filete de sangue corria daquela lisa pele

trigueira, e, quase ao mesmo tempo, do círculo externo daquela assistência feminina irrompeu um grito de mulher, o qual parecia um sinal para uma série de gritos, — rosnados e rugidos, uivos e latidos. Houve um inesperado e grande movimento daquele lado do círculo. Os prisioneiros não podiam ver a causa daquele distúrbio. Mas Tarzan não precisava de ver coisa alguma com os seus próprios olhos: já reconhecera, pelas vozes dos macacos, a identidade dos perturbadores da festa negra. Pensava apenas no que é que os poderia ter trazido ali e no objetivo

daquele ataque, pois estava longe de imaginar que tinham vindo para salvá-lo.

Numabo e seus guerreiros saíram rapidamente do círculo da dança, para logo avistarem, avançando contra eles, — através daquela turba feminina aterrorizada do seu povo, — a mesma moça branca que lhes escapara poucas noites atrás, e, acompanhando-a, uma verdadeira horda (assim crêem eles) dos enormes e peludos gigantes da floresta, para quem os negros olhavam sempre com grande medo e imenso respeito.

Manejando os punhos pesados para a direita e para a esquerda, dilacerando carnes com as suas garras afiadas, avançava Zu-tag, o jovem macaco, seguido por seus oito companheiros, que lhe imitavam o corajoso exemplo. Passaram bem depressa por sobre os corpos dos velhos, das mulheres e das crianças e chegaram à frente de Numabo e dos guerreiros deste, para onde Bertha os guiara. Foi aí que chegaram ao alcance da vista de Tarzan, foi aí que Tarzan avistou, surpreso, quem comandava os macacos para salvá-lo.

Lá do alto do madeiro, gritou para Zu-tag:

— Ataquem os guerreiros, enquanto a mulher me soltai E para Bertha Kircher: Depressa, corte-me estas cordas!

Não dispunha ela de nenhum instrumento cortante, e as correias estavam amarradas com muita solidez, apesar disso, servindo-se apenas da ponta da lança, trabalhou ela rapidamente e friamente, de sorte que, quando Zu-tag e seus macacos já lutavam corpo a corpo com os negros, havia ela conseguido soltar as mãos de Tarzan, o que imediatamente possibilitou a este o desatar os nós que lhe prendiam os pés Em um átimo, achava-se completamente livre.

— Agora, desamarre o inglês! gritou ele para a rapariga,

E, saltando para a frente, correu a juntar-se a Zu-tag e aos companheiros deste, na peleja contra os negros.

Numabo e seus guerreiros, capacitados, enfim, de que era relativamente pequeno o número de macacos, tinham resolvido resistir àqueles bichos formidáveis e, por isso, com as lanças em riste, estavam tentando repelir os invasores. Três dos símios já estavam por terra, ou mortos ou mortalmente feridos, quando Tarzan percebendo que os macacos estavam na iminência de ser derrotados, a menos que se encontrasse algum meio de abater o moral dos negros, cogitou logo de pôr em execução qualquer plano que conseguisse o intuito almejado. Seus olhos subitamente brilharam de satisfação, pois acabava de avistar certa quantidade de armas, mediante as quais estava certo de atingir o objetivo. Um sorriso terrível perpassou-lhe pelos lábios, quando tirou do fogo um caldeirão de água fervendo e atirou-o às caras dos guerreiros negros. Gritando de dor e de terror, eles imediatamente recuaram, embora

Numabo tentasse ainda fazê-los avançar.

Apenas o primeiro caldeirão de água fervendo acabara de derramar todo o seu conteúdo sobre os indígenas, já Tarzan os banhava de novo com um segundo. Não foi preciso um terceiro para que eles buscassem abrigo, em horrorosa celeuma e correndo para todas as direções, no interior das choças que ocupavam na aldeia.

A esse tempo, já eslava desamarrado o inglês pela rapariga e já Tarzan tinha reavido as suas próprias armas. Acompanhados pelos seis macacos sobreviventes, dirigiram-se os três europeus, vagorosamente, para a porta da aldeia. O aviador armara-se com uma lança, abandonada por um dos guerreiros escaldados. Assim chegaram eles à saída da povoação.

Numabo, por mais esforços que empregasse, não conseguiu reunir os seus guerreiros, já agora completamente horrorizados e dolorosamente queimados. Os homens escapos à morte e os seus salvadores passaram, por isso, da cubata dos Wamabos para a escuridão da floresta, sem mais acidente algum.

Tarzan marchava em silêncio pela mata. A seu lado, ia Zu-tag, o macaco grande, e atrás deles os macacos sobreviventes, seguidos de Fráulein Bertha Kircher e do tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick, este último um inglês atônito da cabeça até aos pés.

Durante toda a sua vida, poucas tinham sido as obrigações que Tarzan se vira coagido a contrair. Através daquele seu mundo selvagem, sempre abrira caminho à custa dos seus próprios músculos, da aprimorada agudeza dos seus cinco sentidos e da faculdade de raciocínio, que Deus lhe havia dado. Naquela noite, entretanto, onerara-se ele com a maior de todas as suas obrigações: sua vida fora salva por outrem, e Tarzan sacudia a cabeça e rosnava, porque sua vida fora salva por um ser humano, a quem odiava mais do que a todos os outros.

Achando o aeroplano

Tarzan dos Macacos, de volta de uma caçada feliz, com o corpo de Bara, a corça, atravessado sobre as lisas espáduas trigueiras, deteve-se sobre os galhos de uma árvore, à beira da floresta, e olhou tristemente para um casal que, a pouca distância do rio, caminhava em direção à cabana cercada pela “boma”.

O homem-macaco sacudiu a cabeça desgrenhada e suspirou. Seus olhos voltaram-se para o oeste e seus pensamentos voaram para uma choupana longínqua, sita ao lado de um porto desde muito fechado e cuja água banha a praia do lar de sua infância, — a choupana de seu pai há muito falecido e para a qual o atraíam as recordações e tesouros de uma infância afortunada. Desde que havia perdido a esposa, tomara-se de um grande desejo de voltar para o cenário da sua infância, para a selva onde tinha vivido a vida que mais amava, muito antes de terem os homens civilizados invadido os limites dos seus terrenos selvagens. Esperava ter lá um renovação da sua antiga existência, e, naquelas mesmas antigas condições, achar termo para a sua tristeza e talvez algum meio de olvido.

Mas a pequena cabana e porto abandonado estavam a grande distância dali, e ele por sua vez estava tolhido pelas obrigações que devia àquele casal, que caminhava ali em frente, na clareira. O homem era um jovem que envergava o uniforme, já gasto e dilacerado, do Real Serviço Aéreo Britânico, a mulher era uma rapariga, que vestia os restos desprezíveis do que fora outrora um elegante costume de montaria.

Um capricho do destino havia reunido ali três tipos radicalmente diversos. Um era selvagem, um homem-fera, quase completamente nu, o outro, um oficial do exército inglês, a mulher, o homem-macaco a conhecia como uma espiã germânica e, por isso, a odiava.

Como poderia ver-se livre deles, não podia Tarzan imaginar, a menos que os acompanhasse até à costa oriental, para onde pretendiam voltar, viagem essa que exigia retrocedesse ele pelo mesmo caminho que acabava de percorrer. Que outra coisa, porém, poderia fazer? Aquelas duas criaturas não tinham a força, nem a resistência, nem o conhecimento, que a selva exigia, para poderem acompanhá-lo até o oeste, através de uma região desconhecida, nem ele também os desejava levar consigo. O homem, ele ainda o toleraria, mas, só ao pensar que Bertha Kircher iria também entrar naquela cabana longínqua, — a qual, por um mundo de recordações, se havia tornado de algum modo sagrada para ele, — irrompia de seus lábios um rugido de raiva. Era-lhe portanto imprescindível tomar a resolução mais conveniente, desde que não os podia absolutamente abandonar. Assim, teria que acompanhá-los

em marcha vagarosa e enfadonha, para a costa oriental, ou, pelo menos, para o primeiro estabelecimento europeu, que existisse naquela direção.

Tinha, é verdade, pensado em abandonar a rapariga à sua própria sorte, isso, contudo, fora antes que ela tomasse parte ativa em salvá-lo da tortura e da morte às mãos dos negros Wamabos. Irritava-se com o fato de haver ficado, assim, em tão grande obrigação para com ela, mas, apesar do seu reconhecimento, a expressão melancólica do seu rosto, ao fitar agora aquele casal, era iluminada por um sorriso, só ao pensar no desamparo em que ele poderia deixar aqueles dois seres humanos! Que coisa vil era realmente o homem! Como era mal preparado para enfrentar as forças selvagens da natureza, para lutar com a mata virgem! Com efeito, o mais frágil filhote da tribo de Go-lat, o macaco-rei, tinha melhores condições para sobreviver ali do que aquele casal, pois um simples “balu” poderia ao menos escapar às numerosas criaturas que lhe ameaçavam a vida, ao passo que, — excetuada Kota, a tartaruga, — nenhum outro animal se movia tão vagarosamente quanto o fraco homem.

Sem ele, aquele casal sem dúvida morreria de fome, no meio da abundância, se por algum milagre escapasse às outras forças destruidoras, que os ameaçariam constantemente. Naquela manhã, levava-lhes frutos, — cocos e bananas, — agora ia fornecer-lhes carne, a caça que havia matado enquanto eles o mais que podiam fazer era tirar água do rio. Até mesmo agora, que já atravessavam a clareira em direção à “boma”, ainda nem sequer haviam dado pela presença de Tarzan, ali tão perto deles! Não sabiam que seus olhos penetrantes os espreitavam, nem que outros olhos menos amistosos estavam fitos neles, dentre uma espessa moita de arbustos, que ficava ao lado da entrada da “boma”. Eles não sabiam nada disso, mas Tarzan o sabia. Do mesmo modo que eles, Tarzan não podia ver a criatura que os espreitava do esconderijo da folhagem, entretanto, sabia que ela estava ali, quem era e quais eram as suas intenções, tão bem como se estivesse à vista.

Um ligeiro oscilar de folhas no alto de um caule isolado tinha-o prevenido da presença da criatura, porque tal movimento não fora produzido pelo vento. Resultará de alguma pressão feita no pé do caule, o que comunica às folhas um movimento diverso do vento quando passa entre elas, como não ignora quem tenha vivido sempre na selva. Mas o mesmo vento, que passara pela folhagem daquela moita de arbusto, trouxera às narinas sensíveis do homem-macaco a certeza indiscutível de que Sheeta, a pantera, aguardava, ali, que o casal voltasse do rio.

Os dois já haviam percorrido metade da distância para alcançarem a entrada da “boma”, quando Tarzan lhes gritou que parassem. Olharam surpresos para o ponto donde lhes pareceu vir aquela voz, e viram-no saltar ligeiramente ao chão e dirigir-se para eles vagarosamente.

— Venham para aqui na ponta dos pés! recomendou-lhes ele. Não corram, senão Sheeta os atacará!

Fizeram ambos o que ele lhes aconselhara, mas com as feições cheias de uma surpresa interrogativa.

— Qual a razão disto? perguntou-lhe o jovem inglês. Quem é Sheeta?

Tarzan, porém, como única resposta, atirou ao chão o corpo de Bara, a corça, e correu rapidamente para junto deles, com os olhos fitos em algo que lhes estava à retaguarda, foi então que os dois se voltaram e souberam quem era Sheeta, porque ali atrás estava uma pantera, que avançava veloz sobre eles.

Sheeta, com raiva e suspeita crescentes, vira o homem-macaco saltar da árvore e aproximar-se do casal, dizia-lhe o instinto que o Tarmangani estava prestes a privá-la da presa que colimava, e, como Sheeta estivesse faminta, não tinha a menor intenção de ver-se despojada de uma caça que já reputava sua.

A rapariga lançou um grito involuntário, quando avistou ali, tão perto, aquela fúria de garras, que se atirava sobre eles. Ela recuou para junto do jovem inglês e agarrou-se a ele, que, completamente desarmado e indefeso, como estava, a empurrou para trás de si, e, protegendo-a com o corpo, ficou ousadamente pronto a receber a investida da pantera. Tarzan notou-lhe o gesto, e, embora acostumado a praticar e presenciar tais atos de coragem, não deixou de sentir um frêmito de emoção ante a frívola e tola bravata daquele homem.

A pantera atacante movia-se agora rapidamente e não era grande a distância que já a separava da moita, onde se escondera para espreitar os objetos da sua gana. No curto espaço de tempo em que alguém poderia ler e entender corretamente uma dúzia de palavras, cobriria ela, com os seus membros robustos, a distância que ainda lhe faltava para atingir os seus alvos. Mas, se Sheeta era tão ágil, Tarzan não o era menos. O aviador viu o homem-macaco passar repentinamente por ele como um redemoinho. Viu a enorme fera girar sobre si mesma, como para frustrar-se ao selvagem nu que corria para ela, pois o intuito de Sheeta era evidentemente apoderar-se da presa, antes de defender-se de Tarzan.

O tenente Smith-Oldwick viu todas essas coisas, e, com espanto cada vez maior, viu o homem-macaco girar também em torno de Sheeta, e, num dado momento, arrojá-la à pantera malhada, do mesmo modo que um jogador de futebol se atira ao adversário que corre com a bola. Viu os possantes braços trigueiros envolver o corpo do carnívoro, — o braço esquerdo à frente do ombro esquerdo do animal e o braço direito atrás da pata direita dianteira, — e viu os dois, em consequência do primeiro choque, rolares juntos no chão, sobre a relva. Ouvia os roncões e rugidos do combate bestial, e não foi sem uma grande sensação de horror que percebeu que

os sons, oriundos da garganta do homem em luta, dificilmente poderiam distinguir-se dos oriundos das fauces da pantera.

Passado o primeiro choque momentâneo de terror, largou a moça o braço do inglês.

— Não podemos fazer nada por ele? perguntou ela ao jovem. Não podemos ajudá-lo, antes que a fera o mate?

O aviador procurou ali pelo chão alguma pedra ou algum pau, para arremessar à pantera. Mas a rapariga soltou uma exclamação ininteligível, e saiu a correr em direção à cabana, gritando-lhe então por sobre o ombro:

— Espere aí! Vou buscar a lança que ele deixou comigo.

Smith-Oldwick viu as garras furiosas da pantera ameaçando a carne do homem e viu este, por seu lado, distendendo cada músculo e usando de todos os ardis, para manter o corpo fora do alcance do animal. Os músculos de seus braços pareciam nós de corda debaixo de sua pele morena, e as veias pareciam querer sair-lhe do pescoço e da testa, enquanto ele, fazendo cada vez mais força, procurava esmagar a enorme pantera. Os dentes do homem-macaco estavam ferrados à parte posterior do pescoço de Sheeta, e já agora conseguira cavalgar o dorso do animal, cuja barriga comprimia com as pernas fortemente arqueadas. Saltando e rosnando, tentava Sheeta, libertar-se do audaz cavaleiro. Por fim, depois de girar no chão e para aqui e para acolá, ela firmou-se sobre as patas traseiras e empinou bem o corpo para trás, mas o homem-macaco cada vez mais tenazmente se lhe agarrava ao dorso e cada vez mais seus pujantes braços morenos lhe apertavam o pescoço.

A moça, ofegante de tanto correr, voltou rápida, trazendo a pequena lança que Tarzan lhe havia deixado como única arma de defesa. Recusou-se a entregá-la ao inglês, que se adiantou para recebê-la, e passou velozmente por junto daquelas duas massas vivas, de pele amarela e pele trigueira, que rosnavam e rolavam ali pelo chão. Por diversas vezes, tentou ela cravar aquela arma pontiaguda no coração da pantera, mas, em todas as ocasiões, o medo de ferir também o homem-macaco a fizera deter-se. Imobilizaram-se, entretanto, por um momento, os dois animais em luta, quando o carnívoro quis tomar um ligeiro fôlego dos esforços extenuantes do combate, e foi então que Bertha Kircher, conseguindo fazer passar a lança por entre a pele trigueira e a pele mosqueada, a enterrou profundamente no coração da pantera.

Tarzan levantou-se de sobre o corpo de Sheeta, e sacudiu-se todo, à maneira dos animais que são inteiramente cobertos de pêlo. Como muitos outros gestos seus, aquilo era mais consequência do ambiente do que de hereditariedade ou regressão, e, embora fosse um homem pelo hábito externo, o inglês e a sua companheira não deixaram de ficar impressionados com a naturalidade selvagem daquele ato. Era

como se Numa, saindo de uma peleja, se houvesse sacudido, para endireitar os pêlos da juba desgrenhada, entretanto, algo de estranho ressumava daquilo, como quando os roncoss bestiais e rugidos horríveis irromperam de seus lábios bem talhados.

Tarzan olhou para a rapariga, com uma expressão zombeteira no rosto. Bertha Kircher novamente o pusera em obrigação para com ela, e Tarzan dos Macacos não desejava dever gratidão a uma espiã germânica. Em seu coração honesto, entretanto, não podia deixar de admitir uma certa admiração pela coragem dela, um rasgo que sempre o impressionava grandemente, a ele, que era a personificação da bravura.

— Aqui está a caça que eu lhes trouxe, disse ao casal, oferecendo-lhe o corpo de Bara, que levantara do chão. Presumo que queiram cozinhar a sua porção, mas Tarzan não estraga a sua carne com fogo.

A rapariga e o inglês acompanharam-no até à “boma”, junto à qual ele cortou para os dois diversas postas de carne da corça, reservando para si um dos quartos. O jovem tenente preparou logo uma fogueira e a moça assumiu os seus primitivos direitos culinários no respeitante àquela refeição. Enquanto ela trabalhava um pouco afastada dos dois homens, o aviador e o Tarmangani a observavam.

— Ela é admirável, não? sussurrou Smith-Oldwick ao homem-macaco.

— É alemã e é espiã, respondeu-lhe Tarzan.

O inglês aproximou-se ainda mais dele e interrogou-o em tom severo:

— Que é que você está dizendo?

— Ela é o que eu já disse á você, retrucou-lhe o homem-macaco. É alemã e é espiã.

— Não acredito! exclamou o aviador.

— Nem precisa acreditar, ponderou-lhe Tarzan. A mim tanto faz com que você acredite, ou não. Mas eu a vi em conferência com o general boche e seu estado-maior, no acampamento próximo a Taveta. Todos a conheciam, chamavam-na pelo nome, e ela mostrou ali um papel ao comandante germânico. A segunda vez, em que a vi, foi quando ela penetrou disfarçada nas linhas de frente britânicas. Vi-a finalmente, em Wilhelmstal, conversando intimamente com um oficial huno. É alemã e espiã, mas é também mulher, e, por isso, eu não posso tirar-lhe a vida.

— Você tem certeza de que seja verdade tudo quanto está dizendo dela? perguntou ainda o jovem tenente. Deus meu! Eu não posso acreditar! Ela é tão meiga, tão boa...

Sacudindo os ombros, obtemperou-lhe Tarzan:

— Ela é corajosa, eu o reconheço, mas o próprio Pamba, o rato, há de ter por certo alguma qualidade boa. Fique certo de que ela é o que eu disse a você. E, se eu

a odeio por isso, você também deve odiá-la pelo mesmo motivo.

O tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick enterrou primeiro o rosto entre as mãos e exclamou finalmente:

— Deus que me perdoe, mas eu não posso odiá-la!

O homem-macaco lançou um olhar desdenhoso ao seu companheiro e levantou-se.

— Tarzan vai caçar outra vez, disse ele. Vocês têm comida bastante para dois dias, findo esse tempo, Tarzan voltará.

O casal acompanhou-o com a vista, até que se sumisse em meio da folhagem das árvores, no extremo da clareira.

Logo que ele partiu, a rapariga começou a ter uma vaga sensação de medo, que não sentia nunca, quando Tarzan estava presente. As ameaças invisíveis, de que estava prenhe a selva horrenda, pareciam mais reais e mais iminentes agora, que o homem-macaco se ausentara dali. Enquanto o via ali, a conversar com eles, aquela pequena cabana, coberta de capim, parecia-lhe tão segura, quanto um palacete do mundo civilizado.

Ela bem desejara que Tarzan não saísse dali. Dois dias a esperá-lo pareciam uma eternidade: seriam dois dias de terror constante, dois dias em que cada minuto seria uma ameaça de perigos. Voltou-se então para o companheiro, dizendo-lhe:

— Eu quisera que ele ficasse. Sinto-me sempre em completa segurança, quando o vejo perto de mim. É um sujeito carrancudo e terrível, entretanto, confio mais nele do que em qualquer outra pessoa, que até hoje eu tenha visto. Ele mostra não gostar de mim, mas estou certa de que não permitiria que se me fizesse mal algum. Não posso compreendê-lo.

— Eu também não o compreendo, replicou o inglês. Mas há uma coisa que eu percebo bastante: é que a nossa presença aqui está a contrariar-lhe os planos. Ele está aflito por ver-se livre de nós dois, e imagino que, ao voltar, ele preferiria achar-nos vitimados por qualquer uma das feras que nos espreitam dali defronte, da mata. Penso que deveríamos tentar alcançar um dos estabelecimentos europeus. Tarzan não nos quer aqui, e não é razoável acreditar que possamos sobreviver por muito tempo, num sertão tão selvagem. Tenho viajado e caçado em diversos pontos da África, nunca, entretanto, vi, nem ouvi falar que existisse um lugar como este em que nos achamos agora, tão infestado de animais ferozes e de indígenas canibais. Se partíssemos já para a costa oriental, correríamos poucos mais perigos do que os daqui, e, se logrármos sobreviver, depois de um dia de marcha, creio que acharemos meios de atingir o litoral em poucas horas, porque meu aeroplano ainda deve estar no mesmo sítio em que saltei dele e fui logo aprisionado pelos negros. Certamente não há ninguém por estas bandas que seja capaz de manejar um tal aparelho, e não

veja motivo para que os selvagens o tenham destruído. Os pretos, naturalmente, hão de ter ficado tão assustados e suspeitosos de uma coisa tão estranha e tão incompreensível para eles, que o mais provável é que nem sequer tenham ousado aproximar-se do avião. Sim! Ele deve estar onde o deixei e pronto para conduzir-nos em segurança até os estabelecimentos europeus.

— Mas nós não podemos partir, antes que Tarzan volte. Não podemos ir-nos embora, sem lhe agradecermos, sem sequer lhe dizermos adeus. Não se esqueça de que lhe devemos imensas obrigações.

O inglês olhou-a em silêncio, por um momento. Imaginava se Bertha Kircher sabia o que Tarzan pensava a respeito dela e começou a meditar sobre a veracidade das acusações formuladas pelo homem-macaco. Quanto mais o aviador olhava para a rapariga, menos capaz ficava de admitir a idéia de que fosse uma espiã inimiga. Estava quase a perguntar-lhe diretamente, mas não teve coragem, e resolveu, portanto, esperar que o tempo e um conhecimento mais íntimo lhe revelassem, enfim, a veracidade ou falsidade das afirmações de Tarzan.

— Eu creio, disse-lhe ele, como se não tivesse havido pausa alguma na conversa, que Tarzan, ao voltar, ficará mais alegre, ao verificar que partimos. Não é necessário arriscarmos aqui as nossas vidas por mais dois dias, somente para exprimir-lhe os nossos agradecimentos, embora tenhamos na devida conta os serviços que nos tem prestado.

Além disso, você já compensou sobejamente as suas obrigações para com ele. E, pelo que ele me disse, você é quem principalmente não deve continuar aqui por muito tempo. A moça ergueu para ele os olhos e perguntou-lhe, espantada:

— Que quer dizer com isso?

— Não me agrada referir tais coisas, retrucou o inglês, cavando nervosamente o chão com a ponta de uma varinha. Mas creia na minha palavra de que ele preferiria que você não estivesse aqui.

— Conte-me o que ele disse de mim, insistiu ela. Tenho direito a sabê-lo.

O tenente Smith-Oldwick alinhou os ombros, levantou a vista para a rapariga e disse-lhe inconsideradamente:

— Ele me disse que a odeia e que só tem ajudado a você em razão de um dever elementar, por você ser mulher.

Bertha Kircher primeiro empalideceu, depois enrubescou, e por fim, exclamou:

— Estou pronta a partir dentro de um momento. Precisamos de levar um pouco desta carne. Não sabemos quando é que podemos arranjar mais.

Seguiram os dois, então, rio abaixo, em direção ao sul. O inglês empunhava a

pequena lança, que Tarzan havia deixado com a moça, ao passo que esta marchava inteiramente desarmada, a não ser uma vara que apanhou no chão, entre as que ali tinham sobrado da construção da cabana. Antes de partirem, insistiu ela com Smith-Oldwick, para deixar este, ali, um bilhete, agradecendo a Tarzan os cuidados que tivera para com eles e dizendo-lhe adeus. Deixaram o pequeno pedaço de papel pregado com um graveto na parte interna da choça.

Era imprescindível que marchassem em constante vigilância, pois não sabiam o que poderia esperá-los na curva seguinte, do caminho da floresta, ou quem poderia estar oculto nos arbustos emaranhados de cada um dos lados da vereda. Havia também o perene risco de encontrarem os guerreiros negros de Numabo, e, como a perigosa aldeia ficava precisamente no roteiro que seguiam, cumpria-lhes dar uma grande volta, antes de a atingirem, para que pudessem contorná-la, sem serem descobertos.

— Eu tenho mais medo de Usanga e dos seus soldados, ponderou Bertha ao inglês, do que propriamente dos negros de Numabo. Ele e os seus homens pertenciam todos a um regimento alemão de indígenas. Capturaram-me, quando desertaram, ou para pedirem por mim um bom resgate, ou para me venderem a algum dos sultões negros da África setentrional. Usanga é para ser mais temido do que Numabo, porque dispõe de armas e munições modernas, além da experiência militar adquirida no meio das tropas européias.

— Então, quando saltei do aparelho, tive sorte em ser apanhado pelo ignorante Numabo, e não pelo esperto Usanga. Este, decerto, teria tido menos medo da gigantesca máquina voadora e saberia até como destruí-la.

— Oremos a Deus para que o sargento negro não a tenha descoberto!

Dirigiram-se para um ponto, que julgavam ficar a uns dois quilômetros de distância da aldeia, e penetraram então na mata virgem em rumo de leste. Em certos lugares era tão densa e emaranhada a vegetação, que foi com imensa dificuldade que abriram caminho através dela, algumas vezes andando de rasto e outras vezes saltando por sobre inúmeros troncos de árvores caídas. Entrançadas com limbos mortos e com galhos vivos, opunham-se-lhes à marcha trepadeiras viçosas, que formavam ali um verdadeiro labirinto.

Para os lados do sul, num pequeno campo aberto achava-se um bando de guerreiros negros reunidos em volta de um objeto, que lhes arrancava comentários extravagantes. Estavam vestidos com farrapos de uniformes das tropas indígenas subordinadas ao comando germânico. Era um grupo extremamente desagradável, e a figura principal do mesmo, tanto em repulsa quanto em autoridade, era o sargento negro Usanga. E o objeto, que em todos eles despertava tanto interesse, era um aeroplano britânico.

Logo depois que o jovem aviador inglês tinha sido aprisionado na aldeia dos Wamabos, Usanga saiu dali à procura do aparelho, impelido em parte pela curiosidade e em parte pela intenção de destruí-lo. Mas, quando o encontrou, um novo pensamento o dissuadiu da idéia de inutilizá-lo. Aquilo representava um valor considerável, ele bem o sabia, e ocorreu-lhe, por isso, que poderia tirar grande vantagem de tão bela presa. Todos os dias voltava ali, para ver o aeroplano, e, embora a princípio o encarasse com um grande respeito, não tardou a contemplá-lo com os olhos habituados de um proprietário. E, assim, já ousava trepar sobre a fuselagem, do que lhe resultou o desejo de aprender a movimentar toda aquela máquina.

Que façanha assombrosa não seria a de voar, como um pássaro, bem acima das copas das árvores mais altas! Como aquilo não haveria de encher de respeito e admiração os seus companheiros menos favorecidos pela sorte! Se ele, Usanga, conseguisse voar, tão grande seria o respeito que lhe tributariam todos os membros das tribos de todas as cubatas espalhadas por aquele imenso interior, que decerto o considerariam pouco menos do que um deus.

Usanga esfregou as palmas das mãos e estalou os lábios grossos. Então, certamente, ele havia de ficar muito rico, porque todas as aldeias lhe pagariam tributo e ele poderia ter até assim como uma dúzia de esposas. Nisto, entretanto, obumbrou-lhe os alegres pensamentos a visão mental de Naratu, a megera negra que o governava com mão de ferro. Usanga careteou e procurou esquecer a imaginária dúzia extra de esposas, mas aquela idéia continuou a martelar-lhe os miolos e tão forte atração exerceu nele, que não tardou a raciocinar, aliás com muita lógica, que um deus não seria bem um deus, se não tivesse pelo menos vinte e quatro mulheres.

Pôs-se a meter os dedos nos instrumentos, especialmente na direção, meio confiante e meio receoso de calcar a combinação que poria a máquina a voar. Muitas vezes observava os aviadores ingleses voando sobre as linhas de frente germânicas, e isso lhe parecera tão simples, que estava inteiramente convencido de que também o poderia fazer, se houvesse alguém que lhe desse ao menos uma lição. Restava-lhe sempre, sem dúvida, a esperança de que o homem branco, que viera naquela máquina e fugira da aldeia dos Wamabos, caísse nas mãos dele, Usanga. Nesse caso, teria ele, em verdade, com quem aprender a voar. Era cheio de tais esperanças que Usanga passava tanto tempo junto ao avião, o homem branco, provavelmente, voltaria em breve ali a procurá-lo.

Tal expectativa não se malogrou, pois naquele mesmo dia, pouco depois que saiu de junto do aeroplano e mergulhou na floresta com os seus guerreiros, ouviu vozes de gente, vindas dos lados do norte, e, tendo-se posto de tocaia, com os seus homens, de uma e da outra banda do caminho, Usanga logo se encheu de

contentamento, ao dar com os olhos no aviador inglês e na rapariga branca, da qual o sargento negro tanto quisera apoderar-se, e que também lhe havia fugido. Mal pôde reprimir um grito de orgulhoso regozijo, pois não esperava que a sorte lhe fosse tão propícia, atirando-lhe às garras aqueles dois seres humanos, os quais tanto ele desejava ter ao mesmo tempo em seu poder.

Quando os dois ali desembocaram pelo trilho, de todo em todo inconscientes do perigo que os aguardava, Smith-Oldwick dizia a Bertha Kircher que j'á deviam estar bem perto do pequeno campo, onde o aeroplano tinha aterrado. A atenção de ambos convergia para o caminho que se lhes antolhava agora mais limpo, e estavam certos de que, seguindo-o, iriam dar dentro em poucos momentos com o avião, que para eles significava, simultaneamente, a vida e a liberdade.

A vereda, agora, era realmente larga, e eles marchavam um ao lado do outro, de sorte que, ao dobrarem uma curva do trilho, avistaram a pequena clareira, e no centro dela, o contorno da máquina que procuravam.

Exclamações de júbilo e suspiros de alívio irromperam-lhes imediatamente dos lábios e do peito. Mas, nesse mesmo instante, Usanga e os seus guerreiros saltaram dos seus esconderijos para a estrada e cercaram o desventurado casal.

O aviador negro

A rapariga estava morta de terror e desespero. Ter chegado ao ponto de salvar-se e ver essa esperança de todo desvanecida por um golpe cruel da fatalidade, — era insuportável. O tenente inglês estava também desesperado e num verdadeiro estado de angústia. Tendo observado que os pretos envergavam uns restos de uniformes, perguntou-lhes imediatamente onde é que estavam os seus oficiais.

— Eles não podem compreender o que você está dizendo, interveio a jovem.

E, então, em uma língua bastarda, que é o meio de comunicação entre os alemães e os negros da sua colônia, ela repetiu a pergunta do branco.

Usanga arreganhou os dentes.

— Você bem sabe onde é que eles estão, mulher branca, respondeu ele. Estão mortos, e se este branco deixar de obedecer ao que eu lhe mandar, também morrerá.

— Que é que você quer dele? indagou a rapariga.

— Quero que ele me ensine a voar como um pássaro, replicou Usanga.

Bertha Kircher ficou tomada de pasmo, mas transmitiu ao tenente a ordem do negro.

O oficial inglês refletiu por um momento.

— Então ele quer aprender a voar, não é assim? repetiu. Indague então dele se dará liberdade a você, uma vez que eu lhe atenda ao desejo.

A jovem formulou a pergunta a Usanga. Este, um velhaco em cujo cérebro jamais luzia um vislumbre de princípio de moral, estava sempre disposto a prometer tudo quanto desejassem dele, sem o menor intuito de cumprir o que dissesse. Por isso, não vacilou em assentir à proposta, declarando:

— Perfeitamente! Logo que o branco me ensinar a voar, eu conduzirei você até junto dos estabelecimentos do seu povo. Mas, em troca disso, ficarei com o pássaro grande.

E, dizendo tais palavras, estendia a mão negra, indicando o aeroplano.

Quando Bertha Kircher reproduziu a promessa de Usanga, o aviador inglês sacudiu os ombros e, evidentemente contrariado, concordou com tudo.

— Penso que não há outro meio de sair disto, ponderou ele. De qualquer forma, o aeroplano está perdido para o governo inglês. Se eu não obedecer ao mandado do velhaco do negro, ele me liquidará e a máquina ficará aqui em terra até apodrecer.

Cumprindo ele a promessa agora feita, ao menos você voltará sã e salva ao seio da civilização, e isto, acrescentou ele com ênfase, tem para mim muito mais valor do que todas as aeronaves do Serviço Aéreo da Grã-Bretanha.

A jovem lançou-lhe um olhar sombrio. Eram aquelas as primeiras palavras que patenteavam os sentimentos que nutria para com ela o seu companheiro de desgraça. Lamentou que ele houvesse falado daquela maneira. E ele, por sua vez, também deplorou haver assim procedido, pois compreendeu que juntara mais um motivo de tristeza, sem ser esperado embora, às dificuldades da já quase insuportável situação em que ambos se encontravam.

— Esqueça-me! disse-lhe ele prontamente. Rogo-lhe que esqueça o que as minhas palavras acabam de insinuar-lhe. Prometo-lhe que não a ofenderei mais, se é que a ofendi, ao menos até que ambos estejamos salvos deste aperto.

Ela sorriu-lhe, agradecidamente. Mas as palavras tinham sido pronunciadas e não podiam ser negadas. E foi por meio delas que Bertha Kircher, — melhor do que se ele lhe houvesse caído aos pés e jurado eterna dedicação, — compreendeu que o jovem inglês a amava.

Usanga queria a primeira lição de vôo, sem perda de tempo. O tenente esforçava-se por dissuadi-lo, mas o negro tornou-se logo ameaçador e insolente.

— Pois muito bem, velho maroto, resmungou o inglês, vou dar-te a lição de tua vida!

E, voltando-se para a rapariga:

— Persuada-o a permitir que você nos acompanhe. Receio deixar você aqui, entre estes diabólicos bandidos.

Mas, apenas feita por ela a sugestão a Usanga, este logo suspeitou que tramassem algum plano malfazejo, — qual o de conduzirem-no de novo, contra a sua vontade, às fileiras alemãs, donde havia traiçoeiramente desertado, — e, por isso, olhando ferozmente para ela, obstinou-se em não lhe atender ao pedido.

— A mulher branca ficará aqui, confiada à guarda do meu povo, disse ele. Ninguém lhe fará mal algum, a menos que eu deixe de voltar são e salvo.

— Diga-lhe, então, obtemperou o inglês, que, se eu, quando regressar, não vir você aqui, bem no centro desta clareira, deixarei de fazer a aterragem e levarei Usanga para o acampamento das forças inglesas, onde o enforcarei.

Usanga prometeu que a rapariga estaria ali, bem à vista de todos, quando ele e o aviador regressassem, e imediatamente procurou meter na cabeça de seus guerreiros que incorreria na pena de morte quem quer que ousasse fazer mal àquela mulher branca. Seguido, então, pelo restante da sua gente, atravessou a clareira, em

companhia do oficial inglês, em direção ao aeroplano. Apenas sentado no interior do que ele já considerava sua nova propriedade, o preto começou a sentir esfriar-lhe a coragem, e, quando o motor começou a funcionar e o grande propulsor a girar, gritou ao aviador que parasse aquela coisa e que o deixasse descer, mas o inglês por causa do ruído do propulsor não podia sequer ouvir o que vociferava Usanga. Além disso, o aeroplano já entrara a mover-se ao longo do campo. Mais se apoderou do negro a ânsia de saltar, e decerto o teria feito, se houvesse podido desatar a correia que o prendia ao banco pela cintura. Elevou-se da terra o avião e, por um momento, tatalou graciosamente as asas em um largo círculo, por cima da copa das árvores. Usanga achava-se num verdadeiro colapso de terror. Viu a terra fugir-lhe rapidamente debaixo dos pés. Viu o bosque, o rio e, não longe, a pequena clareira em que avultavam as cabanas da aldeia de Numabo. Esforçou-se, o mais que pôde, para não pensar no que lhe aconteceria, se o aparelho se precipitasse repentinamente em terra. Tentou, por isso, concentrar o espírito no serralho das 24 mulheres que aquele pássaro grande ia seguramente permitir-lhe possuir. O aeroplano erguia-se cada vez mais, voando em um amplo círculo sobre a floresta, o rio e a clareira, e, então, com grande pasmo, percebeu Usanga que o seu terror estava rapidamente desaparecendo, de sorte que não se encontrava distante da sensação de uma perfeita segurança: foi daí em diante que começou a observar como era que o branco guiava e manipulava o aparelho.

Depois de meia hora de hábil manobra, o oficial inglês ergueu-se rapidamente a uma altura considerável, e, de repente, e sem aviso prévio, desceu, durante alguns segundos, com o aeroplano invertido.

— Eu disse que daria a este canalha a lição da sua vida, murmurou ele, quando ouviu, dominando o ruído do propulsor, o berro do negro.

Smith-Oldwick não tardou a pôr o avião na posição normal e a fazê-lo rumar depressa para a terra. Contudo, circulou vagarosamente por alguns minutos sobre a clareira, até certificar-se de que Bertha Kircher estava no ponto determinado e aparentemente ilesa, só então foi que aterrou suavemente, de tal jeito que a máquina parou à pequena distância do lugar onde a rapariga branca e os guerreiros negros a esperavam.

Usanga saltou da fuselagem, trêmulo e exangue, porquanto seus nervos ainda conservavam o abalo resultante da tortura que sofrerá com o vôo invertido, mas, apenas sentiu terra firme debaixo dos pés, readquiriu prontamente o antigo aprumo. Pavoneando-se com grande ostentação e fanfarronice, tratou apenas de impressionar os seus sequazes, dizendo-lhes que era uma façanha trivial, uma coisa comum, o voar, como um pássaro, milhares de metros acima da selva, muito embora, no fundo da sua consciência, estivesse bastante longe de crer, pela força da auto-sugestão, que

houvesse sentido prazer, em qualquer instante do vôo, ou que estivesse suficientemente adiantado na arte da aviação.

Tal zelo manifestava o preto pelo seu novo brinquedo, que não quis regressar à aldeia de Numabo, mas insistiu em acampar ali mesmo, ao lado do aeroplano, com receio de que lho furtassem. Dois dias ficaram ali todos acampados, e, nessas 48 horas, enquanto houve sol, Usanga obrigou o inglês a instruí-lo no manejo do avião.

Smith-Oldwick, recordando-se dos longos meses de árduos exercícios que tivera de fazer, para que pudesse ser julgado um aviador idôneo, sorria, ao ouvir aquele africano ignorante perguntar-lhe se já não estava apto para voar sozinho.

— Se não fosse pelo receio de perder a máquina, explicou ele à rapariga, eu deixaria o bandido tomá-la sozinho e quebrar a sua cabeça maluca, o que se daria em menos de dois minutos...

Contudo, conseguiu finalmente persuadir Usanga a ter paciência por alguns dias mais de instrução. Na mente suspicaz do negro, porém, crescia a convicção de que o conselho do branco era devido a algum motivo oculto: era, decerto, pela esperança de escapar-se, com a máquina, durante a noite, que o inglês não queria julgar Usanga inteiramente habilitado a manejar sozinho o aeroplano... E, capacitado de não precisar mais de auxílio e ensino, o preto formou no espírito a deliberação de embair o branco. A isca das vinte e quatro sedutoras mulheres já era para ele, por si só, um poderoso incentivo, ao qual se juntava o desejo, desde muito radicado em seu peito, de possuir também a mulher branca, isto é, Bertha Kircher.

Foi com estes pensamentos que Usanga se deitou, para dormir, mal findara o segundo dia. Mas, constantemente, a visão de Naratu, de gênio tão terrível, lhe embotava aquelas imagens prazenteiras. Se pudesse libertar-se para sempre dela! Esta idéia não tardou a tomar-lhe na mente uma forma persistente, mas era sempre sobrepujada pelo medo que o negro tinha da esposa, e um medo tal, que não ousaria nunca desembaraçar-se dela, senão muito à socapa e quando ela estivesse dormindo. Todavia, como a força dos seus desejos lhe evocasse planos sobre planos, ele, afinal, fixou-se num, que lhe sobreveio de golpe e que o fez sentar-se inopinadamente entre os seus companheiros adormecidos.

Clareando a manhã, Usanga custou a esperar uma oportunidade de pôr em execução a sua trama: mal fez a primeira refeição, convocou vários dos seus homens de armas e com eles conferenciou por alguns minutos.

O oficial inglês, que habitualmente trazia de olho o seu apresador africano, percebeu que este explicava alguma coisa, minuciosamente, aos seus guerreiros, e dos seus gestos deduziu que os estava persuadindo a algum novo plano e a ensinar-lhes como executá-lo. Notou também, por diversas vezes, que os olhos do chefe

negro se voltavam para ele e para Bertha.

Apesar de tudo aquilo, à primeira vista, parecer bastante trivial, não tardou o espírito do inglês a nutrir uma bem definida apreensão de que algo de mau se tramava ali contra ele e a sua companheira branca. Não pôde mais afastar semelhante idéia, e, por isso, procurou espionar mais diligentemente o negro, muito embora, — como era forçado a reconhecer, — não dispusesse de poder para afastar qualquer nova fatalidade que lhes estivesse reservada. Até a lança, que trazia ao ser aprisionado, lhe havia sido tomada, de sorte que se encontrava completamente desarmado e inteiramente à mercê de Usanga e dos sequazes do chefe africano.

O tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick não levou muito tempo a esperar que se pusesse em prática o plano de

Usanga, porquanto, apenas o cacique negro terminou a sua perlanga, seis guerreiros se aproximaram do oficial inglês e três outros se dirigiram à rapariga branca.

Sem uma palavra de explicação, apoderaram-se do jovem oficial e puseram-no de borco ali no chão. Por um instante, lutou ele desesperadamente e conseguiu derribar alguns dos seus assaltantes, mas, sobrepujado pelo número destes, apenas adiou por instantes a realização do objetivo a que visavam e que era amarrarem-no fortemente de mãos e pés. Quando acabaram de executar a ordem recebida de Usanga, puseram o branco em decúbito dorsal, e, assim, pôde ele ver, olhando para um dos lados, que Bertha Kircher havia sido tratada pelo mesmo modo.

Apesar daquela incômoda posição, Smith-Oldwick podia enxergar quase toda a extensão da planície, bem como o aeroplano, que estava a poucos metros dali. Viu Usanga aproximar-se da rapariga e falar com ela, que sacudia a cabeça com veementes negativas.

— Que é que ele está dizendo? perguntou o tenente à sua companheira de infortúnio.

— Quer levar-me no aeroplano, respondeu a jovem. Quer levar-me para longe, para outro país, onde assegura que será rei e eu uma das suas esposas...

E, ante a atônita surpresa do oficial inglês, continuou, sorrindo para ele:

— Mas não há perigo, porque estaremos ambos mortos dentro em poucos minutos. Se Usanga conseguir levantar a máquina uns cem metros no espaço, não terei mais medo algum dele.

— Deus! exclamou o inglês. Não haverá meio de você dissuadi-lo? Prometa-lhe alguma coisa. Alguma coisa de que ele goste. Eu tenho dinheiro, mais dinheiro do que esse pobre louco pode imaginar que exista em todo o mundo. Com dinheiro, comprará ele o que quiser, roupas finas, comidas, bebidas e mulheres, todas as

mulheres que lhe apetercerem. Diga-lhe isto. E diga-lhe mais que, se ele poupar a você, eu lhe dou a minha palavra de que mandarei buscar para ele toda a fortuna que possuo.

Sacudindo a cabeça, ponderou-lhe a rapariga:

— É inútil! Usanga não me dará ouvidos, e, ainda que o fizesse, não confiaria em você. Os negros são, por si mesmos, tão faltos de moralidade, que não podem crer exista com outrem o sentimento da honra. E estes, em cujo poder caímos, desconfiam principalmente dos ingleses, porque os alemães lhes meteram na cabeça que os ingleses são o povo mais traidor e mais degradado do mundo. Não! É melhor assim mesmo... Lamento apenas que você não vá conosco., porque a minha morte será mais rápida e menos cruel do que a que você provavelmente terá que sofrer aqui.

Usanga tinha-os continuamente interrompido naquela curta conversa, sempre querendo compelir a rapariga a contar-lhe o que estavam ali confabulando, pois receava, incessantemente, conjuras malfazejas, e, então, para tranqüilizá-lo e apaziguá-lo, a jovem declarou-lhe que o inglês apenas lhe estava dizendo adeus e desejando boa viagem. Mas, de súbito, ela perguntou ao chefe negro:

— Queres atender a um pedido meu, para que eu vá de boa vontade contigo?

— Que é que quer? inquiriu ele.

— Dize aos teus homens que ponham em liberdade o branco, logo que houvermos partido. Ele não poderá alcançar-nos. É tudo que eu te peço. Se lhe deres liberdade e lhe assegurares a vida, irei de boa vontade contigo.

— Você irá comigo de qualquer maneira, replicou Usanga. Não quero saber se você vai por bem ou por mal. Estou para ser proclamado um grande rei e você terá que obedecer a tudo quanto eu mandar.

Estava convencido de que poderia dirigir à vontade aquela mulher branca. Não haveria, assim, repetição da sua deplorável experiência com a terrível Naratu. Bertha Kircher e as vinte e quatro outras mulheres do seu futuro serralho seriam cuidadosamente escolhidas e bem disciplinadas. Dali em diante, Usanga seria obedecido em sua própria casa.

A jovem compreendeu que era inútil insistir naquele apelo ao bruto, e, por isso, remeteu-se ao mais profundo silêncio, um silêncio cheio de tristeza, pois pensava na fatalidade que ameaçava ao jovem oficial, pouco mais do que um adolescente, que impulsivamente lhe havia revelado o amor que lhe consagrava.

A um aceno de Usanga, um dos pretos levantou a rapariga do chão e conduziu-a nos braços para a máquina, onde, uma vez embarcado o chefe negro, foi ela deposta na fuselagem, mas Usanga, tirando-lhe as correias dos pulsos, amarrou-a no assento

de trás e tomou logo o seu lugar à frente dela.

Bertha voltou os olhos para o oficial inglês. Ela estava muito pálida, mas seus lábios sorriam com intrepidez.

— Adeus! gritou-lhe ela.

— Adeus! Que Deus guarde a você! respondeu ele, com a voz já enfim enrouquecida. Mas acrescentou: Aquilo que eu precisava tanto de declarar a você, posso fazê-lo agora, que estamos tão perto da morte?

Ele bem viu que os lábios dela se moviam, mas, se articularam um consentimento ou uma recusa, não o pôde saber, porque as palavras eram abafadas pelo ruído do propulsor.

O preto não perdera as lições que lhe havia dado o branco, tanto que pôs o motor, sem atarantamento, a trabalhar, e o aparelho começou a mover-se sobre a planície. Do peito do inglês, acabrunhado de pesar, escapou-se um profundo gemido, ao ver que a mulher por ele tanto amada ia agora para uma morte quase inevitável. Viu que o propulsor girava e que a máquina já se erguia da terra. Era uma boa saída, tão boa quanto a que o tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick podia fazer. Mas Usanga fazia aquilo por mera sorte. A qualquer momento, aquela máquina podia precipitar-se em terra. Mas, dando de barato que, por algum milagre, lograsse o negro ultrapassar a copa das árvores e realizar uma ascensão feliz, não havia de cem mil probabilidades uma só de que pudesse aterrar, sem se matar e à sua formosa prisioneira.

Mas... que era aquilo? Seu coração ficou sossegado.

A recompensa de Usanga

Durante dois dias, Tarzan dos Macacos tinha estado caçando vagarosamente ao norte, e, girando em um largo círculo, achava-se, de volta, a uma curta distância da clareira onde deixara Bertha Kircher e o jovem tenente. Passara a noite em uma copada de árvore que pendia sobre o riacho, somente a poucos passos da clareira, e agora, às primeiras horas da manhã, estava acorado à beira da água, aguardando a oportunidade de pegar Pisah, o peixe, e certo de que o levaria para a cabana, onde a rapariga o prepararia, para comê-lo com seu companheiro.

Imóvel, qual uma estátua de bronze, estava o homem-macaco, porque, atilado, bem sabia quão esquivo era Pisah, o peixe. O mais ligeiro movimento assustá-lo-ia, e só com infinita paciência é que poderia ser pegado. Tarzan jogava apenas com a sua ligeireza, com a rapidez do seu ataque, porque não dispunha nem de rede, nem de anzol. Conhecendo os caminhos dos habitantes da água, sabia onde é que devia esperar Pisah. Poderia passar um minuto ou poderia passar uma hora, até*que o peixe chegasse ao pequeno charco, sobre o qual estava Tarzan agachado, porém, mais cedo ou mais tarde, viria ter ali. Isso o homem-macaco bem sabia, de sorte que esperava pacientemente a sua presa.

Afinal, percebeu o fulgor de escamas cintilantes. Era Pisah que estava chegando. Dentro de um instante, poderia ser alcançado, e, então, com a rapidez do raio, duas fortes mãos morenas mergulhariam no charco e o agarrariam. Mas, precisamente no momento em que o peixe ia ser capturado, houve um grande rumor no matagal que ficava atrás do homem-macaco. Imediatamente Pisah foi-se embora, e Tarzan, rosnando, rodou nos calcanhares, a fim de enfrentar quem quer que o ameaçasse. Ao voltar-se, viu que o autor daquele distúrbio era Zu-tag.

— Que é que Zu-tag quer? perguntou-lhe o homem-macaco.

— Zu-tag vem beber água, respondeu-lhe o macaco.

— Onde está a tribo? indagou Tarzan.

— Está caçando aí atrás, na floresta, replicou Zu-tag.

— E os Tarmanganis, a mulher e o homem, inquiriu Tarzan, estão salvos?

— Foram-se embora, redargüiu Zu-tag. Kudu saiu duas vezes do seu covil, desde que eles partiram.

— Não foi a tribo que os expulsou? interrogou Tarzan.

— Não, respondeu o macaco. Nós nem os vimos irem-se embora. Nem sabemos

porque foi que partiram.

Tarzan correu rapidamente, através das árvores, em direção à clareira. A cabana e a “boma” estavam como ele as deixara, mas ali não havia sinal algum nem do homem, nem da mulher. Atravessando a clareira, entrou na “boma” e na cabana. Ambas estavam desabitadas, mas suas narinas de apurado faro lhe indicaram que os moradores as haviam deixado naqueles últimos dois dias. Estava ele a sair da cabana, quando viu um papel pendente da parede e seguro por um graveto, tomando-o em mãos, leu o seguinte:

“Depois do que você me disse a respeito de Miss Kircher, e sabendo que não gosta dela, sinto que não nos fica bem a ela e a mim, o continuarmos a importuná-lo. Bem sei que a nossa presença aqui está impedindo a sua viagem para a costa ocidental, e, por isso, tive por melhor para nós o tentarmos alcançar os estabelecimentos europeus imediatamente, sem mais dependermos de você. Nós ambos lhe agradecemos a bondade e a proteção. Se algum dia se me deparar um meio de pagar-lhe esta obrigação, creia que muito júbilo terei em fazê-lo”.

Estava assinado pelo tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick.

Tarzan sacudiu os ombros, amarrotou o papel com a mão e arremessou-o longe. Apoderou-se dele um certo sentimento de alívio de responsabilidade, e estava satisfeito da liberdade em que ficara com relação a ambos. Tinham-se ido embora, e ele os esqueceria, embora houvesse algo que não poderia olvidar. Andou por muito tempo, a passos largos, no recinto da “boma” e na pequena clareira. Começou a sentir-se sobressaltado e irrequieto. Chegou a tomar a direção do norte, em resposta a uma repentina determinação de continuar a viagem para a costa ocidental. Seguiria, algumas milhas para o norte, aquele sinuoso riacho, até onde se inclina para oeste o curso do mesmo, e, em rumo às suas cabeceiras, atravessaria um planalto coberto de matas, até alcançar a região de colinas e montanhas. Do outro lado daquele rincão, procuraria beirar algum outro riacho que corresse para a costa ocidental, pois só assim disporia de caça e de água em abundância.

Não chegou entretanto a ir longe. Uns doze passos, talvez, e deteve-se repentinamente.

— Ele é um inglês, murmurou, e a outra é mulher. Sem o meu auxílio, não poderão alcançar jamais os estabelecimentos europeus. Não posso matá-la com as minhas próprias mãos, ainda que o tentasse fazer, e, se os deixo irem-se embora sozinhos, tê-la-ei matado com tanta certeza, como se eu próprio lhe cravasse a minha faca no coração. Não! E sacudiu outra vez a cabeça, — Tarzan dos Macacos é uma velha mulher, louca e fraca!

E voltou os passos em rumo do sul.

Mtnu, o macaco, tinha visto os dois Tarmanganis passarem dois dias antes. Tagarelando e careteando, tudo contou a Tarzan. Tinham marchado em direção à aldeia dos

Gomanganis, — o que Manu vira com seus próprios olhos, — de sorte que o homem-macaco mergulhou na selva para o lado do sul, e, ainda que com esforços não concentrados para descobrir-lhes os traços, teve numerosas provas de que haviam trilhado aquele mesmo caminho: o cheiro, que ficara nas folhas, galhos e troncos das árvores, que um ou outro haviam tocado, ou na terra da estrada que seus pés haviam perlustrado, e, onde o caminho se inclinava para o denso aranhol da floresta, o sinal dos sapatos ainda se percebia ocasionalmente na única massa da vegetação calcada, que atapetava a vereda.

Um impulso inexplicável aguilhoava Tarzan a apressar-se. Os mesmos instintos anteriores, que o censuravam por haver abandonado aqueles seus semelhantes, pareciam constantemente segredar-lhe que eles o reclamavam em apertadas conjunturas. A consciência de Tarzan o estava apoquentando. o que resultava do fato de haver-se comparado a uma velha mulher louca e fraca, pois que o homem-macaco, criado na vida selvagem e habituado a ousadias e crueldades, tinha repugnância em admitir qualquer um dos traços gentis que lhe constituíam a herança. A vereda bifurcava-se para leste da aldeia dos Wamabos e para um largo caminho de elefantes, mais próximo do riacho, onde continuava em rumo do sul por alguns quilômetros. Ali, chegaram aos ouvidos do homem-macaco uns sons peculiares, como de palpação de grandes asas. Deteve-se um instante, a fim de escutar atentamente aquele ruído.

— Um aeroplano! murmurou, e arrojou-se para diante, com uma rapidez grandemente aumentada.

Quando Tarzan dos Macacos alcançou finalmente a borda da clareira, onde havia aterrado o avião de Smith-Oldwick, compreendeu imediatamente o que ali havia ocorrido, embora mal pudesse acreditar no que seus olhos lobrigaram. Amarrado, o oficial inglês jazia em terra, em um dos ângulos da planície, cercado por grande número de desertores negros do comando germânico. Tarzan já tinha visto antes aqueles homens e bem os conhecia. Vindo em direção a ele, através da clareira, começava a erguer-se do chão um aeroplano, pilotado pelo negro Usanga, atrás de

quem estava sentada a rapariga branca, Bertha Kircher. Como é que aquele negro ignorante podia manejar o aparelho, — não podia Tarzan conjecturá-lo, nem teve tempo, então, de pensar nisso. Sabendo quem era Usanga, logo viu que o sargento preto estava tentando apoderar-se da moça branca. Porque estava ele assim procedendo, quando a tinha em seu poder, e além disso, havia amarrado o único homem que, naquela selva, poderia defendê-la, — Tarzan não logrou também

descobrir, porquanto nada sabia do sonho das vinte e quatro mulheres de Usanga, nem do terror que a este chefe negro inspirava Naratu, sua atual esposa. Ele não sabia, então, que Usanga deliberara fugir com a rapariga branca, para não mais voltarem, e a colocar-se a uma tão grande distância de Naratu, que esta nunca mais pudesse encontrá-lo, mas tudo isto estava apenas na mente do negro, de sorte que nem os seus próprios companheiros de armas suspeitavam de tais resoluções. Ele lhes havia explicado que ia levar a cativa a um sultão do norte, o qual daria por ela boa quantia, e que, quando regressasse, repartiria com eles uma grande parte do que recebesse.

Estas coisas, Tarzan ignorava-as. Tudo que sabia era o que estava vendo ali: um negro tentando fugir com uma rapariga branca. Já o avião começava a erguer-se lentamente do solo. Dentro de mais alguns momentos, estaria o aparelho completamente fora de alcance. A princípio, pensou Tarzan em meter uma flecha no arco e matar Usanga, mas abandonou prontamente semelhante idéia, porque ponderou que, no mesmo instante em que o piloto fosse lançado fora da máquina, esta, continuando a mover-se, lançaria fatalmente a moça à morte entre as árvores.

Não havia mais do que um meio de socorrê-la, um meio que poderia acarretar a ele próprio uma morte instantânea, e, entretanto, não hesitou em pô-lo em execução.

Usanga não podia vê-lo, tão atento estava aos seus inabituais deveres de piloto, mas os negros, que vagavam pela planície, avistaram Tarzan e correram em direção a ele, soltando gritos selvagens e apontando-lhe carabinas minazes. Pois eles viram um branco gigante saltar dos ramos de uma árvore em terra e correr rapidamente em direção do aeroplano. Viram-no tirar das costas uma comprida corda de embira, enquanto corria. Viram o giro da corda acima de sua cabeça. Viram a rapariga branca, que estava no avião, olhar para baixo e avistar aquele homem.

Vinte pés acima do Tarmangani, que corria, voava o enorme aparelho. O laço aberto da corda visava alcançá-lo, e a rapariga, percebendo as intenções do homem-macaco, conseguiu, estendendo os braços, segurar com ambas as mãos o nó corredio, firmemente. Ao mesmo tempo, Tarzan era levantado da terra pela corda, e o aeroplano adernava para o seu lado, em correspondência a esse novo esforço. Usanga agarrou-se fortemente ao controle, e a máquina continuou o seu movimento de ascensão. Pendurado na ponta inferior da corda, Tarzan girava, como um pêndulo, no espaço. O jovem oficial inglês, que jazia amarrado ali na planície, tinha sido testemunha de todos esses acontecimentos. Seu coração palpitou desmesuradamente, quando viu o corpo de Tarzan girando no ar, em rumo às copas das árvores, entre as quais parecia que ia ficar esmagado, mas o aparelho estava a erguer-se tão rapidamente, que o homem logo ficou acima dos galhos mais altos. Então, lentamente, pondo uma sobre a outra as mãos, com admirável agilidade, atingiu a

fuselagem. A rapariga, segurando desesperadamente o nó, inteiriçava todos os músculos, a fim de agüentar o grande peso que pendia da extremidade inferior da corda.

Completamente alheio ao que se estava passando, Usanga fazia o avião erguer-se cada vez mais no espaço.

Tarzan olhou para baixo. As copas das árvores e o riacho corriam rapidamente para trás, e só uma delgada corda de embira e os músculos de uma fraca mulher o separavam da morte certa, pois que estava guinando ali a uns quinhentos metros, ou mais, acima da superfície da terra.

Bertha Kircher tinha a impressão de que os dedos de suas mãos estavam mortos. O torpor descia-lhe dos ombros até os cotovelos. Quanto tempo mais poderia agüentar aquele peso, não saberia calcular. Parecia-lhe que os seus dedos sem vida poderiam relaxar-se a qualquer momento, e, então, quando estava quase a perder a esperança de salvação, viu uma robusta mão agarrar-se a um dos lados da fuselagem. Deixou, imediatamente, de sentir o peso da corda, e um momento após, Tarzan dos Macacos erguia o corpo e lançava uma das pernas por sobre a borda do aparelho. Olhou primeiro para Usanga e, em seguida, colando a boca ao ouvido da rapariga, perguntou-lhe:

— Já pilotou alguma vez um aeroplano? Ela sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Tem a coragem necessária para saltar ali ao lado do negro e segurar o controle, enquanto eu agarro a Usanga?

Ela disse que sim, mas acrescentou:

— Veja que eu trago os pés amarrados.

Tarzan tirou da bainha a sua faca de caça e, curvando-se, cortou as correias que prendiam as pernas de Bertha, fazendo o mesmo à corda que a ligava ao banco. Com uma das mãos, Tarzan segurou o braço da moça e amparou-a, até que transpusessem vagarosamente, de rastos, os poucos passos que havia entre os dois assentos. Uma ligeira pancada do aeroplano tê-los-ia precipitado na eternidade. Tarzan calculou que, só por um milagre, alcançariam Usanga e efetuariam a troca de pilotos, e, entretanto, sabia não poder agir de outra maneira, porquanto, desde o primeiro momento em que avistara o aparelho dirigido pelo preto, imaginara que este, quase de todo sem experiência para o que estava fazendo, marchava com a rapariga para uma morte inevitável.

O primeiro sinal, que teve Usanga, de que algo de anormal havia ali com relação a ele, foi quando Bertha saltou repentinamente ao seu lado e segurou o controle, ao mesmo tempo em que dedos rijos como o aço estrangulavam a garganta do aviador negro. A mão morena de Tarzan levou abaixo a lâmina afiada da faca e cortou a

correia que ligava Usanga ao assento por baixo da cintura. Músculos titânicos arrancaram dali o corpo do preto. Usanga comeu ar e gritou, qual uma criança miserável. Lá embaixo, na planície, os seus guerreiros podiam ver o aeroplano querendo no espaço, porquanto a mudança do controle o fizera tomar um repentino mergulho. Viram-no endireitar-se e, fazendo um pequeno círculo, retornar ao ponto de partida, mas o aparelho estava tão alto e a luz do sol era tão forte, que nada puderam ver do que se passara dentro da fuselagem. Só o que aconteceu foi que o tenente Smith-Oldwick quase desmaiou, quando viu um corpo humano tombar do avião. Girando e contorcendo-se no ar, desceu com velocidade cada vez maior, e o oficial inglês mal respirava, quando viu que aquele corpo caía sobre o mesmo ponto em que ele próprio se encontrava.

Com um som abafado, o corpo achatou-se em terra, quase no centro da clareira, e, quando o oficial inglês teve coragem de lançar-lhe um olhar, ergueu a Deus uma fervente oração de reconhecimento, pois verificou que aquela massa informe, que ali perto ensangüentava o solo, era coberta por uma pele negra. Usanga obtivera a sua recompensa.

O aeroplano continuava a girar sobre a planície. Os negros, a princípio desalentados pela morte de seu chefe, pareciam agora tomados de um frenesi de raiva e de ímpetos de vingança. A rapariga branca e o homem-macaco viram-nos, como um confuso enxame, reunidos em redor do cadáver de Usanga. Viram-nos circular na clareira, ora erguendo para o aeroplano punhos negros fechados, ora brandindo para o alto os seus fuzis ameaçadores. Tarzan continuava inclinado para a fuselagem, imediatamente atrás do assento do piloto. Seu rosto quase tocava o de Bertha Kircher, e, alteando a voz o mais que pôde, a fim de vencer o ruído do motor, gritou ao ouvido dela algumas palavras.

Mal a rapariga apanhou o sentido de tais palavras, empalideceu, seus lábios, porém, contraíram-se numa linha ousada e seus olhos brilharam com um repentino fogo de determinação, quando ela fez descer o aparelho a poucos passos acima da terra e no extremo da planície em frente aos pretos, e, então, a toda velocidade, o dirigiu sobre os selvagens. O aeroplano vinha tão depressa, que os homens de Usanga não escapariam dele, caso tentassem realizar as ameaças feitas pouco antes. O avião aterrou no meio deles e moveu-se por sobre eles, qual um verdadeiro “jaggernat” de destruição. Quando, afinal, o aparelho se deteve num dos cantos da planície, o homem-macaco saltou rapidamente em terra e correu para o jovem tenente, nessa marcha, lançou um olhar para o ponto onde tinham estado os guerreiros negros, pronto e defender-se, se necessário fosse, mas ali não havia mais inimigos. Mortos e moribundos, os negros jaziam esparsos, por mais de vinte metros ao longo do chão.

Apenas Tarzan havia desamarrado o inglês, Bertha Kircher chegou junto deles. Ela quis exprimir os seus agradecimentos ao homem-macaco, mas este, com um gesto, a fez calar-se.

— A senhora salvou-se a si mesma, insistiu ele, porque, se não fosse bastante hábil para pilotar o aeroplano, eu não poderia tê-la socorrido. E agora, acrescentou, dispõem os dois de meios para voltar aos estabelecimentos europeus. O dia está apenas em começo. Poderão vencer a distância em algumas horas, se tiverem bastante gasolina.

E olhou interrogativamente para o aviador. Smith-Oldwick sacudiu afirmativamente a cabeça:

— Tenho bastante.

— Então vão-se embora quanto antes, disse-lhes o homem-macaco. Nenhum dos dois gosta da selva.

E, ao falar assim, um ligeiro sorriso aflorou-lhe aos lábios.

A rapariga e o inglês também sorriram.

— Em verdade, disse-lhe Smith-Oldwick, esta selva não é própria para nós, como não é para nenhum outro homem branco. Por que você não volta conosco para a civilização?

Tarzan sacudiu negativamente a cabeça e replicou-lhe:

— Prefiro a selva.

O aviador, baixando os olhos ao chão, murmurou algo que ele, evidentemente, tinha repugnância em dizer:

— Se é um meio de ganhar a vida, velho chefe, se é para ganhar dinheiro, você bem sabe que eu...

Tarzan soltou uma risada e ponderou-lhe:

— Não! Eu bem sei o que você está querendo dizer. Não é o que você pensa. Eu nasci na selva. Tenho vivido toda a minha vida na selva, e quero morrer nela. Não quero viver, nem morrer, em nenhuma outra parte.

O tenente e Bertha sacudiram a cabeça. Não podiam compreendê-lo.

— Vão-se embora, disse-lhes o homem-macaco. Quanto mais cedo partirem, tanto mais depressa estarão salvos.

Dirigiram-se todos juntos para o aeroplano. Smith-Oldwick apertou a mão do homem-macaco e galgou o assento de piloto.

— Adeus, disse a rapariga, no momento em que estendia a mão a Tarzan. Antes que me vá embora, poderá o senhor dizer-me que não me odeia mais?

O rosto de Tarzan anuviou-se. Sem dizer palavra, ele suspendeu a moça nos braços possantes e colocou-a no banco, detrás do oficial inglês. A face de Bertha Kircher foi ombreada por uma expressão de imenso pesar. O motor começou a trabalhar, e, um momento depois, estavam os dois sendo arrastados rapidamente para leste.

No centro da planície, ficou o homem-macaco a espiá-los.

— Que pena seja ela uma alemã e espiã! exclamou ele. A mim também muito me custa odiá-la!

CAPÍTULO 14

O leão preto

Numa, o leão, tinha fome. Chegara do deserto oriental àquela região de abundância, e, embora jovem e forte, os herbívoros esquivos haviam conseguido escapar, até então, às suas fortes garras aduncas, toda vez que tentara apoderar-se de algum.

Numa, o leão, tinha fome e fome feroz. Havia dois dias que nada comia, e, por isso, estava agora caçando com a mais terrível das disposições. Numa já não atroava a floresta com o seu medonho rugido, mas andava silencioso e carrancudo, movendo-se cautelosamente, para que nenhum ramo quebrado lhe denunciasse a presença à presa de argutos ouvidos, que ele procurava,

Era recente ali o cheiro de Bara, a corça, que Numa sentira naquele freqüentado caminho de caça. Não havia, decerto, uma hora que Bara tinha passado por ali, talvez o tempo pudesse ser medido em minutos, e, por isso, o grande leão redobrou as cautelas da marcha, avançando furtivamente em perseguição da ambicionada presa.

Uma brisa ligeira perpassava pelos renques da selva e fazia chegar às narinas do potente carnívoro o forte cheiro da corça, excitando-lhe a tal ponto o já ávido apetite, que este passara a ser um aguilhão lancinante. Numa, todavia, não se deixou arrastar pela gana a um ataque prematuro, qual o que, pouco antes, lhe fizera perder a succulenta carne de Paço, a zebra. Andando mais depressa, mas sempre cautelosamente, acompanhou as voltas da vereda, até que, de repente, pouco adiante dele, onde o trilho se acurvava em redor do tronco de uma árvore corpulenta, avistou um gamo novo, que por ali passava vagarosamente.

Numa calculou a distância com os seus agudos olhos, que agora brilhavam, como dois terríveis focos de luz amarela, em sua cara franzida e horripilante. Desta vez, podia apoderar-se do gamo, — estava certo disso. Um rugido terrível, que paralisasse aquele pobre animal em uma inação momentânea, e um ataque simultâneo, rápido qual o raio, e Numa, o leão, teria, enfim, o que comer. A cauda sinuosa, ondulando lentamente em sua extremidade tufosa, ergueu-se repentinamente. Era o sinal da investida, e os órgãos vocais já se achavam aparelhados para o regougo tonitruante. quando, à semelhança de um relâmpago em claro céu, Sheeta, a pantera, saltou subitamente ali no caminho, entre Numa e a corça.

Uma intervenção desatinada foi essa de Sheeta, porque, mal o seu corpo mosqueado vergou as folhagens sobre a vereda, Bara deu para trás um pulo sobressaltado e foi-se embora.

Da profunda goela do grande felino irrompeu o rugido, com o qual pretendia ele paralisar a corça, mas agora um tremendo rugido de raiva contra a intrometida Sheeta, que lhe afugentara a presa, e o ataque, que ele havia planejado contra Bara, ia agora ser feito à pantera, mas aqui também foi Numa vítima de um desapontamento, porque, mal ouviu as primeiras notas do seu pavoroso rugido, Sheeta, sabendo-se menos forte que o leão, galgou rápida uma árvore próxima. <, {

Meia hora depois, eis Numa, completamente furioso, a farejar por ali o cheiro de um homem. Até então, o rei da selva havia desdenhado a carne insípida do rei da criação. Tal alimento era só para os velhos, os desdentados, os decrepitos, incapazes de caçar os herbívoros de pé ligeiro. Bara, a corça, Horta, o javali, e, melhor e mais rara, Paço, a zebra, eram para os jovens, os fortes e ágeis. Mas Numa estava esfomeado, — mais esfomeado do que nunca estivera em todos os cinco curtos anos de sua vida.

Que fazer, se ele era um animal jovem, pujante, astuto e feroz? Em face da fome, a grande niveladora, ei-lo transformado em um velho, um desdentado, um decrepito. O ventre gritava-lhe as angústias da fome e suas fauces babavam, à espera de carne. Zebra ou corça ou homem, que lhe importava escolher, se tudo era carne fresca, avermelhada pelos quentes sucos da vida? Mesmo Dango, a hiena, comedora de carniça, se ali aparecesse naquele momento, teria sido para Numa o mais delicado dos manjares.

O grande leão conhecia os hábitos e as fragilidades do homem, embora nunca o houvesse caçado, até então, para alimentar-se. Tinha os desprezíveis Gomanganis como criaturas da mais baixa, estúpida e indefesa espécie. Nenhuma emboscada, nenhuma astúcia eram necessárias à caça do homem, e, além disso, o estômago de Numa não tolerava mais espera alguma.

A raiva e a fome tornaram-se-lhe, naquele instante, as paixões dominantes, de sorte que, quando as suas narinas delicadas farejaram ali a recente passagem de um homem, abaixou a cabeça e rugiu tonitroantemente, pondo-se a correr a passo rápido, descuidado do ruído que fazia, sobre as pegadas da sua alvejada presa.

Majestoso e terrível, desprezando olímpicamente os perigos que por acaso o cercavam, o rei dos animais percorria a passos largos o freqüentado trilho. A cautela natural, inerente a todas as criaturas da floresta, tinha-o abandonado. Que tinha ele, soberano da selva, a recear ali, e, para apoderar-se de um homem só, que necessidade tinha de cautela? E, assim, não viu, nem farejou, o que um Numa mais prudente teria facilmente evitado: ao estalido de galhos e a um desabar de terra, foi ele precipitado em um mundéu habilmente construído, que os velhacos Wamabos haviam escavado, precisamente para tal fim, no centro do trilho de caça.

Tarzan dos Macacos tinha ficado em meio da clareira, espiando o aeroplano, que, já com as diminutas proporções de um brinquedo de criança, estava a desaparecer para os lados de leste. Soltara um suspiro de alívio, quando o vira erguer-se de terra, a salvamento, levando no bojo o aviador britânico e Fraulein Bertha Kircher. Durante semanas, havia sentido a embaraçante responsabilidade de guiá-los naquelas solidões selvagens, onde a sua completa fraqueza os tornaria fáceis presas dos animais carniceiros ou dos Wamabos canibais. Tarzan dos Macacos gostava de uma liberdade sem peias, e, agora, que aqueles dois europeus estavam a salvo e completamente fora do alcance de suas mãos, pensava que podia finalmente continuar a jornada para a costa ocidental e para a cabana. há muito abandonada de seu falecido pai. j

E, entretanto, enquanto esteve ali espiando a tênue mancha que voava para o oriente, outro suspiro lhe brotou do largo peito, um suspiro para o qual custara a achar explicação. Não era possível que ele, um produto da selva, que havia renunciado para sempre à sociedade humana, a fim de voltar à convivência com as suas amadas feras da floresta, estivesse sentindo algo semelhante a pesar pela partida daquele casal, ou qualquer saudade por se terem ido embora. Tinha tomado certa estima pelo tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick, mas àquela mulher, em que havia descoberto uma espiã germânica, a essa tinha ódio, embora nunca tivesse sentido no coração desejos de exterminá-la, como havia jurado fazer a todos os hunos. Atribuía tal fraqueza sua ao fato de se tratar de uma mulher, além de que tinha sido muitas vezes perturbado pela aparente inconsistência do seu ódio e pelas freqüentes ocasiões em que se viu forçado a protegê-la, quando a ameaçaram os mais sérios perigos.

Sacudindo irritadamente a cabeça, moveu repentinamente os passos para oeste, como se, por voltar as costas ao aeroplano há pouco desaparecido no horizonte, pudesse repelir da memória os pensamentos que se agitavam nela sobre os passageiros do mesmo. Deteve-se no extremo da clareira. Uma árvore gigantesca erguia-se ali em frente dele, e, como que aguilhoado por um subitâneo e irresistível impulso, saltou-lhe nos ramos e suspendeu-se aos galhos mais altos, que lhe podiam sustentar o peso. Lá em cima, balançando-se sobre um galho inclinado, procurou com a vista, na direção do horizonte oriental, a tênue mancha, que era então a aeronave britânica, a conduzir para longe dele as últimas pessoas de sua espécie, que ele talvez tinha de ver.

Afinal, os seus olhos penetrantes descobriram o avião voando ao longe, em altura considerável para os lados do oriente. Durante alguns momentos permaneceu ali a espiá-lo, vendo-o sempre em marcha para leste, quando, atônito, percebeu que o avião se despencava repentinamente para terra. A queda parecia interminável ao

observador, o que levou este a calcular a enorme altura a que havia atingido o aparelho. Antes de cair, moveu-se o aeroplano sobre a borda de um precipício, e, finalmente, desapareceu às vistas de Tarzan, atrás de colinas longínquas.

Por cerca de meio minuto, esteve ainda o homem-macaco a calcular ali a distância em que julgava estar a aeronave caída, porquanto, mal pensou no que poderia haver acontecido aos passageiros da mesma, o seu inerente pensamento do dever para com a sua própria espécie já o estava compelindo mais uma vez a esquecer as suas deliberações e a tentar socorrê-los.

Tarzan temia que a máquina houvesse caído numa das inacessíveis gargantas daquela árida região, que ficava precisamente além da fértil bacia limitada pelas colinas de leste. Cruzara aquela zona árida e inóspita, e sabia, por experiência própria, quão difícil era escapar à morte ali. Recordava-se nitidamente dos ossos esbranquiçados de um guerreiro, morto longos anos atrás no fundo de um precipício que para ele fora também ali uma armadilha. Viu o elmo de bronze forjado, o corroído peitoral de aço, a comprida espada metida no boldrié e o arcabuz antigo, — mudas testemunhas da capacidade física e do espírito belicoso daquele que, seja como for, havia chegado, assim pessimamente ajaezado e miseravelmente armado, ao centro da selvagem e velha África. E viu o frágil jovem inglês e a delicada figura da rapariga precipitados na mesma armadilha fatal, — de que o gigante da antigüidade não tivera forças para escapar, — decerto feridos e fraturados, senão mortos.

Inclinava-se o seu raciocínio para a última de tais probabilidades, era, entretanto, possível que houvessem caído sem lesões graves, e foi compelido por este último pensamento que se pôs a imaginar a árdua jornada, cheia de inúmeros obstáculos e de indizíveis perigos, que tinha de arrostar, para salvar os dois passageiros do aeroplano tombado, caso ainda estivessem com vida.

Tinha andado, quando muito, uma légua, quando seus ouvidos apurados perceberam o som de um movimento rápido sobre o trilho de caça, que estava palmilhando. Aumentando de intensidade, o ruído denunciava que alguém ' se movia em sua direção e com acentuada rapidez. Não se passou muito tempo, sem que os seus sentidos aguçados o convencessem de que se tratava de Bara, a corça, em corrida veloz. Inextricavelmente confuso no caráter de Tarzan eram os atributos de homem e de animal bruto. Longa experiência havia-lhe ensinado que luta melhor e anda mais depressa quem está melhor nutrido, e, por isso, com poucas exceções, Tarzan costumava adiar as suas mais urgentes necessidades, quando se lhe antolhava uma oportunidade de caçar e alimentar-se. Era, isto, sem dúvida, o traço animal que nele predominava. A transformação de um fidalgo inglês, impelido pelos motivos mais humanitários, em um animal selvagem, emboscado no aranhol da floresta e pronto a saltar sobre a presa próxima, era coisa instantânea.

E, assim, quando Bara chegou ali, escapa às garras de Numa e de Sheeta, o seu terror e a sua pressa não lhe possibilitaram ver que outro inimigo, igualmente formidável, lhe preparava uma emboscada. Chegou Bara à frente do homem-macaco, nisto, um corpo moreno saltou das moitas que beiravam o trilho, braços robustos agarraram o polido pescoço da tenra corça e dentes poderosos cravaram-se-lhe na carne macia. Os dois rolaram juntos no chão, mas, um momento depois, erguia-se o homem-macaco, e, com um pé sobre o corpo abatido da presa, soltava o seu costumeiro grito de vitória.

Como em resposta, chegou repentinamente aos ouvidos do homem-macaco o formidável rugido de um leão, um bramido horrendo, no qual Tarzan julgou discernir uma nota de surpresa e de terror. No seio dos selvagens habitantes de selva, assim como no seio dos seus mais iluminados irmãos e irmãs da raça humana, acha-se muito desenvolvido o característico da curiosidade. Dele não estava livre Tarzan. Aquela nota peculiar no rugido do seu hereditário inimigo despertou-lhe o desejo de investigação, e, por isso, arremessando aos ombros o corpo de Bara, o homem-macaco rumou para os terraços mais baixos da floresta, e marchou em direção ao ponto donde lhe havia chegado o uivo e que estava na mesma linha do trilho que perlustrava.

À medida que encurtava a distância, aumentava de intensidade o rugido, que indicava a aproximação de um leão muito encolerizado, e, logo adiante, onde a gigantesca selva recobria o trilho da caça, calcado e sulcado, desde tempos imemoriais, por milhares de pés grosseiros ou macios, avistou o mundéu dos Wamabos, e, dentro dele, saltando balda-mente para recuperar a liberdade, um leão como Tarzan dos Macacos jamais havia encontrado. Era um belo animal, novo, grande e forte, com uma vasta juba negra e uma pele muito escura, — um leão preto!

Tarzan, que tinha tido a idéia de ridicularizar e injuriar aquele seu inimigo aprisionado, tomou-se subitamente de franca admiração pela beleza daquele esplêndido animal. Que formoso espécime! Com ele não podiam ser comparados os ordinários leões da floresta. Este, sim, é que merecia ser chamado “rei dos animais”. À primeira vista do grande felino, compreendeu o homem-macaco que não fora uma nota de terror que ouvira no primeiro grito da fera: fora, sem dúvida, apenas uma nota de surpresa, pois as cordas vocais daquela poderosa garganta ainda não haviam aprendido a exprimir o medo.

Com crescente admiração, sentiu Tarzan profunda piedade pela grande fera, ali em situação tão desgraçada, em consequência do artil dos Gomanganis. Embora inimigo dos animais ferozes, não era o homem-macaco menos inimigo daqueles negros, que haviam preparado a armadilha para o leão: se Tarzan contava muitos devotados e leais amigos em certas tribos indígenas da África, havia indivíduos de índole baixa e

hábitos bestiais, que ele encarava com a mais profunda repugnância, e entre estes últimos estavam os comedores de carne humana, que obedeciam ao chefe Numabo. Por um momento, Numa, o leão, olhou ferozmente para aquele homem nu, que o observava do alto de uma árvore, inclinada para o fosso. Aqueles olhos amarelo-esverdeados pousaram firmemente nos olhos claros do homem-macaco, e, então, aquelas narinas apuradas sentiram o cheiro da carne fresca de Bara, os olhos moveram-se para o corpo da corça, que pendia das morenas espáduas, e das profundas cavernas da garganta selvagem saiu um lamento baixo e sentido.

Tarzan dos Macacos sorriu. Tão certo como se ouvisse uma voz humana, logo entendeu que o leão lhe dizia:

— Tenho fome, e até mais do que fome: estou morrendo de fome!

O homem-macaco olhou a fera, e sorriu um lento e zombeteiro sorriso, tirou dos ombros o corpo abatido da corça, colocando-o estendido sobre o galho que lhe estava em frente, com a comprida faca que herdara do pai, cortou um bom quarto de carne, e, limpando a lâmina ensangüentada na macia pele de Bara, tornou a guardá-la na bainha. Numa, com as fauces a babar, mirava aquela vianda tentadora e continuava a soltar uivos abafados, o homem macaco sorriu novamente o seu sorriso motejador, e erguendo nas fortes mãos morenas o quarto traseiro da corça enterrou os dentes naquela carne tenra e succulenta.

Pela terceira vez, Numa, o leão, soltou aquele baixo e súplice lamento, e, então, com uma triste e desdenhosa sacudidela de cabeça, Tarzan dos Macacos ergueu nos braços o resto do corpo abatido de Bara, a corça, e arremessou-o ao leão esfomeado.

— Tarzan, murmurou o homem-macaco, tornou-se uma fraca e velha mulher. Deu agora para chorar, porque matou Bara, a corça. Não pode ver Numa, seu inimigo, sentir fome, porque o coração de Tarzan está a transformar-se em água, ao contato das débeis criaturas civilizadas.

Apesar de tudo quanto disse, sorriu. Nem podia estar triste, por haver obedecido aos ditames de um impulso generoso.

Enquanto Tarzan arrancava com os dentes pedaços de carne daquela porção da presa que havia reservado para si, seus olhos observavam os pormenores da cena que se passava no mundéu. Viu a avidez com que Numa devorou a carcaça da corça, notou, com crescente admiração, as mais belas formas da fera, assim como a hábil construção da armadilha. O mundéu ordinário para apanhar leões, que Tarzan conhecia, tinha estacas enterradas no fundo, sobre cujas pontas aguçadas o infeliz animal ficaria empalado. Mas aquele mundéu não era feito assim. Tinha, com intervalos de cerca de um pé nas paredes próximas da abertura superior, estacas

curtas, cujas pontas agudas se inclinavam para o fundo do fosso, de sorte que o leão, ali caído, toda vez que tentasse escapar-se, saltando para o alto, esbarraria sempre com a cabeça naqueles terríveis acúleos.

O intuito dos Wamabos era, portanto, evidentemente capturar um leão vivo. Como aquela tribo não tinha contato algum com os brancos, supunha Tarzan que desejasse ela torturar a fera e gozar, até o extremo, a agonia da mesma.

Depois de haver dado comida ao leão, ocorreu a Tarzan que isso seria inútil, se deixasse a fera à mercê dos negros, e, então, pensou em causar-lhes uma decepção, subtraindo Numa ao triste destino que lhe estava preparado. Como, porém, libertá-lo? Se Tarzan pudesse arrancar duas estacas, abriria espaço suficiente para o leão saltar do mundéu, cuja profundidade era pequena. Contudo, que certeza poderia ter o homem-macaco de que Numa não saltasse imediatamente, apenas lhe fosse aberto o caminho para a liberdade, e antes que Tarzan galsasse em segurança o alto de uma árvore? Apesar de Tarzan não ter medo de leões, — como já vimos em circunstâncias análogas, — andava, todavia, imbuído do senso da cautela, necessária a todas as criaturas que desejam viver. Se fosse mister a Tarzan afrontar Numa em combate, embora não fosse tão egoísta, que julgasse conveniente matar um leão adulto, por simples acaso, ou apenas para pôr em ação a habilidade da sua superior inteligência de homem. Arriscar a vida inutilmente, considerava tão censurável, como fugir ao perigo em ocasião de necessidade. Mas, quando Tarzan resolvia fazer alguma coisa, imediatamente achava os meios de transformar a idéia em realidade.

Tinha ele, agora, deliberado pôr Numa em liberdade, e, por isso, havia de fazê-lo, mesmo que tivesse de arrostar considerável risco pessoal. Sabia que o leão estaria ocupado algum tempo com a comida que lhe havia dado, mas também sabia que, enquanto comesse, se ressentiria dobrada-mente de qualquer interferência. Tarzan, por conseguinte, devia agir com muita cautela.

Descendo em terra, à beira do mundéu, examinou as estacas, e, enquanto assim fazia, ficou surpreendido ao notar que Numa não dera nenhum sinal de cólera ante a sua aproximação. Apenas, por um momento, lançou um olhar pesquisador sobre o homem-macaco, e, em seguida, voltou a devorar a carne de Bara. Tarzan experimentou as estacas até com o seu próprio peso. Tendo-as puxado com os músculos de seus fortes braços, verificou que, movendo-as para trás e para diante, poderia arrancá-las: acudiu-lhe, então um novo plano, qual o de escavar com a faca o ponto em que cada estaca estava enterrada. Amarga foi pronta e facilmente removida, e a estaca ficou descoberta em quase toda a sua extensão, tendo-a Tarzan deixado enterrada só o bastante para que não caísse no fundo do mundéu. Tendo feito o mesmo com a estaca convizinha, amarrou em ambas o nó de sua corda de embira e pulou no galho da árvore que pendia sobre o fosso. Ali foi colhendo a

corda e, abraçado ao tronco da árvore, puxou o nó com força para cima. As estacas saíram lentamente do buraco em que estavam fincadas, mas, com isso, despertou-se a suspeita de Numa, que rugiu.

Seria aquilo alguma nova invasão em seus direitos e em suas liberdades? Ele estava confuso e, como todos os leões, sendo de índole bravia, ficou irritado. Não tinha pensado assim, quando o Tarmangani, agachado à beira do mundéu e olhando para ele, lhe atirou a carne de Bara. Mas agora algo de novo estava em ação, e a suspeita do animal feroz ficara despertada. Como Tarzan previra, Numa acompanhou com os olhos a saída das estacas do buraco em que estavam enterradas, viu-as juntar-se uma à outra e desaparecer acima do fosso. O leão compreendeu imediatamente as possibilidades da sua situação e imaginou, talvez, que a mão do homem lhe houvesse deliberadamente aberto caminho para a liberdade. Tomando nas grandes fauces os restos de Bara, Numa, o leão, saltou àgilmente do mundéu dos Wamabos, enquanto Tarzan dos Macacos se embrenhava na selva para os lados de leste.

Para o homem-macaco, era como um livro aberto o cheiro humano ou de qualquer animal, deixado na superfície da terra ou nos ramos pendentes das árvores, mas os seus agudíssimos sentidos não podiam farejar a passagem inodora de um avião. De que serviam olhos, ouvidos ou o sentido do olfato com relação a um corpo, cuja marcha se fazia no espaço, milhares de pés acima das copas das mais altas árvores? Somente do seu sentido de direção dependia Tarzan, para descobrir onde caíra o aeroplano. Nem mesmo podia calcular com precisão a distância em que devia achar-se daquele ponto. Sabia apenas que, quando o aparelho desapareceu de suas vistas além das colinas longínquas, devia ter percorrido uma distância considerável, contada do ponto de partida. E, se os seus passageiros estivessem mortos ou gravemente feridos, o homem-macaco teria que andar inutilmente, ou por muito tempo em sua imediata vizinhança, antes de encontrá-los.

Havia apenas uma coisa a fazer, e era marchar até um ponto tão perto possível daquele em que julgara ter visto o aeroplano cair, e, depois, girar em círculos cada vez maiores, até que pudesse farejá-lo. E assim fez.

Antes de deixar aquele vale de abundância, fez várias presas, das quais tirou, para levar consigo, os melhores pedaços de carne abandonando ali o peso morto dos ossos. A vegetação densa da selva terminava nas fraldas do declive ocidental, diminuindo à medida que se aproximava das cumeadas, além das quais cresciam apenas relvas tostadas pelo sol e enfezadas vassourinhas, vendo-se, contudo, aqui e acolá, alguma árvore nodosa e forte, que havia resistido às vicissitudes de uma existência quase toda desprovida de água.

Do alto das colinas, os olhos penetrantes de Tarzan pesquisavam a árida região

que se lhe estendia em frente. Lobrigou, ao longe, as linhas anfractuosas que assinalavam o curso sinuoso das horríveis gargantas, as quais riscavam, a intervalos, extensa chapada, — desfiladeiros terríveis, que tão de perto lhe haviam ameaçado a vida, como a puni-lo da temeridade de tentar invadir o santuário da sua vetusta solidão.

Durante dois dias, esforçou-se Tarzan em vão por descobrir qualquer sinal da máquina e dos seus passageiros. Guardou porções das suas presas em diferentes lugares, erguendo câmoros de pedras para marcar-lhes o esconderijo. Atravessou o primeiro grande precipício e girou bastante além dele. De quando em quando, parava e gritava alto, ficando à espera de alguma resposta, mas só lhe respondia o silêncio, um silêncio sinistro, que os seus gritos mais acentuavam.

Ao cair da tarde do segundo dia, chegou ao inolvidável abismo, em cujo fundo jaziam) os ossos esbranquiçados do antigo aventureiro, e ali, pela primeira vez, Ska, o abutre, se lhe deparou no caminho.

— Ainda não é desta vez, Ska, gritou-lhe o homem-macaco com voz escarninha, pois Tarzan, presentemente e em verdade, é ainda e sempre Tarzan. Não há muito, tu te repastastes no disforme esqueleto de um Gomangani. mas mesmo assim nada ganhaste. Não percas teu tempo com Tarzan dos Macacos, que está na plenitude da sua força!

Ska, entretanto, ainda girou em círculos por cima dele, e o homem-macaco, não obstante a sua jactância, sentiu um frêmito de apreensão. Pelo seu cérebro perpassava um canto persistente e lúgubre, do qual ouvia involuntariamente duas palavras, repetidas incessantemente em horrível monotonia: — “Ska sabe! Ska sabe!” — até que, tomado de cólera, apanhou uma pedra e atirou-a sobre o feio comedor de carniça.

Descendo por uma das perambeiras do desfiladeiro, chegou Tarzan, a trancos e barrancos, até o fundo arenoso. Atingira, assim, ao ponto em que havia estado semanas antes, e ali viu, tal qual o deixara e tal qual jazia, de certo, por alguns séculos, o grande esqueleto com a sua poderosa armadura.

Enquanto estava contemplando aqueles esquálidos restos de outro homem forte, que sucumbira aos poderes cruéis do deserto, — sua atenção foi despertada pelo desfechar de uma arma de fogo, cujo som, vindo das profundidades do desfiladeiro para o lado sul, repercutiu ao longo das paredes alcantuidas daquela estreita garganta.

CAPÍTULO 15

Pegadas misteriosas

Quando o avião britânico, pilotado pelo tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick, começou a voar acima da perigosa selva, onde tantas vezes Bertha Kircher estivera em risco de vida, e tornou o rumo de leste, — sentiu a rapariga uma repentina contração dos músculos da garganta. Era tal o espasmo, que ela sentia imensa dificuldade em engolir a própria saliva. Parecia-lhe estranho sentir pesar por afastar-se de tão horríveis perigos e, entretanto, era isso um fato, porquanto ela estava também deixando alguma coisa além dos perigos que a haviam ameaçado, isto é, o único ente humano que lhe entrara na vida, e pelo qual sentia uma indizível atração.

Adiante dela, no assento de piloto, estava um oficial inglês, um nobre, que, ela bem o sabia, a amava, e, entretanto, ela ousava sentir pesar em sua companhia, ao deixar aquela terra calcada por um animal feroz!

O tenente Smith-Oldwick, esse estava no sétimo céu da satisfação. Achava-se novamente de posse do seu amado avião, estava voando velozmente para junto dos seus camaradas e para o cumprimento do seu dever, e, além de tudo isso, levava consigo a mulher que adorava. Havia, contudo, um ponto negro em seus róseos pensamentos: era a acusação que Tarzan formulara contra aquela mulher. Tarzan tinha-lhe dito que ela era alemã e espiã, e das alturas da bem-aventurança o oficial inglês se via despenhado nas garras do desespero, ao imaginar que fossem verdadeiras aquelas coisas, asseveradas pelo homem-macaco. Viu-se, desse modo, entre o sentimento do amor e o sentimento da honra. Se por um lado não devia arrastar a mulher, que amava, ao justo castigo que a esperava, caso fosse ela em verdade uma espiã inimiga, por outro lado não era possível a um oficial inglês dar-lhe auxílio e proteção.

Limitou-se o jovem, por isso, a fazer mentalmente uma negativa formal daquelas acusações. Tentava convencer-se a si mesmo de que Tarzan estava enganado e, ao recordar-se de tudo quanto tinha presenciado da rapariga, sentada agora ali atrás, ficava dobradamente capacitado de que aquelas linhas de doce feminilidade, o firme caráter, aqueles luminosos e honestos olhos, não podiam pertencer a alguém da odiada raça inimiga.

E assim eram levados para leste, cada qual mergulhado nos seus próprios pensamentos. Abaixo deles, viram a densa vegetação da selva ceder lugar à relva escassa que crescia nos flancos das colinas, e, diante deles, estendeu-se um vasto espaço, ocupado por terras áridas, marcadas pelas profundas cicatrizes de estreitas gargantas e amplos desbarrancamentos, que rios de há muito desaparecidos haviam

cavado ali em eras remotas.

Logo após haverem transposto o cume do espinhaço que formava a divisa entre o deserto e a região fértil, Ska, o abutre, voando a considerável altura na mesma direção, viu aquele estranho e novo pássaro de proporções gigantescas, que invadia a órbita do seu domínio aéreo. Quer com o intento de dar combate ao intruso, quer meramente movido pela curiosidade, Ska arrojou-se repentinamente em direção ao aeroplano. Calculou mal, sem dúvida, a velocidade do recém-vindo, tanto que a ponta da pá do propulsor o alcançou, e imediatamente muitas coisas aconteceram. O corpo sem vida de Ska girou no ar e caiu a prumo sobre a terra, um pedaço de madeira despedaçada, arremessado para trás, feriu o piloto na fonte, e, como o tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick ficasse imerso em momentânea inconsciência, o avião estremeceu, bamboleou e começou a cair de cabeça para baixo.

O piloto esteve sem sentidos só por um instante, mas esse instante quase lhe acarretou a ruína total. Quando despertou à vista do perigo, verificou também que o motor havia parado. O aeroplano chegara ao seu momento fatal, e a terra parecia ali demasiado apertada, para que pudesse nutrir esperanças de fazer a salvo a aterragem. Com efeito, imediatamente abaixo dele havia uma garganta profunda no planalto, uma garganta estreita, cujo fundo se ostentava relativamente nivelado e coberto de areia.

No curto instante em que podia tomar uma decisão, o plano mais seguro consistia em tentar aterrar naquela garganta, e assim fez ele, não sem causar ao aparelho considerável dano e sem um tremendo choque, que ele e Bertha sofreram.

Felizmente nenhum deles ficou ferido. A sua situação, porém, parecia realmente desesperadora. Havia graves questões a resolver, quais da possibilidade ou impossibilidade de consertar o avião e continuar a viagem para leste, a de marchar a pé até a costa e a de retornarem à fértil região que haviam deixado. O homem estava certo de que não podiam nutrir a esperança de atravessar, em rumo para leste, aquele extenso deserto, afrontando a sede e a fome, enquanto atrás deles, num vale de abundância, não deixava de haver igual quantidade de perigos, sob a forma de animais carniceiros e de indígenas antropófagos.

Depois daquela subitânea e desastrosa queda do aeroplano, Smith-Oldwick tratou prontamente de verificar qual o efeito que o acidente havia causado na rapariga. Achou-a pálida mas risonha, e, por alguns segundos, limitaram-se os dois a olhar-se em silêncio.

— Então é o fim? perguntou a rapariga.

O inglês sacudiu a cabeça e respondeu-lhe:

— É o fim da nossa primeira etapa, seja lá como for.

— Mas você tem acaso esperança de reparar aqui o aeroplano? indagou ela dúbiamente.

— Não, retrucou ele, e não porque os consertos sejam difíceis, pois sou bem capaz de remendá-lo. Terei que examiná-lo um bocadinho, primeiro. Mas tenhamos esperanças de que nada haja de grave. É longe, bem longe, daqui até a estação da estrada de ferro de Tanga.

— Não chegaríamos até lá, disse a rapariga, com ligeira nota de desespero na voz. Inteiramente desarmados como estamos, seria muito menos do que um milagre, se chegássemos a vencer uma pequena parte de tal distância.

— Mas nós não estamos desarmados, replicou o jovem. Tenho aqui uma pistola, que os velhacos dos negros não se lembraram de tomar-me.

E, tirando a tampa de um pequeno compartimento do avião, empunhou uma pistola automática.

Bertha Kircher atirou-se sobre o assento e soltou uma risada lúgubre, semi-histórica.

— Que canhoneira! exclamou ela. Que vantagem teria você em atirar com isso num animal feroz, senão enfurecê-lo, caso a bala acertasse nele?

Smith-Oldwick ficou cabisbaixo.

— Mas sempre é uma arma, replicou. E você não pode deixar de reconhecê-lo. Com ela, posso eu, decerto, matar um homem.

— Pode realmente fazê-lo, caso acerte, disse a rapariga, ou se a arma não ficar emperrada. E acrescentou: — Eu não tenho muita fé em pistolas automáticas. Também já fiz uso delas.

— Oh, em verdade, ponderou ele ironicamente, uma boa carabina seria preferível, pois quem sabe não encontraremos um elefante aqui no deserto...

A rapariga percebeu que ele ficara molestado e que ela estava sendo maldosa, pois não ignorava que ele nada deixaria de tentar para servi-la ou protegê-la, e que não era por culpa própria que se encontrava tão pessimamente armado. Sem dúvida, ele também reconhecia, tanto quanto ela, a inutilidade daquela arma, e, por certo, só a havia exibido com o intuito de reconfortá-la e de diminuir-lhe a ansiedade.

— Perdoe-me, disse ela. Eu não tive o intuito de magoá-lo, mas este acidente foi para mim a proverbial gota de água. Parece-me haver chegado à última extremidade. Embora eu sempre quisesse dar a vida ao serviço da minha pátria, não imaginei nunca fosse tão longa a minha agonia, porquanto agora compreendo que estou morrendo desde muitas semanas.

— Que é que você quer dizer, exclamou ele, que é que você quer dizer com isso?

Você não está morrendo! Nada disso está acontecendo a você!

— Sim, admito-o, disse ela. Mas o que eu penso é que a minha sentença de morte estava assinada, desde o momento em que o chefe negro Usanga e os seus renegados sequazes, desertores das tropas germânicas, me capturaram e conduziram para a sua aldeia. Pensei muitas vezes que apenas me foi concedida uma suspensão de pena. Pensei também muitas vezes ter quase obtido um indulto, mas, em realidade, no recesso de meu coração, reconheci que nunca mais retornaria viva à civilização. Um pouco de mim dei à minha pátria e, embora não tenha sido muito, posso morrer com a certeza de que foi o melhor que eu poderia oferecer-lhe. Agora, tudo quanto posso esperar, tudo quanto ousar pedir a você, é uma rápida execução da minha sentença de morte. Não quero continuar por mais tempo a arrostar tantos terrores e apreensões. A própria tortura física seria preferível ao que estou sofrendo moralmente. Estou certa de que você me considera uma mulher valente, mas, em verdade, o meu pavor tem sido infinito. Os rugidos noturnos dos animais ferozes enchem-me de um pânico tão tangível, que eu o sinto até agora. As suas garras cravam-se-me nas carnes e os seus dentes trituram-me os ossos, — e isso é tão real para mim, como se eu, ainda neste momento, estivesse padecendo os horrores de semelhante morte. Não creio que você me compreenda: os homens são tão diferentes das mulheres ...

— Sim, disse ele, penso que bem a compreendo, e, por isso mesmo, posso imaginar, muito mais do que você calcula, o heroísmo que você tem revelado em todas as terríveis conjunturas por que tem passado até agora. Não pode haver bravura onde não há temor. Uma criança pode brincar dentro da jaula de um leão, mas seria preciso encontrar um homem deveras corajoso para tirá-la de junto da fera.

— Muito obrigada, disse ela, mas confesso que não sou nada valente e agora estou muito envergonhada pela falta de reconhecimento para com você, para com os seus sentimentos com relação a mim. Vou tentar um novo esforço sobre mim mesma, e, assim, esperaremos ambos o melhor que nos possa acontecer. Eu o ajudarei em tudo quanto puder, se você me disser o que eu deva fazer.

— A primeira coisa, replicou ele, é verificarmos quais foram os danos sofridos pelo aparelho e ver se dispomos de meios para repará-los.

Durante dois dias, Smith-Oldwick trabalhou no avião danificado, trabalhou com a convicção, desde logo segura, de que se tratava de um caso perdido. E isso mesmo, afinal, disse ele à rapariga.

— Eu bem o sabia, observou ela, como também sei, tanto quanto você, quão inúteis serão nossos esforços, se quisermos voltar para a selva, que deixamos há pouco, ou marcharmos em direção à costa. Você sabe tão bem quanto eu, que não poderemos, a pé, alcançar a via férrea de Tanga. Morreríamos de sede ou de inanição, antes de vencermos metade da distância, e, retornarmos à selva, ainda que

a pudéssemos atingir, sujeitar-nos-íamos ao mesmo desuno fatal.

— Assim, não é verdade que tanto importa esperarmos a morte aqui, como gastar embalde as nossas energias no que sabemos será uma vã tentativa de escapar?

— Não, replicou ela, não se trata de nenhuma dessas alternativas. O que penso é que, se não podemos tentar alcançar qualquer dos lugares onde sabemos que há caça e água em abundância, devemos esforçar-nos por seguir um rumo diferente. Deve haver água em algum ponto destes arredores, e, se houver, a melhor probabilidade de a acharmos é seguirmos por este desfiladeiro abaixo. Ainda dispomos de comida e de água para um par de dias, de sorte que, nesse espaço de tempo, podemos topar alguma fonte ou mesmo alcançar a fértil região que eu sei existir para o sul.

Quando Usanga me levou da costa para a aldeia dos Wamabos, seguiu uma rota meridional, ao longo da qual havia sempre água e caça em abundância. É certo que, ao nos aproximarmos do nosso destino, a região se tornou repleta de animais ferozes. Seja como for, há esperanças de podermos alcançar a fértil zona que existe aqui ao sul, e, assim, poderemos ainda pensar em chegar ao litoral.

O jovem oficial sacudiu a cabeça, dubiamente, e ponderou:

— Podemos tentá-lo. Pessoalmente, não desejo ficar sentado, aqui, à espera da morte.

Smith-Oldwick estava encostado ao aeroplano e tinha os olhos voltados para o chão. A rapariga estava contemplando a parte meridional do desfiladeiro, isto é, o rumo da sua imaginária probabilidade de salvação. De repente, ela tocou o braço do oficial.

— Olha! murmurou-lhe.

Ergueu ele os olhos para o ponto que ela indicava e avistou a majestosa cabeça de um grande leão, que os mirava de além de um penhasco que se projetava para aquém da primeira curva da garganta.

— Olá! exclamou ele. Estes demônios andam por toda parte!

— E nunca andam longe de água, não é verdade? perguntou a rapariga, esperançadamente.

— Sem dúvida, replicou ele, pois o leão não é particularmente forte para o sofrimento da sede.

— Então é um presságio de esperança! exclamou ela. O jovem oficial riu-se e replicou:

— Sutil pressagiozinho de esperança! Lembra-me até a apregoada fonte de Juventude!

A rapariga lançou-lhe um olhar severo e retrucou-lhe:

— Não seja tolo! Eu nada disse que mereça a sua zombaria. O leão enche-me realmente de esperança!

— É provavelmente mútua, replicou Smith-Oldwick, pois nós também decerto o enchemos de esperança...

O leão, evidentemente satisfeito quanto à natureza das criaturas que descobrira, começou a andar lentamente em direção a elas.

— Venha depressa, disse Smith-Oldwick à rapariga, vamos para dentro do avião!

E ajudou-a a transpor a borda do aparelho.

— O leão chegará até aqui? perguntou ela.

— Creio que sim, respondeu ele.

— Você me está animando... ponderou ela.

— Não penso assim... retrucou ele. E engatilhou a pistola.

— Pelo amor de Deus, gritou ela, não atire com essa pistola! Você pode acertar no leão...

— Bem sei que com isto não posso matá-lo. O que penso é poder assustá-lo, se ele tentar alcançar-nos aqui. Você nunca viu um domador trabalhar com estas feras? Ele empunha também uma pinóia destas, carregada com cartuchos de salva. Com isto e uma cadeira de cozinha, consegue subjugar os animais mais ferozes.

— Mas você não dispõe aqui de uma cadeira de cozinha, lembrou-lhe ela.

— É verdade, disse ele, o governo é sempre desidioso nestes assuntos. Eu sempre sustentei que os aviões devem ser equipados com cadeiras de cozinha.

Bertha Kircher riu do mesmo modo e com a mesma historiazinha, com que ouvia as alegres conversas de um chá das cinco horas.

Numa, o leão, dirigiu-se a passos firmes para eles. Sua atitude, porém, parecia revelar mais curiosidade do que beligerância. Chegado junto ao aparelho, deteve-se e olhou para eles.

— Magnífico animal, não é verdade? exclamou o jovem oficial.

— Ainda não vi nenhum mais belo, respondeu ela, nem com uma pele tão escura, pois ele é quase preto.

O som de tais vozes não pareceu agradar ao soberano da selva, tanto que vincou a enorme cara em sulcos profundos, pondo a descoberto as enormes presas que se lhe curvavam sobre os lábios e soltou um tremendo rugido. Quase ao mesmo tempo, ele se preparou para um salto, o que levou Smith-Oldwick a descarregar a pistola em terra, bem em frente do leão. O efeito do tiro foi contraproducente: o animal,

enfurecido, saltou sobre o autor daquele novo e irritante ruído, que lhe havia ultrajado os ouvidos.

O tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick não tardou a saltar àgilmente por cima da praça do aeroplano e galgar a extremidade oposta, chamando a rapariga para acompanhá-lo. Ela, compreendendo a inutilidade de saltar em terra, escolheu a alternativa restante e subiu ao ponto mais alto do avião.

Numa, ignorante das singularidades de construção de uma aeronave, tendo-se já apoderado da praça dianteira, viu a rapariga fugir-lhe ao alcance, sem qualquer esforço para obstá-la. Uma vez senhor do aparelho, a sua cólera pareceu repentinamente extinguir-se, e nenhum movimento fez para agarrar Smith-Oldwick. A rapariga, compreendendo a relativa segurança da sua posição, ganhara de rastos a borda exterior da asa e estava chamando o companheiro para colocar-se na extremidade da parte superior do aeroplano.

Tal foi a cena que se deparou a Tarzan, quando este, havendo rodeado a curva do desfiladeiro, avistou o aeroplano, depois que o tiro de pistola lhe havia atraído a atenção. A rapariga estava tão ansiosa pelos esforços do oficial inglês a fim de atingir a um ponto mais seguro, e Smith-Oldwick tão ocupado em garantir-se, que nenhum deles deu pela silenciosa aproximação do homem-macaco.

Foi Numa quem primeiro viu o intruso. O leão manifestou imediatamente o seu desprazer, dirigindo-lhe um olhar feroz e uma série de rugidos preventivos. Isto chamou a atenção das duas criaturas que estavam na parte alta do avião para o recém-vindo. A rapariga murmurou um abafado “Graças a Deus!”, e mal podia dar crédito aos seus próprios olhos, duvidando ainda de que se tratasse do homem selvagem, cuja presença sempre lhe assegurara a salvação. e que tão providencialmente havia chegado ali, naquele momento preciso.

Mas ficaram ambos imediatamente horrorizados, ao verem Numa saltar da praça do aeroplano e arrojá-lo sobre Tarzan. O homem-macaco, enristando a sua forte lança, dirigiu-se firmemente ao encontro do felino, no qual reconheceu o leão do mundéu dos Wamabos. Ele percebeu, pelo modo da aproximação de Numa, o que nem Bertha Kircher nem Smith-Oldwick haviam percebido, isto é, que no leão havia mais curiosidade do que beligerância, e ficaria ele espantado, se naquela cabeça formidável não raiasse um vislumbre de gratidão pelo benefício que Tarzan lhe havia feito.

No espírito de Tarzan não havia outra dúvida senão a de que Numa o reconhecesse, porquanto ele conhecia bastante os seus companheiros da selva, para saber que, enquanto eles muitas vezes se esqueciam de certas sensações mais depressa do que o homem, outras havia que lhes ficavam na memória muitos anos. O cheiro característico, bem definido, não seria jamais olvidado por um animal, desde

que este o houvesse sentido, pela primeira vez, em circunstâncias excepcionais, e, por isso, Tarzan estava convencido de que o nariz de Numa já lhe havia recordado todas as peripécias do seu primeiro encontro.

Propensão para o “sport” é coisa inerente à raça anglo-saxônica, e já não era Tarzan dos Macacos mas John Clayton, lorde Greystoke, quem risonhamente aguardava o êxito desportivo, que teria, ao descobrir até onde se estenderia a gratidão de Numa para com ele.

Smith-Oldwick e Bertha Kircher viram Tarzan e o leão próximos um do outro. O oficial inglês estava quase sem fôlego, enquanto empunhava sua pobre arma de fogo. A rapariga cobriu com as palmas das mãos as faces em que se lhe estarreciam os olhos, quase petrificados de horror. Embora confiasse na força daquela criatura providencial, que ousava in trepidam ente afrontar o rei dos animais, não fazia nenhuma falsa idéia do que poderia resultar de semelhante encontro. Ela tinha visto Tarzan lutar com Sheeta, a pantera, e havia compreendido quão poderoso era o homem, desde que a agilidade, a astúcia e a sorte o colocavam em tudo no mesmo pé de igualdade com os seus adversários das selvas, e que dos três fatores acima referidos o mais importante era o da sorte.

Viu o homem e a fera deterem-se, ao mesmo tempo, a poucos passos um do outro. Viu a cauda do animal a menear de um lado para o outro e ouvia os uivos profundos que lhe saíam do peito cavernoso, mas não podia saber que significavam aqueles meneios de cauda e as notas daqueles uivos.

Para ela nada mais indicavam do que raiva bestial, ao passo que para Tarzan eram em extremo conciliatórios e animadores. E, então, quando ela viu Numa andar de novo para a frente e encostar o nariz na perna nua de Tarzan, fechou os olhos e cobriu-os com as mãos. Pareceu-lhe uma eternidade o esperar ouvir o ruído da luta que julgava dever sobrevir, mas tudo que ouviu foi um suspiro de alívio, soltado por Smith-Oldwick, e um semi-histérico:

— Por Jove! que coisa assombrosa!

Abrindo os olhos, ela viu o grande leão esfregando a eriçada cabeça nos quadris de Tarzan e a mão livre deste, por entre a espessa juba, a cocar, pelo lado de trás, a disforme orelha de Numa.

Formam-se muitas vezes laços de estranhas amizades entre animais de diferentes espécies, porém menos freqüentemente entre o homem e os carnívoros selvagens, em razão do medo inerente àquele com relação aos grandes felinos. Apesar disso, não era inexplicável a amizade, tão de repente estabelecida entre o leão selvagem e o homem selvagem.

Quando Tarzan caminhou em direção ao aeroplano. Numa seguiu ao seu lado, e,

quando Tarzan parou e olhou para o casal de europeus, Numa também parou e também o olhou.

— Eu já havia perdido quase de todo a esperança de encontrá-los, disse o homem-macaco, e é evidente que os encontro muito a tempo.

— Mas de que modo é que você sabia que estávamos neste aperto? perguntou-lhe o oficial inglês.

— Eu vi o avião cair, respondeu Tarzan. Fiquei a espiá-los do alto de uma árvore, perto da clareira donde partiram. Não tive maior dificuldade do que calcular a sua direção final, pois me pareceu que ganharam uma considerável distância para o sul, depois que desapareceram da minha vista, por detrás das colinas. Andei a procurá-los pelo norte, e estava quase a ir-me embora, quando ouvi o seu tiro de pistola. E o aparelho, não pode ele mais ser consertado?

— Não tenho esperança nenhuma quanto a ele, replicou-lhe Smith-Oldwick.

— Quais são, então, os seus planos? E que é que a senhora pensa fazer? perguntou Tarzan por fim à rapariga.

— Nós precisamos de chegar ao litoral, disse ela, mas isso me parece agora impossível.

— Eu também teria pensado assim pouco antes, retrucou o homem-macaco, mas se Numa está aqui, é porque existe água nestas cercanias. Encontrei-me com este leão, há dois dias, na região dos Wamabos. Libertei-o de um dos mundéus feitos por aqueles indígenas. Para ter chegado aqui, ele deve ter vindo por uma vereda que desconheço, pelo menos, não atravessei nenhum trilho de caça, nem senti o cheiro de fera alguma, depois que transpus as colinas daquela zona fértil, que deixei há pouco. De que ponto veio ele atacá-los aqui?

— Do sul, respondeu a rapariga. E por isso, nós também já havíamos pensado que deve haver água naquele rumo.

— Vamos, então, procurá-la, disse Tarzan.

— Mas... e esse leão? perguntou Smith-Oldwick.

— Temos que ir procurar água, replicou-lhe o homem-macaco, e não poderemos fazê-lo, senão quando você se resolver a descer daí desse seu poleiro.

O oficial inglês sacudiu os ombros. A rapariga voltou para ele os olhos, a fim de observar o efeito da proposta de Tarzan. O moço tornara-se subitamente muito pálido, mas lhe pairava nos lábios um sorriso, e, assim, sem dizer mais palavra alguma, saltou da borda do aeroplano e caiu em terra atrás de Tarzan.

Bertha Kircher percebera que ele tivera medo, mas nem por isso o censurou, porquanto ela também compreendera a notável coragem que lhe patenteara em

afrontar ali um perigo bem real.

Numa, sempre em pé ao lado de Tarzan, levantou a cabeça para espiar o jovem inglês, soltou um rosnado e olhou o homem-macaco. Tarzan segurava um punhado da juba de Numa, e falou-lhe na linguagem dos grandes símios. Para a rapariga e para Smith-Oldwick, aqueles roncões guturais saídos dos lábios humanos, eram imprudentes ao extremo, mas, quer Numa os houvesse ou não entendido, o certo é que eles pareceram realizar o desejado efeito, porquanto o leão deixou de rosnar, e, quando Tarzan começou a andar ao lado de Smith-Oldwick, Numa os acompanhou, sem que manifestasse o intento de fazer mal ao aviador.

— Que foi que o senhor disse ao leão? perguntou a rapariga ao homem-macaco.

Tarzan sorriu e respondeu-lhe:

— Eu disse a ele que sou Tarzan dos Macacos, caçador intrépido, matador de feras, soberano da selva, e que sois meus amigos. Não tenho certeza alguma de que todos os outros animais entendam a linguagem dos Manganis. Sei que Manu, o macaco, fala, pouco mais ou menos, a mesma língua, e estou certo de que Tantor, o elefante, compreende quanto lhe digo. Nós, os moradores da selva, somos grandes fanfarrões. Em nosso modo de falar, em nossa linha de proceder, em cada pormenor da nossa existência, devemos impressionar os outros pela nossa pujança física e pela nossa ferocidade. Eis porque rugimos para os nossos inimigos. Nós assim lhes significamos que se acautelem, senão cairemos sobre eles e os reduziremos a pedaços. Numa talvez não haja entendido todas as palavras que eu lhe proferi, mas creio que o meu tom e a minha conduta produziram nele a impressão a que eu visava. Agora, a senhora pode descer daí e vir ser apresentada a Numa.

Toda a coragem, que Bertha Kircher possuía, era pouca para ousar saltar em terra, ao alcance, ali, das unhas e dentes do inexorável rei da floresta. Ela, entretanto, o fez. e Numa apenas lhe mostrou as presas arreganhadas e rosnou um pouco, ao vê-la aproximar-se do homem-macaco.

— Penso que estão a salvo de Numa, enquanto eu estiver aqui, disse-lhes Tarzan. Mas o melhor, que ambos têm a fazer, é não ligar importância ao leão. Não avancem para ele, mas principalmente não dêem sinal algum de medo dele, e, sempre que for possível, conservem-se entre mim e ele. Numa, agora, deve ir-se embora, estou certo disso, e é bem provável que o não vejamos mais.

Por lembrança de Tarzan, Smith-Oldwick retirou do aeroplano o resto de água e de provisões, e, distribuída a carga entre os três, seguiram todos para o sul. Numa não quis acompanhá-los: ficou junto ao aparelho, a espiá-los, até que desaparecessem numa das curvas da garganta.

Tarzan foi acompanhando as pegadas de Numa, na esperança de que elas o

guiariam para o sul e para a fonte que tanto desejavam achar. Na areia que cobria o fundo do desfiladeiro, os traços do leão eram bem visíveis e fáceis de acompanhar. Mas, à medida que o dia se adiantava, o homem-macaco, ao lado das pegadas de Numa, ainda frescas descobriu outras, mais antigas, também de leões, e, antes que escurecesse, ele parou subitamente, tomado de evidente surpresa. Os seus dois companheiros encararam-no interrogativamente, e, em resposta a tais implícitas perguntas, mostrou-lhes o chão que se lhes estendia à frente, exclamando:

— Olhem o que está ali!

A princípio, nem Smith-Oldwick nem a rapariga viram coisa alguma, senão um aranhol de traços de pés calçados, mas, depois, Bertha descobriu o que Tarzan indicara, e dos lábios lhe rompeu um grito de surpresa:

— São vestígios de pés humanos! Tarzan confirmou com a cabeça.

— Mas eu não vejo sinais dos dedos, acrescentou a rapariga.

— É que os pés estavam calçados com uma sandália flexível, explicou Tarzan.

— Então deve haver alguma aldeia indígena aqui pela vizinhança, disse Smith-Oldwick.

— Sim, replicou o homem-macaco, porém não a espécie de indígenas que esperaríamos achar aqui, nesta parte da África, onde todos eles andam descalços, com a única exceção dos renegados negros de Usanga, os quais ainda usam os sapatos militares, com que desertaram das tropas alemãs. Não sei se podem verificá-lo, mas para mim é evidente que estes sinais não foram feitos por pés de negros. Se o examinarem cuidadosamente, verão que a impressão do calcanhar e da planta do pé não foi prejudicada pela sola da sandália. Os sinais estão bem nítidos e são diversos dos que deixa o pé de um negro.

— Acredita, então, que foram feitos pelo pé de um branco?

— Vou averiguá-lo melhor, retrucou Tarzan.

E, de repente, com surpresa da rapariga e de Smith-Oldwick, ele se agachou sobre as mãos e os joelhos, e começou a farejar as pegadas, — como um animal selvagem a utilizar-se dos sentidos e ardis das feras. Em uma área de vários metros quadrados, suas narinas apuradas farejaram a identidade dos seres humanos, que ali haviam deixado aqueles sinais. Afinal, pondo-se em pé, disse:

— As pegadas não têm cheiro dos Gomanganis, nem também exatamente o dos homens brancos. Três pessoas andaram neste caminho. Eram da espécie humana, mas de que raça, não o pude descobrir.

Continuando a marcha, não notaram grande mudança na natureza daquele precipício, senão que se tornava mais profundo à medida que o desciam, e que,

agora, os lados rochosos e alcantilados se lhes erguiam muito acima da cabeça. Em vários pontos, cavernas naturais, que pareciam ter resultado da ação erosiva da água em priscas eras, abriam-se ali, nas paredes laterais, em diferentes alturas. Perto deles, viu-se uma de tais grutas, e, quase ao nível do caminho, uma caverna arqueada, cujo fundo estava coberto de areia. Tarzan mostrou-a com a mão aos seus companheiros.

— Nós vamos encovar-nos ali esta noite, disse ele, e, como que corrigindo a expressão, acrescentou, com um dos seus raros e ligeiros sorrisos: — Vamos acampar ali esta noite.

Depois que fizera a sua magra refeição, Tarzan levou a rapariga até a porta da gruta, dizendo-lhe:

— A senhora dormirá aí dentro, enquanto o tenente e eu nos deitaremos aqui fora, junto à entrada da caverna.

O ataque noturno

No momento em que a rapariga se voltou para eles, a fim de desejar-lhes boa noite, julgou ver uma sombra que se movia além, na escuridão, e quase ao mesmo tempo acreditou ouvir os sons de um movimento sorrateiro na mesma direção.

— Que é aquilo? murmurou ela. Há alguma coisa ali, naquela escuridão.

— Sim, respondeu Tarzan, é um leão. Está ali desde algum tempo. A senhora não o tinha percebido antes?

— Oh! exclamou a rapariga, soltando um suspiro de alívio, é o nosso leão?

— Não, disse Tarzan, não é o nosso leão, é outro leão, que está caçando.

— Está ele a perseguir-nos? indagou a rapariga.

— Está, replicou o homem-macaco.

Smith-Oldwick empunhou imediatamente a pistola. Tarzan viu esse involuntário movimento, sacudiu a cabeça e disse ao oficial inglês:

— Deixe esse brinquedinho onde estava, tenente.

O moço riu-se nervosamente:

— Fi-lo sem querer, meu velho, você bem o sabe. Instinto de defesa, e nada mais.

— Diga antes instinto de própria destruição, ponderou-lhe Tarzan. Há ali, pelo menos, três caçadores, que nos estão espreitando. Se tivéssemos luar ou houvésssemos preparado uma fogueira você lhes veria nitidamente os olhos. Presentemente, podem eles vir em nosso encalço, mas há probabilidade que não o façam. Se, entretanto, você tem muita pressa em fazê-los vir, basta que atire com a pistola e acerte num deles.

— Que faremos nós, se nos atacarem? perguntou a rapariga. Não vejo meios de escapar.

— Como não? Teremos que lutar com eles, replicou Tarzan.

— De que valeríamos nós três contra eles? interrogou ainda a rapariga.

O homem-macaco sacudiu os ombros, e respondeu-lhe:

— A gente tem que morrer algum dia. Para a senhora, sem dúvida, .deve parecer terrível tal morte aqui, mas Tarzan dos Macacos está sempre esperando perecer desta ou de outra maneira. Poucos são os que morrem velhos aqui na selva, e eu não espero morrer idoso. Um dia destes, Numa me liquidará, ou Sheeta, ou um guerreiro negro. Esses ou outros. Que importa me aconteça isso agora? Para mim, será sempre

o mesmo.

Bertha Kircher estremeceu e disse em voz lamentosa:

— Sim, afinal de contas dá tudo no mesmo. Dirigiu-se então para a gruta e deitou-se na areia. Smith-

Oldwick sentou-se à entrada e encostou-se ao penhasco. Tarzan acocorou-se ao outro lado.

— Posso fumar? perguntou o oficial a Tarzan. Trouxe comigo um maço de cigarros, e, se isso não atrair aquelas feras, eu quisera fumar um deles antes de ser devorado. Quer você acompanhar-me?

E ofereceu um dos cigarros ao homem-macaco.

— Não, obrigado, disse-lhe Tarzan. Mas você faz bem em fumar. Nenhum animal feroz gosta, de maneira alguma, da fumaça do tabaco. Por isso, não será pelo cigarro que você os atrairá para aqui.

Smith-Oldwick acendeu o cigarro e começou a fumá-lo vagarosamente. Havia também oferecido um à rapariga, mas Bertha o recusara. Assim, ficaram os dois homens sentados ali, por algum tempo, em silêncio, — um silêncio noturna apenas quebrado então pelo dissimulado ruído de pés calçados sobre a fina areia do solo do desfiladeiro.

Foi Smith-Oldwick quem interrompeu aquele silêncio, perguntando a Tarzan:

— Os leões andam sempre assim, sem parar?

— Não, respondeu-lhe o homem-macaco. O leão, que anda rugindo pela selva, não visa a atrair presa. Movem-se muito sorrateiramente, quando estão em caça.

— Eu quisera ouvi-los rugir, disse o oficial. Eu quisera que fizessem alguma coisa, mesmo que nos atacassem. É precisamente por saber que eles estão ali, é por estar vendo algo como uma sombra na escuridão, é por ouvir os ruídos dissimulados que chegam até nós, que eu fico com os nervos excitados. Espero, entretanto, que os três leões não nos ataquem ao mesmo tempo.

— Três? disse Tarzan. Agora, há ali pelo menos sete.

— Deus meu! exclamou Smith-Oldwick.

— Não seria conveniente fazermos uma fogueira, perguntou a rapariga, a fim de assustá-los?

— Não creio que nos valesse de forma alguma, ponderou Tarzan, porque estou convencido de que aqueles leões são um pouco diferentes de todos os que conheço e, possivelmente, pela mesma razão que há pouco me inquietou, isto é, pela aparente docilidade, em presença de um homem, do leão que esteve hoje conosco. Um

homem está agora ali, com aqueles leões.

— É impossível! exclamou Smith-Oldwick. Eles o reduziriam a migalhas!

— Que é que o leva a pensar que esteja ali um homem? perguntou a rapariga ao homem-macaco.

Tarzan sorriu, sacudiu a cabeça e respondeu-lhe:

— Receio que a senhora não me compreenda. Para nós, é sempre difícil compreender seja o que for que esteja além das nossas próprias forças.

— Que quer você dizer com isso? perguntou-lhe o oficial.

— Bem, disse-lhes Tarzan, se tivessem nascido cegos, não compreenderiam as impressões sensoriais, que os olhos de outrem lhes transmitem ao cérebro. Ora, como ambos nasceram sem sentido algum de faro, temo que não compreendam porque é que sei que está ali um homem.

— Quer dizer então que fareja ali um homem? perguntou a rapariga.

Tarzan sacudiu a cabeça afirmativamente.

— E é pelo mesmo processo que você conhece o número de leões? perguntou o oficial.

— Sim, respondeu Tarzan, porque não há dois leões que se pareçam, nem que tenham o mesmo cheiro.

O jovem inglês sacudiu a cabeça, dizendo:

— Não, não posso compreender.

— Duvido que os leões e o homem tenham vindo aqui necessariamente com o intuito de fazer-nos mal, disse Tarzan. Nada os havia impelido de vir antes, nem lhes indicava a nossa presença aqui. Tenho a propósito disso uma idéia, mas é completamente descabelada.

— Qual é? indagou a rapariga.

— Penso que estão aqui, replicou Tarzan, para impedir que cheguemos a algum lugar, a que eles não querem que vamos. Por outras palavras, eles estão apenas em vigilância, e, decerto, enquanto não nos dirigirmos para o ponto que eles não querem que atinjamos, não nos incomodarão.

— Mas como saber onde é que eles não querem que vamos? perguntou Smith-Oldwick.

— Não posso dizer, respondeu Tarzan, mas tudo indica que o lugar, que estamos precisamente procurando, é o que eles não desejam que alcancemos.

— Quer o senhor referir-se à água? perguntou a rapariga.

— Sim, replicou Tarzan.

Continuaram sentados, por algum tempo, em silêncio, que foi somente interrompido por um novo indício de movimento, vindo da escuridão exterior. Cerca de uma hora depois, o homem-macaco ergueu-se inquieto e empunhou a sua comprida lança. Smith-Oldwick estava dormitando, encostado à parede de pedra da entrada da gruta, enquanto

Bertha Kircher, exausta pela excitação e pelas fadigas daquele tremendo dia, caíra em profunda modorra. Um momento depois que Tarzan se pusera em pé, o oficial inglês e a rapariga tinham sido sobressaltados por uma celeuma de rugidos tonitruantes e pelo barulho de muitos pés calçados, que corriam em direção a eles.

Tarzan dos Macacos permanecia de pé, bem junto à entrada da gruta, tendo em mãos a lança, à espera do ataque. O homem-macaco nunca esperara uma ação combinada, qual a que agora executavam os que até então os espreitavam. Ele tinha percebido que outros homens se vieram juntar aos que desde antes estavam ali com aqueles leões, e, quando se levantou sobressaltado, foi porque percebeu que os leões e os homens estavam a movimentar-se sorratamente em rumo dele e dos seus dois companheiros. Por si só teria ele prontamente escapado, porque havia observado que a frente do penhasco, que encimava a boca da caverna, podia ser escalada por um bom grimpador, qual era ele. Talvez fosse melhor que ele envidasse fugir, pois reconhecia que, em face de tais salteadores, ele próprio estava perdido, mas não abandonou a posição que tomara, duvide eu embora de que ele fosse capaz de dizer porque.

Nada devia ele, de obrigação ou de amizade, à rapariga que dormia ali na gruta, nem poderia servir-lhe por mais tempo de proteção ou de companhia. Entretanto, algo o prendeu ali, para um inútil sacrifício pessoal.

O grande Tarmangani não teve sequer a satisfação de dar um golpe em sua própria defesa. Uma verdadeira avalanche de animais ferozes rolou sobre ele e arremessou-o pesadamente ao solo. Ao cair, bateu com a cabeça na saliência de uma pedra à entrada da caverna, e perdeu completamente os sentidos.

Começava a romper o dia, quando voltou a si. A primeira e confusa impressão, que lhe acudiu à mente desperta, era uma aluvião de sons selvagens e de rugidos de leões, e, então, pouco a pouco, pôde recordar-se de tudo quanto precedera o golpe que o prostrara em inconsciência.

A suas narinas chegaram forte cheiro de Numa, o leão, e contra uma de suas pernas nuas sentia o roçar do pêlo de algum animal. Tarzan abriu lentamente os olhos. Estava deitado de lado e, olhando em redor, viu que um grande leão estava escarranchado sobre as suas pernas, — um grande leão que rugia formidavelmente

contra alguma coisa que Tarzan ainda não pudera ver.

Com o pleno retorno dos seus sentidos, o nariz de Tarzan lhe deu a conhecer que o animal que estava ali sobre ele era Numa do mundéu dos Wamabos.

Assim reasssegurado, o homem-macaco falou ao leão, ao mesmo tempo que fazia um pequeno movimento para levantar-se. Imediatamente Numa se afastou de cima dele. Levantando a cabeça, Tarzan viu que ainda estava no mesmo lugar em que havia caído, diante da abertura da caverna onde Bertha Kircher estivera dormindo, e que Numa, de costas voltadas para o penhasco, o estava energicamente defendendo de dois outros leões que andavam ali defronte, a curta distância da cobiçada presa.

E, olhando então para o interior e cercanias da gruta, Tarzan capacitou-se de que a rapariga e Smith-Oldwick tinham ido embora.

Os seus esforços e sacrifícios tinham sido, portanto, inúteis. Com uma raivosa sacudidela de cabeça, o homem-macaco voltou-se então para os dois leões, que continuavam a andar para aqui e para acolá, a poucos metros deles. Numa, o do mundéu dos Wamabos, lançava um olhar amigo para Tarzan, encostava a cabeça aos quadris do homem-macaco e depois dirigia um rugido colérico aos dois felinos caçadores.

— Penso, disse Tarzan a Numa, que você e eu, juntos, poderemos fazer bastante mal àquelas feras.

Falou-lhe em inglês, língua que, por certo, Numa não compreendia, mas com tanta firmeza o fizera, que Numa pareceu entendê-lo e querer arrojarse impientemente contra os seus antagonistas.

— Vamos! disse Tarzan de repente, e, segurando a juba do leão com a mão esquerda, tocou-se para diante, em direção aos outros leões. Quando os dois assim avançavam, os outros recuaram lentamente e, separando-se afinal, cada um seguiu para o seu lado. Tarzan e Numa passaram entre

eles, mas nem o grande leão de juba negra nem o homem-macaco os viram, de sorte que se encontravam descuidados, quando, como que obedecendo ao mesmo combinado sinal, os dois felinos os atacaram simultaneamente, vindos de lugares opostos.

Tarzan afrontou o ataque do seu antagonista mediante a mesma forma de combater, que ele já havia empregado em anteriores encontros com Sheeta e Numa. Ter tentado receber o pleno choque de um ataque de leão, — fora o mesmo que desejar suicidar-se, ainda que se tratando daquele gigante Tarmangani. Em lugar disso, recorreu a métodos de agilidade e astúcia, porque, se os grandes felinos são hábeis, mais hábil ainda do que eles é Tarzan dos Macacos.

Com ligeireza, garras afiadas e dentes arreganhados, saltou o leão sobre o peito nu

do homem-macaco. Arremessando o braço esquerdo, como um maneador de “box”, Tarzan agarrou-se por debaixo do braço das patas esquerda e dianteira do leão, ao mesmo tempo que, escorregando a espádua por debaixo do corpo do animal, lhe cravava no couro rijo a lâmina afiada de sua faca. Numa voltou-se com um rugido de dor, cristalização da sanha bestial. Agora, em verdade, não deixaria de trucidar aquele presunçoso ser humano, que ousava até pensar que pudesse contrariar em seus desejos o rei dos animais. Mas, enquanto ele girava, a sua pretensa vítima girou com ele, com os dedos morenos agarrados à espessa juba do seu pujante pescoço, e de novo a lâmina do homem-macaco penetrou profundamente nos flancos do leão.

Numa tornou-se louco de ódio e de dor, e, no mesmo instante, o homem-macaco lhe saltou no dorso. Tarzan havia pensado que só assim poderia atingir com a faca o coração da fera. Parecia-lhe isso tão fácil, que imediatamente sentiu uma triste desilusão, porque o rápido movimento do leão lho impedia, e, agora, que o leão saltava, a fim de arrojá-lo de si, o homem-macaco compreendeu que estava a pique de perecer sob aquelas tremendas garras.

Com um esforço final, arremessou-se do dorso de Numa para o chão, e tentou, graças à sua ligeireza, escapar à assanhada fera, pois a fração de um minuto lhe permitiria firmar-

se nos pés e voltar ao combate em mais vantajosas condições. Mas, nisso, Numa, o alcançara, a sua grande garra o ferira num dos lados da cabeça e fizera-o rolar por terra.

Neste mesmo tempo, o homem-macaco viu uma enorme massa negra passar por cima de seu corpo e arremessar-se sobre o leão seu antagonista. Esgueirando-se por debaixo dos dois animais em combate, Tarzan conseguiu pôr-se em pé, apesar de ainda meio atordoado pelo terrível golpe que havia recebido. Atrás de si avistou um leão já morto e cujo sangue purpureava a areia em que jazia, e, diante de si, viu Numa do mundéu a malhar ferozmente o segundo leão.

O de pele preta sobrepujava tremendamente o seu adversário, quer quanto ao tamanho e força, quer quanto à ferocidade. As feras combatentes fizeram-se algumas negaças, antes que a mais forte lograsse meter as garras na goela da mais fraca, e, então, assim como um gato sacode um rato, o leão maior sacudiu o menor, e, quando este procurou rolar por debaixo daquele e feri-lo com as garras das patas traseiras, o outro aproveitou-se disso vantajosamente: meteu-lhe na parte baixa do peito as suas pujantes garras, que ali revolveu com toda a força das musculosas patas dianteiras, e assim pôs termo ao combate.

Quando Numa se afastou de sobre o corpo de sua segunda vítima e sacudiu-se todo, então pôde Tarzan notar-lhe a simetria e portentosas proporções. Os leões, que eles haviam ali combatido, eram, por si mesmos, esplêndidos espécimes, e Tarzan

observara-lhes no pêlo um matiz negro, que era a forte característica de Numa do mundéu. As suas jubas eram, todavia, menos escuras do que a deste. Tarzan compreendeu, portanto, que eles constituíam uma espécie distinta das demais que ele havia visto até então, devendo ela certamente provir de um cruzamento entre o leão da floresta, que ele conhecia, e outro produto, do qual Numa do mundéu seria o típico representante.

Removido, assim, aquele obstáculo, que se lhe deparara no caminho, continuou Tarzan a farejar os traços de Smith-Oldwick e da rapariga, cujo destino muito o preocupava. De repente, porém, enquanto procurava sobre a areia do caminho, entre uma rede entrecruzada de inumeráveis vestígios, os dos seus protegidos, irrompeu de seus lábios, involuntariamente, o lamento de uma fome canina. Numa do mundéu ouviu-o atentamente, e, olhando o homem-macaco por um rápido momento, respondeu àquele grito de fome, e desviando os passos em direção ao sul, parou intencionalmente, para ver se Tarzan o estava seguindo.

O homem-macaco compreendeu que a fera o estava querendo guiar para onde havia alimento, e, por isso, acompanhou-a, e, enquanto o fazia, seus olhos agudos e narinas apuradas envidaram descobrir indícios da direção tomada pelo oficial inglês e pela rapariga. Agora, longe da multidão de traços de leões, Tarzan observou os de muitos pés calçados e o cheiro de membros da estranha raça, que ele farejara entre o dos leões na noite anterior, e também sentiu, então, o da rapariga, assim como, um pouco menos, o de Smith-Oldwick. Logo adiante, as pegadas da rapariga e do oficial inglês se tornaram bem nítidas.

Haviam eles caminhado por ali, lado a lado, entre homens e leões à esquerda e à direita, à frente e atrás. O homem-macaco ficou sobressaltado pelas probabilidades que aquelas pegadas lhe sugeriam, mas, encarando-as à luz das experiências anteriores, não pôde explicar satisfatoriamente a si próprio o que a sua percepção lhe deixava entrever.

Houve pequena mudança no caminho do desfiladeiro, que, ainda sinuoso, descia por entre rochas alcantiladas. Alargava-se em certos pontos e estreitava-se em outros, sempre mais profundo, quanto mais penetrava no rumo do sul. Aqui e acolá, havia sinais de antigas quedas de água. O trilho tornou-se mais difícil, mas era bem batido, mostrava indícios de grande antigüidade, e, em certos lugares, via-se que nele trabalhara a mão do homem. Tarzan e Numa haviam andado a metade ou três quartos de uma légua, quando, em uma curva do precipício, o homem-macaco avistou adiante um vale estreito, aprofundado na crosta da terra em meio de rochedos, cujos renques o limitavam para os lados do sul. Quão longe se estendia ele para leste e para oeste, não o podia ver, mas aparentemente não tinha mais de três léguas de norte a sul.

Que era um vale bem irrigado, — patenteava-o a força da vegetação que o cobria, desde as colinas rochosas do norte até as montanhas do sul.

À beira dos penhascos, dos quais o homem-macaco avistava o vale, tinha sido aberto um caminho, que descia por ali afora. Precedido pelo leão, Tarzan desceu-o até o vale, que, naquele ponto, era coberto de grandes árvores. Dali em diante, o caminho serpeava até o centro do vale. Pássaros canoros e de brilhante plumagem voavam por entre os ramos, enquanto inúmeros macacos careteavam e guinchavam nos galhos mais altos.

A floresta regurgitava de vida. Entretanto, o homem-macaco experimentava um sentimento de interminável solidão, um sentimento que ele jamais tivera na sua amada selva. Como que tudo era irreal em torno dele, mesmo aquele risonho vale, surto e esquecido ali, naquele ponto em que outrora devera ter existido um imenso deserto. Os pássaros e os macacos, conquanto semelhantes aos demais, que lhe eram familiares, não eram, todavia, idênticos aos outros, e a própria vegetação ostentava ali formas particulares. Era como se tivesse sido transportado para um mundo diverso, e, por isso, sentiu, de repente, uma estranha inquietação, que era, sem dúvida, um prenúncio de perigo.

Havia nas árvores muitos frutos maduros, alguns dos quais ele viu Manu comer. Sentindo fome, trepou nos galhos mais baixos, e, em meio a uma grande matizada dos macacos, tratou de comer alguns daqueles frutos, que vira os macacos saborearem com prazer. Acabada a frugal refeição, que só em parte lhe saciou a fome, — o que só a carne poderia totalmente fazer, — olhou para baixo, à procura de Numa do mundéu, a fim de descobrir para onde havia este seguido.

A cidade murada

Saltando em terra, ele, mais uma vez, investigou os traços da rapariga e dos seus apesadores, o que conseguiu descobrir e acompanhar facilmente enquanto seguiu aquele trilho bem batido. Logo adiante, havia um pequeno curso de água, onde matou a sede, e notou que a estrada, dali em diante, seguia na direção geral da corrente, isto é, para sudoeste. Aqui e acolá, vinham ter àquele caminho muitos atalhos, e em todos eles percebia Tarzan os traços e o cheiro dos grandes felinos, de Numa, o leão, e de Sheeta, a pantera.

Com exceção de alguns pequenos roedores, não parecia haver outra vida selvagem na superfície daquele vale. Não havia ali sinais de Bara, a corça, nem de Horta, o javali, nem de Gorgo, o búfalo, nem de Buto, Tantor ou Duro. Histah, a serpente, estava ali. Viu-a ele nas árvores, em um número maior do que antes havia visto Histah, e também, junto a um pau juncado de caniços, julgou sentir um cheiro que parecia ser de Gimla, o crocodilo. Nenhum deles, porém, poderia servir de alimento ao Tarmangani.

E, por isso, como ele ansiasse comer carne, pensou nos pássaros que lhe voavam por sobre a cabeça. Os seus assaltantes da noite anterior não o haviam desarmado. Ou pela escuridão ou pela avalanche dos grandes leões, os homens o haviam deixado à margem ou o haviam tido por morto: por essas ou outras razões, ainda conservava as suas armas, — a lança, a faca comprida, o arco e as flechas e a corda de embira.

Metendo uma seta no arco, Tarzan aguardou uma oportunidade de alcançar um pássaro grande, e, quando tal oportunidade enfim se apresentou, atirou a flecha no alvo. Quando aquela criatura de bela plumagem caiu em terra, os seus companheiros alados e grande número de macaquinhos levantaram um coro terrível de gritos e de protestos veementes. Toda a floresta se tornou de repente uma babel de guinchos, num rouco e ininterrupto alarido.

Tarzan não teria ficado surpreendido, se um ou dois pássaros, que voavam perto do que ele matara, soltassem gritos de terror, mas que todos os seres vivos da selva levantassem aquele solene protesto, isso o encheu de indizível desgosto. Foi com o rosto colérico que olhou para os macacos e os pássaros, como se lhe irrompesse do íntimo um impulso selvagem de exprimir-lhes o seu desafio àquilo que considerava um desafio da parte deles. E foi assim que, pela primeira vez, naquela selva, soou o tremendo grito de vitória e de desafio de Tarzan.

Foi instantâneo o efeito nas criaturas que ocupavam as árvores da floresta. Onde

antes estremecia no ar a celeuma das suaves vozes, reinava agora completo silêncio, e, um momento depois, o homem-macaco estava ali sozinho com a sua mesquinha presa.

O silêncio, que se seguiu tão de perto ao tumulto anterior, produziu uma sinistra impressão no homem-macaco e ainda mais lhe aumentou a cólera. Apanhando o pássaro do lugar em que caíra, tirou-lhe a flecha do corpo e meteu-a novamente na aljava. Em seguida, com a faca, arrancou a pele com a plumagem da ave. Comeu irritadamente a pouca carne daquela sua pobre vítima, rosnando, como se naquele momento o ameaçasse algum inimigo próximo, ou então, por-

que não gostava muito da carne de pássaros. Melhor esta, porém, do que nada, tanto mais que os seus sentidos apurados lhe haviam feito ver que naquelas cercanias não encontraria os animais de cuja carne mais gostava. Como teria saboreado um succulento pernil de Paço, a zebra, ou um pedaço do lombo de Gorgo, o búfalo! Esse pensamento bastou para encher-lhe a boca de água e aumentou a sua aversão para com aquela floresta, que não contava em seu ativo tão deliciosas presas.

Havia devorado apenas parte da presa, quando percebeu de repente um movimento nas moitas, a não grande distância dali, sentindo momentos depois nas suas narinas o cheiro de Numa, procedente de uma direção oposta, e também de ambos os lados do caminho lhe chegou aos ouvidos o ruído de pés calçados bem como o roçar de corpos nos galhos das árvores. O homem-macaco sorriu. Que estúpida criatura não o julgavam a ele, aqueles tolos assaltantes que o queriam surpreender! Pouco a pouco os sons e os cheiros denunciavam que os leões se moviam de todos os lados em direção a ele, que se encontrava assim no centro de um círculo convergente de feras. Evidentemente, estavam tão certos de apresá-lo, que não faziam mais esforço algum para ocultar-se, ramos secos quebravam-se-lhes sob os pés e seus corpos roçavam fortemente a vegetação, pelo meio da qual abriam caminho à força.

Tarzan não sabia como explicar aquele ataque que se lhe movia. Não podia crer que o houvesse provocado a gritaria dos pássaros e dos macacos, há pouco havida ali, e, entretanto, se não foi ela, não deixava aquilo de ser uma notável coincidência. O seu claro raciocínio lhe patenteava que a morte de um pássaro só, naquela floresta tão opulenta deles, dificilmente daria ensejo a semelhante revide. E diante da razão e da sua longa experiência, tudo aquilo o deixava perplexo.

Continuou no meio do caminho, aguardando a chegada dos leões, a fim de admirar-lhes o método de ataque, se é que o queriam em verdade atacar. Chegou um primeiro leão, vindo pela parte de trás do caminho. E ao avistá-lo fez alto. A fera era semelhante àquelas que o haviam assaltado no dia anterior, um pouco maior e um

pouco mais escura do que os leões da sua selva natal, mas não tão grande, nem tão preta, quanto Numa do mundéu.

Agora distinguia outros leões entre as moitas circundantes e em meio das árvores. Cada um deles fez alto, desde que avistou o homem-macaco, e ficaram todos a olhá-lo em silêncio. Tarzan ficou pasmado de que levassem tanto tempo para atacá-lo, e, enquanto lhes aguardava a investida, acabou a sua refeição, embora com os sentidos sempre alerta.

Um por um, os leões deitaram-se ali, mas sempre com a cara voltada para ele e olhar fito nele. Não soltaram nenhum rugido, completando assim aquele painel de círculo silencioso. Tudo aquilo era tão singular, tão contrário ao que Tarzan havia visto por parte dos leões, que ficou irritado e começou a dirigir-lhes pesados insultos, a um por um dos leões, conforme o hábito que aprendera dos macacos, em sua infância.

A cada um deles chamou de “Dango, comedor de carniça”, e comparou-os muito desfavoravelmente com Histah, a serpente, a mais detestada e repugnante das criaturas da selva. Finalmente, arremessou-lhes mancheias de terra e pedaços de galhos quebrados. Só assim os leões rugiram e arreganharam os dentes. Nenhum deles, porém, avançou contra ele.

— Covardes! gritou-lhes vituperiosamente Tarzan. Numa com o coração de Bara, a corça!

Disse-lhes quem era, e, consoante a maneira do povo da floresta, se jactanciou das coisas horríveis que havia de fazer-lhes. Os leões, contudo, permaneciam deitados e se limitavam a espreitá-lo.

Seguramente meia hora depois da chegada dos leões foi que Tarzan percebeu a distância, ao longo do caminho, o ruído de passos que se aproximavam. Não teve muito que esperar, pois a sua previsão foi confirmada pelo aparecimento de um homem, que fez alto no caminho, imediatamente atrás do primeiro leão que ali chegara.

À vista do recém-chegado, o homem-macaco compreendeu ser ele um daqueles cujo cheiro infamiliar havia sentido na noite anterior, e viu que não era só ao aspecto do cheiro que aquele indivíduo diferia dos outros seres humanos, familiares a Tarzan.

O sujeito era corpulento, com uma pele mais semelhante a couro ou a um pergaminho amarelecido pelo tempo. Seu cabelo, da cor do carvão, descia-lhe do crânio sobre as costas umas três ou quatro polegadas, muito teso e em ângulos retos. Os olhos eram apertados e a íris densamente escura e muito pequena, de sorte que a dominava o branco do globo ocular. O rosto do homem era glabro, exceto quanto a

uns fios vagabundos que lhe apareciam no mento e no lábio superior. O nariz era aquilino e fino, mas o cabelo lhe crescia tanto pela fronte abaixo, que a impressão que se tinha era a de um indivíduo inferior e brutal. O lábio superior era curto e delgado, ao passo que o inferior era grosso e inclinado a pender, sendo o mento pouco pronunciado. Em conjunto, a face dava idéia de um físico outrora robusto e formoso, alterado por violências somáticas ou por hábitos e pensamentos degradados. Os braços do homem eram compridos, ainda que não anormalmente, e as pernas eram curtas, ainda que retas.

Vestia roupas de tecido ordinário, caía-lhe até abaixo dos quadris uma túnica larga e sem mangas, trazia os pés metidos em sandálias de sola flexível e cujos cordões lhe chegavam quase até os joelhos, à semelhança das espiras das modernas perneiras militares. Trazia à mão uma curta e forte lança e da cinta lhe pendia uma arma, cuja vista causou ao homem-macaco o maior pasmo: um pesado sabre, metido em uma bainha de couro. A túnica do homem parecia ter sido manufaturada em um tear, certamente não era feita de peles, ao passo que a vestidura, que lhe cobria as pernas, era evidentemente tirada do couro dos roedores.

Notou Tarzan a patente indiferença com que o homem se aproximou dos leões e a igual indiferença dos leões para com ele. O sujeito deteve-se por um instante, como que observando o homem-macaco, e, depois, seguiu para diante, passando pelo meio dos leões.

A cerca de seis metros de distância de Tarzan, deteve-se o homem, sendo o primeiro a falar em uma língua estranha, da qual o Tarmangani não entendeu nem uma sílaba. Os seus gestos indicavam inúmeras referências aos leões que o cercavam, certa vez tocou a lança com o indicador da mão esquerda e por duas vezes indicou o sabre que lhe pendia do cinturão.

Enquanto ele falava, Tarzan observava-o atentamente, do que lhe resultou logo uma estranha convicção, — a de que aquele homem não era senão o que se costuma chamar um maluco ainda não furioso. Diante de tal pensamento, o homem-macaco limitou-se a sorrir, tão paradoxal lhe pareceu aquela situação. Entretanto, um exame mais rigoroso das feições, maneiras de proceder e contorno da cabeça daquela criatura deu-lhe a certeza quase absoluta de que se tratava de um mentecapto, embora o tom de sua voz e os seus gestos se assemelhassem aos de um mortal sadio e inteligente. Acabada a sua lengalenga, ficou inquietamente aguardando a resposta de Tarzan. O homem-macaco falou-lhe primeiramente na linguagem dos grandes símios, como, porém, percebesse que o seu interlocutor não a entendia, dirigiu-se-lhe em vários dialetos indígenas, com o mesmo nulo resultado.

À vista disso, começou Tarzan a perder a paciência. Tinha já perdido bastante tempo no caminho, e, como não costumava gastar muitas palavras para conseguir os

seus fins, enristou a lança e avançou para o outro. Isso, evidentemente, era uma linguagem comum a ambos, porquanto imediatamente o sujeito também empunhou a sua própria arma, ao mesmo tempo que um chamado em voz baixa saía dos seus lábios, um chamado que pôs em ação todos os leões que ali formavam um círculo silencioso. Uma celeuma de rugidos quebrou a mudez da floresta, e, simultaneamente, os leões se ergueram de todos os lados, prontos a arrojarem-se sobre a presa. O homem, que os havia chamado, retrocedeu, com os dentes arreganhados por um sorriso de contentamento.

Foi então que Tarzan observou, pela primeira vez, que os caninos do lábio superior do sujeito eram excessivamente compridos e muito afiados. Foi precisamente depois de haver-lhe lançado um rápido olhar, que ele saltou do chão para o meio das árvores, e com visível consternação dos leões, e do dono deles mergulhou no aranhol do terraço inferior, gritando para trás das costas, enquanto corria rapidamente para diante:

— Eu sou Tarzan dos Macacos, grande caçador e forte batalhador! Não há na selva ninguém mais poderoso, nem mais astuto do que Tarzan.

Um pouco além daquele ponto onde havia sido cercado, Tarzan voltou de novo a caminhar pelo trilho e a farejar o cheiro de Bertha Kircher e do tenente Smith-Oldwick. Sentiu-o bem depressa e, por isso, continuou a jornada em procura dos seus dois protegidos. O cheiro estendia-se pelo trilho afora, por cerca de meia légua, até que o caminho repentinamente desembocou da floresta em campo aberto, e ali os olhos estarrecidos do homem-macaco deram com as abóbadas e minaretes de uma cidade murada.

Bem diante dele, na muralha que lhe ficava mais próxima, viu Tarzan uma porta de arcos baixos, à qual chegava uma estrada bem feita, ligada ao trilho que estava percorrendo. No espaço que se estendia entre a floresta e as muralhas da cidade, havia grande quantidade de plantas, árvores frutíferas, legumes e flores, e ali, adiante dele, a seus pés, serpeava um regato, cujo leito fora cavado pela mão do homem. As plantas de jardim estendiam-se em bem espacejadas e simétricas fileiras e pareciam ter merecido dos seus cultivadores cuidados especiais. Entre as filas de árvores corriam pequenos fios de água, tirados do rego superior, e, um pouco além, para o lado direito, pôde Tarzan avistar alguma gente que trabalhava em meio do pomar.

A muralha da cidade parecia ter cerca de dez metros de altura e era toda caiada, exceto nos vãos. Além da muralha, erguiam-se abóbadas de diferentes tamanhos, e muitos minaretes furavam o céu da cidade. A abóbada central, que era a maior de todas, parecia dourada, enquanto as demais eram vermelhas, azuis ou amarelas. A arquitetura da muralha era de grande simplicidade. Em sua base havia uma linha de arbustos bem tratados, e, a alguma distância para

o lado oriental, estendia-se um parreiral, que a cobria de alto a baixo.

Enquanto permanecia naquele desvão do caminho e seus olhos penetrantes apanhavam cada pormenor do quadro que se lhe antolhava ali, Tarzan não deixou de acautelar-se quanto à aproximação do bando que deixara à retaguarda, pois começou a sentir o cheiro do homem e dos leões, aos quais havia escapado com tanta presteza e felicidade. Segurando-se às árvores, Tarzan andou um pouco para oeste, e, achando-se vim pouco confortável à beira da floresta, numa árvore da qual podia espiar a estrada que cortava os jardins em direção à porta da cidade, ali aguardou o regresso dos seus apresadores logrados. Não tardou a ver o esquisito homem, acompanhado pela matilha de grandes leões. Estes se moviam atrás dele, como cachorros, em direção à cidade.

Chegando à porta, o homem bateu-lhe nos caixilhos com o conto da lança, e, mal se abriu ela em resposta ao seu sinal, ele a transpôs com os leões. Além daquela porta aberta, Tarzan, do seu distante poleiro, pôde apenas lobrigar um ligeiro sinal de vida no interior da cidade, o bastante, contudo, para mostrar-lhe que havia ali outras criaturas humanas. A porta fechou-se imediatamente.

Compreendeu que a rapariga e o moço inglês, aos quais tanto desejava socorrer, tinham sido levados presos para o interior daquela cidade. Que sorte lhes estaria ali reservada ou o que já podia ter-lhes acontecido, não lhe era lícito conjecturar, nem sequer se lhe possibilitava saber se os dois estavam encarcerados dentro daquelas muralhas inacessíveis. Mas de uma coisa estava certo: era de que, se tinha que ajudá-los, não o podia fazer de fora dos muros. Devia, portanto, entrar primeiro na cidade, — e não duvidava de consegui-lo, — e, uma vez lá dentro, os seus sentidos apurados lhe haviam de permitir achar os esconderijos daqueles a quem procurava.

O sol poente estava lançando longas sombras por sobre os jardins, quando Tarzan viu os trabalhadores que voltavam dos campos cultivados ao oriente. Chegou primeiro um homem, o qual fez ali baixar pequenas comportas ao longo do largo rego de água corrente, interceptando assim os filetes que regavam a terra entre os renques de árvores crescidas, e atrás dele chegaram outros homens, que em cestos de palha, suspensos às costas, traziam considerável porção de legumes frescos. Tarzan ainda não havia descoberto que houvesse ali tanta gente empregada na cultura dos campos. Só se capacitou disso, quando viu, ao cair do dia, aquela procissão que vinha do lado de leste, trazendo para a cidade as ferramentas de trabalho e os produtos da lavoura.

E, então, para ver melhor, o homem-macaco subiu aos ramos mais altos de uma árvore corpulenta, donde sobrepujava a muralha mais próxima. Daquele excelente ponto de observação, verificou que a cidade era comprida e estreita e que, enquanto a muralha exterior formava um retângulo perfeito, as ruas urbanas eram tortas. Na

parte central havia um edifício baixo e caiado, em redor do qual se ostentavam as construções mais elevadas e, à luz esvaecente do sol, Tarzan julgou lobrigar entre dois dos edifícios um reflexo de água, mas de que espécie de água, não estava certo. A sua experiência dos núcleos de civilização naturalmente o compelia a acreditar que aquela área central era uma praça, em torno à qual se agrupavam os estabelecimentos mais importantes, e que seria ali que, logicamente, devia iniciar suas pesquisas para descobrir Bertha Kircher e o tenente Smith-Oldwick.

Naquele momento, já o sol se escondera de todo, e a escuridão envolvera rapidamente a cidade, — uma escuridão que, para o homem-macaco, ficava mais acentuada do que diminuída pelas luzes artificiais que imediatamente apareceram em muitas das janelas acessíveis à sua visão.

Tarzan notara que os tetos da maior parte dos edifícios eram chatos, constituindo poucas exceções os das casas que ostentavam ali uma arquitetura mais pretensiosa. O homem-macaco não podia imaginar como era que havia surgido uma tal cidade naquela esquecida parte da inexplorada África. -Melhor que ninguém, conhecia ele muitos dos segredos obscuros do Grande Continente Negro, isto é, enormes extensões, que até então não haviam sido tocadas pelo pé do homem civilizado. Entretanto, mal podia crer existisse ali uma cidade daquele tamanho e aparentemente tão bem construída, para o uso e gozo de gerações sem intercâmbio algum com o mundo exterior. Mesmo achando-se ela rodeada por um vasto e impávido deserto, como bem via, custava-lhe conceber que gerações e gerações de homens houvessem ali nascido e morrido, sem sequer tentarem revelar os mistérios do mundo, que ficava além dos confins daquele seu pequeno vale.

Desde que caíra a noite, começaram a erguer-se das profundezas da selva os gritos dos grandes felinos, a voz de Numa misturava-se com a de Sheeta, os trovejantes urros dos grandes machos repercutiam, através da floresta, até quase fazer tremer as muralhas da cidade, e de dentro dela lhes respondiam os rugidos de outros leões.

Ocorrera a Tarzan um plano fácil para lograr entrada na cidade, e, agora, que caíra a noite, apressou-se a pô-la em execução: O seu êxito dependia inteiramente da resistência das parreiras que vira cobrindo a muralha para o lado de leste. Dirigiu-se, portanto, para aquele ponto, no momento em que ouvia, ainda mais aumentados de volume e ferocidade, os gritos dos carnívoros. Havia, quando muito, entre a floresta e a muralha da cidade, um quarto de légua, — um quarto de légua de terra cultivada, em que não se via uma única árvore. Tarzan dos Macacos compreendeu os limites que não devia ultrapassar, pois sabia que seria o mesmo que chamar a morte sobre si o ser agarrado, naquele raso campo, por algum dos grandes leões negros da floresta. Conforme já havia desconfiado, Numa do mundéu era um espécime dos leões

florestais daquele rincão.

Por isso, tudo dependia exclusivamente de sua astúcia e de sua agilidade, e, mais ainda, da sorte de que a parreira lhe suportasse o peso.

Dirigiu-se, então, para o terraço médio, onde o caminho é sempre mais fácil, chegando a um ponto oposto a uma parte do vinhedo da muralha, e ficou ali à espreita, ouvindo e farejando, até que pudesse assegurar-se de que não havia leão algum naquelas imediatas redondezas, ou, pelo menos, que nenhum o tivesse visto. E, uma vez inteiramente convencido de que não havia ali nenhum leão para o lado da floresta e nenhum na clareira que o separava da muralha, saltou rapidamente em terra e atirou-se apressadamente para diante.

A luz, que se erguera e então precisamente transpunha as colinas orientais, lançou os seus fúlgidos raios sobre a longa extensão dos jardins que ele tinha de percorrer até a muralha. E, assim, ficou exposta, em pleno relevo, a quaisquer olhos curiosos que porventura se volvessem para aquele lado, a gigantesca figura do homem-macaco a mover-se naquela clareira. Foi, decerto, por isso, que um leão que andava naquele momento a caçar pela borda da mata, lobrigou o vulto de Tarzan a meio-caminho entre a floresta e a muralha. Aos ouvidos do Tarmangani chegou subitamente um urro ameaçador. Não era o rugido de um leão faminto, e, sim, o de um leão enfurecido, e, olhando para o ponto do qual lhe parecera ter partido o urro, avistou uma fera formidável saindo das sombras da floresta em direção a ele.

Mesmo ao luar e a distância, viu Tarzan que o leão era enorme e que certamente pertencia àquela raça de monstros de juba negra, semelhante a Numa do mundéu. Por um instante, teve ímpetos de parar e combater, mas, ao mesmo tempo, acudiu-lhe ao espírito o pensamento de que, além dos muros daquela cidade, estava encarcerada uma rapariga, que, sem dúvida, esperava pelo seu socorro, e então, sem mais hesitar, Tarzan dos Macacos tocou-se para a frente, em direção à muralha. Foi então também que Numa se moveu para atacá-lo.

Numa, o leão, pode correr velozmente por uma curta, distância, mas não dispõe de muito fôlego. Para o período, de um ataque ordinário, pode, sem dúvida, percorrer a terra com rapidez maior do que a de quaisquer outras criatura deste mundo, Tarzan, por sua vez, podia correr com grande ligeireza por longas distâncias, ainda que nunca tão rápida mente quanto Numa, quando este atacava.

A sua sorte dependia, então, de poder ele, naquela arrancada, ganhar alguns segundos sobre Numa, mesmo assim, ainda o leão poderia ter algum resto de força para persegui-lo a passo reduzido, cobrindo a distância que o separava da muralha.

Nunca antes, talvez, foi dada a espetáculo uma corrida mais sensacional e, entretanto, teve ela por únicas testemunhas a lua e as estrelas. Sozinhos e em

silêncio, aqueles dois animais atravessaram a clareira, iluminada pelo luar. Numa venceu em celeridade ao homem: entretanto, a cada salto da fera, Tarzan cada vez mais se avizinhava do vinhedo que cobria a muralha. Só uma vez o homem-macaco olhou para trás. Numa achava-se tão perto dele, que parecia inevitável agarrá-lo no salto seguinte, em tais aperturas, o homem-macaco empunhou a faca, enquanto continuava a correr, pois não queria deixar de dar boa conta a si mesmo nos derradeiros instantes da vida.

Numa, porém, havia já chegado aos últimos limites do seu fôlego. A sua velocidade começou a diminuir gradativamente, sem que, por isso, interrompesse aquela perseguição, e Tarzan compreendeu quanto o seu destino dependia então do vinhedo ali em frente.

Se, no começo da corrida, somente Goro e as estrelas é que tinham contemplado aqueles contendores, assim já não acontecia no final dela, porquanto de um dos vãos do alto da muralha dois pequenos olhos negros não perdiam de vista o homem e o leão. Tarzan estava a uns dez metros adiante de Numa quando chegou perto da muralha. Não podia deter-se ali, à espera de procurar na vinha troncos robustos e garras fortes. A sua vida estava nas mãos do acaso. Assim pensando, deu um pulo final sobre a videira. e, correndo, como um gato, sobre ela, até o ponto que em ela se lançava sobre a muralha, agarrou-se firmemente a tudo quanto lhe pudesse sustentar o peso do corpo. Atrás dele, Numa também saltou sobre o parreiral.

CAPÍTULO 18

Em poder dos loucos

Quando os leões se arrojaram em bando sobre os dois homens que a defendiam, Bertha Kircher encolheu-se no fundo da caverna, presa de uma subitânea paralisia de terror, agravada, talvez, pelos longos dias de tremendos abalos nervosos que havia sofrido.

Misturados com os urros dos leões, percebera vozes de homens, e, cessado o tumulto, notou a presença de um ser humano que se avizinhara dela, e que mãos humanas a levantavam e conduziam. Estava escuro, de sorte que ela, que nada podia ver, não descobriu sinal algum do oficial inglês, nem do homem-macaco. O homem, que tomou conta dela, mantinha a distância os leões com uma arma que lhe pareceu uma pesada lança, com o conto da qual batia ele nas feras. O sujeito tirou-a da caverna, enquanto gritava coisas que lhe pareceram ordens e avisos aos leões.

Uma vez fora da gruta e pisando já as finas areias do solo do desfiladeiro, os objetos tornaram-se-lhe mais distintos, e só então viu que havia outros homens no bando e que dois deles metade guiava e metade carregava a titubeante figura de um terceiro, em quem ela conjecturou reconhecer Smith-Oldwick.

Durante algum tempo, os leões fizeram frenéticos esforços para agarrar os dois prisioneiros, mas os homens do bando sempre logravam afastá-los a golpes de lança. Era patente que aqueles sujeitos não tinham medo algum das grandes feras que saltavam e rosnavam em redor deles. Conduziam-nas tão facilmente, como quem dirige matilha de cães turbulentos. Ao longo do leito de um antigo curso de água, que correu outrora por aquela garganta, fizeram a jornada, e, quando o dilúculo pressagiou, no horizonte oriental, o raiar da aurora, detiveram-se por um momento à beira de um declive, que pareceu à rapariga, na estranha luz da noite esvaecente, um vasto precipício sem fundo. Quando, porém, os seus aprisionadores reencetaram a marcha e a luz do novo dia raiou mais forte, percebeu que estavam descendo em direção a uma densa mata.

Uma vez sob as grandes árvores de ramos arqueados, tudo era de novo escuridão profunda. Tais trevas não foram espancadas, senão quando o sol transpôs finalmente as colinas orientais. Só então pôde ela ver que estavam percorrendo um trilho de caça, largo e bem batido, através de uma floresta virgem. A terra estava bastante seca para um matagal africano, e a vegetação que a cobria, embora densa e viçosa, não era tão exuberante e impenetrável como as que estava acostumada a ver em bosques idênticos. À semelhança das árvores e arbustos que crescem em terras desprovidas de água, não havia ali o cheiro de mofo, peculiar da vegetação caída,

nem miríades de pequenos insetos, que proliferam nos lugares úmidos.

À medida que se adiantavam e que o sol subia no horizonte, ouviram-se as vozes da vida da selva, em notas discordantes e em alta celeuma em torno deles. Inúmeros macacos careteavam e guinchavam nos ramos mais altos, enquanto pássaros de brilhante plumagem tatalavam as asas aqui e acolá. Averiguou ela, então, que os seus aprisionadores lançavam freqüentemente olhares apreensivos em direção aos pássaros e, em certas ocasiões, pareciam dirigir-se aos alados habitantes da floresta.

Um incidente causou-lhe, logo depois, a mais viva impressão. O homem que lhe ia à frente era um sujeito de robusta envergadura, entretanto, quando um papagaio multicolor desceu dos ares em direção a ele, o possante indivíduo caiu de joelhos em terra, e, cobrindo o rosto com as mãos, inclinou-se até tocar o chão com a cabeça. Enquanto isso, os outros observavam e riam nervosamente. O homem, afinal, ergueu a cabeça e olhou para o alto, vendo que o pássaro tinha ido embora, pôs-se em pé e recomeçou a marcha para diante.

Naquela rápida parada, Smith-Oldwick- foi conduzido para o lado da rapariga pelos homens que o estavam amparando. Tinha sido bastante contundido por um dos leões, mas se achava já em condições de andar sozinho, embora ainda extremamente fraco, em consequência do choque e da perda de sangue.

— Em que belo estado fiquei eu, hein? disse-lhe ele, indicando o corpo ensangüentado e a cabeça desgrenhada.

— Não foi brinquedo! respondeu ela. Espero, entretanto, que você não esteja sofrendo muito.

— Não tanto quanto eu próprio esperava, replicou ele,. mas sinto-me fraco como um pateta. Que espécie de gente são estes bandidos, sabe-o você?

— Não sei, não! redargüiu ela. O que me parece é que há nos seus gestos algo de perigoso.

O oficial inglês observou, por um momento, a um dos seus aprisionadores, que ali estava bem perto dele, e, em seguida, dirigindo-se à rapariga, perguntou-lhe:

— Você já visitou algum dia um hospício de alienados? Ela o encarou numa rápida compreensão e, com uma

expressão de horror no olhar, exclamou:

— Ê isso mesmo!

— Eles têm todos os estigmas da loucura, acrescentou o jovem inglês. O branco dos olhos ostentando-se enorme em redor da íris, o cabelo crescendo duramente ereto sobre o crânio e descendo demasiado sobre a fronte, até o seu gesticular e maneirismos, tudo é neles indício de fraqueza mental.

A rapariga estremeceu.

— Outra coisa, continuou o inglês, que a ninguém pode parecer normal, é que eles não receiem os leões e tenham tanto medo dos papagaios.

— É verdade, disse a rapariga. E você não reparou que os pássaros andam sem medo algum entre eles, ou, melhor, que até parecem desprezá-los? Tem você alguma idéia da língua que eles falam?

— Não, respondeu o moço, por mais que me haja esforçado em tal sentido. Não se parece com um só dos diversos dialetos indígenas de que possuo algum conhecimento.

— Realmente, não soa, de todo, como uma língua indígena, disse Bertha, mas há algo de familiar nela. Tem-me parecido, muitas vezes, que cheguei ao ponto de entender o que eles estavam dizendo, ou, ao menos, que já ouvi anteriormente alguma coisa de semelhante língua, mas, afinal não atinjo nunca a resultado algum.

— Duvido que você tenha ouvido algum dia semelhante linguagem falada, ponderou o inglês. Este povo deve estar vivendo há séculos neste vale fora do caminho, e, caso tenha conservado, sem alteração, a língua dos seus antepassados, o que é para duvidar, deve ser alguma língua que há muito deixou de ser falada no mundo exterior.

Em certo ponto onde um curso de água atravessava o caminho o bando fez alto, para que os leões e os homens se dessedentassem. Eles indicaram aos prisioneiros, por gestos, que também deviam matar a sede. Quando porém, Bertha Kircher e Smith-Oldwick, acurvando-se, começaram a beber a clara e fria água do riachinho, foram subitamente sobressaltados pelo tonitroante rugido de um leão, que estava a curta distância em frente deles. Imediatamente os leões, que se achavam ali em redor deles, dirigiram ao recém-vindo uma tremenda resposta, movendo-se inquietos donde viera o inesperado rugido ou então para os seus donos, dos quais algumas das trigueiras feras escapuliram. Os homens meteram nos respectivos boldriés os sabres, — as tais armas que haviam despertado a curiosidade tanto de Smith-Oldwick quanto de Tarzan, — e empunharam com firmeza as suas compridas lanças.

Evidentemente, havia leões e leões. Enquanto aqueles homens singulares não manifestavam receio algum das feras que os acompanhavam, era fora de dúvida que a voz do leão recém-vindo exercera sobre eles um efeito inteiramente contrário, ainda que eles próprios parecessem menos aterrorizados que os leões. Nenhum deles, contudo, deixou perceber qualquer sinal de que tencionasse fugir, ao contrário, todo o bando avançou pelo trilho afora, em direção aos rugidos minazes. Enfrentou-os de repente, bem no centro do caminho, um leão preto, de proporções gigantescas. A Smith-Oldwick e à rapariga parecia ser o mesmo leão que haviam encontrado na

planície e do qual Tarzan os livrara. Não era, porém, o Numa do mundéu, embora com o mesmo se parecesse extraordinariamente.

A escura fera parou bem no meio da estrada, sacudindo violentamente a cauda e rugindo ameaçadoramente contra o bando que para ela avançava. Os homens açulavam as suas próprias feras, que urravam e ganiam, mas hesitavam em atacar. Perdendo evidentemente a paciência e plenamente cômico da sua força, o intruso com a cauda ainda mais ereta, arremessou-se para a frente. Alguns dos leões do bando fizeram uma semicorajosa tentativa para obstruir-lhe a passagem, mas fora como se quisessem colocar-se sobre os trilhos onde ia passar um trem expresso. Com efeito, aterrorizando-os com gritos, unhas e dentes, a formidável fera saltou rápida sobre um dos homens. Doze lanças foram enristadas contra ela e contra ela doze sabres saíram das bainhas: eram armas brilhantes, afiadas como navalhas, porém naquele momento improficuas em vista da terrífica celeridade da fera atacante.

Duas lanças, que lhe entraram nos flancos, serviram apenas para enfurecê-la ainda mais, porque, com rugidos demoníacos, se apoderou do infortunado homem que havia escolhido para sua presa. Pouco diminuindo a veemência do ataque, agarrou o sujeito pelos ombros e, voltando velozmente em ângulo reto, saltou no mais denso da folhagem que flanqueava o caminho, e foi-se embora, carregando a sua vítima.

Tão rapidamente havia tudo isso ocorrido que a formação do pequeno bando pouco se alterou. Não houve oportunidade de combater, se é que isso foi realmente desejado, tanto que agora, que o leão partira com a sua presa, não fizeram os homens movimento algum para persegui-la. Detiveram-se ali apenas o tempo suficiente para reunir os dois ou três dos seus leões, que se haviam escapado, e em seguida recomeçaram a marcha para diante.

— Deve ser isto um incidente cotidiano entre eles, a julgar pelo efeito que lhes causou, observou Smith-Oldwick à rapariga.

— Realmente, disse ela, não parecem ter ficado surpresos, e, evidentemente, estão agora convencidos de que o leão, tendo tomado o que veio buscar, não os molestará mais adiante.

— Tinha eu pensado, disse o inglês, que os leões das florestas dos Wamabos eram os mais ferozes do mundo, mas não passam de pequenos gatos malhados em comparação com estes formidáveis demônios pretos. Você já viu alguma façanha de mais soberana intrepidez ou mais terrivelmente irresistível do que o ataque de há pouco?

Por enquanto, caminhavam lado a lado, e os seus pensamentos e conversação concentravam-se nos derradeiros acontecimentos, até que, saindo da floresta,

avistaram de repente uma cidade murada e uma extensa área de culturas. Nenhum deles pôde conter uma exclamação de surpresa.

— Oh! bradou Smith-Oldwick, aquela muralha é um bom trabalho de engenharia!

— Veja quantas abóbadas e minaretes tem a cidade! gritou a rapariga. Deve ser um povo civilizado o que mora além daquela muralha. Fomos, talvez, afortunados, ao cairmos em suas mãos.

Smith-Oldwick sacudiu os ombros e disse:

— Assim também espero, embora não possa ter muita confiança numa gente que se acamarada com leões e tem medo de papagaios. Não pode deixar de ter macaquinhos no sótão...

O bando seguiu campo afora pelo trilho até uma porta arqueada, a qual foi aberta ante os gestos de um dos aprisionadores, que lhe percutiu com o conto da lança os pesados batentes de madeira. Transpondo-a, entraram numa rua estreita, que antes parecia uma continuação do trilho por onde vieram da floresta. De ambos os lados, havia construções que chegavam até a muralha e enfrentavam a estreita e sinuosa rua, visível apenas por uma curta distância. As casas eram geralmente de dois andares dos quais o superior entestava com a rua, ao passo que as paredes do primeiro ficavam recuadas cerca de três metros, uma série de colunas e arcos singelos sustentavam o frontispício do segundo andar e formavam uma arcada de ambos os lados da estreita via pública. i

A parte central da rua não era calçada, mas o passeio das arcadas era feito de pedras de várias formas e tamanhos, cuidadosamente enterradas e unidas sem cimento. Tal sistema de calçamento patenteava uma grande antigüidade, além de haver no centro do mesmo uma visível depressão, como a indicar que as pedras ali postas haviam sido gastas pela passagem de inúmeros pés alpercatados, durante vários séculos.

Naquela hora matinal, ainda havia por ali poucas pessoas, as quais eram do mesmo tipo dos aprisionadores. A princípio, os dois europeus só avistaram homens, mas, penetrando mais na cidade, deram com algumas crianças nuas, que brincavam na rua empoeirada. Muitos dos transeuntes revelaram grande surpresa e curiosidade com relação aos prisioneiros, e por vezes faziam perguntas aos guardas, que presumiam estar com os mesmos em íntimas relações, enquanto pareciam não se preocupar absolutamente com eles.

— Eu bem desejara compreender a sua estranha linguagem! exclamou Smith-Oldwick.

— Eu também, disse a rapariga, pois gostaria de perguntar-lhes que é que pretendem fazer de nós.

— Isso seria muito interessante, obtemperou o inglês. Eu próprio tenho andado a revelar muita curiosidade em torno desse assunto.

— Não me agrada a maneira pela qual são afiados os seus dentes caninos, disse a rapariga. Isso é muito característico de alguns povos canibais, que tenho visto.

— Mas você realmente acredita que sejam canibais? perguntou-lhe o jovem. Você já viu algum povo branco enfileirado no grupo dos canibais, já viu?

— Mas então este povo é branco? interrogou Bertha.

— Que não são negros, é mais do que certo, retrucou o homem. A pele deles é amarela, porém não se parece exatamente com a dos chineses, e as suas feições não são absolutamente chinesas.

Foi nessa ocasião que se lhes deparou a primeira mulher indígena dali. Era, a muitos aspectos, semelhante aos homens, embora sua estatura fosse menor e sua figura mais simétrica. Seu rosto era mais repulsivo que o dos homens, provavelmente em razão de tratar-se de um indivíduo do sexo feminino, o que mais lhe acentuava as idiossincrasias: olhos apertados, lábios pendentes, colmilhos pontiagudos e cabelo escorrido. Este era mais comprido, mais denso e mais duro que o dos homens, descendo-lhe sobre as espáduas, onde era amarrado por um laço de fita colorida. Consistia o seu único vestuário em uma faixa de fibras vegetais que trazia apertadamente amarrada em redor do corpo, desde a parte inferior dos seios nus até por baixo dos quadris. Pedacos de metal brilhante, parecido com o ouro, ornamentavam-lhe o coque e a faixa. Não usava em qualquer outra parte nenhuma jóia. Seus braços eram delicados e formosos, tinha também as mãos e os pés bem proporcionados e simétricos.

Chegou-se para perto do bando que passava e dirigiu a palavra aos guardas, que não lhe prestaram a menor atenção. Tiveram, assim, os prisioneiros uma oportunidade de observá-la bem de perto, pois ela os acompanhou por um pequeno trecho.

— Um corpo de huri, observou Smith-Oldwick, com cara de imbecil!

A rua que seguiam era cortada, em intervalos irregulares, por becos, que, bem examinados, não eram menos tortuosos do que a via pública, por onde estavam sendo conduzidos. As casas eram pouco diferentes umas das outras. Apresentavam, por vezes, algumas modificações de pintura ou outra qualquer tentativa de decoração arquitetônica. Através das portas e janelas abertas, percebiam que as paredes interiores das casas eram muito fracas e que todas as aberturas eram muito pequenas, como se aquele povo as tivesse construído contra um excessivo calor, o que eles julgavam imprescindível àquele vale enterrado profundamente num deserto africano.

Mais adiante, depararam-se-lhes construções de maior vulto, aproximando-se delas, convenceram-se de ter já chegado ao que evidentemente era o setor comercial da cidade. Havia ali numerosas lojas e bazares, estabelecidos entre as casas de residência, e sobre as portas dos mesmos viram tabuletas pintadas, cujas letras eram muito parecidas com as de origem grega, embora não fossem gregas, como Smith-Oldwick e a rapariga, que conheciam a língua helênica, imediatamente verificaram.

Smith-Oldwick, a esse tempo, estava começando a sentir mais agudamente a dor das feridas e a conseqüente fraqueza, agravada seriamente pela perda de sangue. Ele cambaleou, ao ponto de quase tombar em terra, e a rapariga, vendo-o em tal estado, ofereceu-lhe o braço.

— Não, recusou ele delicadamente, você já deve estar também muito fatigada, para suportar agora mais um fardo extraordinário.

Mas, embora fizesse um valente esforço para acompanhar os seus aprisionadores, não deixava nunca de atrasar-se, e, pela primeira vez, os guardas manifestaram certa disposição para usarem de brutalidade com ele.

Era um sujeito possante o que marchava à esquerda de Smith-Oldwick. Por diversas vezes segurou ele o braço do oficial inglês e o empurrou pouco gentilmente para diante. Quando, porém, o prisioneiro começou a atrasar-se seguidamente, o sujeito foi subitamente tomado por um perfeito delírio de raiva. Agadanhou o homem ferido, batendo-lhe violentamente com os punhos cerrados, e, atirando-o depois em terra, apertou-lhe a garganta com a mão esquerda, enquanto com a destra levantava sobre ele o seu comprido e afiado sabre. Gritando terrivelmente, volteou-lhe a lâmina por cima da cabeça.

Os outros homens detiveram-se ali em redor e ficaram a olhar a façanha, sem nenhuma particular manifestação de interesse. Era o mesmo que se alguém do bando houvesse parado para amarrar uma sandália e os demais do bando o aguardassem, até que estivesse pronto a marchar novamente. Se os seus aprisionadores eram indiferentes àquela brutalidade, Bertha Kircher não o podia ser. Embora a enchessem de terror aqueles olhos apertados e chamejantes, aqueles afiados dentes em arreganho e aqueles medonhos gritos, — o estúpido e desenfreado ataque a um homem ferido despertou nela o espírito de proteção aos fracos, inerente a todas as mulheres. Esquecida de tudo, exceto de que um homem doente e indefeso estava sendo assassinado brutalmente ante seus olhos, a rapariga transpôs toda a órbita da sua natural descrição, e, correndo em socorro de Smith-Oldwick, segurou o braço da guinchante criatura, que manejava o sabre por sobre o inglês prostrado.

Agarrando-se desesperadamente ao sujeito, ela o empurrou para trás com todo o seu peso e com toda a sua força, de modo que conseguiu fazê-lo oscilar sobre as pernas e estender-se de costas no chão. Ao tentar libertar-se dela, ele revelara a

força dos dedos que seguravam o punho do sabre, o qual, mal caiu em terra, foi imediatamente apanhado pela rapariga. E, agora, bem ereta ao lado do corpo caído do oficial inglês, Bertha Kircher, com a afiada arma firmemente segura nas mãos, enfrentou corajosamente os seus aprisionadores.

Era uma figura imponente: as próprias roupas, sujas e amarrotadas, e a cabeleira desgrenhada, nada lhe tiravam da esplêndida bravura. O indivíduo, que ela fez cair de rojo a seus pés, passou, em um instante, por uma transformação radical. A raiva demoníaca mudou-se repentinamente na convulsão de um riso histérico, de sorte que a rapariga não sabia qual das situações era a mais terrificante. Os outros homens detiveram-se ali perto, a contemplá-lo, com inanes trejeitos nos rostos amarelos, enquanto aquele, de quem a rapariga tomara a arma, saltava para cima e para baixo, estrebuchando-se de risos. Se Bertha Kircher precisasse de mais provas, para convencer-se de que ela e o oficial inglês haviam caído em poder de um povo amalucado, os gestos daquele homem seriam mais que suficientes. A raiva subitamente descontrolada e, aquela risada igualmente descontrolada e lúgubre ainda mais lhe punham de manifesto os atributos faciais da idiotia.

Compreendendo, de relance, quão mal aviada se encontrava ela para o caso de que algum daqueles homens tentasse dominá-la, e movida também por uma súbita revulsão de sentimento, que quase lhe acarretara uma náusea de desgosto, — a rapariga atirou a arma em terra, aos pés do maníaco que continuava a rir, e, dirigindo-se para o oficial inglês, ajoelhou-se ao seu lado.

— Foi pasmoso o que você fez, disse-lhe ele, mas você não devia ter agido assim. Não convém irritar esses homens. Creio que eles todos são loucos, e você bem sabe que ninguém deve jamais contrariar a um louco.

Ela sacudiu a cabeça e ponderou-lhe:

— Eu não podia vê-lo matar você.

Um repentino clarão brilhou nos olhos do jovem, quando ele estendeu a mão e segurou os dedos de Bertha.

— Então você se afligiu, agora, por minha causa? perguntou-lhe ele. Pode você dizer-me que me ama. ao menos um bocadinho?

Ela não retirou a mão presa na dele, mas sacudiu a cabeça tristemente. E respondeu-lhe:

— Eu não devia dizê-lo mas a verdade é que eu tenho somente por você a maior estima possível.

O clarão esvaeceu-se nos olhos do jovem e seus dedos soltaram a mão da moça, a quem ele sussurrou:

— Perdoe-me, por favor! Eu queria esperar até que saíssemos desta enrascada e que eu visse você a salvo no seio da sua própria gente. Mas isso, que eu disse, me veio da luta ou de qualquer outra coisa semelhante, assim como ter visto você a defender-me a vida, como fez heroicamente. De outra forma, eu não diria o que disse, e realmente não devo agora, dizer mais nada a você, não é assim?

— Que é que quer dizer com isso? perguntou-lhe ela prontamente.

Ele estremeceu e sorriu tristemente.

— Não sairei mais desta cidade vivo, respondeu ele. Eu não diria a você, se não tivesse a certeza de que você o sabe tão bem quanto eu. Fui muito maltratado pelo leão, e, agora, este maluco quase me deu cabo da pele. Haveria alguma esperança, se estivéssemos em mãos de um povo civilizado. Mas, aqui, no meio destas criaturas mentecaptas, que é que poderemos esperar, mesmo que nos tratassem como amigos?

Bertha Kircher sabia que era verdade o que ele dizia, não podia, entretanto, admitir que Smith-Oldwick ia morrer. Ela o estimava muito. Realmente, o que mais deplorava era não poder amá-lo, pois reconhecia que não o amava.

Parecia-lhe que a qualquer rapariga seria fácil e agradável amar o tenente Haroldo Percy Smith-Oldwick, oficial inglês e membro da nobreza britânica, rebento de uma velha família, e ele próprio um rapaz de amplos recursos, bem conceituado e afável. Que mais poderia desejar uma rapariga do que o amor de semelhante homem? E que possuía o amor de Smith-Oldwick. Bertha Kircher não podia pô-lo em dúvida.

Ela suspirou, e, depois, passando caridosamente a mão pela testa do rapaz, disse-lhe como em segredo:

— Não perca ainda a esperança! Esforce-se por viver, por amor de mim, pois eu também me esforçarei por amar a você.

Foi como se uma vida nova penetrasse repentinamente nas veias do oficial inglês. A sua face iluminou-se imediatamente, e, com uma força que ele mesmo não julgava mais possuir, conseguiu pôr-se em pé, embora ainda algum tanto vacilante. A rapariga amparou-o, logo que o viu erguido.

Durante tudo isso, haviam eles estado completamente despreocupados do que se passava em torno. Finalmente, olhando para os seus aprisionadores, viram que eles tinham caído novamente na sua quase habitual maneira de estóica indiferença, até que, a um gesto do que parecia dirigir os demais, a marcha foi reencetada, como se ali não houvesse acontecido nenhum incidente desagradável.

Bertha Kircher também experimentara uma repentina reação em consequência da promessa que, num momento de exaltação, fizera ao oficial inglês. Reconhecia que tinha falado mais por causa dele do que por causa dela mesma, mas agora que tudo

era passado, compreendia, como compreendera um momento antes de haver falado, que não era provável pudesse ela querer-lhe pela forma que ele desejava. Mas, afinal, que é que lhe havia ela prometido? Somente que se esforçaria por amá-lo.

— E agora? perguntou ela a si mesma.

Presumia que pouca esperança poderiam nutrir de voltarem um dia ao seio da civilização. Mesmo que aquela gente se lhes mostrasse amistosa e os deixasse partir em paz, — como é que poderiam alcançar o litoral? Achando-se morto Tarzan, — como ela piamente cria, por ter-lhe visto o corpo inerte à boca da caverna, quando dali fora arrastada pelo seu aprisionador, — parecia-lhe não haver mais ninguém que os pudesse guiar a salvamento.

Os dois faziam raras referências ao homem-macaco, depois de aprisionados, porque cada um deles sabia bem quanto aquela perda os prejudicara. Tinham eles comparado as suas observações, relativas àqueles poucos e sobressaltados momentos, em que foram afinal atacados e aprisionados, e verificaram que as suas narrações eram perfeitamente acordes sobre tudo quanto ali ocorrera. Smith-Oldwick tinha chegado a ver o leão arremessar-se sobre Tarzan, no instante em que aquele fora despertado pelos rugidos das feras já à boca da gruta, e, embora a noite estivesse escura, pôde averiguar que o corpo do selvagem homem-macaco deixara completamente de mover-se desde que tombara, em consequência do assalto do leão.

E, apesar de tudo, se ainda poucos dias antes Bertha Kircher havia julgado a sua situação totalmente irremediável, agora já não estava mais disposta a admitir que para eles se achasse perdida qualquer esperança de salvação.

Os esquisitos homens e as esquisitas mulheres daquela esquisita cidade começaram a encher-lhe as ruas. Se alguns indivíduos paravam para vê-los, como se tivessem por eles grande interesse, outros passavam com olhares fixos no ar, como inconscientes do que ocorria em derredor, e não prestavam a menor atenção aos prisioneiros. Em certo ponto, ouviram estes horrível gritaria a um dos lados da rua, onde logo se lhes deparou um homem nos transe de um diabólico delírio de raiva, semelhante ao que haviam testemunhado por ocasião do recente ataque a Smith-Oldwick. Era uma criatura que desabafava a sua insânia sobre mísera criança, a quem alternadamente batia e mordia, parando só o tempo suficiente para gritar com freqüentes intervalos. Finalmente, quando os dois europeus passavam por defronte do lugar de tal cena, a criatura levantou nos braços o corpo contundido da criança e arremessou-o com toda a força ao meio da rua, após o que, girando e berrando loucamente, por sua vez se precipitou de cabeça para baixo sobre a calçada.

Duas mulheres e diversos homens tinham assistido àquela crueldade. Achavam-se a uma distância bastante grande dos europeus, de sorte que estes não puderam

averiguar se as suas expressões faciais revelaram piedade ou raiva. Seja como for, o certo é que nenhum deles quis intervir.

Alguns metros mais adiante, da janela de um segundo andar inclinava-se para a rua uma horrível megera, que ria a bandeiras despregadas, rebolando-se e fazendo medonhas caretas a todos os que por ali passavam. Muitos homens, entretanto, seguiam o seu caminho aparentemente atentos às obrigações que os chamavam, tão sisudos como os habitantes de qualquer comunidade civilizada.

— Deus meu! murmurou Smith-Oldwick, que lugar apavorante!

A rapariga voltou-se prontamente para ele e perguntou-lhe:

— Você ainda tem consigo a pistola?

— Sim, respondeu ele, escondia-a debaixo da camisa. Os bandidos não me revistaram, e a noite estava bastante escura para poderem perceber se eu trazia alguma arma comigo, ou não. Guardei-a com a esperança de que poderei despedir-me da vida por meio dela.

Bertha chegou-se para mais perto dele, tomou-lhe uma das mãos e suplicou-lhe:

— Guarde uma bala para mim, por favor! Smith-Oldwick olhou para ela, mas fechou os olhos muito depressa, pois que os sentiu molhados por lágrimas inabituais e desconcertantes. Tinha compreendido, em verdade, quão má era a situação de ambos ali, mas parecia-lhe que tudo devia cair sobre ele só: não julgava possível que quem quer que fosse fizesse mal àquela terna e formosa rapariga.

E que ela viesse a morrer, e a ser morta por ele, — era mais do que horrendo: era incrível, era inimaginável! Se antes já havia tido apreensões quanto ao destino dela, achava-se agora duplamente conturbado.

— Não posso absolutamente fazer o que você pede, Bertha! disse-lhe ele.

— Nem mesmo para salvar-me de alguma coisa pior do que a morte? perguntou-lhe ela.

— Eu não o faria nunca!

A rua pela qual estavam caminhando, terminou subitamente numa larga avenida. No extremo desta via-se um lago amplo e belo, cuja tranqüila superfície espelhava o claro azul do céu. Deparou-se-lhes ali uma paisagem inteiramente nova. Os edifícios eram mais altos e muito mais pretensiosos quanto à sua forma e decoração. A própria rua era calçada com mosaicos de um desenho bárbaro, mas esquisitamente belo. Na ornamentação das casas fizera-se considerável gasto de tintas, bem como grande quantidade do que parecia ser ouro em folhas. Em todas as decorações tinha sido utilizada, sob várias formas, a figura estilizada do papagaio, e, em menor número, as do leão e do macaco.

Os homens do bando conduziram os seus prisioneiros, por um pequeno espaço, até o passeio que beirava o lago, e, então, fazendo-os transpor uma porta arqueada, entraram com eles num dos maiores edifícios que entestavam com a avenida. Ali, logo à entrada, havia uma grande sala, cuja mobília constava de bancos e mesas de madeira maciça, sobre os quais se viam, esculpidas a mão, as inevitáveis imagens do papagaio, do leão e do macaco, predominando sempre, porém, a do papagaio.

Atrás de uma das mesas estava sentado um homem, que em nada diferia, tanto quanto os prisioneiros puderam observá-lo, dos homens do bando. Diante da dita pessoa o bando fez alto, e um dos homens que tinham conduzido para ali os prisioneiros fez o que parecia ser um relatório oral. Se se encontravam em presença de um juiz, de uma autoridade militar ou de um funcionário civil — não puderam os europeus descobrir, mas era, evidentemente, um chefe qual quer, porque, depois de escutar a narração que lhe foi feita, e durante a qual observava com muita atenção os dois prisioneiros, fez uma única e inútil tentativa para conversar com estes e, em seguida, deu algumas curtas ordens ao homem que lhe fizera o relatório.

Quase imediatamente dois dos homens do bando se aproximaram de Bertha Kircher e fizeram-lhe sinal para acompanhá-los. Smith-Oldwick levantou-se também, para ir junto com ela, mas foi interceptado por um dos seus guardas. A rapariga parou e virou-se para trás, dirigindo-se ao homem que estava sentado à mesa e indicando-lhe, pela gesticulação que melhor lhe ocorreu, que desejava fosse Smith-Oldwick em companhia dela, mas o sujeito se limitou a sacudir a cabeça negativamente e a ordenar aos guardas que a tirassem dali. O oficial inglês tentou ainda segui-la, mas foi novamente contido. Sentia-se ele demasiado fraco e indefeso, para insistir naqueles esforços em prol do seu desejo. Pensou na pistola que trazia debaixo da camisa: como, porém, tentar vencer toda uma cidade com tão poucas balas, quais as que ainda possuía?

Excetuada apenas a agressão que ele há pouco' havia sofrido, o jovem inglês e Bertha Kircher não tinham razão para crer que seriam maltratados pelos seus aprisionadores. Ele próprio raciocinou que era mais prudente evitar irritá-los, pelo menos até que se convencesse de que os intentos dos mesmos lhes fossem inteiramente hostis, a ele e a Bertha Kircher. Viu a rapariga afastar-se, e, antes que se lhe desaparecesse da vista, viu-a ainda voltar-se para ele e acenar-lhe com a mão, gritando:

— Seja feliz!

E foi-se embora.

Os leões, que ali tinham também entrado com o bando, haviam sido levados para fora da sala, por uma porta que ficava por detrás do homem que, sentado à mesa, examinara o caso dos dois prisioneiros. Em direção àquela mesma porta, dois dos

homens levaram agora Smith-Oldwick. Transpondo-a, achou-se ele em um comprido corredor, em cujas paredes havia outras portas, destinadas presumivelmente a diversos apartamentos do edifício. Ao fim do corredor, deparou-se-lhe uma pesada grade, através da qual se descortinava um grande pátio. Para ali foi conduzido o prisioneiro, que se achou de repente, acompanhado pelos dois guardas, em um vasto espaço aberto, limitado pelas paredes internas do edifício. Parecia mais um pomar, em razão das muitas árvores e arbustos que ali cresciam. Debaixo de algumas árvores havia bancos, assim como havia um banco ao longo da parede meridional. O que, porém, mais lhe despertou a viva atenção foi ver que os leões, os quais lhe haviam ajudado o aprisionamento e haviam acompanhado o bando no regresso à cidade, ali jaziam esparramados sobre o chão ou passeando inquietos aqui e acolá.

Os homens que o guardavam, pararam bem junto à porta^ e, depois de haverem trocado entre si algumas palavras, voltaram e reentraram no corredor. O oficial inglês ficou tomado de horror, quando teve a nítida compreensão do seu destino, e aquela terrível situação abalou-lhe ainda mais os nervos fatigados. Atirou-se rapidamente de encontro à grade e tentou abri-la, a fim de ganhar a salvo o corredor, mas achou-a sòlidamente trancada. Vendo, então, a improficuidade de qualquer esforço para franqueá-la, chamou, em voz estentorea, os homens que já se afundavam no corredor. A única resposta, que recebeu, foi uma risada alta e escarninha. Os dois homens não tardaram a sumir-se na longínqua extremidade do corredor, e, então, Smith-Oldwick ficou ali sozinho, no pátio, em companhia dos leões.

A história da rainha

NESTE meio tempo, Bertha Kircher era conduzida, pela praça, para o maior e mais pretensioso dos edifícios que a rodeavam. Cobria-lhe ele toda a largura de uma das extremidades. Tinha vários andares, à entrada principal, havia um paiol de largos degraus de pedra, em cuja base se erguiam, como em guarda, dois leões também de pedra, o topo era flanqueado por dois pedestais, encimados pela imagem, igualmente de pedra, de um grande papagaio. Ao avizinhar-se destas últimas esculturas, a rapariga observou que o capitel de cada coluna tinha a semelhança de um crânio humano, sobre o qual se empoleiravam os papagaios. Sobre o arco da porta de entrada e nas paredes do edifício, havia outras imagens de papagaios, leões e macacos. Algumas delas eram em baixo-relevo, outras, figuravam em mosaicos e outras, finalmente, eram pinturas murais.

As cores das últimas estavam, aparentemente, muito esfumadas pela ação do tempo, dando em resultado que o seu efeito fosse geralmente de suavidade e beleza. Os trabalhos de escultura e mosaico eram finamente executados, evidenciando, assim, um alto grau de gosto artístico. Ao contrário do primeiro edifício aonde fora ela conduzida naquela cidade, e cuja entrada não tinha portas, o em que agora ia penetrar possuía portas de madeira maciça. Nos nichos formados pelas colunas, que sustentavam o arco da porta, e junto à base dos pedestais dos papagaios de pedra, encostava-se uma vintena de homens armados. As suas túnicas eram de um amarelo muito vivo, e sobre o peito e costas das mesmas estava bordada a imagem de um papagaio.

Acabando ela de subir a escada, um daqueles soldados de túnica amarela adiantou-se e fez parar a escolta no topo dos degraus. Ali, trocaram algumas palavras. Enquanto estavam conversando, a rapariga notou que o homem que fizera parar a escolta, do mesmo modo que os outros seus companheiros que ela podia ver bem, lhe parecia, se possível era o fato, de mentalidade ainda mais baixa do que a dos bandidos que a haviam aprisionado.

O cabelo deles, grosso e cerdoso, crescia-lhes desde tão baixo na fronte, que quase se lhes unia às sobrancelhas, ao passo que a íris era menor, expondo-lhes ainda mais o branco do globo ocular.

Depois de curta troca de palavras, o homem de guarda àquela porta de entrada, como parecia ser, voltou-se e percutiu com o conto da lança um dos batentes, ao mesmo tempo que chamava para junto de si diversos companheiros, os quais se levantaram e lhe atenderam à ordem. Os grandes batentes começaram logo a ranger,

girando lentamente sobre os gonços, e, agora, que ficaram completamente abertos, pôde a rapariga ver atrás deles a força eficiente que os guardava: junto a cada um deles havia meia dúzia de negros nus.

Ao transpor aquela porta, os dois guardas de Bertha retrocederam, tendo sido substituídos por meia dúzia dos tais soldados de uniforme amarelo. Foram estes que a conduziram dali em diante, enquanto os negros, levantando pesadas cadeias, fechavam a porta atrás dela. Lançando-lhes um olhar, observou a rapariga, horrorizada, que aquelas pobres criaturas estavam acorrentadas à porta pelo pescoço.

Diante de Bertha, estendia-se agora um largo átrio, no centro do qual havia uma pequena piscina de água clara. Pelo chão e pelas paredes do pórtico, em novas combinações de cores e desenhos, abundavam imagens de papagaios, leões e macacos, muitas das quais pareciam ser de ouro. As paredes do corredor consistiam em uma série de arcos abertos, através dos quais se avistavam, de um e do outro lado, apartamentos espaçosos. O pórtico estava completamente desprovido de mobiliário, mas os quartos de ambos os lados tinham bancos e mesas. Algumas das paredes eram cobertas de reposteiros coloridos, ao passo que sobre o soalho havia felpudos tapetes de desenho bárbaro, assim como peles de leões e lindas peles de leopardos.

O primeiro salão à direita estava cheio de homens, cujos uniformes amarelos indicavam que eram soldados da nova guarda, das paredes do mesmo pendiam numerosas lanças e cintilantes sabres. Ao fim do corredor, um portal de degraus baixos terminava em outra porta fechada. Ali, a escolta de Bertha fez nova parada. Uma das sentinelas postas ali, depois de ouvir o relatório de um dos homens da escolta da rapariga, transpôs a porta, deixando-os do lado de dentro. Levou bem quinze minutos para voltar, e só então a escolta foi de novo substituída e Bertha conduzida para diante.

Passados três outros apartamentos, todos eles separados por portas de madeira maciça, junto a cada uma das quais a escolta de Bertha foi ainda substituída, foi, enfim, a rapariga introduzida em um quarto relativamente menor. A largos passos, movia-se no mesmo um homem de túnica escarlate, na frente e dorso da qual havia um enorme papagaio bordado, trazia ele à cabeça um cocar bizarro, encimado por um papagaio de pano.

As paredes daquele quarto achavam-se inteiramente cobertas de estofos, que continham centenas, senão milhares, de papagaios bordados. Os papagaios embutidos no soalho eram dourados, ao passo que, tão pintados quanto o podiam ser ali, os do teto eram de plumagem brilhante e traziam as asas espalmadas, como se estivessem para levantar o vôo.

Aquele homem, que se deparou ali à rapariga, era de estatura mais elevada do que todos os outros que ela, até então, havia visto na cidade. Era também muito mais gordo, e a pele dele, semelhante a um pergaminho, estava enrugada pelos anos. Contudo, seus braços nus patenteavam grande força, e seu andar não era ainda o de um velho. A expressão de seu rosto, porém, denotava quase absoluta imbecilidade. Era, enfim, a mais repulsiva das criaturas humanas em que Bertha havia posto os olhos.

Durante alguns minutos, continuou ele a passear irrequieto, para aqui e para acolá, naquele pequeno aposento, como se não houvesse dado pela presença da rapariga. Mas de repente, sem o menor aviso, e precisamente quando se encontrava no extremo do quarto, de costas voltadas para Bertha, girou ele sobre os calcanhares e atirou-se loucamente sobre ela. A rapariga involuntariamente recuou, estendendo as mãos abertas para diante, como para afastá-lo, nisto, entretanto, surgiram ao lado dela dois dos homens da escolta que a tinham levado para ali, os quais a seguraram e contiveram.

Embora corresse violentamente para ela, o homem de túnica escarlata parou junto à rapariga, sem a tocar. Por um momento, seus horríveis olhos, borlados de branco, cintilaram pesquisadoramente, mas bem depressa caiu ele num gargalhar de doido. Durante dois ou três minutos, ficou entregue àquele insano regozijo, até que cessando de rir tão de súbito quanto começara, iniciou o exame da prisioneira. Pegou-lhe no cabelo, na pele, no tecido da roupa que ela usava, e, por meio de sinais, ordenou à rapariga que abrisse a boca. Pareceu muito interessado neste último ponto, porquanto chamou a atenção de um dos guardas para os dentes caninos de Bertha e arreganhou a própria boca, para exhibir os seus afiados colmilhos à pobre rapariga.

Depois de tudo isso, recomeçou o seu passeio pelo quarto, ficando assim seguramente uns quinze minutos sem mais se preocupar com a prisioneira, de repente, porém, deu aos guardas uma curta ordem, e eles imediatamente a conduziram para fora dali.

Através de uma série de corredores e apartamentos, foi conduzida até uma estreita escada de pedra, que levava para o andar superior, indo parar, finalmente, junto a uma pequena porta, diante da qual estava de sentinela um negro nu, arma-

do de lança. A uma palavra de um dos guardas de Bertha, o negro abriu a porta, e o bando entrou num aposento de teto baixo, cujas janelas chamaram imediatamente a atenção da rapariga, por se acharem guarnecidas de pesadas barras de ferro. O quarto estava mobiliado como os demais que tinha visto em outras partes do edifício: as mesmas mesas e bancos de madeira lavrada, os mesmos tapetes sobre o soalho, a mesma ornamentação nas paredes, embora a todos os aspectos houvesse

ali mais simplicidade do que nos apartamentos do andar inferior. Em um dos cantos, havia um leito baixo, coberto por um tapete felpudo semelhante aos do soalho, exceto quanto ao tecido, que era muito mais fino. Estava sentada nele uma velha.

Quando Bertha Kircher avistou a ocupante do quarto, sentiu um ligeiro espasmo de espanto, pois reconheceu nela, imediatamente, uma criatura mais próxima da sua raça do que todas as outras que se lhe haviam até então deparado dentro dos muros daquela cidade. Era, de fato, uma velha, que a contemplava com melancólicos olhos azuis, encovados num rosto enrugado e sem dentes. Mas aqueles olhos eram os olhos de uma criatura normal e inteligente, e aquela face enrugada era a face de uma velha branca.

Vendo a rapariga entrar ali, a mulher levantou-se e foi-lhe ao encontro, o seu andar era tão fraco e vacilante, que teve de amparar-se num comprido bordão, em que se apoiava com ambas as mãos. Disse-lhe um dos guardas algumas palavras, após o que todos os homens se retiraram dali. A rapariga conservou-se em pé junto à porta, aguardando em silêncio o que poderia acontecer-lhe.

A velha veio parar em frente dela, erguendo os fracos e úmidos olhos para a linda face jovem da recém-vinda. Examinou-a dos pés à cabeça. Bertha Kircher, por seu lado, fazia o mesmo com relação à velha. Foi esta, porém, quem primeiro fez uso da palavra. Falou com uma voz fina e rachada, hesitantemente, gaguejadamente, como se se exprimisse numa língua estranha e empregasse palavras a que não estava habituada.

— Você é da Europa? perguntou ela a Bertha, em inglês. Oxalá possa você entender e falar esta língua!

— Inglês? exclamou a rapariga. Sim, de fato, eu sei falar inglês!

— Louvado seja Deus! gritou a velhinha. Eu mesma não sabia o que falar, para que você me pudesse entender. Há sessenta anos que só falo a maldita algaravia desta gente! Há sessenta anos que nunca mais ouvi falar a minha língua materna! Que infeliz sou eu! Que infeliz! E resmungou: Que execrando infortúnio lançou você às garras destes bandidos?

— Sois então inglesa? perguntou-lhe, admirada, Bertha Kircher. É verdade que ouvi de vós que sois inglesa e que estais aqui há sessenta anos?

A velha sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Faz já sessenta anos que nunca mais saí deste palácio. Venha comigo, acrescentou ela, estendendo à rapariga a mão ossuda, pois já sou muito velha e não posso estar em pé muito tempo. Venha comigo! Vamos sentar-nos ali no meu leito!

Bertha segurou a mão que lhe era oferecida e ajudou a velha a chegar até o lado oposto do aposento. Sentaram-se na cama, lado a lado.

— Pobre menina! Pobre menina! gemia a velha. Fora melhor ter morrido do que ter vindo parar aqui! A princípio, eu mesma pensei em suicidar-me, não o fiz, com a constante esperança de que um dia viesse alguém libertar-me, entretanto, ninguém veio até agora! Diga-me: como foi que você caiu nas mãos deles?

Muito resumidamente, a rapariga narrou-lhe os principais incidentes que terminaram pela sua captura por alguns dos bandidos residentes naquela cidade.

— Então há também um europeu, vindo com você, aqui na cidade? perguntou-lhe a velha.

— Sim, respondeu-lhe a rapariga. Não sei, porém, onde é que o puseram, nem o que intentam fazer dele. De fato, também não sei o que é que pretendem fazer de mim.

— Ninguém pode sequer conjecturá-lo, disse a velha. Estes homens mudam de idéia de momento a momento. Mas penso que você, minha pobre menina, nunca mais verá o seu amigo.

— Eles, entretanto, não vos mataram, lembrou-lhe Bertha, e vós, pelo que dizeis, já sois sua prisioneira há sessenta anos!

— Realmente, replicou a velha, eles não me mataram, como também não matarão a você, ainda que Deus saiba que a morte é mil vezes preferível à vida que se passa neste horrível palácio!

— De que raça é este povo? perguntou-lhe Bertha. Ele difere de todos os outros que tenho visto até hoje. E dissei-me também: Como foi que viestes parar aqui?

— Há quantos anos! disse a velha, balançando o corpo na cama. Há quantos anos! Ah! já faz tanto tempo! Tinha eu apenas vinte anos, então. Pense nisso, menina! Olhe bem para mim! Não tenho outro espelho, senão a água do meu banho, nem poderia mirar-me bem, porque meus olhos estão fracos, mas sinto, com os dedos, que meu rosto está envelhecido e enrugado, que meus olhos ficaram encovados e que meus lábios flácidos mal encobrem gengivas desdentadas. Estou velha, acurvada, horrenda, entretanto, aqui cheguei muito moça e todos me diziam que eu era formosa. Não, eu não quero ser hipócrita, fui, realmente, bonita, e meu espelho, que eu então possuía, assim mo revelava.

— Mas contei-me também a história da vossa captura, insistiu a rapariga.

— Meu pai, começou a velha, era missionário aqui no interior da África. Um dia, chegou lá um bando de árabes, caçadores de escravos. Toda a aldeia indígena, em que meu pai exercia sua função espiritual, foi aprisionada por eles. Com os homens e mulheres da aldeia, fui também reduzida a cativo. Não conheciam bem os salteadores aquela região da África, de sorte que, para guiá-los, tomaram alguns homens da aldeia conquistada. Disseram-me que nunca haviam chegado a um ponto

meridional tão distante e que tinham ouvido falar na existência, para o lado do oeste, de uma zona abundante de marfim e de escravos. Queriam ir até lá, e dali nos levariam para o norte, onde eu seria vendida para o harém de algum sultão branco. Discutiram muitas vezes entre si o preço que eu podia valer, e, a fim de que tal preço não fosse diminuído, guardaram-me ciosamente uns

dos outros, tornando-me a marcha, ao mesmo tempo, o menos fatigante possível. Por ordem deles, recebia eu os alimentos de melhor qualidade, e nunca fui molestada. Mas, depois de curta jornada, isto é, depois de havermos transposto os limites da região familiar aos homens da nossa aldeia e entrado numa planície extensa, árida e desolada, compreenderam os árabes, afinal, que estávamos perdidos. Apesar disso, ainda tentaram alcançar o tal ponto ocidental, embrenhando-se por medonhas gargantas e palmilhando chapadões adustos, debaixo de um sol implacável. Os pobres escravos, que haviam arrebanhado em nossa aldeia, viam-se compelidos a conduzir todo o equipamento e todas as cargas pertencentes aos árabes: sob tal peso, mal nutridos e sem água para beber, começaram logo a morrer como formigas. Ainda não tínhamos andado muito, quando os árabes foram coagidos a matar seus próprios cavalos de monta, para comer-lhes a carne, e, quando atingimos a um desfiladeiro, que não dava acesso a animais de transporte, o restante deles foi também abatido e toda a carga atirada às costas dos pobres negros sobreviventes. Continuamos assim a marcha por mais dois dias, vendo perecer o resto dos negros e os próprios árabes a sucumbir, vítimas da fome, da sede e do intenso calor do deserto. Tanto quanto o nosso olhar pudesse alcançar, além, a terra de fartura de que tínhamos vindo, o nosso caminho anterior estava assinalado por abutres, que sobre ele giravam no céu, e pelos cadáveres que havíamos deixado insepultos ali. O marfim havia sido abandonado dente a dente, à proporção que os negros carregadores iam morrendo, e, ao longo daquela estrada fatal, viam-se espalhados objetos do trem de acampamento e arreios de cavalos de uma centena de homens. O chefe daqueles árabes protegeu-me até o fim, provavelmente com a idéia de que, de todos os seus tesouros, era eu o mais facilmente transportável, tanto mais sendo eu jovem e forte, e, por isso, uma vez abatidos todos os cavalos, comecei a ser conduzida às costas dos melhores daqueles homens. Nós, ingleses, você bem o sabe, somos grandes andarilhos, ao passo que os árabes não andam nunca a pé. visto como, desde que chegam à idade necessária, não saem mais do lombo do cavalo. Não posso contar a você tudo quanto ainda sofremos, até que, já perdidas quase de todo as forças, atingimos a base de um profundo desfiladeiro. Escalá-lo, parecia-nos um problema insolúvel, e, por isso, pusemo-nos a marchar sobre a areia do que parecia ser o leito de um antigo riacho, até chegarmos a um ponto, do qual avistamos um lindo vale, onde estávamos certos de encontrar água e caça em abundância. Mas, quando atingimos o referido lugar, éramos apenas duas pessoas vivas: o chefe árabe

e eu. Não preciso dizer a você o que aquele vale foi para nós, pois achamos nele o que você também achou. Fomos tão depressa aprisionados ali, que me pareceu estarem os bandidos à nossa espreita, e eu soube depois que foi isso mesmo o que se deu, assim como estavam à espreita de você. Ao marchar pela floresta, você deve ter visto muitos macacos e papagaios, e, desde que entrou neste palácio, deve ter notado quanto aqueles animais, assim como os leões, figuram constantemente nas decorações. Aqui, a coisa mais comum é conversarem eles com os papagaios, que repetem tudo que lhes é ensinado, mas estes papagaios são diferentes dos demais, porque entendem também a linguagem dos macacos. Corre que os macacos contam aos papagaios tudo quanto vêem, e os papagaios voam logo da floresta para a cidade, a fim de contarem aos homens o que ouviram dos macacos. E, embora isso pareça incrível, estou certa de que assim é, pois há sessenta anos que vivo aqui entre eles, e no palácio real. Trouxeram-me a mim, como também trouxeram a você, diretamente para este palácio. O chefe árabe ficou aprisionado em outro lugar. Nunca mais soube o que foi feito dele. Reinava então Ago XXV. Daí para cá, o trono tem sido ocupado por muitos reis. Aquele foi um homem terrível, mas o certo é que todos estes homens são terríveis.

— Por que é que os julgais assim? perguntou a rapariga.

— Porque são uma raça de malucos, replicou a velha. Você ainda não tinha conjecturado isso? Há entre eles, todavia, bons artífices e excelentes agricultores, até muitas leis e uma severa disciplina. Adoram a todos os pássaros, mas o papagaio é o seu deus principal. Um deles mora aqui no palácio, em belo aposento. É o seu deus dos deuses. É uma ave muito velha. Se é verdade o que me disse Ago, tal papagaio deve ter agora cerca de trezentos anos. Os seus ritos religiosos são repugnantes. Creio que foi a prática de tais ritos, através de longas idades, que os arrastou à situação atual de imbecilidade. Entretanto, como eu disse há pouco, sempre possuem eles algumas boas qualidades. Se é lícito dar crédito a lendas, os fundadores desta cidade, — um punhado de homens e mulheres, vindos de certo ponto do norte e perdidos nesta solidão selvagem da África Central, — acharam aqui apenas um vale deserto e estéril. Pelo que eu própria sei, aqui chove muito raramente, e, apesar disso, você viu que grande floresta e que luxuriante vegetação há fora da cidade e dentro dos muros dela. Tal milagre foi realizado pela utilização de pequenas fontes naturais, que os seus antepassados aproveitaram, irrigando todo o vale, que assim recebe durante todo o ano bastante umidade. Contou-me Ago que, há muitas gerações atrás, a floresta recebia água pela mudança do curso das fontes que abasteciam a cidade, mas logo que as raízes das árvores se aprofundavam bastante para haurir a umidade do subsolo, o curso da água era mudado e novas árvores eram plantadas. Foi assim que a floresta se estendeu por quase todo o vale, excetuado o espaço em que se construiu a cidade. Não sei se tudo isso é verdade. O

certo é que existe ali uma grande floresta, e a gente se vê obrigada a acreditar na lenda, porque não vê cair nunca chuva suficiente para alimentar aquela enorme vegetação. É um povo singular a muitos aspectos, não só pela forma do culto e dos ritos religiosos, como também porque cria leões, do mesmo modo que os outros povos criam gado. Você já viu com que fim estes bandidos empregam os leões, mas a maior parte de tais feras são engordadas e comidas. Penso que, a princípio, eles comiam a carne do leão como um dos deveres de cerimônia religiosa mas, depois de muitas gerações, vieram a apreciá-la, de sorte que é a única carne de que diariamente se servem. Não comem carne de pássaros, nem de macacos. Criam animais herbívoros, mas somente para aproveitar-lhes o leite e as peles, assim como para alimentar os leões. Ao lado sul da cidade, existem currais e pastagens, onde são criados os animais herbívoros. O javali, o veado e o antílope, servem principalmente para a criação de leões, ao passo que as chácaras fornecem leite aos habitantes humanos da cidade.

— E tendes vivido aqui todo este longo tempo, exclamou a rapariga, sem ter visto uma pessoa da vossa raça?

A velha sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Há sessenta anos que estais aqui, continuou Bertha, e eles nunca vos maltrataram?

— Não posso dizer que me maltratassem, respondeu a velha. O que posso dizer é que não me mataram, eis tudo.

— Qual, e a rapariga hesitou, qual, continuou enfim, tem sido a vossa posição aqui? Perdoai-me, acrescentou ela prontamente, eu penso que sei, mas desejo ouvi-lo de vossa própria boca, porque, seja qual for a vossa posição, estou certa de que a minha será a mesma.

— Sim, sem dúvida alguma, confirmou a velha, se eles puderem guardar-vos longe das mulheres.

— Que quereis dizer com isso? perguntou a rapariga.

— Há sessenta anos que estou aqui e nunca estive perto de mim uma única mulher. Elas me matariam, mesmo agora, se me pudessem atingir. Os homens são terríveis, — Deus sabe como são terríveis! — mas guarde-a Ele das mulheres!

— Acreditais, perguntou-lhe ainda a rapariga, que os homens não me façam mal?

— Ago XXV fez-me rainha, respondeu a velha, mas tinha ele muitas outras rainhas, embora nem todas fossem da espécie humana. Foi ele assassinado dez anos depois da minha chegada aqui. Passei para o poder do seu sucessor, e assim tem sido sempre. Sou eu agora a rainha mais velha. Algumas de suas mulheres vivem até idade bastante avançada. Mas, não só estão constantemente sujeitas a ser

assassinadas, como também, em razão da mentalidade subnormal, têm às vezes períodos de depressão maníaca, durante os quais tentam suicidar-se.

Voltou-se, então, para as janelas e indicou-lhe as barras de ferro, acrescentando:

— Você não vê estas grades e não sabe que há um eunuco aí do lado de fora? Onde vir tudo isso, já sabe que aí há mulheres, porque, com raras exceções, elas não gozam nunca de liberdade. São consideradas, e realmente o merecem, mais violentas do que os homens.

Durante alguns minutos, continuaram as duas sentadas ali, mas em silêncio. Depois, Bertha perguntou à velha:

— Então não é possível fugir daqui?

A velha apontou-lhe de novo as barras de ferro da janela e mostrando-lhe em seguida a porta, disse-lhe:

— E, ali, está sempre de guarda um eunuco armado. Mas, se você conseguisse sair daqui, de que maneira alcançaria a rua? E se pudesse alcançar a rua, como é que transporia a porta das muralhas da cidade? E, se, pòr milagre, lograsse sair da cidade, e, por outro milagre, chegasse até a beira da floresta, como é que a haveria de atravessar, sem ser devorada pelos grandes leões negros? Não! Não há meio de escapar daqui, porque, mesmo que alguém fuja do palácio da cidade e transponha a floresta com vida, iria encontrar a morte no medonho e imenso deserto, que se estende além dela! Há sessenta anos, é você a primeira pessoa de raça européia que entra nesta cidade enterrada. Há mil anos, nenhum habitante deste vale saiu dele. E, dentro da memória dos homens ou mesmo em suas lendas, só um europeu, antes da minha chegada aqui, andou por estas bandas, um gigante guerreiro, cuja história tem sido contada de pais a filhos. Pela descrição que me fizeram dele, devia ter sido um espanhol, um guerreiro que trazia couraça, escudo e elmo, e que chegou até as portas desta cidade, tendo matado com a sua enorme e forte espada muitos dos guardas dela, que o tentaram prender. Depois de ter-se alimentado com os legumes da horta, que está além dos muros, e com os frutos das árvores do pomar, e depois de ter-se dessedentado com a água da fonte, retrocedeu e seguiu o caminho da floresta, atingindo a base do desfiladeiro. Mas, embora escapasse da cidade e da floresta, não pôde escapar do deserto. Conta a lenda que o rei deste povo, temeroso de que o gigante trouxesse outros para atacá-lo, mandou em seu encalço uma tropa destinada a exterminá-lo. Por três semanas, por mais que ela o procurasse, não o achou, até que afinal foi encontrar-lhe os ossos, limpos pelos abutres, no fundo do mesmo desfiladeiro, que você e eu atravessamos, para entrarmos neste vale. Não sei se tudo isso é verdade. Sei apenas que é uma das suas muitas lendas.

— É verdade, sim, ponderou a rapariga, é verdade. E eu sei que é verdade, porque

tive ocasião de ver, no fundo do desfiladeiro, o esqueleto e a armadura enferrujada do gigante.

Nisto, a porta foi aberta sem cerimônia alguma, e ali entrou um negro, que conduzia duas grandes travessas, dentro das quais havia pequenos pratos, cheios de comida. Colocou-os sobre uma das mesas, perto das duas mulheres, e, sem dizer palavra, foi-se embora. O cheiro agradável, que se evolava dos pratos, despertou na mente da rapariga a idéia de que tinha muita fome, e, a uma permissão da velha, dirigiu-se para a mesa e examinou o que ali estava. As travessas eram de louça, mas os pratos eram evidentemente de ouro lavrado. Com grande surpresa, depararam-se-lhe entre os pratos uma colher e um garfo, os quais embora de forma extravagante eram tão úteis quanto os que ela vira nas comunidades civilizadas. Os dentes do garfo eram de ferro ou de aço, ao passo que o cabo e a colher eram do mesmo material que os pratos.

Havia ali um guisado, bem temperado, feito de carne e vegetais, um prato de frutas frescas, um copo de leite, e um pequeno jarro, que continha alguma coisa semelhante à marmelada. Tão esfomeada estava a rapariga, que não esperou pela velha para sentar-se à mesa, e, logo que começou a comer, era capaz de jurar que nunca havia saboreado melhores acepipes. A velha veio para a mesa com todo o vagar e sentou-se do lado oposto.

Enquanto tirava das travessas os pratos pequenos e os colocava diante de si, um sorriso malicioso torceu-lhe os lábios, ao ver a moça comer.

— A fome é uma grande niveladora, disse ela a Bertha.

— Que quereis dizer com isso? perguntou-lhe a rapariga.

— Estou certa de que, algumas semanas atrás, você sentiria náuseas, se lhe oferecessem gato para comer.

— Gato? exclamou interrogativamente a rapariga.

— Sim, disse a velha, o leão, afinal, é um gato grande.

— Quereis então dizer que eu estou agora comendo carne de leão?

— Sim, respondeu-lhe a velha, e, da forma pela qual eles a preparam, fica até mais saborosa. Você vai tornar-se muito apreciadora dela.

Bertha Kircher sorriu um pouco dubiamente e disse:

— Não posso distingui-la da de carneiro ou da de vitela.

— Realmente, confirmou a velha, ela também me sabe bem. Estes leões são criados e alimentados com muito carinho, de modo que a sua carne é tenra e fica muito apetitosa, depois de preparada.

E, assim, Bertha Kircher quebrou o seu longo jejum, saboreando ali estranhas

frutas, comendo carne de leão e bebendo leite de cabra.

Mal tinha ela acabado a refeição, abriu-se novamente a porta e entrou ali um soldado de uniforme amarelo. Trocou ele algumas palavras com a velha.

— O rei, disse ela à rapariga, manda que você se prepare e seja levada à presença dele. Determinou também que você ocupe este mesmo quarto. Ele sabe que eu não sou como as outras mulheres. Estou certa de que ele não ousaria pôr você em companhia delas. Herog XVI tem, por acaso, alguns intervalos lúcidos. Oxalá você o encontre num desses momentos! Do mesmo modo que os outros, pensa ele ser o único ajuizado de toda a comunidade, porém, por mais de uma vez, tenho notado que os diversos homens, inclusive os reis, com os quais tenho estado aqui em contato, sempre me julgaram, pelo menos, não tão louca quanto eles. Como é que tenho conservado todo o meu juízo neste meio, é coisa que não sei explicar.

— Que é que entendeis por “preparar-me”? perguntou Bertha Kircher à velha. Dissestes que o rei mandou que eu me “preparasse”, a fim de ser levada à presença dele.

— Quer dizer que você deve tomar um banho e vestir uma roupa semelhante à que eu uso.

— Não há meio algum de evitar-se isso? perguntou a rapariga. Não haverá mesmo algum meio de poder suicidar-me?

— Eis o único meio, disse-lhe a velha, mostrando-lhe o garfo que ainda tinha em mãos, mas você está vendo que os dentes são curtos e rombudos.

Bertha estremeceu e a velha pôs-lhe uma das mãos no ombro, dizendo-lhe:

— O rei apenas olhará para você e a mandará embora para aqui. Ago XXV mandou chamar-me uma vez, tentou conversar comigo, verificou que eu não o entendia e que ele não podia entender-me, e limitou-se a ordenar que eu aprendesse a linguagem do seu povo. Esqueceu-se de mim por muito tempo. Às vezes, eu nem sequer vejo o rei durante um longo período. Houve um deles que reinou cinco anos e a quem eu nunca vi. Convém não perder nunca a esperança. Eu própria, cujo nome está sem dúvida completamente olvidado fora dos muros deste palácio, ainda tenho esperança, embora saiba, melhor que ninguém, que é uma esperança vã.

A velha guiou Bertha até um aposento contíguo, no centro do qual existia uma piscina. Ali a rapariga tomou banho, após o que a sua companheira lhe apresentou um dos vestidos apertados das mulheres indígenas daquela cidade. Bertha o enfiou no corpo. O vestido era de gaze, o que mais punha à mostra as formas arredondadas da bela rapariga.

— Então? exclamou a velha, depois de ajeitar melhor uma das dobras do vestido, você está realmente uma rainha!

Bertha Kircher tomou-se de verdadeiro horror, ao ver seus seios nus e seus membros mal escondidos sob a gaze. e exclamou:

— Então vou ser exibida aos homens neste estado de seminudez?

A velha dirigiu-lhe o mesmo sorriso malicioso e observou-lhe:

— Isso não é nada. Você há de acostumar-se a tudo, do mesmo modo que eu, que fui educada na casa de um ministro do evangelho, na qual era considerado pouco menos que um crime o mostrar a mulher os pés calçados de meias. Isto não é nada, em comparação com o que você ainda há de ver e há de fazer.

Pareceram horas os momentos que a rapariga ainda esperou para ser levada dali à presença do rei. Ficara completamente escuro e as lâmpadas de óleo já tinham sido acesas no interior do palácio, quando Bertha viu chegar dois mensageiros com a ordem de que Herog exigia a imediata presença dela e de que a velha a quem os emissários davam o nome de Xanila, devia acompanhá-la. A rapariga sentiu/ um vislumbre de alívio, quando viu que ao menos teria ao lado uma pessoa amiga, embora sem forças para protegê-la, qual era aquela velha.

Os mensageiros conduziram as duas para um pequeno apartamento do andar inferior. Xanila explicou à companheira que aquela era uma das antecâmaras da sala do trono, onde o rei recebia a sua corte com toda a pompa. Pelo aposento e sentados em bancos, havia um grande número de soldados em uniforme amarelo. Pela maior parte, traziam os olhos abaixados e a sua atitude era de uma imbecilidade completa. Quando as duas mulheres deram entrada ali, alguns lhes lançaram um olhar rápido e indiferente, enquanto os outros, pela maior parte, não lhes prestaram a menor atenção.

Enquanto estavam elas à espera de nova ordem do rei naquela antecâmara, ali entrou, vindo de outro aposento do palácio, um jovem uniformizado como os outros, mas com a diferença de que à cabeça trazia uma faixa de ouro, em frente da qual um papagaio de pano se lhe erguia sobre a testa. Logo que o viram, todos os outros soldados, que ali estavam, se puseram de pé.

— É Metak, um dos filhos do rei atual, segredou Xanila aos ouvidos de Bertha.

O príncipe ia atravessando o aposento em direção à sala do trono, quando seus olhos caíram casualmente sobre a rapariga. Parou diante dela e esteve a contemplá-la seguramente um minuto, sem dizer palavra. Bertha, embaraçada por aquele ardente olhar e pela pouca roupa que trazia, corou, e, arrastando pelo soalho a sua túnica de gaze, voltou as costas ao jovem. Metak começou, de repente, a tremer da cabeça aos pés, e, então, sem o menor aviso, senão um grito alto e rouquenho. atirou-se sobre a rapariga e tomou-a nos braços.

Seguiu-se ali um verdadeiro pandemônio. Os dois mensageiros, aos quais

incumbia o dever de conduzirem a rapariga à presença do rei, dançavam e gritavam em redor do príncipe, manejando as armas e gesticulando insanamente, como se quisessem obrigá-lo a largar a rapariga, mas não ousavam pôr as mãos num filho do rei. Os outros soldados, como que simpatizando com aquela loucura do príncipe, limitavam-se a correr pelo aposento, gritando e brandindo os seus sabres.

Bertha conseguiu desvencilhar-se do horrível abraço do maníaco, mas, segurando-lhe a cintura com o braço esquerdo, ele a levantou como se fosse ela um bebê, enquanto com a mão direita livre empunhava o sabre e o vibrava violentamente sobre os soldados que se lhe avizinhavam.

Um dos mensageiros foi o primeiro a experimentar o fio da lâmina de Metak. Com um só terrível golpe, o príncipe cortou o pescoço do sujeito, que caiu, tentou levantar-se ainda uma vez, e, afinal, tombou de costas, morrendo numa grande poça do seu próprio sangue.

Nisto, Metak, sempre agarrado desesperadamente à rapariga, recuou para a porta que lhe ficava ao lado oposto. A vista do sangue, dois dos soldados de guarda ali, como exaltados subitamente a uma raiva frenética, lançaram os sabres em terra e começaram a lutar com unhas e dentes, enquanto alguns outros tentavam impedir o príncipe de fugir com a sua presa, havendo outros que o defendiam. Em um dos ângulos do aposento, ficara sentado um dos guardas, o qual ria alvarmente. E, quando, enfim, Metak conseguiu alcançar a porta e transpô-la, sempre arrastando consigo a rapariga, a esta pareceu ver um daqueles mesmos soldados atirar-se sobre o corpo do mensageiro morto e enterrar-lhe os dentes na carne.

Durante toda aquela orgia de loucura, Xanila não se afastara do lado de Bertha, mas, chegando em fuga à porta do aposento, Metak viu a velha e repentinamente marchou sobre ela de sabre erguido. Felizmente para Xanila, achava-se esta em tal momento junto à porta, de modo que a lâmina de Metak foi embotar-se na pedra de apoio aos batentes, e a velha, guiada sem dúvida pela sabedoria de sessenta anos de tais experiências, fugiu pelo corredor afora, tanto quanto lhe permitiam as pernas velhas e vacilantes.

Metak, uma vez fora da porta, meteu o sabre na bainha, e, pondo Bertha aos ombros, correu em direção oposta à tomada por Xanila.

Chegou Tarzan

A tarde mal começava a empardecer, quando um avião quase exausto entrou no quartel-general, onde se encontrava o coronel Capell, comandante do Segundo Regimento de Rhodesianos, e fez-lhe a continência.

— Ora até que enfim, Thompson! exclamou o superior. Que boas novas traz você? Todos os outros já voltaram. Até agora, nada de Oldvick nem do seu aeroplano. Conjeturo que vamos abandonar as diligências, a menos que você tenha sido mais feliz do que os outros.

— Fui, replicou o jovem oficial, achei o aeroplano.

— Muito bem! bradou o coronel Capell. Onde está ele? E que notícias me dá de Oldwick?

— O aparelho caiu no mais ignóbil buraco que existe no mundo e está com a ponta enterrada lá. Garganta estreitíssima. Vi-o muito bem, mas não pude alcançá-lo. Passeava então em redor dele um respeitável diabo de leão. Aterrei perto da beira do penhasco, e tentei descer por ali a pé, a fim de observar melhor o aparelho. Mas a maldita fera continuou a rodeá-lo ainda uma hora ou mais, de modo que eu, finalmente, tive que vir-me embora.

— Acredita você que os leões tenham devorado Oldwick? perguntou o coronel.

— Não o creio, respondeu o tenente Thompson, pelo fato de não ter visto ali sinal de que o leão houvesse comido em redor do aparelho. Levantei vôo, depois de ter verificado a impossibilidade de chegar perto do aeroplano. Reconheci, porém, a garganta, de alto a baixo. Poucas léguas para o sul, achei um pequeno vale, bastante arborizado, no centro do qual, — rogo-lhe, coronel, que não me julgue um visionário, — existe uma cidade regular, ruas, palácios, uma praça central com um pequeno lago, e minaretes.

O oficial mais velho olhou compassivamente para o mais moço e disse-lhe:

— Você não está bom da bola, Thompson! Vá-se embora e durma um bom sono. Já há bastante tempo que você anda nesta difícil tarefa, e ficou, por isso, com os nervos abalados.

O tenente sacudiu a cabeça com visível irritação.

— Queira perdoar-me, coronel, disse ele, mas estou falando a verdade. Não me enganei. Girei ali alguns minutos sobre a praça. Pode ser que Oldwick tenha ido parar lá dentro, se é que não foi capturado por aquela gente.

— Então há gente na cidade? inquiriu o coronel.

— Sim, eu a vi pelas ruas.

— Pensa você que a cavalaria possa chegar até o vale? interrogou ainda o coronel.

— Não, retrucou Thompson, porque a região está toda cortada por profundos desfiladeiros. A própria infantaria terá que passar um mau quarto de hora para alcançá-lo, e, pelo caminho que leva até lá, não pude ver nenhum curso de água, na distância de dois dias de marcha.

Foi em tal conjuntura que um grande Vauxhal aterrou em frente do quartel-general do Segundo Regimento de Rhodesianos, onde um momento depois entrava o general Smut. O coronel Capell levantou-se da cadeira e fez continência ao seu superior, do mesmo modo procedendo o jovem tenente, que se conservou na posição militar.

— Estou de passagem, disse o general, mas pensei que poderia parar aqui um bocadinho para uma ligeira palestra. E então, em que pé se acham as diligências para descobrir o tenente Smith-Oldwick? Vejo Thompson aqui e creio que ele é um dos encarregados das pesquisas.

— Sim, respondeu Capell, ele de fato é. Foi o último a voltar. Achou o avião do tenente Oldwick.

E repetiu ao general o que o tenente Thompson lhe havia relatado pouco antes. O general Smut sentou-se à mesa, ao lado do coronel Capell, e os dois juntos, com a assistência do aviador, localizaram no mapa, aproximadamente, a cidade que Thompson afirmara haver descoberto.

— Ê uma região extremamente áspera, observou Smut, mas nós não podemos deixar pedra sobre pedra, enquanto não acharmos aquele rapaz. Vamos mandar até lá, coronel, uma pequena força, pois creio que uma força pequena talvez tenha melhor êxito do que uma grande. Uma companhia, ou digamos duas, levando caminhões bastantes para o transporte de água e de víveres. Ponha-lhe no comando um homem de confiança e ordene-lhe que estabeleça a base de operações no ponto mais distante, para oeste, que os automóveis possam alcançar. Uma companhia ficará ali e a outra seguirá para diante. Quero crer que a base pode ser estabelecida a um dia de marcha da cidade, e, se assim for, o restante da força em marcha não terá que perder tempo à procura de água, pois esta deverá certamente existir no vale em que jaz a cidade. Destaque também dois aeroplanos para os serviços de reconhecimentos e comunicações, de sorte que a companhia da base de operações esteja sempre em contato com a companhia avançada. Quando é que poderá ser mobilizada tal força?

— Os caminhões podem receber a- carga hoje à noite, respondeu Capell. e a

marcha pode ser iniciada amanhã, à uma hora da madrugada.

— Muito bem, disse o general, e traga-me sempre informado de tudo.

E, retribuindo as saudações dos dois outros oficiais, partiu.

Quando Tarzan saltou sobre o parreiral, viu que o leão estava perto e que sua vida dependia da resistência dos galhos que se estendiam sobre as muralhas da cidade, mas verificou, com intenso contentamento, que os troncos da vinha eram da grossura de um braço humano e que os ramos, estendidos até o alto da muralha, estavam nela bem entrelaçados e firmes, de tal modo que ele poderia agarrar-se aos mesmos, com todo o peso de seu corpo.

Ouviu um despeitado rugido de Numa, quando este escorregou da vinha, agarrando-se baldamente aos rebentos folhudos, e, então, com a agilidade dos macacos que o haviam criado, Tarzan atingiu, de um salto, o vértice da muralha.

A uma pequena distância abaixo dele, estava o telhado plano da casa contígua à muralha. Saltando ali, deu as costas para a guarita, um dos vãos da qual se abria para o jardim e para a floresta, e, por isso, não viu uma figura que estava agachada ali, na escuridão. Não pôde conservar-se por muito tempo na ignorância de que não estava sozinho, porque, mal seus pés tocaram o telhado plano, um corpo pesado saltou sobre ele, por detrás, e braços vigorosos o seguraram pela cintura.

Assim agarrado e erguido ao ar, o homem-macaco julgou-se então perdido. Fosse qual fosse a criatura que se apoderara dele, tinha ela em mente um propósito deliberado, pois se dirigia para a beira do telhado, onde Tarzan deduziu que ia ser arrojado dali à calçada da rua, — maneira sem dúvida muito eficaz de dispor-se de um intruso. Que ia ser ou mutilado ou morto, era o em que pensava o homem-macaco, mas não desejava permitir a seu assaltante a realização de tão sinistro plano.

Os braços e as pernas de Tarzan estavam livres, mas achava-se em posição tão desvantajosa, que não podia servir-se de seus membros para nenhum bom efeito. A sua única esperança consistia em vir a fazer aquela criatura perder o equilíbrio: para tal fim, Tarzan endireitou o corpo e deitou-se tanto quanto lhe foi possível sobre o seu adversário, e, em seguida, fez um repentino e forte impulso para diante. O resultado foi tão satisfatório, quanto lhe era lícito esperar. O grande peso do homem-macaco, arremessado subitamente para diante em posição ereta, obrigou também imediatamente o outro a inclinar-se violentamente para diante, com o efeito de que, para não cair, o outro relaxou imediatamente os braços. Felino em todos os seus movimentos, o homem-macaco, mal tocou o telhado com os pés, enfrentou o adversário, um homem quase do seu mesmo tamanho e armado 'com um sabre, que acabava de tirar da bainha. Tarzan, porém, não tinha em mente permitir-lhe o uso

daquela arma formidável, por isso desviou para as pernas do outro o tremendo golpe que lhe fora dirigido à cabeça, e, como um jogador de futebol faz às vezes com um corredor do partido contrário, Tarzan suspendeu às costas o seu antagonista, carregando-o alguns metros, até poder arremessá-lo pesadamente e de costas sobre o telhado.

Apenas o homem tombou no telhado, o homem-macaco trepou-lhe sobre o peito: uma das mãos morenas procurou e segurou o punho do sabre, enquanto a outra apertava a garganta do guarda de túnica amarela. Até então o sujeito lutava em silêncio, mas, quando os dedos de Tarzan começaram a comprimir-lhe o pescoço, soltou ele um só e penetrante grito, que os dedos morenos sufocaram quase imediatamente. O sujeito esforçou-se, quanto pôde, para escapar aos apertos da criatura nua que lhe pisava o peito, mas fora o mesmo que ter lutado por escapar às garras de Numa, o leão.

As suas forças foram gradualmente diminuindo, os olhos pequeninos saltaram-lhe fora das órbitas, rolando horivelmente para baixo e para cima, enquanto dos lábios cheios de baba espumosa lhe pendia a língua intumescida. Vendo-o morto, Tarzan ergueu-se, e, colocando um dos pés sobre o cadáver da sua presa, ia soltar o seu habitual grito de vitória, quando lhe selou os lábios o pensamento de que o trabalho, que ia realizar, exigia dele a máxima cautela.

Chegando à beira do telhado, olhou para baixo, a fim de observar a estreita rua tortuosa. Por intervalos, aparentemente em cada esquina, fumegava opacamente um lampião de azeite, pendente de um braço metálico metido na parede, mais alto do que até onde podia chegar a cabeça de um homem. As aléias sinuosas achavam-se, pela maior parte, mergulhadas em densa sombra, e mesmo na imediata vizinhança dos lampiões a iluminação não era nada brilhante. Na restrita área alcançada por seus olhos, pôde Tarzan ver que ainda havia alguns dos estranhos habitantes da cidade a percorrer-lhe as estreitas vias públicas.

Para poder descobrir o jovem oficial inglês e a rapariga, precisava de mover-se pela cidade tão livremente quanto lhe fosse possível, mas passar debaixo de um dos lampiões da esquina, — nu, como estava, exceto quanto a uma pequena tanga, e tão diferente, em tudo e por tudo, dos habitantes daquela cidade, — seria o mesmo que se expor a um imediato descobrimento e perigo de vida. Quando tais pensamentos lhe tumultuavam na mente e meditava em algum exequível plano de ação, seus olhos caíram sobre o cadáver que ali estava sobre o telhado, e prontamente lhe ocorreu a possibilidade de disfarçar-se com o traje do seu adversário morto.

Poucos momentos gastou o homem-macaco para calçar as sandálias e vestir a túnica amarela, embrasonada por um papagaio, do soldado que sacrificara. Ao redor do corpo afivelou o cinturão com o sabre, guardando, porém, debaixo da túnica, a

faca de caça do seu falecido pai. Como não pudesse levar consigo, igualmente escondidas, suas outras armas habituais, e na esperança de poder dentro em pouco retomá-las, levou-as para a beira da muralha onde as escondeu sob um monte de folhagem da parreira. No último instante, achou difícil conduzir a corda aos ombros. Ela e a faca paterna eram as suas armas prediletas e as que usava desde longo tempo. Tirando o cinturão do sabre, amarrou a corda na cintura, por debaixo da túnica, e, tornando a ligar esta com o referido cinturão, bem por cima da corda, achou que ela ficara perfeitamente escondida.

Assim, satisfatoriamente disfarçado, e até com o seu próprio cabelo negro e curto ajudando a verossimilhança da sua aparência com os indígenas da cidade, tratou de procurar meios de descer à rua. Pensou em arriscar um salto das calhas do telhado, mas temeu atrair a atenção dos transeuntes e ser por eles descoberto. Os telhados das casas variavam de altura, que, todavia, não era grande, e, assim, pôde caminhar sobre eles até uma certa distância, parando somente quando avistou algumas figuras deitadas sobre o telhado de uma casa próxima.

Havia notado que todos os tetos tinham abertura de comunicação com os aposentos inferiores, e, por isso, tendo sido sua marcha agora impedida pela gente que avistara em sua frente, decidiu-se a tentar descer à rua pelo interior de uma daquelas casas. Aproximando-se de uma das aberturas, inclinou-se sobre o buraco escuro e ouviu sons de vida no aposento inferior. Os ouvidos e as narinas não lhe denunciaram a presença de nenhuma criatura viva na sua imediata vizinhança, e, por isso, sem a menor hesitação, o homem-macaco meteu o corpo pela abertura e estava disposto a saltar, quando seus pés entraram em contato com um cor-rimão de escada, pela qual imediatamente desceu ao aposento inferior.

Ali reinava quase completa escuridão. Seus olhos, porém, foram-se acostumando àquelas trevas, mal espancadas pela luz opaca de um distante lampião de esquina, o qual brilhava intermitentemente através das estreitas janelas que davam frente para a rua. Não tardou a encontrar-se num escuro pórtico, para o qual abria o quarto, e, ali, uma pequena escada de pedra o levou até a rua. A sorte favoreceu-o, pois que conseguiu penetrar nas sombras da arcada, sem que fosse encontrado por nenhum dos habitantes da casa.

Uma vez na rua, não se sentiu perdido quanto à direção que devia tomar, visto haver praticamente farejado os dois europeus até à porta que ele estava certo de lhes dado entrada na cidade. Seu apurado senso de direção e localização tornou-lhe possível estabelecer, no interior da cidade, com admirável acuidade, o ponto em que reencontraria o cheiro dos que procurava.

O primeiro ponto, contudo, era descobrir uma rua paralela à muralha setentrional, ao longo da qual marchasse para o lado da porta que avistara da floresta.

Compreendendo que sua maior esperança de êxito dependia da intrepidez das operações, moveu-se em rumo do lampião da rua mais próxima, sem procurar ocultar-se e conservando-se apenas nas sombras da arcada, o que julgava ser bastante para não atrair a atenção alheia, pois via outros transeuntes andando também por ali. Os poucos que passavam, não lhe davam cuidado, estava quase a alcançar a esquina, quando avistou diversos homens de uniforme amarelo idêntico ao que ele havia tomado do vigia da muralha a quem matara.

Vinham em direção oposta, e o homem-macaco viu que não podia continuar o caminho por ali, sem que os encontrasse na esquina das duas ruas, à plena luz do lampião. Seu primeiro impulso foi tocar para diante, porquanto pessoalmente não tinha receio algum de tentar uma briga com eles, mas o repentino pensamento de estar a rapariga provavelmente, sem socorro algum, nas mãos daquele povo, fê-lo procurar outro e menos perigoso plano de ação.

Havia ele quase emergido da sombra da arcada para a plena luz do lampião e os homens, que se aproximavam cada vez mais, achavam-se já a poucos metros dali, quando Tarzan se abaixou repentinamente, a fim de amarrar os cordões das sandálias, — cordões, que, pelos modos, ele não estava certo de haver ajeitado consoante o fim a que se destinavam. Estava ainda acurvado, quando os homens passaram junto dele. Do mesmo modo que os outros que havia encontrado, nenhum lhe prestou atenção, e, assim, apenas os viu afastar-se, continuou o seu caminho, voltando-se para a direita na interseção das duas ruas.

A nova rua, em que agora entrou, era tão torta naquele ponto, que Tarzan não recebia luz alguma dos lampiões das esquinas próximas, e, por isso, viu-se forçado a andar às apalpadelas, na densa sombra da arcada. A rua tornou-se um pouco mais direita, exatamente quando ele estava a avizinhar-se do lampião que lhe ficava adiante, e, ao avistá-lo, lobrigou também, silhuetada por um fecho de luz, a figura de um leão. A fera vinha vagarosamente pela mesma rua, em direção a Tarzan.

Em frente dele, certa mulher atravessou de repente a rua, e o leão não fez caso algum dela, nem ela do leão. Um instante após uma criança saiu a correr atrás da mulher, e passou tão perto em frente do leão, que a fera se viu forçada a afastar-se um passo do caminho, para não esbarrar no pequerrucho. O homem-macaco fez uma careta e passou-se rapidamente para o lado oposto da rua. Seus sentidos delicados lhe denunciaram que, naquele ponto, a brisa, então a soprar sobre a cidade, ia agora do lado dele para o do leão, de sorte que, se Tarzan continuasse do lado da rua em que estava antes, o seu cheiro seria imediatamente levado às narinas da fera, e o homem-macaco era bastante conhecedor da selva para compreender que podia iludir os olhos dos homens e dos animais, mas não podia esconder-se do faro dos grandes felinos, tanto mais ali, onde era uma criatura diferente dos demais habitantes da

cidade, os únicos seres, provavelmente, com os quais Numa era familiar. Nele, a fera reconheceria imediatamente um estrangeiro, um inimigo, portanto, e Tarzan não desejava sofrer atraso em sua missão, em consequência do encontro com aquela fera. O seu afastamento deu o mais satisfatório resultado, pois o leão passou por ali, sem sequer lançar os olhos para o lado do homem-macaco.

Havia-se adiantado algum tanto e estava quase a chegar ao ponto em que julgava achar a rua que o levaria à porta da cidade, quando suas narinas sentiram o cheiro da rapariga. Em meio de uma confusão de cheiros característicos, Tarzan reconheceu o que era familiar a Bertha Kircher, e, um segundo mais adiante, o de Smith-Oldwick. Tudo isso, entretanto, só lhe fora possível, inclinando-se até bem perto do solo, em cada esquina de rua, como para mais uma vez amarrar os cordões das sandálias, e aspirando fortemente os odores variegados, que se lhe deparavam.

Ao penetrar mais na rua, pela qual os dois europeus haviam sido conduzidos na véspera, notou ele, como aqueles outros tinham também notado, a mudança de tipo das casas, pois saía do distrito das simples vivendas para o das lojas e bazares. Ali era maior o número de lampiões e havia pelas ruas muito mais gente. Todas as casas comerciais estavam abertas e iluminadas, pois que, desde o pôr do sol, o intenso calor do dia cedera lugar a uma temperatura agradável. Ali também era maior o número de leões, os quais vagavam soltos por todas as passagens, e ali também, finalmente, pôde Tarzan observar, pela primeira vez, as idiossincrasias daquele povo.

Uma vez, quase lhe deu um encontrão certo sujeito nu, que corria vertiginosamente pela rua, gritando em altas vozes. E, logo adiante, quase o homem-macaco esbarrou em certa mulher, que andava de quatro à sombra de uma das arcadas. A princípio, pensou Tarzan que ela estivesse procurando algum objeto perdido, mas, afastando-se para um lado, a fim de observá-la viu que ela havia sido meramente predestinada a andar daquela forma. No quarteirão seguinte, avistou duas criaturas que lutavam no alto do telhado próximo da rua, até que um deles, conseguindo desvencilhar-se das mãos do outro, atirou o adversário dali ao chão, onde ele ficou bem depressa imóvel. Ecoou ali, instantaneamente, um grito bárbaro saído dos pulmões do vencedor, o qual, sem a menor hesitação, se arrojou de cabeça para baixo sobre a rua, caindo ao lado do cadáver de sua vítima. Das densas sombras de um portão saía, naquele momento, um leão que se aproximou dos dois corpos ensangüentados e sem vida. O homem-macaco estava ansioso por ver o efeito que o cheiro do sangue exerceria na fera. Com surpresa sua, o animal limitou-se a sorver sobre os corpos o quente sangue vermelho, deitando-se em seguida ao lado dos dois mortos.

Mal havia chegado a uma curta distância dali, quando o seu olhar foi atraído pela figura de um homem que, com dificuldade, estava descendo do telhado de uma casa

para a rua. Este fato despertou a curiosidade de Tarzan.

CAPÍTULO 21

Na alcova

Quando Smith-Oldwick afinal se convenceu de que estava sozinho e completamente indefeso naquele pátio de grandes leões, quase foi acometido, por motivo do seu estado de fraqueza, de um verdadeiro terror histórico. Agarrando-se às grades da porta, não ousava sequer voltar a cabeça para o lado das feras. Sentia que os joelhos se lhe vergavam. Tudo lhe girava dentro dos miolos. Começou a sentir muitas tonturas e náuseas, escureceu-se-lhe a vista, e, de repente, seu corpo ferido caiu sobre a soleira da porta gradeada.

Nunca soube ele quanto tempo esteve ali sem sentidos, mas, quando a razão lentamente se reinstalou naquele seu estado de semiconsciência, pareceu-lhe que estava deitado em tépido leito, sobre alvíssimos lençóis, num belo quarto bem mobiliado, que de uma janela aberta, cujos reposteiros flutuavam ao sopro de uma brisa de verão, lhe vinham os odores de frutos maduros de um pomar beijado pelo sol, — um pomar, entre cujas árvores carregadas havia tapetes de relva verde, sobre a qual uma gentil criança estava brincando com uma linda boneca.

— Deus meu! pensou ele, que horrível pesadelo tive eu!

E, então, sentiu uns dedos mornos e macios que lhe acariciavam as pálpebras e o rosto, acalmando-lhe o resto de ansiedade das suas confusas recordações. Por um longo minuto, Smith-Oldwick ficou imerso em completo sossego e regozijo, até que, recuperando gradativamente a sensibilidade, foi obrigado a reconhecer que aquela mão se tornara áspera e que aqueles dedos já não eram mornos e macios, e, sim, quentes e úmidos, e, abrindo de repente os olhos, viu sobre ele a cara de um enorme leão.

O tenente Haroldo Percy Oldwick não era só nominalmente um nobre e um oficial inglês: era também o que tudo isso implicava, isto é, um bravo. Mas, quando viu que aquele lindo quadro, o qual vira pouco antes, não passava de um sonho, e que, em realidade, ele ainda jazia em terra, no mesmo ponto onde havia caído, à soleira da porta gradeada, e que um leão lhe lambia ali o rosto, — seus olhos encheram-se de lágrimas, que lhe caíram em torrentes pelas faces. Nunca, refletiu ele, um destino adverso fez tão cruel brinquedo com um ser humano.

Por algum tempo continuou deitado ali, fingindo-se morto, enquanto o leão, tendo deixado de lambê-lo, ficou fungando ao lado de seu corpo. Há coisas às quais é preferível a própria morte, e, por isso, convenceu-se o inglês de que lhe fora melhor ter morrido rapidamente ali do que se achar naquela posição, que o levaria fatalmente à loucura.

E, então, deliberadamente, sem pressa alguma, ele se ergueu, apoiando-se às barras de ferro da grade. Ao seu primeiro movimento, o leão grunhiu, mas depois não lhe prestou mais atenção, e, quando Smith-Oldwick ficou de pé, a fera tocou-se para diante, indiferentemente. Aí, o rapaz voltou-se para o pátio e observou-o bem.

Em pé, à sombra das árvores, ou deitados ao longo do banco que se estendia ao sopé da parede meridional, havia diversos grandes leões, exceto dois ou três, que se moviam inquietos no recinto. Destes últimos é que o rapaz tinha medo, quando, entretanto, passaram por perto dele, sem que sequer o olhassem, começou a sentir-se encorajado, tanto mais quando se lembrou de que aquelas feras estavam habituadas à presença do homem.

Apesar disso, não ousava afastar-se da porta gradeada. Examinando dali os arredores, notou que os ramos de uma árvore, que ficava junto à parede do lado oposto, subiam até debaixo de uma janela aberta do segundo andar. Se ele tivesse forças bastantes para correr e alcançar aquela árvore, ser-lhe-ia também fácil subir-lhe pelos ramos e escapar-se, pelo menos, daquele antro de leões. Mas, para poder chegar até à árvore, precisava atravessar toda a extensão do pátio, e, além disso, lá mesmo, em redor da árvore, havia dois leões deitados e que pareciam dormir.

Durante meia hora permaneceu ele em pé ali olhando impacientemente para aquele imaginado meio de fuga, até que, afinal, resmungando uma praga, sacudiu os ombros num gesto de desafio, e, aprumando bem o corpo, dirigiu-se vagarosa e deliberadamente para o centro do pátio. Um dos leões que vagueavam ao lado do muro oposto viu-o e veio de lá diretamente ao seu encontro, mas Smith-Oldwick estava disposto a executar o que resolvera, — e que considerava então a única tentativa possível de uma salvação temporária, — e, por isso, continuou a caminhar, como se não desse pela presença da fera. O leão olhou obliquamente para seu lado, farejou-o, em seguida, grunhindo, mostrou-lhe os dentes.

Smith-Oldwick tirou a pistola de debaixo da camisa.

— Se ele resolveu liquidar-me, pensou, não creio que haja qualquer diferença no ataque, se o enfureço ou não com um tiro. De um modo ou do outro, o bandido não deixará de matar-me.

Mas, apenas fez o homem a menção de tirar a arma de debaixo da camisa, modificou-se repentinamente a atitude do leão, que, embora ainda rugindo, mudou de rumo e lá se foi para outro lado. Assim, pôde o inglês chegar finalmente ao pé da árvore, que era a sua desejada meta. Mas, ali, entre ele e a salvação almejada, ainda havia um leão adormecido.

Acima de sua cabeça estendia-se um galho que ele, em circunstâncias ordinárias, alcançaria facilmente com um pulo, mas, fraco como estava, em consequência dos

ferimentos e da perda de sangue, duvidava de poder fazê-lo agora. Também não estava ainda certo de que poderia subir pelo tronco da árvore. Felizmente, porém, para ele, o mais baixo ramo da árvore não distava muito do alcance de sua mão, restando-lhe apenas, para atingi-lo, o ter que passar por sobre o corpo do leão. Tomando um fôlego profundo, colocou um dos pés entre as patas abertas da fera e cautelosamente levantou o outro pé, para colocá-lo do lado oposto do trigueiro corpo do animal.

— Que será de mim, perguntou a si mesmo, se este diabo entender de acordar agora?

Tal idéia causou-lhe um arrepio de medo, mas nem por isso hesitou em levar avante o que estava fazendo. Firmou bem o outro pé além do leão e, atirando todo o peso do corpo para diante, conseguiu cuidadosamente colocar junto ao que avançara o pé que havia posto entre as patas da fera. Logrou assim passar, sem que despertasse o leão.

Smith-Oldwick achava-se enfraquecido pela perda de sangue e pelas fadigas que havia afrontado, mas, compreendendo a gravidade de sua situação, revelou uma agilidade e energia, que dificilmente teria posto em evidência quando na posse de sua força normal. Como a vida lhe dependesse do bom êxito dos esforços que estava empregando, segurou-se com firmeza ao mais baixo galho da árvore e galgou-a, até ficar inteiramente fora do alcance dos leões, tanto mais quanto o repentino movimento dos galhos despertara as duas feras. Levantaram eles a cabeça e olharam indagativamente para cima, durante um momento, após o que recomeçaram o sono interrompido.

Tão facilmente realizara o inglês o seu intento, que não tardou a pôr em dúvida que estivera antes, ali, em grande perigo. Aqueles leões, ele não ignorava, estavam acostumados à presença dos homens, em todo caso, não deixavam nunca de ser leões, e ele não podia deixar de reconhecer que respirava mais facilmente agora, que lhes estava longe das garras.

Diante dele estava a janela aberta, que havia avistado lá do chão. Estava bem agora ao nível dela e pôde ver bem que o aposento, a que ela servia, estava aparentemente desocupado. Pelo galho, bastante forte, que chegava até embaixo da janela, pôde alcançá-la. Não teve a menor dificuldade em transpô-la, saltando assim no aposento.

Achou-se em um apartamento bastante espaçoso, cujo soalho era coberto com tapetes de esquisito desenho, ao passo que as peças de mobília eram semelhantes às que tinha visto na sala do primeiro andar, onde ele e Bertha Kircher tinham sido introduzidos, quando terminaram a longa jornada. Em uma das extremidades do aposento, havia uma espécie de alcova cujas pesadas cortinas lhe escondiam

completamente o interior.

Pôde averiguar, pelo esmorecimento da luz ambiente, que o dia se aproximava do fim. A princípio, hesitou se devia esperar a noite ou se era melhor procurar imediatamente quaisquer meios que lhe possibilitassem a fuga daquele edifício e da cidade. Decidiu, finalmente, que convinha investigar desde logo se ali pelo apartamento não existia alguma saída pela qual pudesse escapular, favorecido pela escuridão. Para isso, dirigiu-se rumo à porta do aposento, mas apenas havia dado alguns passos, quando as cortinas da alcova foram afastadas e ali apareceu um vulto de mulher.

Era jovem e de belo corpo, a túnica, único vestuário que a envolvia dos seios para baixo, não deixava dúvida alguma quanto às suas proporções simétricas, mas o rosto era positivamente o rosto de uma imbecil. À vista dela, Smith-Oldwick fez alto, esperando, no primeiro momento, que a sua inesperada presença ali lhe arrancasse gritos de socorro. Ao contrário: ela veio ao encontro dele sorrindo, e, quando lhe chegou perto, os seus finos e formosos dedos seguraram-lhe as mangas da blusa dilacerada, à semelhança de um criança que tivesse em mãos um brinquedo novo, e, sempre com o mesmo sorriso à flor dos lábios, examinou-o da cabeça aos pés, com um espanto verdadeiramente infantil.

Foi ela a primeira a falar, fazendo-o com um tom de voz suave e bem modulado, que contrastava vivamente com o grosseiro das suas feições. A voz e o corpo estavam em perfeita harmonia entre si, ao passo que a cabeça e o rosto pareciam pertencer a uma criatura diferente. Smith-Oldwick não entendeu patavina do que ela lhe disse, mas nem por isso deixou ele de falar-lhe na sua língua culta. E tal foi -o efeito agradável que isso causou à mulher, que esta, antes que o inglês pudesse compreender-lhe o intento ou obstá-lo, lhe atirou os braços em volta do pescoço e começou a beijá-lo sofregamente.

O rapaz, a princípio, tentou libertar-se daquelas surpreendentes carícias, ela, entretanto, mais se agarrava com ele. Afinal, lembrando-se de que sempre tinha ouvido que não era bom contrariar os loucos, e vendo ao mesmo tempo naquela mulher uma provável auxiliar para a sua fuga, Smith-Oldwick fechou os olhos e retribuiu-lhe os beijos e abraços.

Foi em tal ocasião que um homem abriu a porta e penetrou ali. Ao ouvir o ruído da aldrava, Smith-Oldwick abriu os olhos mas, embora se houvesse desvencilhado rapidamente dos braços da mulher, compreendeu que o recém-chegado os vira a ambos naquela posição comprometedora. A mulher, cujas costas estavam voltadas para a porta, não deu conta, a princípio, da entrada do homem, mas, quando, voltando-se, seus olhos caíram sobre o sujeito, cujo terrível rosto estava agora torcido pela expressão de medonha raiva, entrou a dar gritos e fugiu para a alcova. O

inglês, corado e embaraçado, ficou onde ela o deixara. Convencido da inutilidade de qualquer explicação, nada mais viu do que a atitude ameaçadora do homem, em quem agora reconhecera o funcionário que os havia recebido, a ele e a Bertha Kircher, no andar inferior. A face do sujeito, ainda mais lívida, em conseqüência da sua cólera insana e também provavelmente do ciúme, tinha contrações violentas, que mais lhe acentuavam a expressão maníaca habitual.

Durante um momento, pareceu paralisado, mas, depois, com um alto grito, que não tardou a transformar-se num lôbrego gemido, desembainhou o sabre e arremessou-se contra o inglês. A Smith-Oldwick parecia não haver ali esperança alguma de escapar à afiada lâmina manejada por aquele homem enfurecido, e, convencido embora de que não lhe daria morte igualmente repentina e possivelmente mais terrível, fez a única coisa que lhe restava fazer, empunhou a pistola e detonou-a em alvo ao peito do seu adversário. Sem sequer soltar um gemido, o sujeito estendeu-se de borco sobre o soalho, aos pés de Smith-Oldwick. Fulminara-o a bala, que lhe atravessara o coração. Por alguns segundos, reinou naquele apartamento um silêncio tumular.

O inglês, em pé junto ao corpo do morto, olhava para a porta, de arma em punho, esperando a cada momento ouvir o ruído de pés dos guardas que, por certo, não tardariam a vir investigar qual a causa daquele tiro de pistola. Não veio, entretanto, ninguém, o que queria dizer que não foi ouvida a detonação pelos homens do edifício. A atenção de Smith-Oldwick voltou-se, portanto, para a porta da alcova, onde não tardou a aparecer, entre as cortinas, o rosto da mulher. Trazia os olhos dilatados e o queixo caído, numa dupla expressão de surpresa e de terror.

O olhar dela concentrou-se logo no homem que jazia sobre o soalho: ela saltou imediatamente no aposento e dirigiu-se, na ponta dos pés, para o cadáver. Andava como se estivesse constantemente pronta para fugir, chegando perto do corpo, deteve-se e, olhando fixamente para Smith-Oldwick, vozeou-lhe qualquer pergunta, que ele, é claro, não podia entender. Em seguida, ela ajoelhou-se ao lado do morto, deitando-se-lhe sobre o corpo.

Sacudiu o cadáver pelos ombros, e, depois, revelando uma força que seu corpo infantil não parecia possuir, voltou-o, colocando-o em decúbito dorsal. Caso houvesse ela nutrido antes alguma dúvida, esta desapareceu ante aquelas medonhas feições em que estava claramente estampada a extinção da vida. Rompeu ela então em gritos sobre gritos e, depois, numa risada insana, ao mesmo tempo que batia sem parar nas faces e no peito do morto. Era um grotesco espetáculo como ele jamais veria, senão num hospício de alienados ou naquela pavorosa cidade.

No meio de seu frenético regozijo pela morte do homem, — pois Smith-Oldwick não podia atribuir-lhe o riso a outra causa, — a mulher levantou-se repentinamente de sobre aquela carne insensibilizada pela morte, pôs-se em pé e correu rapidamente

para a porta onde meteu na fechadura um pedaço de madeira, para que ela não pudesse ser aberta pelo lado de fora. Voltou então para o meio do aposento e falou novamente ao inglês, gesticulando para o cadáver. Como Smith-Oldwick não a compreendesse, ela ficou irritada e teve uma espécie de ataque histérico, correndo para frente, como se quisesse agarrar o inglês. Smith-Oldwick recuou alguns passos e ameaçou-a com a pistola. Por mais louca que ela estivesse, não o estava tanto, que não compreendesse o efeito daquela pequena arma, patenteada pela morte repentina do homem em cuja casa ela morava, e, por isso, imediatamente cessou aquela sua atitude homicida.

Ocupou-lhe novamente as feições o sorriso inane e imbecil, e sua voz, perdendo a aspereza, retomou o tom brando e bem modulado com que primeiro se dirigira ao rapaz. Tentou então, por sinais, manifestar o que queria, e, por meio de gestos, indicando ao inglês que a acompanhasse, dirigiu-se para as cortinas, que abriu, patenteando-lhe a alcova. Era bem mais que uma alcova: um quarto de bom tamanho, cujo soalho estava coberto de tapetes macios e no qual havia um leito com finos travesseiros. Virando-lhe para a entrada, ela indicou-lhe o cadáver que jazia sobre o soalho do aposento, e, em seguida, transpondo a alcova, levantou alguns panos que cobriam uma espécie de buraco que ficava debaixo da mobília.

Daquela abertura ela se voltou novamente para indicar o cadáver, manifestando claramente ao inglês que aquele corpo devia ser escondido ali. Como o inglês, entretanto, ainda permanecesse indeciso, ela o segurou pela manga e o empurrou em direção ao morto. Em parte carregando-o e em parte arrastando-o. os dois conduziram-no para a alcova. A princípio, encontraram certa dificuldade em acomodarem aquele grande corpo num pequeno espaço aberto no soalho, mas, afinal, sempre conseguiram acomodá-lo ali. Smith-Oldwick não deixou de ficar impressionado pela infernal brutalidade daquela mulher. No meio do aposento, havia um tapete vermelho, que ela imediatamente enrolou, indo colocá-lo sobre o cadáver. Arranjou de novo os outros tapetes e pôs o aposento em ordem, de modo que não houvesse ali nenhum sinal aparente da tragédia recentemente ocorrida.

Acabando de fazer tudo isso, a mulher mais uma vez abraçou o pescoço do inglês e arrastou-o para os macios travesseiros do leito, que ficava quase por cima do cadáver. Plenamente cômico do horror da sua posição, cheio de nojo e como que ultrajado no seu decoro, Smith-Oldwick, todavia, não olvidava o agudo sentimento da sua própria preservação. Sabia que o momento lhe impunha o comprar a vida a todo o preço: mas havia um ponto contra o qual se rebelava a sua bem educada natureza.

Neste entremetidos, ouviram bater com força à porta do apartamento. Saltando do leito, a mulher segurou o inglês pelo braço e arrastou-o até a parede em que se

encostava a cabeceira da cama. Ali, afastando um dos reposteiros, ela mostrou-lhe um pequeno nicho escondido, para dentro do qual empurrou a Smith-Oldwick.

Ele ouviu a mulher dirigir-se da alcova para a porta do aposento, ouviu o ruído da aldrava a levantar-se da fechadura e ouviu, enfim, as vozes altas de uma discussão. As tonalidades, empregadas ali pelo homem que batera à porta e pela mulher do aposento, pareciam racionais, não se distinguindo muito das de qualquer conversação ordinária em alguma língua culta. Entretanto, com as terríveis experiências anteriores, o inglês não podia esperar, a qualquer momento, senão ser agredido por um novo maluco.

Estava atento aos movimentos que os dois faziam, uma vez entrados na alcova, e, aguilhoado pelo desejo de ver que espécie de homem era aquele com quem teria talvez de combater dentro em pouco, afastou uma pontinha do reposteiro que o ocultava. Viu, então, os dois sentados à beira do leito, abraçados pela cintura, tendo a mulher no rosto o mesmo sorriso inexpressivo, que havia liberalizado a ele próprio. Arranjou entre os reposteiros um pequeno vão, de modo que, sem revelar a sua presença, Smith-Oldwick pôde ficar ali espreitando comodamente o que faziam os dois à borda do leito.

Viu a mulher prodigalizar beijos ao recém-vindo, um rapaz bem mais moço do que o que o inglês havia antes despachado para o outro mundo. De repente, a mulher desvencilhou-se dos braços do amante, como impelida por uma recordação subitânea. Enrugou-se-lhe a testa como em laborioso pensamento, e, com uma expressão de susto, lançou o olhar para o lado do nicho onde ocultara o inglês, depois, começou a falar em segredo ao companheiro, sempre movendo a cabeça em direção ao nicho e por diversas vezes apontando-o com a mão, além de gesticular com a destra fechada e o dedo indicador estendido, que Smith-Oldwick bem compreendeu como tentativa de descrever o tiro de pistola.

Tornou-se-lhe evidente que ela o estava traindo. Por isso, sem perda de tempo, deu as costas aos reposteiros e começou a examinar o esconderijo. Na alcova, o homem e a mulher cessaram de segredar. O sujeito pôs-se em pé, e, com a máxima cautela, de sabre desembainhado, aproximou-se dos reposteiros, sempre com a mulher ao lado. Nenhum deles dizia palavra, pois foi também com um simples gesto que ela indicou ao companheiro, em frente aos reposteiros do nicho, um ponto que ficava à altura de um peito de homem. Afastou-se dela, para um lado, e o sujeito segurando firmemente a lâmina em posição horizontal, inclinou para a frente todo o peso de seu corpo e enfiou a aguda ponta do sabre, através do reposteiro, no lugar indicado do nicho.

Bertha Kircher, verificando que era inútil qualquer luta e que devia conservar as

forças para qualquer fortuita oportunidade de fuga, desistiu dos esforços que estava fazendo para escapar-se das garras do príncipe Metak, quando este atravessava com ela os mal iluminados corredores do palácio. Atravessou também muitas salas, conduzindo sempre a sua presa. A rapariga percebeu claramente que, embora o seu aprisionador fosse filho da rei, não tinha imunidades de prisão e castigo, pois de outro modo não revelaria tão evidente ansiedade por escapar-se com ela.

Do fato de lançar ele para trás, constantemente, olhares aterrorizados e de espreitar sempre suspeitosamente todos os cantos e desvãos por onde passavam, inferiu ela que a punição do príncipe seria ao mesmo tempo expedita e terrível, se ele fosse acaso agarrado.

Ainda que o medo não lhe permitisse ter bem claro o senso de direção, notou ela que, por diversas vezes, haviam andado para diante e para trás: ignorava que o príncipe se encontrava num verdadeiro estado de confusão mental e que, por isso, corria aleatoriamente, esperando sempre que se lhe pudesse deparar eventualmente algum ponto de refúgio.

Ninguém se admire de que aquela raça de malucos tivesse dificuldade em orientar-se no labirinto de um palácio construído por malucos para um rei também maluco. Ora o corredor se inclinava gradualmente e quase imperceptivelmente para nova direção, ora volteava para trás, aqui, o assoalho se erguia a pouco e pouco até o nível do andar superior, e acolá chegava a uma escada em es'píral, que o príncipe louco descia vertiginosamente, com o seu precioso fardo às costas. Em que ponto do palácio se encontravam, o próprio Metak não sabia, até que, parando abruptamente diante de uma porta fechada, ele a empurrou, escancarando-a, deu entrada num salão brilhantemente iluminado, repleto de homens armados, e no centro do qual se via o rei, sentado em um grande trono, ao lado dele, Bertha Kircher, surpreendida, avistou outro trono, em que se refestelava uma enorme leoa. Recordou-se ela, então, das palavras que lhe havia dito Xanila, e que não havia bem compreendido na ocasião:

— O rei tem também outras rainhas, e nem todas são da espécie humana.

À vista de Metak e da rapariga, o rei saltou do trono para o meio do salão, perdida toda a compostura da realeza ante uma ingovernável paixão de louco, e começou a dar ordens aos soldados, em voz estentórea. Mal abriu Metak a porta que dava para aquela casa de marimbondos, imediatamente deu volta aos calcanhares e tomou novo rumo. Agora, porém, cerca de cem homens lhe marchavam no encalço, rindo, vociferando e seguramente praguejando. Ele esquivava-se para aqui e para acolá, distanciando-se por alguns minutos, até que, chegando à extremidade de um longo corredor que, de um nível elevado se inclinava em plano para baixo, penetrou num aposento subterrâneo, iluminado por muitos lampiões.

No centro daquele subterrâneo havia um lago de comprimento considerável e

cuja água estavam a poucos centímetros do soalho. Os que perseguiram a Metak e à rapariga chegaram ali no momento em que o príncipe, carregando Bertha às costas, se precipitava ao fundo do lago, e, como não os vissem mais aparecer à tona d'água, à borda da qual os esperaram agitadamente durante longo tempo, foram-se embora.

Quando Smith-Oldwick começou a examinar o esconderijo em que se encontrava, suas mãos, apalpando a parede do nicho, não tardaram a descobrir os batentes de madeira de uma porta e uma aldrava semelhante à que segurava por dentro a porta de todo aquele apartamento. Levantando a aldrava com toda a cautela e puxando o batente, que se abriu sem o mais leve ruído, achou-se ele de repente fora do nicho, mas em completa escuridão. Fechando a porta que lhe dera saída, avançou com o maior cuidado possível.

Apalpando aqui e acolá, verificou achar-se em um estreito corredor, pelo qual andou alguns metros, até esbarrar com o que lhe pareceu uma escada de mão, além da qual havia uma sólida muralha. Como não pudesse prosseguir a marcha e não lhe conviesse retroceder, não lhe restava outro meio senão galgar os degraus daquela escada, o que imediatamente fez, levando em mãos a pistola engatilhada.

Apenas subira dois ou três degraus, deu com a cabeça, repentinamente, numa superfície rija. Não obstante a dor que o esbarro lhe causara, pôde averiguar que aquele obstáculo não era mais do que a tampa de um alçapão que dava acesso ao telhado, porque, levantando-a com pequeno esforço, pôde divisar, através daquela exígua fenda, as estrelas de uma clara noite africana.

Soltando um suspiro de alívio, mas ainda com toda a cautela possível, afastou completamente a tampa do alçapão e meteu por este a cabeça, de modo que os olhos lhe ficassem acima do nível do telhado. Pôde assim capacitar-se de que ali por perto não havia alma viva e de que, tão longe quanto pudesse enxergar, ninguém lhe observaria os movimentos.

Atravessou, então, com todo o corpo, a abertura do alçapão, tornou a pôr-lhe a tampa no lugar e tratou logo de observar tudo quanto lhe pudesse orientar a situação. Para o sul, o teto plano, sobre o qual se encontrava, cobria a parte baixa do edifício, que era de vários andares, e, a alguns metros para oeste, pôde lobrigar a luz vacilante dos lampiões de uma rua tortuosa. Foi para este último ponto que dirigiu imediatamente os passos.

Do beirai do telhado pôde observar a vida noturna daquela cidade de malucos. Viu homens, mulheres, crianças, e leões, e, de todos esses seres vivos, só os leões, a seu parecer, é que tinham juízo. Com o auxílio das estrelas e lembrando-se bem do caminho que percorrera no interior da cidade, reconheceu que o telhado em que estava pertencia ao edifício em que ele e Bertha Kircher haviam sido apresentados

como prisioneiros, na véspera.

Se pudesse descer à rua que lhe ficava a poucos metros abaixo dos pés, talvez alcançasse despercebido, graças à sombra da arcada, a porta da cidade. Havia já abandonado, por inteiramente vão, o pensamento de procurar Bertha Kircher e de tentar socorrê-la, pois sabia que sozinho, e com as poucas pequenas balas de pistola que lhe restavam, nada poderia fazer contra um exército de malucos. Era para duvidar que atravessasse vivo aquela floresta infestada de leões, que ficava além da porta da cidade. Estava certo de que, se chegasse, por um verdadeiro milagre, ao deserto em que terminava a floresta, ali veria terminar o seu destino terreno. Entretanto, só um anseio o dominava: — era deixar atrás de si, tão longe quanto possível, aquela horrenda cidade de loucos.

Notou que os telhados das casas vizinhas eram da mesma altura que aquele em que estava, perto de uma esquina de rua. Logo abaixo, havia um lampião. Para descer à calçada sem maior perigo, era preciso achar um ponto mais escuro, e, com esse intuito, andou a procurar, pela beira dos telhados, um lugar em que pudesse descer, sem ser facilmente visto.

Alguns metros além do ponto em que a rua se curvava abruptamente para leste, descobriu, finalmente, o lugar que lhe convinha. Mas, mesmo ali, viu-se obrigado a aguardar muito tempo uma oportunidade favorável à descida, que queria efetuar por um dos pilares da arcada. Cada vez que se preparava para escorregar da beira do telhado, ouvia passos que se aproximavam, vindos de um lado ou do outro, e chegou quase a pensar que somente poderia realizar o seu plano de fuga, quando toda a cidade estivesse adormecida.

Mas, afinal, chegou um momento, que lhe pareceu propício: com íntimo receio e apenas aparente calma, começou a descer para a rua.

Quando pôs os pés no passeio, embaixo da arcada, e já se congratulava consigo mesmo pelo êxito que lhe coroara os esforços até ali, — ouviu passos sorrateiros de alguém que lhe marchava atrás das costas, e voltando-se imediatamente, deu de rosto com a alta figura de um soldado, que trazia uniforme amarelo.

Fora do ninho

Numa, o leão, rugiu inutilmente de raiva despeitada, quando caiu em terra, junto à muralha, após a sua mal sucedida tentativa de meter as garras no homem-macaco, então em fuga pelo alto do vinhedo. Estava disposto a fazer um novo esforço para seguir a presa que se lhe escapava, quando lhe chegou subitamente às narinas um cheiro, que até então não havia sentido ali. Farejando o chão, precisamente onde pouco antes Tarzan tinha firmado, para o pulo, os pés descalços, o rugido de Numa transformou-se logo em baixo queixume, pois reconheceu o cheiro característico do ser humano que o libertara do mundéu dos Wamabos.

Quem pudera adivinhar os pensamentos que lhe atravessaram então a massa cerebral? O certo é que não dava mais sinal algum de raiva despeitada, quando, sem perda de tempo, se pôs em movimento, majestosamente, ao longo da muralha, para os lados de leste. Chegando ao extremo oriental da cidade, voltou-se para o sul, e, por ali, continuou a marcha, até alcançar a parte meridional da muralha, onde estavam os redis e currais, repletos de animais herbívoros, que eram engordados ali para servirem de alimento ao bando de leões domésticos criados na cidade. Os grandes leões negros da floresta, esses se alimentavam à vontade, talvez em partes iguais, tanto da carne do homem, quanto da carne dos ruminantes. Do mesmo modo que Numa do mundéu, faziam freqüentes excursões, através do deserto, ao fértil vale dos Wamabos, mas o seu principal quinhão de alimento era tirado dos rebanhos da cidade murada, sede de Herog, o rei maluco, ou do corpo dos seus desgraçados súditos.

Numa do mundéu, a certos respeito, era uma exceção do papel representado pelos seus companheiros da floresta, por isso que, em filhote, fora apanhado por meio de uma armadilha e conduzido para dentro da cidade, donde, embora destinado a fins de procriação, logrou fugir no segundo ano. Na cidade dos malucos, estes se esforçaram por persuadi-lo a não comer nunca a carne humana, e o resultado de tal aprendizagem foi que, dali em diante, ele jamais atacou o homem, senão quando por este levado a uma cólera transbordante ou então quando compelido pelo aguilhão da fome.

Os currais dos malucos eram protegidos por uma cerca de pau-a-pique, cujas pontas estavam fundamente fincadas no chão, achando-se os moirões encostados uns aos outros e todos ligados entre si por grossas embiras. Cada um tinha a sua porteira, por onde o rebanho saía a pastar nos campos ao sul da cidade, durante o dia. Nessas ocasiões é que ali faziam presa os grandes leões da floresta, os quais

muito raramente tentavam entrar nos currais à noite. Mas Numa do mundéu, tendo sentido o cheiro do seu benfeitor, resolveu penetrar também na cidade murada, e, com tal idéia nos astutos miolos, deslizou furtivamente ao longo da parte exterior da cerca, experimentando sempre, com uma das patas, dianteiras, a resistência de cada porteira, até que descobriu uma que lhe pareceu mais fácil de arrombar. Contra ela empregou toda a força de sua grande cabeça, de seu enorme corpo e de seus músculos gigantescos: graças a isso, achou-se fora do Curral.

Continha aquele cercado um rebanho de cabras, as quais, mal deram com o vulto do terrível felino, fugiram, com insano estrépito, para a extremidade oposta do curral, que limitava ali com a muralha meridional da cidade. Numa, em filhote, já tinha estado num curral como aquele, sabia, portanto, que ali, num certo ponto da muralha, havia uma pequena porta, pela qual o pastor do rebanho se passava da cidade para o cercado, e, por isso, encaminhou-se para aquela porta, ou por plano ou por acaso, não sei bem, embora os acontecimentos posteriores pareçam justificar a primeira hipótese.

Para alcançar o ponto que buscava, teve ele que passar pelo meio do rebanho que se atropelava ali atemorizadamente, de sorte que houve uma nova corrida de cascos, acompanhada de lamentosos berros, quando Numa chegou em frente à portinha. Se Numa planejava o ardil, planejou-o bem, porque, mal se deteve ante aquela posição, a portinha foi aberta pelo pastor, que por ela meteu a cabeça para o cercado, a fim de indagar a causa daquele enorme barulho. É de duvidar que a haja descoberto, não só porque estava escuro, como também porque uma formidável garra imediatamente quase lhe separou a cabeça do pescoço. Assim, em uma fração de segundo, contada da abertura da portinha, já o homem estava morto, e já Numa, conhecendo bem o caminho, passava rapidamente e silenciosamente do exterior da muralha para as mal iluminadas ruas da cidade.

Quando viu chegar-se-lhe aquele grande vulto de soldado de uniforme amarelo, o primeiro pensamento de Smith-Oldwick foi matá-lo a tiros de pistola e confiar depois a sua salvação às próprias pernas e às ruas tortuosas e mal iluminadas, pois estava certo de que ia ser recapturado, visto como nenhum habitante daquela portentosa cidade deixaria de reconhecer nele um forasteiro. Ser-lhe-ia mesmo simples e fácil atirar naquele homem, sem sequer tirar a arma do bolso, e, com esse propósito, o inglês meteu a mão no bolso lateral da blusa. Mas, nesse momento, seu punho foi agarrado por uns dedos e uma voz baixa lhe segredou ao ouvido:

— Tenente, sou eu, sou o Tarzan dos Macacos.

O alívio daquela contensão nervosa, que o dominava tão profundamente e desde tão longo tempo, deixou Smith-Oldwick fraco, qual um bebê, de sorte que, para não

cair, teve que se apoiar no braço do homem-macaco. E, quando afinal recuperou o uso da voz, apenas pôde dizer-lhe:

— Você? Você? Pois eu pensava que você tivesse morrido...

— Não! Ainda não morri! respondeu Tarzan. E, pelo que estou vendo, você também ainda não morreu. Mas diga-me lá: Que fim levou a rapariga?

— Nunca mais a vi, respondeu o inglês, desde que chegamos aqui. Fomos introduzidos num casarão, que dá frente para a praça, e imediatamente separados ali dentro. Ela foi levada por uns guardas para os fundos do edifício e eu fui atirado a um antro de leões. Desde esse momento, não a vi mais.

— E como foi que você pôde fugir? perguntou-lhe o homem-macaco.

— Os leões não pareciam prestar-me muita atenção, de sorte que por meio de uma árvore, alcancei uma janela do segundo andar e por ela saltei num quarto. Ali tive que me esgrimir um pouco com certo sujeito e fui escondido por certa mulher num buraco da parede. Mas a coisa-ruim me denunciou a outro bandido que lá apareceu, e, por isso tive que procurar caminho para alcançar o telhado da casa, onde estive bastante tempo à espera de ocasião favorável para descer à rua, sem ser visto. Aí está tudo quanto sei. Não sei, porém, de ponto algum deste mundo onde se possa achar Miss Kircher.

— Para onde é que você se dirigia agora? perguntou-lhe Tarzan.

Smith-Oldwick hesitou na resposta. Afinal, disse gaguejantemente:

— Eu... Bem, eu... Eu não podia fazer coisa alguma sozinho... Estava andando à procura de um meio de sair da cidade, de alcançar algum dia as forças britânicas de leste e de pedir-lhes socorro...

— Você jamais conseguiria nada disso, disse-lhe Tarzan. Mesmo que você atravessasse, com vida, a floresta, não poderia vencer, sem comida e sem água, a imensidão do deserto.

— Que é que havemos então de fazer? indagou o inglês.

— Primeiramente, vamos ver se achamos a rapariga, replicou-lhe o homem-macaco, e, como se houvesse esquecido a presença do inglês e tentasse convencer-se a si mesmo, continuou: Ela pode ser alemã e espiã, mas afinal é mulher, — uma rapariga branca, — que eu não posso deixar abandonada aqui.

— Mas para onde havemos de dirigir-nos, a fim de descobri-la? perguntou o inglês.

— Eu a venho seguindo de longe, retrucou Tarzan, e, se não me engano, posso segui-la ainda mais longe.

— Mas eu não posso andar em companhia de você com esta roupa, sem expor-nos

ambos a sermos descobertos e presos, ponderou Smith-Oldwick.

— Vamos então arranjar outra roupa para você, disse-lhe Tarzan.

— Onde? perguntou o inglês.

— Vá ao telhado contíguo ao muro da cidade por onde entrei, redargüiu-lhe o homem-macaco com um sorriso fúnebre, e pergunte a um sujeito nu, que lá está morto, como foi que arranjei este disfarce.

Smith-Oldwick olhou bem para o traje do seu companheiro e exclamou:

— Ah! Agora compreendo! Eu também sei onde está outro sujeito que não precisa mais de roupa. Se galgarmos este telhado, penso que iremos facilmente encontrá-lo e tirar-lhe as vestes sem grande trabalho. Só teremos que avir-nos com uma rapariga e um mancebo, aos quais não nos será difícil surpreender e dominar.

— Que é que você quer dizer? perguntou-lhe Tarzan. Como é que você sabe que o tal sujeito não precisa mais das roupas que traz?

— Sei que não precisa mais delas, replicou o inglês porque eu o matei.

— Oh! exclamou o homem-macaco. Isso sim! Penso que esse processo nos será bem mais fácil do que agarrarmos um indivíduo aqui na rua, onde corremos o risco de ser interrompidos.

— Mas, agora, como é que havemos de galgar o telhado? perguntou-lhe Smith-Oldwick.

— Pelo mesmo meio por que você desceu dele, retrucou-lhe Tarzan. Este teto é baixo e há nele uma saliência, formada pelo capitel de cada coluna. Observei isso, quando você desceu. Algumas das casas não são tão fáceis de escalar assim.

O inglês olhou para as calhas do telhado e ponderou:

— Realmente, não é tão alto quanto eu supunha. Receio, contudo, não poder galgá-lo. Vou tentar. Não sei se você já reparou: eu estou bem fraco. Fiquei assim, desde que um leão me mordeu e que o guarda me espancou. Além disso, estou sem comer desde anteontem.

Tarzan refletiu por um momento e disse-lhe afinal:

— Você tem que ir comigo. Não posso deixar você aqui. A única probabilidade de fuga que resta a você é a minha pessoa, e eu não posso sair desta cidade com você, sem que primeiro achemos a rapariga.

— Eu também desejo ir com você, replicou Smith-Oldwick. Agora, não valho grande coisa, mas, afinal de contas, nós dois juntos sempre valeremos mais do que cada um isoladamente.

— Muito bem, disse Tarzan, então, venha cá!

E, antes que o inglês compreendesse bem o que ele queria, Tarzan segurou-o pelo meio do corpo e o jogou às costas segredando-lhe:

— Agora, subamos!

E, em rápida ascensão, com a agilidade de um macaco, alcançou o beirai daquela arcada baixa. Tão pronta e facilmente foi isso feito, que o inglês mal teve tempo de verificar que estava deposto, são e salvo, em cima do telhado.

— Eis-me aqui, ponderou Tarzan, e agora é preciso que você me guie ao lugar de que falou há pouco.

Smith-Oldwick não teve dificuldade em chegar ao alçapão, por onde havia fugido. Afastando-lhe a tampa, o homem-macaco foi o primeiro a investigar-lhe o fundo, escutando e farejando.

— Pode vir! disse ele, um momento depois, ao rapaz. E, juntos, marcharam em plena escuridão até a parede externa do nicho em que o inglês estivera escondido. Acharam-lhe a porta meio-aberta, e, escancarando-a, Tarzan percebeu logo um fio de luz através dos reposteiros que do aposento separavam a alcova.

Espiando com um dos olhos por aquele burquinho da cortina, o homem-macaco viu a mulher e o rapaz, dos quais o inglês lhe havia falado, sentados em frente um do outro a uma pequena mesa em que havia vários pratos de comida. Servindo-os estava ali um negro agigantado, e este era o alvo principal do olhar de Tarzan. Familiarizado com as idiossincrasias de um grande número de tribos da maior parte do Continente Negro, o Tarmangani não tardou a convencer-se que sabia qual a cubata donde viera aquele escravo e qual o dialeto da sua gente. Havia, contudo, a probabilidade de ter sido ele capturado em criança e de ter esquecido, por não a usar durante longos anos, a sua língua materna. Mas Tarzan sempre fazia a hipótese mais simpática em todas as injunções da sua vida, e, por isso, aguardou pacientemente, para sair daquela dúvida, que o negro se aproximasse de outra mesinha, que ficava ali quase encostada ao nicho, onde o inglês e ele se achavam agora escondidos.

Quando o escravo foi ali buscar um certo prato, os seus ouvidos não distavam muito do burquinho da cortina por onde Tarzan o espiava. Como se partisse daquela parede sólida, — pois o negro ignorava a existência do nicho, — ouviu ele, na língua do seu próprio povo, as seguintes palavras, pronunciadas em voz baixa:

— Se você quiser voltar para a aldeia da região dos Wamabos, não diga coisa alguma, mas faça tudo quanto eu mandar.

O negro rolou para os reposteiros uns olhos terrificados. O homem-macaco viu-o tremer, e, por um momento, teve receio de que ele, tomado de pânico, o atraísse. Por isso, acrescentou, ainda em segredo:

— Não tenha medo! Nós somos amigos.

Afinal, o escravo também em voz muito baixa, mal audível, mesmo pelos apurados sentidos do homem-macaco, perguntou:

— Que é que o pobre Otobu pode fazer a bem do deus que lhe fala aí da parede?

— O seguinte, respondeu-lhe Tarzan: Eu e outro companheiro precisamos de entrar nesse quarto. Precisamos de que você nos ajude a conter esse casal que aí está, a fim de que o homem e a mulher não fujam, gritem, chamando mais gente em socorro.

— Eu os ajudarei, replicou o negro, a contê-los aqui no quarto. Mas não receiem que os seus gritos atraiam outras pessoas. Estas paredes são tão grossas, que não deixam passar som algum, e, mesmo que assim não fosse, toda a cidade está constantemente cheia de gente maluca, que não faz outra coisa senão gritar. Não tenham, portanto, receio algum dos gritos que estes soltarem aqui. Ninguém lhes ligará importância. Eu vou cumprir a sua ordem.

Tarzan viu o negro seguir para junto da mesa de jantar, sobre a qual pôs mais um prato de comida diante dos dois convivas. Em seguida, foi colocar-se atrás do homem, e, uma vez ali, ergueu os olhos para o ponto da parede donde o homem-macaco lhe havia falado, como a dizer ao suposto Deus:

— Senhor, eu estou pronto!

Sem mais delongas, Tarzan saltou de detrás dos reposteiros para o meio do quarto. Mal o viu, o rapaz, que estava sentado à mesa, levantou-se, mas foi imediatamente seguro por detrás pelo escravo. A mulher, que estava de costas para os dois europeus, ainda nem percebera a presença deste ali: vira apenas o ataque do preto ao companheiro dela, e, soltando um grito angustioso, atirou-se para a frente, em defesa do amante. Quando deu de frente com o homem-macaco, o seu rosto refletia somente uma fúria de louca, a qual, quase instantaneamente, se mudou no insípido sorriso, com o qual já Smith-Oldwick estava habituado, e seus dedos finos e macios começaram a tentar a conquista amorosa do recém-chegado.

Quase imediatamente deu de olhos também com o inglês, mas as feições não lhe revelaram surpresa, nem cólera. Evidentemente, aquela pobre maluca não conhecia senão dois sistemas para o trato dos homens, e passava de um para o outro com a rapidez do” relâmpago.

— Segure-a bem por um instante, recomendou Tarzan a Smith-Oldwick, enquanto eu vou desarmar aquele sujeito.

E, dirigindo-se para o lado do rapaz indígena, que Otobu estava custando a conter, Tarzan o aliviou do peso do sabre.

— Diga-lhes, ordenou ele ao negro, se é que você fala a língua deles, que nós não lhes faremos mal algum, desde que nos deixem a sós aqui e depois nos possibilitem

partirmos em paz.

O negro estava a contemplar Tarzan com os olhos esbugalhados, ainda não podendo compreender como é que aquele deus lhe aparecia em forma tão material, tão singular, isto é, com a voz de um Bwana branco e com o uniforme de um guerreiro daquela cidade a que ele evidentemente não pertencia. Mas, fosse como fosse, não podia olvidar a promessa de liberdade, que lhe havia feito aquela voz misteriosa, e cumpriu o que Tarzan lhe ordenou.

— Eles querem saber precisamente o que é que desejam, Bwana! disse Otobu a Tarzan, depois de haver-se entendido com o casal aprisionado.

— Precisamos primeiro de comer alguma coisa, respondeu-lhe Tarzan, e, depois, de procurar outra coisa, que sabemos existir neste aposento. Arrecade a lança do rapaz, Otobu, pois que a vejo encostada à parede, ali naquele canto. E você, tenente, tome conta deste sabre. Quanto ainda a você, continuou ele, dirigindo-se agora de novo a Otobu, enquanto fico aqui, tomando conta deste sujeito, vá buscar-me tudo quanto encontrar ali, debaixo daquela cama, encostada à parede da alcova.

Sempre disposto a obedecer, Otobu fez o que Tarzan lhe ordenou. O rapaz e a mulher indígenas acompanharam-no com os olhos, e, quando ele abriu os reposteiros e arrastou dali para o meio do aposento o cadáver do sujeito que Smith-Oldwick havia liquidado, o amante da rapariga soltou um grito formidável e tentou arrojarse sobre aqueles despojos mortais. Mas Tarzan o conteve, o que levou o sujeito a atirar-se-lhe em cima, com unhas e dentes. Não foi fácil subjugar o homem. Mas Tarzan afinal o conseguiu, e, enquanto Otobu tirava todas as roupas que envolviam o cadáver, indagou do negro se sabia qual a causa daquela tremenda excitação do rapaz.

— Eu sei porque, Bwana, respondeu Otobu. Este homem assassinado era seu pai.

— E que é que ele está dizendo à rapariga? perguntou ainda Tarzan.

— Está indagando dela se sabia que o cadáver do pai estava ali debaixo da cama. E ela está dizendo que não sabia.

Tarzan contou tudo isso a Smith-Oldwick, que sorriu, dizendo logo o seguinte:

— Se o mancebo a visse ocultando todos os indícios do crime e arranjando as cortinas do leito, de modo que o cadáver ficasse bem escondido, depois que me ajudou a arrastá-lo até ali, não teria dúvida alguma quanto ao conhecimento que ela tem do homicídio. Aquele tapete vermelho, que você está vendo naquele canto, foi ali colocado pelas mãos dela, a fim de encobrir as manchas de sangue que ficaram no soalho. A certos aspectos, esta gente não é tão maluca como nós a julgamos.

Tiradas pelo negro todas as peças do trajo do morto, Smith-Oldwick imediatamente as vestiu sobre o seu dilacerado uniforme.

— E agora, disse-lhe Tarzan, vamos sentar-nos ali à mesa e comer alguma coisa. Pouco se pode fazer, quando o estômago está vazio.

Enquanto comiam, Tarzan tratou de puxar conversa com o casal indígena, por intermédio de Otobu. Assim ficou sabendo que aquele palácio pertencia ao morto, o qual residia no andar inferior. Tinha ele atingido uma posição oficial de certo prestígio e pertencia, com toda a sua família, à casta dominante da cidade, embora não fizesse parte da corte de Herog.

Quando Tarzan pediu informações sobre Bertha Kircher, o rapaz declarou que ela havia sido conduzida para o palácio do rei, e, perguntando se sabia para que fim, respondeu:

— Para o rei, está claro!

Durante essa conversação, tanto o sujeito, quanto a rapariga, pareciam perfeitamente lúcidos, ao ponto de, por sua vez, fazerem perguntas àqueles seus não-convidados hóspedes sobre o país de que procediam e manifestando muita surpresa, quando informados de que, além daquele vale em que habitavam, havia algo mais do que desertos áridos.

Quando Otobu, obedecendo a uma sugestão de Tarzan, indagou do rapaz se conhecia bem o interior da palácio do rei, ele respondeu que sim: era amigo do príncipe Metak, um dos filhos do rei, e com ele percorrera muitas vezes o palácio de Herog, notando-se que Metak também freqüentava aquele palácio em que agora estavam conversando. Tendo acabado a refeição, Tarzan deu tratos à bola, a fim de organizar um plano, mediante o qual lhe fosse possível aproveitar os conhecimentos daquele rapaz para entrar no palácio real. Ainda não havia chegado a nada que fosse exeqüível, quando ouviu forte pancada na porta do aposento.

Durante um minuto, todos quantos estavam ali no aposento ficaram calados. Mas o rapaz, de repente, começou a gritar o mais alto que podia, para ser ouvido pelos que batiam do lado de fora da porta. Otobu, entretanto, o segurou pela frente e tentou abafar-lhe a voz, tapando-lhe a boca com a palma de uma das suas negras mãos.

— Que é que ele está berrando? perguntou Tarzan ao escravo.

— Está dizendo que arrombem a porta e venham salvá-los, a ele e à rapariga, de dois estrangeiros que entraram aqui e os fizeram prisioneiros. Se eles penetrarem aqui, senhor, eles nos matarão a todos nós!

— Diga-lhe, ordenou Tarzan, que fique bem quietinho, senão eu o mato imediatamente!

Otobu cumpriu o que lhe fora determinado, e o rapaz maluco entrou logo num silêncio carrancudo. Tarzan adiantou-se até a porta do aposento, para examinar-lhe a

solidez. Smith-Oldwick acompanhou-o, deixando Otobu a vigiar os

prisioneiros. O homem-macaco verificou que a porta não resistiria por muito tempo aos pesados golpes que lhe eram vibrados nos batentes do exterior.

— Eu bem precisava dos serviços deste sujeito em outro lugar, disse a Smith-Oldwick, mas tenho receio de que ele nos desvie da rota verdadeira. Não poderemos realizar/ à nossa missão, se permanecermos aqui e esperarmos os que estão arrombando a porta. Pelo barulho que fazem, devem ser pelo menos uma dúzia. Vamo-nos embora! Eu vou adiante e você imediatamente me seguirá.

No momento em que transpunham a alcova, os dois europeus, ouvindo um ruído abafado no aposento que acabavam de deixar, voltaram-se curiosos e testemunharam ali uma cena bem diversa da representada alguns segundos antes: estendido sobre o soalho e aparentemente morto, jazia o escravo negro, enquanto os dois prisioneiros estavam completamente desmaiados.

Fugindo de Xuja

Quando Metak, com Bertha Kircher às costas, se dirigia para a beira do lago, a rapariga, a princípio, não tinha idéia do que lhe ia acontecer, mas, quando ele chegou até a margem da água, sem haver diminuído a velocidade da carreira, ela compreendeu, enfim, a terrível verdade. Quando ele saltou de cabeça para baixo no lago, sempre levando a rapariga, esta fechou os olhos e ergueu aos céus uma prece muda, pois estava convencida de que aquele maluco ia afogar-se ali com ela. E, entretanto, tão poderosa é a primeira lei da natureza, que, mesmo em face de morte inevitável, qual a que acreditava estar-lhe reservada ali, ela se agarrou tenazmente à vida, e, ao mesmo tempo que tentava desvencilhar-se dos braços vigorosos do príncipe, tomava fôlego para o momento final em que a água ia asfixiá-la.

Coagida àquela pavorosa ordália, manteve ela, todavia, o absoluto domínio dos sentidos, tanto que, após o primeiro mergulho, ficou certa de que o homem estava apenas nadando, com ela, quase à tona da água. Não deu ele, talvez, mais do que uma dúzia de braçadas, para chegar ao muro extremo do lago, e, mais uma vez, ela se convenceu de que sua cabeça estava acima da água. Abriu, então, os olhos, e viu que estavam num corredor, em que a luz do céu penetrava fracamente, por clarabóias de grade, postas no teto, um corredor tortuoso, que a água enchia desde a frente até o fundo.

Por ali afora, foi o homem nadando com ela, em pujantes estirões, conservando sempre o queixo acima da água. Por dez minutos, nadou assim, sem parar, e, depois, a rapariga percebeu que ele lhe dizia alguma coisa, que ela não entendia, como ele evidentemente notou, tanto que, alterando o modo de segurá-la, lhe tocou, com os dedos de uma das mãos, o nariz e a boca. Ela apanhou logo o sentido de tal gesto, tomando imediatamente um fôlego profundo e ambos, então, mergulharam de todo na água, movendo-se, assim, para a frente, por mais de uma dúzia de braçadas.

Quando volveram de novo à superfície, Bertha Kircher viu que estavam numa enorme laguna e que lá no alto do espaço cintilavam as estrelas, enquanto ali embaixo se avistavam, do outro lado, as pontas das abóbadas e minaretes. que alguns edificios levantavam para o céu constelado. Me-tak nadou velozmente para a parte setentrional da laguna, onde, por meio de uma escada de mão, os dois alcançaram a terra. Havia por ali outras pessoas, mas nenhuma delas ligou a menor importância àqueles dois vultos molhados. Quando Metak começou a andar depressa, com ela ao lado, pela praça, Bertha Kircher não sabia para onde se dirigiam. Sabia apenas que não dispunha de meio algum para escapar-se, e, por isso,

acompanhou-o documento, esperando, talvez em vão, que surgisse alguma circunstância fortuita, que lhe propiciasse recuperar a liberdade e a segurança de vida.

Conduziu-a Metak para um edifício que, logo à entrada, ela reconheceu como o mesmo em que tinha sido introduzida, em companhia de Smith-Oldwick, no dia da chegada àquela cidade. Não havia ali, agora, mais nenhum homem sentado à mesa de madeira lavrada, e, sim, por todo o salão, uns doze ou mais soldados, todos os quais traziam o uniforme da casa a que pertenciam, isto é, uma túnica branca com um leãozinho, em forma de insígnia, no peito e nas costas.

Logo que Metak entrou ali e foi reconhecido, todos os homens se levantaram, e, em resposta a uma pergunta que ele lhes fez, indicaram-lhe uma porta arqueada, que se via ao fim do salão. Para ali seguiu Metak, com a rapariga, mas, então, como se no espírito lhe houvesse surgido uma suspeita repentina, cerrou o sobreceño e, voltando-se para a soldadesca, deu uma ordem de que resultou serem o príncipe e a rapariga precedidos por todos aqueles homens armados até o andar superior.

O corredor, a que chegaram, depois de subida a escadaria, era alumiado por pequenas lâmpadas, que revelaram no mesmo a existência de diversas portas. A uma delas levaram os homens o seu príncipe. Bertha Kircher os viu bater ali e ouviu uma voz que lhes respondeu frouxamente, através dos grossos batentes. A negativa exerceu naquela gente um efeito elétrico. Ficaram todos imediatamente excitados, e, cumprindo ordens do filho do rei, os soldados começaram a malhar fortemente a madeira da porta, a arremessar os ombros contra ela e até a tentar furar-lhe os batentes com a ponta dos sabres. Bertha Kircher ficou pasmada ante aquela endemoninhada agitação dos seus aprisionadores.

Ela viu que a porta cedia a cada novo assalto, mas o que ela não viu, precisamente um momento antes de ser arrombada aquela porta, foram as figuras dos dois homens, — os únicos então no mundo que a poderiam salvar, — passando por entre os reposteiros de uma alcova contígua e desaparecendo num corredor escuro...

Quando a porta cedeu e os soldados se precipitaram de roldão no aposento, seguidos pelo príncipe, ficou este imediatamente tomado de um verdadeiro ataque de raiva, pois tudo ali estava abandonado, vendo-se apenas no soalho o cadáver do dono do palácio e o corpo exânime do escravo negro Otobu.

O príncipe correu para as janelas, a fim de espreitar por ali, e, como lá embaixo ficasse o gradeado antro dos leões, donde não havia meio algum de fugir, mais se lhe aumentou a confusão mental. Ainda que tivesse em mãos o fio de Ariadne para procurar naquele apartamento os seus anteriores ocupantes, não descobriria o nicho que ficava atrás dos reposteiros. Com a inconsciência peculiar da demência, e, além disso, completamente fatigado, voltou-se para os soldados que o haviam seguido até

ali, e mandou-os embora.

Lá se foram eles, depois de haverem posto novamente no lugar a porta quebrada, da melhor forma que puderam. Depois que se retiraram, voltou-se Metak para a rapariga. Ao aproximar-se dela, o rosto entortou-se-lhe num medonho esgar e o corpo tremia-lhe todo em contrações espasmódicas. Bertha que ficara em pé à entrada da alcova, recuou imediatamente, tomada de horror. Passo a passo ia ela recuando pelo aposento, enquanto o maluco marchava acurvado a toda brida para ela, com os dedos em garra, aguardando o momento de segurá-la e dominá-la.

Ao passar, porém, no seu recuo, por sobre o corpo do negro, os pés de Bertha esbarraram num objeto roliço, que ela, olhando para o soalho, verificou ser uma lança, aquela mesma lança com que Otobu ficara ali armado para guardar os prisioneiros. Abaixou-se ela de repente, empunhou a lança e enristou-lhe a aguçada ponta contra o príncipe. Tal gesto causou em Metak um efeito elétrico. De um sóbrio silêncio passou ele para um áspero estrépito de riso, e, manejando o sabre, dançava a torto e a direito diante da rapariga, mas, fizesse o que fizesse, a ponta da lança sempre o ameaçava e continha.

A rapariga estava notando uma pequena mudança no tom da celeuma daquela criatura e que se lhe ia refletindo na expressão geral. A risada histérica foi lentamente passando a gritos de raiva, enquanto o esgar de idiota era suplantado por uma carranca feroz e lábios arreganhados, mostrando os colmilhos de ponta afiada.

Atirou-se ele quase à ponta da lança, como disposto a saltar por cima dela, correu alguns passos para um lado e para o outro, como buscando passagem, e tudo isso ao mesmo tempo que acutilava a arma da rapariga com seu sabre, com tal violência, que Bertha se mantinha em guarda com dificuldade e já começava a ceder terreno pouco a pouco. Havia ela chegado então à beira do leito, e, nesse instante, com um movimento incrivelmente rápido, Metak parou, e, levantando do soalho um tamborete baixo que achou ali, arremessou-o à cabeça da rapariga.

Ela ergueu a lança, para desviar o pesado objeto, porém não foi inteiramente feliz, porquanto o choque do móvel a atirou de costas sobre o leito. No mesmo instante Metak precipitou-se sobre ela.

Tarzan e Smith-Oldwick não se preocuparam com o destino que teve o casal indígena, por eles deixado no aposento. Os dois europeus tocaram-se para diante, e, tanto quanto lhes era lícito pensar, estavam certos de que não voltariam mais àquele apartamento. O desejo único de Tarzan era alcançar a rua novamente, para que, sob o disfarce em que ele e o inglês se achavam, pudessem ambos dirigir-se, em relativa segurança, ao palácio real, a fim de procurarem ali Bertha Kircher.

Smith-Oldwick ia adiante, no corredor, e, chegando os dois à base da escada, foi ele quem a subiu, para tirar a tampa do alçapão. Depois de alguns momentos de esforço, perguntou a Tarzan:

— Lembra-se você de termos fechado este alçapão, quando, há pouco, passamos por ele? Não me recordo bem do que fizemos.

— Não, respondeu-lhe Tarzan, nós o deixamos aberto.

— Assim tinha eu pensado, disse Smith-Oldwick, mas ele agora está fechado e aferrolhado. Eu já vi que não posso abrir. Veja você se pode.

E desceu da escada.

A imensa força de Tarzan, entretanto, nada mais pôde conseguir ali do que quebrar uma das tábuas da escada em que se apoiava, do que resultou quase cair dali ao chão. Depois de quebrada a tábua, ainda fez uma nova tentativa, e como estivesse quase a esbarrar com a cabeça a tampa do alçapão, ouviu distintamente vozes de gente que conversava no telhado.

Descendo, então, e voltando para o lado de Smith-Oldwick, a este referiu o que havia escutado e acrescentou:

— O melhor, que temos agora a fazer, é procurar outro caminho.

E os dois retrocederam, imediatamente, para a alcova. O homem-macaco vinha de novo à frente, e, no momento em que abriu a porta que dava para o nicho, ouviu, justamente vinda de além dos reposteiros, uma voz de mulher, que em tom de enorme terror, proferia as seguintes palavras:

— Deus de misericórdia, apiada-te de mim!

Viu Tarzan que ali não havia tempo a perder com investigações cautelosas, nem para achar a abertura dos reposteiros, por isso, arrancando-os das alças com a sua musculosa mão trigueira, saltou levemente do nicho ao meio da alcova.

Ao ruído de tão súbita entrada, o príncipe voltou-se, a princípio, ao ver ali apenas um só homem, e que trazia o uniforme dos soldados de seu pai, limitou-se a gritar-lhe, encolerizado, que se fosse embora, mas, a um segundo olhar que lhe revelou as feições do intruso, o maluco saltou de sobre a sua vítima prostrada no leito, e, aparentemente esquecido do sabre, que havia deixado no chão, ao lado da cama, quando se precipitara ali para apoderar-se da rapariga, atirou-se de mãos limpas sobre o seu antagonista, procurando desde logo ferrar-lhe na garganta os dentes de ponta afiada.

Metak, o filho de Herog, não era fraco. Dotado de natureza vigorosa e chegando ao máximo de exibição de força quando nos transes de um dos ataques de tresloucada fúria, não era um contendor desprezível, mesmo para o pu-jante homem-

macaco, tanto mais que Tarzan, com grande desvantagem pessoal logo em começo de tão séria briga, batera com o calcanhar, ao recuar um pé, no cadáver do homem ali abatido por Smith-Oldwick, e caíra de costas no soalho, com Metak em cima do peito.

Coleante como um gato, o maluco tentou ferrar os dentes na artéria jugular de Tarzan, este, porém, com um movimento rápido, pôde desviar-lhe a boca, que apenas pôde cravar num dos ombros do Tarmangani. Aí aferrado, procurou ele com os dentes a garganta de Tarzan, e foi então que o homem-macaco, prevendo a possibilidade de ser vencido, chamou por Smith-Oldwick, a quem mandou pegar a rapariga e ir-se embora imediatamente com ela.

O inglês olhou interrogativamente para Bertha Kircher, que já se havia levantado do leito, toda trêmula e chorosa. Ela lhe leu a pergunta nos olhos, e, aprumando o corpo com um grande esforço, bradou a Smith-Oldwick:

— Não! Se Tarzan tem de morrer aqui, eu morrerei com ele! Vá você embora, se quiser! Você nada mais tem que fazer aqui. Mas eu... eu não posso ir com você!

Tarzan havia conseguido levantar-se do chão, mas o maluco continuava tenazmente atracado com ele. A rapariga voltou-se repentinamente para Smith-Oldwick e gritou-lhe:

— Que é da pistola? Por que é que você ainda não deu um tiro naquele maluco?

O inglês tirou a arma do bolso, e aproximou-se dos dois lutadores, mas, a esse tempo, moviam-se eles tão rapidamente, que não havia meio de alvejar a um, sem perigo de acertar no outro. Simultaneamente, Bertha Kircher, que o havia levantado do soalho e empunhava agora o sabre do príncipe, corria com ele em punho em redor dos dois antagonistas, sem achar também uma abertura para golpear Metak. Os homens em luta tombaram no soalho e ergueram-se por mais de uma vez, até que Tarzan pôde pegar a garganta do outro, contingência essa da qual Metak estava constantemente a defender-se. E, então, à medida que os dedos gigantesco a iam apertando os olhos do maluco exorbitavam-lhe da face lívida e os maxilares abriam-se-lhe, descravando os dentes afiados do ombro de Tarzan. E, então, num excesso de nojo e de raiva, o homem-macaco levantou o corpo do príncipe acima da cabeça e, com toda a força dos seus braços, atirou-o pela janela, vendo-o cair, com um ruído surdo, no pátio dos leões.

Quando Tarzan voltou para junto dos seus companheiros, a rapariga ainda tinha o sabre na mão e trazia no rosto uma expressão, a qual ele antes jamais vira nela. Os olhos de Bertha estavam esbugalhados e cheios de lágrimas não derramadas, enquanto os lábios finos lhe tremiam, como se ela estivesse a ponto de externar alguma oculta e profunda emoção, que o seu seio, arquejando celeremente,

denunciava com clareza estar ela tentando dominar.

— Se quisermos ir-nos embora daqui, disse-lhes o homem-macaco, não há tempo a perder. Estamos enfim, juntos, e a demora em nada nos aproveitará. O principal, agora, é descobrirmos um caminho seguro. O casal, que fugiu daqui, evidentemente seguiu o caminho que vai dar ao telhado e fechou o alçapão do lado de fora, de modo que não podemos sair por ali. Não será melhor irmos para baixo? Que me diz a senhora, que veio por lá? perguntou à rapariga.

— Ao pé da escada, informou ela, há uma sala, constantemente cheia de homens armados. Creio que não podemos passar por ali.

Foi então que Otobu levantou a cabeça do soalho e ficou sentado.

— Você então não estava morto! exclamou o homem-macaco. Mas está você, por acaso, gravemente ferido?

O negro pôs-se àgilmente em pé, esticou os braços e as pernas e apalpou a cabeça. Após tudo isso, respondeu a Tarzan:

— Otobu não parece que esteja ferido em parte alguma, Bwana. Só o que Otobu tem agora, é uma grande dor de cabeça.

— Ora muito bem! disse-lhe o homem-macaco. E você ainda quer voltar para a aldeia, na região dos Wamabos?

— Quero sim, Bwana!

— Então é preciso que você nos guie, para sairmos daqui da cidade, pelo caminho mais seguro.

— Não há nenhum caminho seguro, replicou-lhe o negro, e, se pudermos chegar até a porta da cidade, ali teremos muito que lutar. Mas eu posso fazê-los sair daqui e guiá-los até uma rua lateral, sem o menor perigo de encontro com alguém pelo caminho. De lá para diante, só por muita sorte é que não seremos descobertos. Sabem bem como é a gente desta maldita cidade. Aqui dentro e nas ruas próximas, ainda podemos passar despercebidos, mas, lá na grande porta, o caso é diferente, porque aqui não se permite a ninguém sair da cidade, durante a noite.

— Estamos entendidos! retrucou-lhe o homem-macaco. Agora, ponhamo-nos em marcha!

Otobu, passada a porta quebrada do aposento, guiou-os por um corredor afora, até entrarem em outro apartamento do lado direito, atravessaram-no e ganharam uma passagem, que os levou a vários quartos e pórticos, além dos quais desceram uma escada e esbarraram numa porta, dava esta, que foi aberta pelo negro, numa rua lateral à retaguarda do palácio.

Dois homens, uma rapariga e um escravo preto não constituíam um espetáculo

extraordinário, capaz de provocar comentários nas ruas daquela cidade. Quando passavam sob a fraca luz dos lampiões, os três europeus tinham sempre o cuidado de escolher um momento favorável, para que algum transeunte não lhes visse as feições, mas, à sombra das arcadas, caminhavam à vontade, pois havia ali pouco perigo de serem descobertos. Tinham já vencido uma boa porção da distância existente entre o palácio e a porta da cidade, sem o menor acidente, quando lhes chegaram aos ouvidos, vindos da praça central, sons tumultuosos de uma grande comoção popular.

— Que significa aquela barulhada? perguntou Tarzan a Otobu, que agora tremia violentamente.

— Meu senhor, respondeu ele, o povo da cidade já descobriu tudo quanto aconteceu no palácio de Veza, que era o prefeito urbano. Seu filho e a rapariga, que fugiram do aposento onde estivemos, com certeza arengaram os soldados, que sem dúvida alguma já encontraram o cadáver de Veza.

— Não admira, então, que eles tenham também descoberto o cadáver do sujeito que eu atirei pela janela.

Bertha Kircher, que conhecia bastante aquele dialeto africano para acompanhar-lhes a conversa, perguntou a Tarzan se ele sabia que o sujeito arremessado pela janela do pátio dos leões era o filho do rei. O homem-macaco riu e respondeu-lhe:

— Não! Não sabia. E isso, com certeza, vai complicar ainda mais o caso, se é que já o encontraram.

De repente, ouviram, dominando aquele enorme alvoroço, os sons nítidos de uma trombeta. Otobu apressou o passo.

— Corramos, meu senhor, corramos! Ainda é pior do que eu estava supondo!

— Que é que há de novo? perguntou-lhe Tarzan.

— Por qualquer motivo, a guarda do rei e os leões do rei estão sendo convocados. Receio, ó Bwana, que se torne impossível a nossa fuga. Mas porque é que estão eles sendo convocados, eu não o sei.

Embora Otobu não o soubesse, Tarzan presumia que todo aquele alvoroço resultava de haverem descoberto o cadáver do filho do rei. Mais uma vez ressoaram, ferindo altas e claras o ar da noite, as notas da trombeta. E Tarzan perguntou ao negro:

— Estão convocando mais leões, Otobu?

— Não, meu senhor, respondeu o escravo, agora, é aos papagaios que estão recorrendo.

Continuaram a caminhar, apressadamente e em silêncio, por alguns minutos,

quando lhes atraiu a atenção o tatar de asas de um grande pássaro, que lhes voejava pouco acima das cabeças. Viram logo que era um papagaio a circular sobre eles.

— Aí estão os papagaios, Otobu, disse Tarzan fazendo um muxoxo para o negro. Dar-se-á o caso de que eles nos queiram matar com papagaios?

O negro gemeu, ao ver o pássaro repentinamente deixá-los e tomar rumo das muralhas da cidade, e bradou a Tarzan:

— Agora, meu senhor, tenho certeza de que estamos perdidos! O papagaio, que acaba de reconhecer-nos aqui, já voou para a porta da cidade, a fim de prevenir os guardas!

— Venha cá, Otobu! Que é que você está dizendo aí? Será por ter vivido muito tempo entre os lunáticos, que você ficou tão maluco quanto eles?

— Não, meu senhor, exclamou o negro, eu não sou maluco! O senhor é que não conhece estes papagaios. Estes pássaros terríveis são semelhantes a seres humanos sem coração ou sem alma. Eles falam a mesma língua do povo desta cidade de Xuja. São verdadeiros demônios, meu senhor! E, em número suficiente, podem perfeitamente atacar-nos e matar-nos. í

— A que distância estamos nós da porta da cidade? perguntou-lhe Tarzan.

— Não estamos longe dela, respondeu o negro. Passando aquela primeira volta de rua ali adiante, veremos a porta da cidade a alguns metros apenas em nossa frente. Mas o papagaio já chegou lá, muito antes de nós, e já avisou aos guardas a nossa aproximação.

A verdade do que disse o escravo foi imediatamente comprovada por um grande vozerio, que lhes vinha do lado da frente, e que semelhava o de rápidas ordens dadas por um comandante aos seus soldados, enquanto pelo lado de trás mais aumentava o avizinhanço tumulto de altos gritos humanos e de urros de leões.

Alguns passos adiante, em frente a uma estreita área que se estendia de leste até aquela passagem que estavam palmilhando, viram subitamente emergir das sombras a figura de um corpulento leão. Otobu gingou imediatamente o corpo para trás e bem perto de Tarzan. a cujos ouvidos choramingou:

— Vede ali, meu senhor, um grande leão negro da floresta!

Tarzan empunhou o sabre, que ainda lhe pendia da cinta, e disse em voz peremptória:

— Não podemos retroceder! Leões, papagaios, homens, — tudo para nós é agora a mesma coisa!

E tocou-se apressadamente para a frente, em direção à porta da cidade. A brisa,

que então soprava pela cidade, ia do lado de Tarzan para o lado do leão: e, quando o homem-macaco se aproximou a uns dois metros da fera, que ali havia ficado a observá-los, não foi um rugido de fúria, mas um gemido baixo, que irrompeu da garganta do animal. O Tarmangani soltou um profundo suspiro de alívio.

— É o Numa do mundéu, informou aos seus companheiros, e, dirigindo-se especialmente a Otobu: Não tenha medo! Este leão não nos fará mal algum.

Numa dirigiu-se para o homem-macaco, e, colocando-se-lhe ao lado, pôs-se a acompanhá-lo naquela rua estreita. Pouco adiante, chegaram à vista da porta da cidade. Ali avistaram, à luz de vários lampiões, um grupo de pelo menos

vinte soldados, que os aguardavam, enquanto do lado de trás se aproximavam cada vez mais os rugidos dos leões, misturados com os gritos dos papagaios, muitos dos quais lhes circulavam agora ali por cima das cabeças. Tarzan fez alto e voltou-se para o jovem aviador inglês, a quem perguntou:

— Quantas balas tem ainda você?

— Tenho sete no cabo da pistola, respondeu-lhe Smith-Oldwick e talvez mais umas doze no bolso de minha blusa.

— Eu vou escorraçá-los, disse Tarzan. Otobu, você ficará ao lado desta mulher. Oldwick, você e eu iremos à frente, você sempre à minha esquerda. Penso que não precisamos de dizer a Numa o que é que tem a fazer...

Com efeito, naquele mesmo instante, o grande leão estava mostrando os dentes e rugindo ferozmente aos guardas, que não se sentiam à vontade em frente daquela criatura da floresta, a qual eles temiam muito mais que as outras.

— Quando lhes chegarmos bem perto, Oldwick, disse o homem-macaco, dê-lhes um tiro! É para assustá-los. Depois, você só atire quando for absolutamente necessário. Estão todos prontos? Então para diante!

E marchou para a porta. Ao mesmo tempo, Smith-Oldwick descarregou a pistola e um dos soldados de túnica amarela gemeu e caiu de borco em terra. Por um minuto, os demais mostraram sintomas de pânico, mas um deles, que parecia o seu superior, imediatamente os conteve.

— Agora, gritou Tarzan, avancemos todos juntos!

E atirou-se, em veloz corrida, para a porta. Simultaneamente, o leão, como compreendendo o objetivo do Tarmangani, arremeteu também, em plena carga, contra a guarda da porta.

Já abalados pelo terrível efeito de uma arma que não lhes era familiar, os soldados abriram as fileiras ante o furioso assalto da fera. O seu comandante cansou-se de berrar-lhes um mundo de ordens, tomado de uma louca raiva

descontrolada, mas os seus comandados, obedecendo à primeira lei da natureza e também sob a ação do medo inato que lhes causava o negro habitante da floresta, desviaram-se para a direita e para a esquerda, a fim de escaparem ao ímpeto do monstro. Rugindo sem parar, Numa arrojou-se para a direita e precipitou-se de garras e dentes sobre um pequeno grupo de soldados em fuga, enquanto Tarzan e Smith-Oldwick já estavam em luta com os outros.

Por um momento, o seu mais formidável antagonista foi o comandante da guarda. Manejava o sabre, como só o saberia fazer um perito espadachim, e enfrentava valentemente a Tarzan, a quem aquela arma não era nada familiar. Smith-Oldwick não pôde utilizar-se da pistola, com receio de acertar no homem-macaco, e quase desmaiou, ao ver este desarmado, — o sabre fora-lhe arrancado das mãos, — por um destro golpe do guerreiro xujano. Este, soltando um grito terrível, levantou a sua arma sobre a cabeça do Tarmangani, e ia certamente pôr ali o ponto final na carreira terrestre de Tarzan dos Macacos, quando, com espanto de ambos, isto é, do homem-macaco e de Smith-Oldwick, o sujeito caiu rigidamente no chão: o sabre escapara-lhe aos dedos nervosos da mão levantada, os pequenos olhos dementes esbugalharam-se-lhe e uma baba espumosa começou a escorrer-lhe dos lábios. Estertorando como na agonia de uma estrangulação, o sujeito se estendeu ao comprido, em frente aos pés de Tarzan.

Tarzan abaixou-se e tomou a arma do morto. Tinha um sorriso nos lábios, quando se levantou e olhou para o jovem inglês.

— Este indivíduo era um epilético, disse Smith-Oldwick. Suponho que o são quase todos. A sua condição nervosa não deixa de ter o seu lado bom: um homem normal teria liquidado a você.

Os soldados restantes pareciam completamente desmoralizados, em consequência da perda do seu chefe. Correram em tropel para o lado oposto da rua à esquerda da porta, gritando a plenos pulmões e olhando ansiosos para o ponto donde ouviam o ruído de marcha do reforço que aguardavam, como que suplicando homens e leões a que se apressassem. Apenas seis deles permaneciam a pé firme de costas à porta, seus sabres cintilavam à luz dos lampiões enquanto as faces pergaminhadas se lhes contorciam em horrorosas carantonhas de raiva e de terror.

Numa perseguiu dois soldados que fugiram pela rua paralela à muralha. O homem-macaco voltou-se para Smith-Oldwick e disse-lhe:

— Você agora tem que fazer uso da pistola novamente, e todos nós temos que atacar, em carga cerrada, aqueles sujeitos!

E Tarzan ti tirou-se para a frente, como se ainda não houvesse descoberto que, com o sabre, não estava em condições de enfrentar aqueles treinados esgrimistas.

Dois homens caíram aos dois primeiros tiros da pistola de Smith-Oldwick, cessou o fogo, e, então, os quatro soldados restantes dividiram-se, dois atacando o avião inglês e dois contra Tarzan.

Todo o esforço do homem-macaco se concentrou em tentar pôr a mão num dos seus antagonistas, no momento em que o sabre do outro não o pudesse atingir. Smith-Oldwick prostrou um dos seus assaltantes com uma bala que lhe varou o peito, mas apontou em vão a arma contra o segundo, porque o percussor bateu sobre uma câmara vazia: queimara o último cartucho do pente que pusera na pistola, e o guerreiro xujano o acometia com o seu luzido sabre de lâmina afiada.

Tarzan ergueu o seu próprio sabre, mas uma só vez, e isso apenas para desviar um golpe violento, que lhe ia ser vibrado à cabeça. Já estava ele sobre o assaltante e, antes que o sujeito recuperasse o equilíbrio e ganhasse distância após o frustrado golpe, o homem-macaco o segurara pela nuca. O outro antagonista de Tarzan o estava rodeando de arma em punho, à procura de um ponto onde melhor alcançá-lo, e já havia levantado o sabre, para golpear pelas costas o pescoço do Tarmangani, quando este lhe apresentou, virando-o, o corpo do seu próprio camarada xujano, em que se cravou a plena força da lâmina. Tarzan limitou-se então a arremessar o moribundo, que soltara um único e lamentoso grito, sobre a cara do seu último adversário em retirada.

Smith-Oldwick, atacado de perto e completamente inerte, perdera toda a esperança de salvação, no instante em que compreendeu que a sua arma estava sem bala, quando subitamente, vinda do seu lado esquerdo, uma feroz massa

viva de juba negra saltou no peito do seu contendor: o xujano caiu, com um naco do rosto arrancado pelos pujantes colmilhos de Numa do mundéu.

Nos poucos segundos que exigiram a consumação desses rápidos e sucessivos fatos, Otobu tinha puxado Bertha Kircher para a porta da cidade, que ele destrancou e deixou escancarada. Assim, vencido o derradeiro daqueles ativos inimigos, todo o pequeno bando de fugitivos deixou os muros de Xuja, para entrar na escuridão exterior. No mesmo instante, seis leões atravessaram a última curva do caminho entre a praça e a porta da cidade, mal os avistou, Numa do mundéu, que estava ao lado do homem-macaco, virou as patas para trás e precipitou-se sobre as feras xujanas. Só por um momento estiveram na estacada os leões da cidade, só por um momento, porque, apenas se avizinhou deles aquele formidável monstro negro, correram para trás, em desabalada fuga. Tarzan e seus companheiros, nesse mesmo instante, apressavam-se o mais que podiam para transpor o jardim e ganhar o negror da floresta.

— Será que eles nos perseguirão fora da cidade? perguntou Tarzan a Otobu.

— Agora à noite, não, respondeu o negro. Fui escravo deles durante cinco anos, e nunca os vi sair da cidade à noite. Se acontece alguma vez que o crepúsculo os alcance além da floresta, aguardam sempre o raiar do dia seguinte, para voltarem, pois receiam passar no escuro a região dos leões negros. Não, meu senhor, eles não virão perseguir-nos agora à noite, estou bem certo disso, mas amanhã virão, e, ó Bwana, apoderar-se-ão de todos nós, ou daqueles de nós que ficarem vivos, porque ao menos um de nós será presa dos leões negros, quando atravessarmos a floresta!

No meio do jardim, Smith-Oldwick meteu um pente de balas no cabo da pistola e introduziu no cano um dos cartuchos. Bertha Kircher marchava silenciosamente à esquerda de Tarzan, entre este e o aviador. De repente, o homem-macaco se deteve, voltando o rosto para o lado da cidade: seu corpo agigantado, que envergava o uniforme amarelo da soldadesca de Herog, era ali plenamente visível aos outros do pequeno bando, à luz das estrelas. E eles o viram aprumar a cabeça e ouviram irromper-lhe ali dos lábios o uivo plangente de um leão chamando os companheiros. Smith-Oldwick sentiu como um calafrio percorrer-lhe a epiderme, enquanto Otobu, rolando o branco dos olhos pelo surpreendente terror, tombou de joelhos em terra, a tremer como varas verdes. Mas a rapariga reanimou-se, sentiu o coração palpitar-lhe de estranha exultação, e aproximou-se do homem-macaco, até tocar-lhe o braço com os ombros. Foi um impulso involuntário, tanto que, por um momento, ela própria mal se dava conta do que fizera, e, então, afastou-se silenciosamente, agradecendo às estrelas não darem luz suficiente para revelar aos olhos dos seus companheiros o rubor que lhe cobria todo o rosto. Entretanto, não era do impulso, que a movera, que ela ficara envergonhada: era, sim, do pensamento de que Tarzan, se lhe houvera percebido o gesto, o teria repellido.

Da porta, ainda aberta, da cidade dos malucos não tardou a vir o grito de um leão, em resposta ao grito de Tarzan. O pequeno grupo esperou, ali onde estava, até avistar as proporções majestosas do leão negro desembocando no trilho. Logo que ele se lhes reuniu, Tarzan enfiou-lhe na juba preta os dedos de uma das mãos e estugou de novo os passos em direção à floresta. Lá atrás, na cidade, era como se um hospício de alienados estivesse em polvorosa: os rugidos dos leões misturavam-se às vozes dos papagaios e aos gritos atroadores dos malucos. Ao entrarem os fugitivos na escuridão da floresta, Bertha Kircher, ainda involuntariamente, encostou-se ao homem-macaco, e, desta vez, Tarzan lhe sentiu e compreendeu o contato.

Não obstante desconhecer o medo, ele calculava, entretanto, instintivamente, quão aterrorizada devia estar a rapariga. Compelido por um repentino impulso de bondade, pegou-lhe uma das mãos e segurou-a com a sua esquerda, e assim continuaram a marchar, ou, antes, a andar às apalpadelas na densa escuridão do trilho. Por duas vezes os leões da floresta tentaram atacar o bando em fuga, mas os

tremendos rugidos de Numa do mundéu os fizeram retroceder. Viram-se obrigados a descansar em diversos pontos porquanto Smith-Oldwick estava no extremo da exaustão, e, pela madrugada, Tarzan teve que carregá-lo na subida do vale para o desfiladeiro.

Os “Tommies”

Surpreendeu-os a luz do dia, logo depois que entraram na garganta, mas, não obstante o cansaço em que estavam, com a exceção única de Tarzan, compreenderam que deviam a todo custo procurar o ponto melhor para a ascensão ao planalto. Tarzan e Otobu estavam ambos igualmente convencidos de que os xujanos não os perseguiriam além do desfiladeiro, mas, embora houvessem esquadrinhado cada polegada daqueles penhascos alcantilados, de um e do outro lado, chegou o meio-dia, sem que se lhes houvesse deparado uma pequena válvula de escape-mento, para a direita ou para a esquerda. Havia lugares onde só o homem-macaco podia tentar subir, mas nenhum por onde qualquer das outras pessoas do bando pudesse tentar, com êxito, alcançar o planalto, nem por onde Tarzan, forte e ágil, qual era, pudesse aventurar-se, com segurança, a carregá-los.

Pela metade do dia, o homem-macaco tinha carregado ou amparado a Smith-Oldwick, e, agora, com grande pesar seu, via também a rapariga cambalear, ele bem sabia o quanto ela havia padecido e quanto os sofrimentos, os perigos e fadigas das passadas semanas lhe deviam ter desfalcado a vitalidade. Ele viu quão bravamente ela tentara defendê-lo. Entretanto, quantas vezes ela não esmorecia e tropeçava agora, naquela laboriosa marcha sobre a areia e os calhaus do desfiladeiro! Não podia deixar de admirar-lhe a fortaleza de ânimo e o esforço, sem uma queixa, com que ela continuava a caminhar a seu lado.

O jovem aviador inglês também havia percebido o cansaço dela, porque, pouco depois do meio-dia, parou repentinamente e sentou-se na areia.

— É impossível, disse ele a Tarzan, não posso dar mais um passo. Miss Kircher está também a cair de fadiga. Não há outro remédio, se não irem todos embora sem mim!

— Não! disse a rapariga. Não podemos fazer isso! Já temos passado tantas coisas juntos e as possibilidades de nossa salvação acham-se ainda tão incertas, que, seja como for que aconteça, devemos continuar juntos, a menos que (e, nesse instante, ela se dirigiu a Tarzan) o senhor, que tanto tem feito por nós, sem todavia ter disso qualquer obrigação para conosco, queira ir-se embora sem nós. Eu estou pelo que o senhor quiser. É tão evidente para o senhor, quanto é para mim, que o senhor não nos pode salvar, porquanto, mesmo que consiga impedir o cairmos em mãos dos nossos perseguidores, não logrará, com toda a sua grande força e inexcedível tenacidade, fazer-nos atravessar o imenso deserto que se estende do extremo deste vale à mais próxima região fértil.

O homem-macaco fitou-lhe risonho o rosto sério e disse-lhe:

— A senhora ainda não morreu, nem o tenente, nem Otobu, nem eu mesmo. Um ente humano ou bem está morto ou bem está vivo, e, enquanto não estivermos mortos, só devemos cogitar de planos para continuarmos a viver. Do fato de estarmos descansando não devemos tirar a conclusão de que vamos morrer aqui. Eu não posso transportá-los a ambos para a região dos Wamabos, a qual é o ponto mais próximo onde nos será lícito achar caça, e água, mas nem por isso devemos perder a esperança de salvação. Já chegamos vivos até aqui. Pois bem: tomemos as coisas como elas são. Descansemos agora, porque a senhora e o tenente Smith-Oldwick estão bastante fatigados, mas, logo que estejam mais fortes, continuemos a marcha para a frente!

— Mas os xujanos, perguntou-lhe Bertha, não virão alcançar-nos aqui?

— Sim, respondeu ele, provavelmente virão. Mas, enquanto não chegarem aqui, não há necessidade alguma de preocupar-nos com eles.

— Eu bem desejaria possuir a sua filosofia, ponderou-lhe a rapariga, mas bem sei que jamais a adquirirei.

— É que a senhora não nasceu nem foi criada na selva por animais ferozes e entre animais ferozes. Senão possuiria, como eu possuo, o fatalismo da selva.

Pouco depois, atingiam a um dos lados do desfiladeiro, que ficava à sombra de um rochedo inclinado sobre o trilho, e, deitaram-se, para novo repouso, na areia quente que ali atapetava o solo. Numa do mundéu movia-se irrequieto para aqui e para acolá, e, finalmente, depois de haver-se estendido por um momento ao lado do homem-macaco, levantou-se e dirigiu-se para o fundo da garganta, perdendo-se de vista logo depois, além da vizinha curva que ficava para trás.

O pequeno bando descansou ali cerca de uma hora, até que Tarzan, levantando-se de repente e fazendo sinal aos companheiros para que guardassem silêncio, se pôs à escuta. Durante um minuto permaneceu ele imóvel, com os ouvidos finamente apurados a perceber uns ruídos tão sorrateiros e tão distantes, que nenhum dos outros três descobriria jamais, naquela profunda e tumular quietude do desfiladeiro. Sustando Tarzan a escuta e voltando para junto dos companheiros, a rapariga perguntou-lhe:

— Então que é que há de novo?

— O que há de novo é que eles estão chegando, respondeu Tarzan. Estão, entretanto, ainda a alguma distância, não muita, porque os pés calçados dos homens e as patas dos leões fazem pouco ruído nas areias leves.

— Que é que devemos fazer agora: continuarmos a marcha? perguntou Smith-Oldwick. Creio que poderei dar ainda uns passos daqui até a uma pequena distância.

Estou bem descansado. E você, Miss Kircher?

— Oh, sim! disse ela. Eu me sinto bem mais forte. Sim, eu posso perfeitamente continuar a marcha.

Tarzan bem sabia que nenhum deles falava a verdade, que ninguém recupera tão facilmente as forças depois de uma exaustão profunda, mas viu que ali não havia outro meio senão tocarem-se para a frente e já nutria a esperança de que, precisamente além da próxima curva, encontrassem caminho fora da garganta.

— Otobu, disse ele, dirigindo-se ao negro, você vai ajudar o tenente a subir, enquanto eu vou carregar Miss Kircher.

E, embora a rapariga lhe recusasse o auxílio, alegando que ele não devia desperdiçar as forças, levantou-a facilmente nos braços e galgou o barranco, seguido por Otobu e pelo inglês. Não tinham ainda vencido grande distância, quando lhes soaram aos ouvidos as vozes dos perseguidores, que Tarzan há muito escutara, pois agora os leões estavam ganindo, como se lhes houvesse chegado às narinas o cheiro fresco das presas cobiçadas.

— Eu bem quisera que o Numa do senhor estivesse já de volta, disse Bertha a Tarzan.

— Eu também, respondeu-lhe o homem-macaco, mas nós todos temos que fazer tudo quanto pudermos, sem contar com ele. Eu gostaria de achar um desvão, onde pudéssemos fazer uma barricada, para defender-nos de ataques que nos serão feitos por todos os lados. Só assim é que teríamos probabilidades de repeli-los. Smith-Oldwick é bom atirador, e, se os xujanos não forem em grande número, ele seria bem capaz de liquidá-los, desde que somente acometessem separadamente, isto é, vindo de um em um. Os leões não me preocupam tanto, porque já verifiquei que são uns animais estúpidos, e eu estou certo de que os que nos perseguem dependem tanto dos donos que os criaram e educaram, que nós os manejaremos facilmente, uma vez que estejam destroçados os guerreiros.

— Então o senhor ainda alimenta alguma esperança de salvação? perguntou ela.

— Nós ainda estamos vivos, foi a sua única resposta. Poucos passos adiante, disse ele aos companheiros:

— Eis ali o lugar que mais nos convém!

E apontou para um grande pedaço de rocha, que evidentemente caíra do alto do penhasco e agora jazia ali, bem enterrado na areia. Era um fragmento dentado de pedra, que se levantava uns três metros acima da superfície da areia, deixando estreitas aberturas entre ele e o penhasco posterior. Para ali dirigiram-se os fugitivos, e, quando finalmente atingiram aquela meta, acharam lá apenas um espaço de dois metros de largura por três de comprimento. Era ele, sem dúvida, acessível pelos dois

lados, mas, ao menos os fugitivos não seriam ali atacados por todos os lados ao mesmo tempo.

Mal se haviam ocultado ali, os apurados ouvidos de Tarzan perceberam um ruído ligeiro no ápice do penhasco que ficava por cima dele, e, olhando para lá, avistou um macaco pequenino escarranchado numa saliência da pedra, um macaquinho feio, que espreitou por um momento os fugitivos e abalou velozmente para o sul, donde vinham os xujanos. Otobu também avistara o sagüi.

— Ele agora vai contar aos papagaios, disse o negro a Tarzan, e os papagaios vão contar aos malucos.

— Dá tudo no mesmo, retrucou-lhe o homem-macaco. Os leões também nos achariam aqui. Não devíamos nunca esperar que pudéssemos esconder-nos deles.

Tarzan colocou Smith-Oldwick, de pistola em punho, à abertura setentrional do abrigo e recomendou a Otobu que ficasse, lança em riste, atrás do inglês, enquanto ele em pessoa montaria guarda à entrada meridional. Pediu à rapariga que se deitasse ali sobre a areia, entre eles, dizendo-lhe:

— Assim a senhora ficará aí em segurança, no caso de que eles venham a fazer uso das lanças.

Os minutos de espera, que transcorreram, pareceram a Bertha Kircher verdadeiras eternidades até que enfim, quase com uma espécie de alívio, ela viu que estavam sendo atacados. Ouviu o tremendo rugir dos leões e o vozerio tumultuoso dos malucos. Durante alguns minutos, os atacantes pareciam estar apenas examinando a fortaleza que os fugitivos haviam descoberto ali. Ela os viu tanto investir do lado do norte, quanto do lado sul, e, então, do lugar em que jazia, avistou um leão a atacar o homem-macaco, que estava bem em frente dela. Viu o braço titânico de Tarzan levantar o sabre recurvo, viu-o descer com velocidade terrível e encontrar o corpo do leão no momento em que este se levantava para agarrar o antagonista, viu, enfim, aquela lâmina rachar o crânio da fera tão limpamente quanto um magarefe abate no matadouro a uma ovelha.

Nisto ela também ouviu passos que corriam em direção a Smith-Oldwick, e, logo que ele descarregou o primeiro tiro da sua pequena anua de fogo, houve um grito, acompanhado imediatamente da queda de um corpo. Evidentemente desacorçoados pelo malogro da sua primeira investida, os assaltantes retrocederam, mas só por um curto espaço de tempo. Voltaram novamente à carga, desta feita um guerreiro contra Tarzan e um leão contra Smith-Oldwick. Tarzan recomendará ao oficial inglês que não desperdiçasse cartuchos com os leões. Por isso foi Otobu, com a sua lança xujana, quem enfrentou a fera, a qual não foi subjugada, enquanto ele e Smith-Oldwick não foram mordidos por ela, tendo sido necessário que o aviador metesse

no peito do felino a lâmina do sabre que Bertha Kircher havia apanhado do chão e trouxera consigo. O soldado que atacou a Tarzan caiu na tolice de chegar muito perto do homem-macaco. com o intento de cortar a sabre a cabeça deste, e o resultado foi que, um instante depois, o seu corpo caía estatelado, com o pescoço quebrado, sobre o cadáver do leão.

Mais uma vez os inimigos retrocederam, embora de novo também por um curto espaço de tempo, voltando depois em carga cerrada seguramente meia dúzia de leões e meia dúzia de soldados, os homens de lanças em riste e as feras atrás deles, aguardando somente a ordem de ataque.

— Então, podemos rezar a nossa última prece? perguntou a rapariga a Tarzan.

— Não! gritou-lhe o homem-macaco, porque nós ainda estamos com vida!

Mal estas palavras haviam saído dos lábios, os guerreiros xujanos, precipitando-se sobre ele, apontaram-lhe as lanças, simultaneamente, pelos dois lados. A fim de proteger a rapariga, Tarzan recebeu um dos lançaços na espádua, e a arma o atingira com tanta força, que ele foi projetado de costas no chão. Smith-Oldwick já havia desfechado a pistola duas vezes contra os soldados que o saltaram, pois a lança de um deles também lhe alcançara a perna direita, entre o quadril e o joelho. Só Otobu era quem permanecia ileso a arrostar os inimigos, pois o inglês cujas feridas anteriores foram acrescidas pela dentada que há pouco sofrerá do leão, caíra por terra sem sentidos, em consequência do lançaço agora sofrido.

No momento em que ele tombou, a pistola caiu-lhe das mãos, a rapariga, que tudo observava aterrorizada, teve, contudo, a lembrança de apanhar a arma e de empunhá-la. No momento em que Tarzan fazia esforços por levantar-se, um dos soldados xujanos empurrou-o de novo sobre o chão e, com gritos endemoninhados, apontou-lhe o sabre ao coração. Antes que ele pudesse realizar seu intento, Bertha Kircher desfechou-lhe um tiro com a pistola de Smith-Oldwick e prostrou-o morto aos pés do homem-macaco.

Foi nesse momento que aos ouvidos atônitos de atacantes e atacados chegou o ruído de uma descarga de fuzis, vindo dos lados do desfiladeiro. Como se fosse um anjo que docemente lhes falasse do alto dos céus, os europeus ouviram as vozes rápidas de comando de um sargento inglês. Dominando os urros dos leões e os gritos dos malucos, aqueles abençoados sons chegaram ao ouvido do homem-macaco e de Bertha Kircher, no momento em que até o Tarmangani havia perdido o último vislumbre de esperança.

Empurrando para o lado, com o pé, o cadáver do guerreiro xujano, Tarzan conseguiu aprumar o corpo, embora a ponta da lança ainda lhe continuasse encravada no ombro. Bertha Kircher ajudou-o a erguer-se e a tirar da carne aquele

ferro, e, quando ele resolveu abandonar aquele abrigo, ela marchou a seu lado. A pequena tropa inglesa, que havia sido mandada em socorro deles, ali estava em frente. Muitos dos leões xujanos escaparam, mas todos os súditos de Herog, que os acompanharam, tinham sido mortos. Quando Tarzan e a rapariga chegaram bem à vista do destacamento britânico, um dos “tommies” apontou o fuzil contra o homem-macaco. Vendo o gesto do soldado europeu e compreendendo instantaneamente o erro natural a que dava ensejo o uniforme amarelo de Tarzan, Bartha Kircher atirou-se à frente deste e gritou espavorida ao “tommy”:

— Não atire! Este é nosso amigo!

— Então levante você as mãos! ordenou-lhe o soldado inglês a Tarzan. Eu não quero brinquedos com bandido algum que envergue camisa amarela...

Nesse instante, aproximou-se deles o sargento que comandava aquele destacamento. Tarzan e a rapariga falaram-lhe em inglês e explicando os disfarces do homem-macaco e do oficial aviador, e o suboficial logo lhes aceitou a explicação pois viu que eles não eram da mesma raça dos indivíduos mortos, que jaziam ali em torno. Dez minutos depois, ali chegava o corpo principal da expedição britânica. Os ferimentos de Smith-Oldwick foram imediatamente pensados, bem como os do homem-macaco, e meia hora mais tarde achavam-se todos eles em pleno acampamento dos seus salvadores.

Naquela mesma noite ficou deliberado que, ao romper do dia seguinte, Smith-Oldwick e Bertha Kircher seriam transportados, por via aérea, para o quartel-general das forças britânicas, estabelecido junto à costa, pois os dois aeroplanos, ligados às forças expedicionárias, já haviam sido chamados para ali. Tarzan e Otobu agradeceram, recusando, o convite do capitão inglês para seguirem com ele, por via aérea, no regresso da força. Tarzan explicou que sua casa ficava a oeste, e o mesmo disse Otobu. Ambos declararam que desejavam viajar juntos, pelo menos até que alcançassem a região dos Wamabos.

Bertha Kircher, que a tudo isso prestara atenção, perguntou ao homem-macaco, de quem nesse momento se avizinhará:

— Então o senhor não volta conosco?

— Não, respondeu-lhe Tarzan. A minha casa fica na costa ocidental. Devo, portanto, continuar a minha viagem para lá.

Ela lhe lançou uns olhares suplicantes e disse-lhe em seguida:

— Então o senhor vai voltar novamente para aquela terrível selva? Será possível que não nos vejamos mais?

Ele a contemplou um momento em silêncio. Depois, respondeu-lhe:

— Nunca mais!

E, sem lhe dizer mais palavra alguma, voltou-lhe as costas e foi-se embora.

Na manhã seguinte, ali chegou o coronel Capell, vindo da base de operações em um dos aeroplanos destinados a conduzir para leste Smith-Oldwick e a rapariga. Tarzan estava casualmente perto do lugar onde o aparelho aterrou e onde imediatamente desembarcou o coronel. Viu o oficial agradecer ao seu imediato no comando os esforços empregados para o bom êxito da expedição, e viu-o, em seguida, dirigir-se a Bertha Kircher, que tinha ficado alguns passos atrás do capitão. Causou pasmo a Tarzan a audácia que ostentava a espiã germânica, tanto mais quanto ela não ignorava haver ali quem lhe conhecesse o verdadeiro papel. Viu o coronel dirigir-se para ela de mãos estendidas e com um sorriso nos lábios, e, embora não tivesse ouvido as palavras com que Capell a cumprimentou, percebeu que eram amistosas e cordiais em excesso.

Tarzan afastou-se dali resmungando. Se alguém se encontrasse, então, perto dele, ter-lhe-ia ouvido sair do peito um rugido soturno. Sabia que a sua pátria estava em guerra com a Alemanha, e que, por isso, não só o seu dever para com a terra de seus pais, como também o seu agravo pessoal contra aquela gente inimiga, o seu ódio para com alguns indivíduos dela, tudo lhe impunha que denunciase a perfídia da rapariga. E, entretanto, ele hesitava, e, porque hesitava, rugia, não contra a espiã germânica, mas contra si mesmo, por causa da fraqueza que estava revelando.

Não pôde Tarzan vê-la novamente, senão quando ela entrou no aeroplano, a fim de ser transportada para leste. Disse adeus a Smith-Oldwick e recebeu ainda do inglês reiteradas expressões de reconhecimento. Viu-os então, à rapariga e ao jovem oficial, levados para o alto pelo avião, que

traçou círculos no espaço, e deixou-se ficar alguns instantes ali, até que o aparelho se tornasse uma simples mancha no' horizonte oriental e desaparecesse, por fim, além dos montes. Os “tommies”, de mochila às costas e fuzil a tiracolo, estavam aguardando ordens para o regresso. O coronel Capell, desejando observar pessoalmente toda aquela extensão territorial entre o acampamento da expedição e o quartel-general, resolveu regressar à frente de suas tropas. No momento em que tudo estava pronto para a partida, disse ele a Tarzan:

— Eu bem quisera que você voltasse conosco, Greystoke! E, se este meu apelo nada vale perante você, de certo merecerão atendimentos os de Smith-Oldwick e da jovem senhora, que acabam de deixar-nos. Eles me rogaram que insistisse com você para voltar à vida civilizada.

— Não, respondeu-lhe Tarzan, não posso mais mudar de rumo! Miss Kircher e o tenente Smith-Oldwick estavam -movidos somente por um impulso de gratidão,

quando cogitaram de meu bem-estar.

— Miss Kircher? exclamou Capell e desatou a rir. Então você a conhece como Bertha Kircher, a espiã germânica?

Tarzan fitou os olhos, em silêncio e por um momento no coronel. Não podia conceber como um oficial britânico falasse assim, tão laconicamente, de uma espiã inimiga, a quem tivera ali sob o seu poder e permitira escapar-se. E depois lhe retrucou:

— Sim! Eu sei que ela é Bertha Kircher, a espiã germânica!

— É só isso que você sabe a respeito dela? indagou Capell.

— É só isso, replicou-lhe o homem-macaco.

— Pois você está enganado. Ela é a ilustre senhorinha Patrícia Canby, uma das mais operosas pessoas pertencentes ao Serviço Britânico de Informações, ligado às forças da África Oriental. O pai dela e eu servimos juntos na Índia. Conheço-a desde menina.

E, tirando do bolso da capa de viagem um certo embrulho, acrescentou, mostrando a Tarzan:

— Olhe, Greystoke! Aqui está um maço de papéis que ela tomou de um oficial alemão e guardou consigo cuidadosamente, através de todas as vicissitudes por que passou, visando apenas ao cumprimento do seu dever. Veja-o! Eu ainda não tive tempo de examiná-lo, mas repare quanta coisa não se encontra aqui: um esboço de mapa militar, um pacote de relatórios e o diário de um Hauptmann Fritz Schneider.

— O diário de Hauptmann Fritz Schneider! repetiu Tarzan, em voz baixa. Posso passar os olhos nele, Capell? Schneider foi o bandido que assassinou lady Greystoke!

O coronel confiou a Tarzan o embrulho de papéis, sem mais palavras. O homem-macaco começou a manuseá-lo rapidamente procurando no alto das páginas uma certa data, — a data em que o horroroso crime tinha sido perpetrado, — e, quando a encontrou e leu o que abaixo dela estava escrito, um brado de incredulidade irrompeu-lhe imediatamente dos lábios. Capell olhou para ele interrogativamente.

— Deus meu! exclamou o homem-macaco. Será verdade? Ouça, Capell:

E leu o trecho seguinte, que se lhe deparara naquela página, toda escrita em letra miúda:

“Pregamos uma boa peça no porco inglês. Quando ele voltar para casa, achará o cadáver queimado da esposa no próprio boudoir dela, — mas só ele é que poderá pensar que seja a sua mulher. Von Goss pegou o corpo de uma negra, que fora morta pouco antes, queimou-o ligeiramente e conduziu-o para ali, pondo-lhe nos dedos os

anéis de lady Greystoke. Para o Alto Comando, é bem de ver que Lady Greystoke vale muito mais, estando viva”.

E, não podendo reprimir a sua alegria diante de tão nítidas palavras, Tarzan gritou:

— Ela está viva!

— Graças a Deus! exclamou Capell e perguntou-lhe: E agora?

— Volto com você, está claro. Que horrível procedimento tem sido o meu para com Miss Canby! Mas que havia eu de fazer, se sempre a tive em conta de espiã germânica? E isso mesmo contei eu a Smith-Oldwick, que está apaixonado por ela... Não só devo ir salvar minha mulher das garras dos hunos, como também devo reparar o mal que involuntariamente causei a Miss Canby.

— Com este último caso, não há necessidade de você incomodar-se muito, ponderou-lhe o coronel Capell. Ela já deve ter convencido a Smith-Oldwick de que não é nenhuma espiã germânica, tanto que, pouco antes de haverem partido esta manhã, ele me contou que estão de casamento tratado.

FIM

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Nota do Revisor](#)

[1: Matança e pilhagem](#)

[2: A caverna do leão](#)

[3: Nas linhas germânicas](#)

[4: Quando foi que o leão comeu](#)

[5: O broche de ouro](#)

[6: Vingança e compaixão](#)

[7: Quando o sangue falou](#)

[8: Tarzan e os grandes macacos](#)

[9: Caído do céu](#)

[10: Em poder dos selvagens](#)

[11: Achando o aeroplano](#)

[12: O aviador negro](#)

[13: A recompensa de Usanga](#)

[14: O leão preto](#)

[15: Pegadas misteriosas](#)

[16: O ataque noturno](#)

[17: A cidade murada](#)

[18: Em poder dos loucos](#)

[19: A história da rainha](#)

[20: Chegou Tarzan](#)

[21: Na alcova](#)

[22: Fora do ninho](#)

[23: Fugindo de Xuja](#)

[24: Os “Tommies”](#)